

ALLAN KARDEC

A GÊNESE

OS MILAGRES E AS PREDIÇÕES

SEGUNDO O ESPIRITISMO

A doutrina espírita é a resultante do ensino coletivo e concordante dos Espíritos.

A ciência está sendo chamada a estabelecer a gênese segundo as leis da natureza.

Deus prova sua grandeza e seu poder pela imutabilidade de suas leis, e não pela derrogação delas.

Para Deus, o passado e o futuro são o presente.

Tradução de

WLADIMIR OLIVIER

INTRODUÇÃO

À PRIMEIRA EDIÇÃO, PUBLICADA EM JANEIRO DE 1868.

Esta nova obra avança um passo a mais nas consequências e nas aplicações do Espiritismo. Como enuncia seu título, tem ela por objeto o estudo dos três pontos diferentemente interpretados e comentados até agora: *A Gênese, os Milagres e as Predições*, em suas relações com as novas leis que decorrem da observação dos fenômenos espíritas.

Dois elementos ou, se se preferir, duas forças regem o universo: o elemento espiritual e o elemento material; da ação simultânea desses dois princípios, nascem uns fenômenos especiais que são naturalmente inexplicáveis, se se faz abstração de um dos dois, exatamente como a formação da água seria inexplicável, se se fizesse abstração de um dos dois elementos que a constituem: o oxigênio e o hidrogênio.

O Espiritismo, demonstrando a existência do mundo espiritual e suas relações com o mundo material, oferece a chave de uma grande quantidade de fenômenos incompreendidos e considerados, por isso mesmo, como inadmissíveis por uma certa classe de pensadores. Esses fatos sobejam nas Escrituras, e é por não conhecerem a lei que os rege que os comentadores dos dois campos opostos, circulando sempre em torno das mesmas ideias, uns fazendo abstração dos dados positivos da ciência, outros, do princípio espiritual, não eram capazes de lograr uma solução racional.

Esta solução reside na ação recíproca do espírito e da matéria. Ela elimina, é verdade, da maioria desses fatos, seu caráter sobrenatural; mas, o que é melhor: admiti-los como resultantes das leis da natureza ou rejeitá-los totalmente? Sua rejeição absoluta carrega consigo a própria base do edifício, enquanto sua admissão, a esse título, não suprimindo senão os acessórios, deixa a base intacta. Eis porque o Espiritismo traz de volta tanta gente à crença de verdades que elas consideravam outrora como utopias.

Esta obra é, portanto, conforme dissemos, um complemento das aplicações do Espiritismo de um ponto de vista especial. O material estava pronto, em boa parte elaborado desde há muito, mas o momento de publicá-lo não tinha ainda chegado. Precisava antes que as ideias que lhe tinham de formar a base conseguissem amadurecer e, além do mais, levar em consideração a oportunidade das circunstâncias. O Espiritismo não possui mistérios, nem teorias secretas; tudo tem de ser dito à luz do dia, para que cada um possa julgá-lo com conhecimento de causa; mas cada coisa tem de vir a seu tempo, para vir segura. Uma solução oferecida sem seriedade, antes da elucidação completa da questão,

seria uma causa de retardo e não de avanço. No que concerne à questão aqui tratada, a importância do tema nos tornou um dever evitar toda precipitação.

Antes de entrar no assunto, pareceu-nos necessário definir com nitidez o papel respectivo dos Espíritos e dos homens na elaboração da nova doutrina; as considerações preliminares, que descartam toda ideia de misticismo, constituem o tema do primeiro capítulo, intitulado: *Caracteres da revelação espírita*; nós pedimos que se atente seriamente para esse ponto, porque aí se encontra, de certo modo, o nó da questão.

Malgrado a parte que incumbe à atividade humana na elaboração desta doutrina, a iniciativa pertence aos Espíritos; ela, porém, não se formou a partir da opinião pessoal de nenhum deles; ela não é, nem pode ser, senão *a resultante de seu ensino coletivo e concordante*. Tão somente por essa condição é que ela pode dizer-se a doutrina *dos Espíritos*; caso contrário, apenas seria a doutrina *de um Espírito* e teria só o valor de uma opinião pessoal.

Generalidade e concordância no ensino, tal é o caráter essencial da doutrina, a condição mesma de sua existência; daí resulta que todo princípio que não recebeu a consagração do controle da generalidade, não pode ser considerado como parte integrante desta mesma doutrina, mas como uma simples opinião isolada, cuja responsabilidade o Espiritismo não pode assumir.

É essa coletividade concordante da opinião dos Espíritos, repassada, além do mais, pelo critério da lógica, que constitui a força da doutrina espírita e lhe assegura a perpetuidade. Para que ela mudasse, precisaria que a universalidade dos Espíritos mudasse de opinião e que viesse, um dia, dizer o contrário do que disseram; como ela tem sua fonte no ensino dos Espíritos, para que sucumbisse, precisaria que os Espíritos deixassem de existir. É exatamente isso que a fará sempre prevalecer sobre os sistemas pessoais, que não têm, como tem ela, suas raízes por toda a parte.

O Livro dos Espíritos tão somente viu seu crédito se consolidar porque é a expressão de um pensamento coletivo geral; no mês de abril de 1867, viu completar seu primeiro decênio; nesse período, os princípios fundamentais sobre que assentou suas bases foram sucessivamente completados e desenvolvidos, como resultado do ensino progressivo dos Espíritos, mas nenhum recebeu um desmentido da experiência; todos, sem exceção, ficaram de pé, mais vivazes do que nunca, enquanto que, de todas as ideias contraditórias que tentavam opor a eles, nenhuma prevaleceu, precisamente, porque, por toda a parte, o contrário é que estava sendo ensinado. Eis aí um resultado característico que nós podemos proclamar sem vaidade, porquanto nós não nos atribuímos jamais tal mérito.

Havendo os mesmos escrúpulos presidido à redação de nossas outras obras, nós pudemos dizê-las *segundo o Espiritismo*, porque estávamos certo da sua concordância com o ensino geral dos Espíritos. Sucede o mesmo com esta, que podemos, por razões semelhantes, oferecer como complemento das precedentes, com exceção, entretanto, de algumas teorias ainda hipotéticas, que tivemos o cuidado de indicar como tais e que podem ser consideradas opiniões pessoais, até que sejam confirmadas ou contraditadas, para que não se onere a doutrina com a responsabilidade dela.

De resto, os leitores assíduos da *Revista Espírita* puderam nela observar, no estado de esboço, a maior parte das ideias que estão desenvolvidas nesta obra, conforme já o havíamos feito para com as precedentes. A *Revista* se constitui, com frequência, para nós,

em um campo de ensaio destinado a sondar a opinião dos homens e dos Espíritos sobre certos princípios, antes de admiti-los como tópicos integrantes da doutrina.

A GÊNESE

SEGUNDO O ESPIRITISMO

CAPÍTULO PRIMEIRO

CARACTERES DA REVELAÇÃO ESPÍRITA

1. — Pode-se considerar o Espiritismo como uma revelação? Neste caso, qual é seu caráter? Sobre o que está fundada sua autenticidade? A quem e de que maneira foi feita? A doutrina espírita é uma revelação, no sentido teológico da palavra, quer dizer, é, em todos os pontos, o produto de um ensinamento oculto vindo do alto? É absoluta ou susceptível de modificações? Trazendo aos homens a verdade toda pronta, a revelação não acabaria por impedi-los de utilizar suas faculdades, dado que lhes poupou o trabalho da pesquisa? Qual pode ser a autoridade do ensino dos Espíritos, se eles não são infalíveis nem superiores à humanidade? Qual é a utilidade da moral que pregam, se essa moral é a mesma do Cristo, que já é conhecida? Quais são as verdades novas que eles nos trazem? Precisa o homem de uma revelação e não pode encontrar em si mesmo e em sua consciência tudo o de que precisa para se conduzir? Eis as questões nas quais é importante aplicar toda a atenção.

2. — Definamos, antes de mais nada, o sentido da palavra revelação.

Revelar, do latim *revelare*, cuja raiz é *velum*, véu, significa literalmente *sair de sob o véu*, e em linguagem figurada: descobrir, fazer conhecer uma coisa secreta ou desconhecida. Em sua acepção vulgar mais geral, diz-se de toda coisa ignorada que vem à luz, de toda ideia nova que torna público o que não se sabia.

Deste ponto de vista, todas as ciências que nos fazem conhecer os mistérios da natureza são revelações, e se pode dizer que existe, para nós, uma revelação incessante; a astronomia nos revelou o mundo astral que não conhecíamos: a geologia, a formação da Terra; a química, as leis das afinidades; a fisiologia, as funções do organismo etc.; Copérnico, Galileu, Newton, Laplace, Lavoisier são reveladores.

3. — O caráter essencial de toda revelação tem de ser a verdade. Revelar um segredo é fazer conhecer um fato; se a coisa é falsa, não é um fato e, por consequência, não existe revelação. Toda revelação desmentida pelos fatos não é uma revelação; se se atribui a Deus, não podendo Deus nem mentir nem enganar-se, ela não pode emanar dele; precisa considerá-la como produto de uma concepção humana.

4. — Qual é o papel do professor face a face com seus alunos, se não o de um revelador? Ele lhes ensina o que não sabem, o que não teriam nem tempo nem possibilidade de descobrir por si mesmos, porque a ciência é obra coletiva dos séculos e de uma multidão de homens que forneceram, cada um, sua quota de observações, das quais se aproveitam os que vêm depois deles. O ensino é, assim, na realidade, a revelação de certas verdades científicas ou morais, físicas ou metafísicas, feitas por homens que as conhecem a outros que as ignoram e que, sem isso, as teriam para sempre ignorado.

5. — Mas o professor só ensina o que aprendeu: é um revelador de segunda ordem; o homem de gênio ensina o que ele mesmo descobriu: é o revelador primitivo; ele traz a luz que, a pouco e pouco, se vulgariza. Onde estaria a humanidade sem a revelação dos homens de gênio, que aparecem de tempos em tempos?

Mas, que são os homens de gênio? Por que são eles homens de gênio? De onde vêm? Para onde vão? Notemos que, em sua maior parte, trazem, ao nascer, faculdades transcendentais e conhecimentos inatos, que um pouco de trabalho é suficiente para desenvolver. Eles realmente pertencem à humanidade, dado que nascem, vivem e morrem como nós. De onde, então, extraem esses conhecimentos que não foram capazes de adquirir na vida? Dirá alguém, com os materialistas, que o acaso lhes propiciou a matéria cerebral em maior quantidade e de melhor qualidade? Neste caso, não teriam mais mérito que um legume mais volumoso e de melhor sabor que um outro.

Dirá alguém, com certos espiritualistas, que Deus os dotou com uma alma mais favorecida que aquela do comum dos homens? Suposição também totalmente ilógica, uma vez que ela denegriria Deus com a parcialidade. A única solução racional desse problema se encontra na preexistência da alma e na pluralidade das existências. O homem de gênio é um Espírito que vem vivendo há mais tempo; que vem, por consequência, aprendendo mais e progredindo mais que os que estão menos adiantados. Ao se encarnar, ele traz o que sabe e, como sabe muito mais do que os outros, sem precisar aprender, é o que a gente chama de um homem de gênio. Mas o que sabe é não menos que o fruto de um trabalho anterior e não o resultado de um privilégio. Antes de nascer, ele era, portanto, um Espírito adiantado; ele se reencarna, seja para fazer os outros aproveitarem-se do que sabe, seja para aprender mais.

Os homens progredem incontestavelmente por si mesmos e pelos esforços de sua inteligência; mas, entregues às suas próprias forças, o progresso segue muito lento, caso não sejam ajudados por homens mais adiantados, como o aluno, por seus professores.

Todos os povos tiveram seus homens de gênio, que viveram em diferentes épocas, para dar-lhes um impulso e para tirá-los de sua inércia.

6. — Desde que se admite a solicitude de Deus com suas criaturas, por que não se iria admitir que Espíritos capazes, por sua energia e pela superioridade de seus conhecimentos, de fazer prosperar a humanidade, se encarnem pela vontade de Deus, com o fito de ajudar no progresso em um sentido determinado; e que eles recebam certa missão, como um embaixador recebe a sua de seu soberano? Tal é o papel dos grandes gênios. Que vêm eles fazer, senão ensinar aos homens as verdades que estes ignoram e que ficariam ignorando ainda por longos períodos, a fim de lhes oferecer um trampolim com a ajuda do qual poderão elevar-se mais rapidamente? Esses gênios, que aparecem através dos séculos como estrelas brilhantes, deixando atrás deles um longo rastro luminoso para a humanidade, são missionários ou, se preferirem, messias. As coisas novas que eles ensinam aos homens, seja na ordem física, seja na ordem filosófica, são *revelações*.

Se Deus suscita reveladores para as verdades científicas, pode, com mais forte razão, suscitá-los para as verdades morais, que são um dos elementos essenciais do progresso. Esses são os filósofos cujas ideias atravessaram os séculos.

7. — No sentido especial de fé religiosa, a revelação se diz mais particularmente das coisas espirituais que o homem não é capaz de saber por si mesmo, que não é capaz de descobrir por meio de seus sentidos e cujo conhecimento lhe é oferecido por Deus ou por seus mensageiros, seja por meio da palavra direta, seja pela inspiração. Neste caso, a revelação é sempre feita para homens privilegiados, designados pelo nome de profetas ou *messias*, quer dizer, *enviados*, *missionários*, com a *missão* de transmiti-la aos homens. Considerada sob este ponto de vista, a revelação implica em passividade absoluta; aceita-se sem controle, sem exame, sem discussão.

8. — Todas as religiões tiveram seus reveladores e, conquanto estivessem todos longe de ter conhecido toda a verdade, tinham eles sua providencial razão de ser; pois estavam adaptados ao tempo e ao meio onde viviam, ao espírito particular dos povos aos quais falavam e aos quais eram relativamente superiores. Malgrado os erros de suas doutrinas, eles não agitaram menos os espíritos, e, por isso, semearam os germes do progresso que, mais tarde, haviam de brotar, ou brotarão um dia sob o sol do Cristianismo. Portanto, é injustamente que contra eles se lançam os anátemas em nome da ortodoxia, pois um dia chegará quando todas as crenças, tão diversas pela forma mas que repousam, na realidade, sobre um mesmo princípio fundamental: Deus e a imortalidade da alma, se fundirão em uma grande e vasta unidade, assim que a razão tiver triunfado sobre os preconceitos.

Infelizmente, as religiões serviram, em todos os tempos, como instrumentos de dominação; o papel de profeta tentou as ambições inferiores, e se viu surgir uma multidão de pretensos reveladores ou messias, que, graças ao prestígio desse nome, exploraram a credulidade, em benefício de seu orgulho, de sua cupidez ou de sua preguiça, achando mais cômodo viver às custas dos ludibriados. A religião cristã não se manteve isenta desses parasitas. Sobre o tema, nós solicitamos séria atenção para o capítulo XXI de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*: "*Haverá falsos cristos e falsos profetas.*"

9. — Há revelações diretas de Deus para os homens? É uma questão que nós não ousaríamos resolver, nem afirmativamente nem negativamente, de maneira absoluta. O fato não é radicalmente impossível, mas nada oferece uma comprovação perfeita. O que não poderia causar dúvida, é que os Espíritos mais próximos de Deus pela perfeição se impregnam de seu pensamento e conseguem transmiti-lo. Quanto aos reveladores encarnados, segundo a ordem hierárquica a que pertençam e segundo o grau de seu saber pessoal, podem extrair suas instruções de seus próprios conhecimentos ou recebê-las de Espíritos mais elevados, até dos mensageiros diretos de Deus. Estes, falando em nome de Deus, acabaram, às vezes, sendo tomados por Deus mesmo.

Essas espécies de comunicações nada têm de estranho para qualquer um que conheça os fenômenos espíritas, bem como a maneira pela qual se estabelecem as relações entre os encarnados e os desencarnados. As instruções podem ser transmitidas por diversos meios: pela inspiração pura e simples, pela audição da palavra, pela vista dos Espíritos instrutores nas visões e aparições, seja em sonho, seja em vigília, do mesmo modo que se veem muitos exemplos na Bíblia, no Evangelho e nos livros sagrados de todos os povos. Logo, é rigorosamente exato dizer que os reveladores, em sua maioria, são médiuns inspirados, auditivos ou videntes; donde não se deve concluir que todos os médiuns sejam reveladores e, ainda menos, intermediários diretos da Divindade ou de seus mensageiros.

10. — Os Espíritos puros, só eles, recebem a palavra de Deus com a missão de transmiti-la; mas agora se sabe que os Espíritos estão longe de serem todos perfeitos e que existem os que se conferem falsas aparências; foi o que fez São João dizer: “Não creiam nunca em todo Espírito, mas vejam antes se os Espíritos são de Deus.” (*I João*, iv: 1.)

Portanto, pode haver tanto revelações sérias e verdadeiras, quanto apócrifas e mentirosas. *O caráter essencial da revelação divina é o da eterna verdade. Toda revelação denegrida pelo erro ou sujeita a alteração não pode emanar de Deus.* Assim é que a lei do Decálogo possui todos os caracteres de sua origem, enquanto as outras leis mosaicas, essencialmente transitórias, muitas vezes em contradição com a lei do Sinai, são uma obra pessoal e política do legislador hebreu. Suavizando-se os costumes do povo, essas leis caíram por si mesmas em desuso, enquanto o Decálogo continuou de pé como farol da humanidade. O Cristo fez dele a base de seu edifício, tendo abolido as outras leis. Se elas fossem obra de Deus, ele evitaria tocar nelas. O Cristo e Moisés são os dois grandes reveladores que mudaram a face do mundo; reside aí a prova da sua missão divina. Uma obra puramente humana não teria tal poder.

11. — Uma importante revelação se cumpre na época atual: a que nos mostra a possibilidade de se entrar em comunicação com os seres do mundo espiritual. Esse conhecimento não é novo, sem dúvida; mas ficou até os nossos dias, de algum modo, como letra morta, quer dizer, sem proveito para a humanidade. A ignorância das leis que regem essas relações asfixiou-a sob a superstição: o homem era incapaz de extrair dela alguma dedução salutar; estava reservado para nossa época desembaraçá-la de seus acessórios ridículos, compreender-lhe a importância e fazer surgir a luz destinada a iluminar a rota do futuro.

12. — O Espiritismo, fazendo-nos conhecer o mundo invisível que nos cerca e no meio do qual vivíamos sem dele suspeitar, as leis que o regem, suas relações com o mundo

visível, a natureza e o estado dos seres que o habitam e, por consequência, o destino do homem após a morte, é uma verdadeira revelação, na acepção científica do termo.

13. — Por sua natureza, a revelação espírita possui um duplo caráter: ela participa, ao mesmo tempo, da revelação divina e da revelação científica. Participa da primeira pelo fato de que sua vinda está sendo providencial e não como o resultado da iniciativa e de um desejo premeditado do homem; de que os pontos fundamentais da doutrina estão sendo a efetivação do ensino propiciado pelos Espíritos encarregados por Deus para esclarecer os homens sobre as coisas que ignoravam, que não eram capazes de aprender por si mesmos e que lhes é importante conhecer, agora que estão amadurecidos para compreendê-las. Participa da segunda pelo fato de que esse ensino não é privilégio de nenhum indivíduo, mas é propiciado a todo o mundo pela mesma via; de que os que o transmitem e os que o recebem não são nunca seres *passivos*, dispensados do trabalho de observação e de pesquisa; de que não renunciam nunca a seu julgamento e a seu livre-arbítrio; de que o controle não lhes é nunca proibido mas, ao contrário, recomendado; enfim, de que a doutrina não foi nunca *ditada de modo completo nem foi imposta à credence cega*; porque está sendo deduzida, através do trabalho do homem, pela observação dos fatos que os Espíritos põem diante de seus olhos e pelas instruções que eles lhe fornecem, instruções que o homem estuda, comenta, compara, e das quais ele mesmo extrai as consequências e aplicações. Em suma, *o que caracteriza a revelação espírita é que sua fonte é divina, que sua iniciativa pertence aos Espíritos, e que sua elaboração é o resultado do trabalho do homem.*

14. — Como sistema de elaboração, o Espiritismo procede exatamente da mesma forma que as ciências positivas, quer dizer que ele aplica o método experimental. Fatos de uma ordem nova se apresentam sem que se possam explicar através das leis conhecidas; ele os observa, os compara, os analisa e, a partir dos efeitos remontando até às causas, chega à lei que os rege; depois, ele lhes deduz as consequências e lhes procura as aplicações úteis. *O Espiritismo não estabelece nenhuma teoria preconcebida*; por isso não colocou como hipóteses, nem a existência e a intervenção dos Espíritos, nem o perispírito, nem a reencarnação, nem nenhum dos princípios da doutrina; ele concluiu pela existência dos Espíritos, quando tal existência se demonstrou evidente através da observação dos fatos; o mesmo quanto aos outros princípios. Não são os fatos que têm vindo *a posteriori* confirmar a teoria, mas a teoria é que tem vindo subsequentemente explicar e resumir os fatos. Logo, é rigorosamente exato dizer-se que o Espiritismo é uma ciência da observação, e não o produto da imaginação. As ciências somente alcançaram um progresso sério depois que seu sistema de estudo se baseou no método experimental; mas até então se acreditava que tal método era aplicável apenas à matéria; ao invés, ele é aplicável também às coisas metafísicas.

15. — Citemos um exemplo. Sucede, no mundo dos Espíritos, um fato bastante singular de que seguramente ninguém poderia suspeitar: o dos Espíritos que não se julgam mortos. Muito bem! Os Espíritos superiores, que o conhecem perfeitamente, não vieram dizer por antecipação: “Existem Espíritos que julgam ainda estar vivendo a vida terrestre; que conservaram suas inclinações, seus hábitos e seus instintos.” Provocaram, porém, a manifestação de Espíritos dessa categoria, para que nós os observássemos. Tendo visto Espíritos incertos do seu estado ou afirmando que pertenciam ainda a este mundo,

julgando dedicar-se a suas ocupações ordinárias, do exemplo se concluiu a regra. A multiplicidade dos fatos análogos comprovou que aquela não era uma exceção mas uma das fases da vida espírita; ela permitiu o estudo de todas as variedades e das causas dessa singular ilusão; e o reconhecimento de que essa situação é sobretudo própria dos Espíritos pouco adiantados moralmente, de que é específica para certos gêneros de morte e de que é temporária, mas pode durar dias, meses e anos. Assim, a teoria nasceu da observação. Isto serve para todos os outros princípios da doutrina.

16. — Do mesmo modo que a ciência propriamente dita tem por objeto o estudo das leis do princípio material, o objeto especial do Espiritismo é o conhecimento das leis do princípio espiritual; ora, como este último princípio é uma das forças da natureza, que age incessantemente sobre o princípio material e reciprocamente, daí resulta que o conhecimento de um não pode estar completo sem o conhecimento do outro. *O Espiritismo e a ciência se completam um pelo outro*; a ciência sem o Espiritismo se encontra na impossibilidade de explicar certos fenômenos apenas através das leis da matéria; o Espiritismo sem a ciência careceria de apoio e de controle. O estudo das leis da matéria tinha de preceder ao da espiritualidade, porque é a matéria que atinge em primeiro lugar os sentidos. Se tivesse o Espiritismo vindo antes das descobertas científicas, teria abortado, conforme tudo o que vem antes de seu tempo.

17. — Todas as ciências se encadeiam e se sucedem em uma ordem racional; elas nascem umas das outras, à medida que encontram um ponto de apoio nas ideias e nos conhecimentos anteriores. A astronomia, uma das primeiras cultivadas, continuou nos erros da infância até quando a física veio revelar a lei das forças dos agentes naturais; a química, nada realizando sem a física, tinha de acompanhá-la de perto, para em seguida marcharem as duas juntas, apoiando-se uma na outra. A anatomia, a fisiologia, a zoologia, a botânica, a mineralogia tão somente se tornaram ciências importantes com a ajuda das luzes importadas da física e da química. A geologia, nascida ontem, sem a astronomia, a física, a química e todas as outras, teria carecido de seus verdadeiros elementos de vitalidade; ela tinha de vir depois.

18. — A ciência moderna colocou no devido lugar os quatro elementos primitivos dos antigos e, de observação em observação, chegou à concepção *de um só elemento* gerador de todas as transformações da matéria; mas a matéria, por si mesma, é inerte; ela não possui nem vida, nem pensamento, nem sentimentos; ela precisa para tanto unir-se ao princípio espiritual. O Espiritismo nem descobriu nem inventou tal princípio, mas foi o primeiro que o demonstrou através de provas irrecusáveis; ele o estudou, o analisou e tornou sua ação evidente. *Ao elemento material*, ele veio juntar o *elemento espiritual*. *Elemento material e elemento espiritual*, eis os dois princípios, as duas forças vivas da natureza. Pela união indissolúvel destes dois elementos, explica-se sem dificuldade uma enorme quantidade de fatos até então inexplicáveis¹.

O Espiritismo, tendo por objeto o estudo de um dos dois elementos constituintes do Universo, entra em contato forçosamente com a maioria das ciências; tinha de vir após a

¹ A palavra *elemento* não está sendo tomada aqui no sentido de *corpo simples, elementar*, de *moléculas primitivas*, mas no de *parte constituinte de um todo*. Neste sentido, pode-se dizer que o *elemento espiritual* tem parte ativa na economia do universo, como se diz que o *elemento civil* e o *elemento militar* figuram no cálculo de uma população; que o *elemento religioso* entra na educação; que, na Argélia, existem o *elemento árabe* e o *elemento europeu*.

elaboração delas, e nasceu, tendo em vista o poder dos fatos, da impossibilidade de tudo se explicar com o concurso apenas das leis da matéria.

19. — Acusa-se o Espiritismo de parentesco com a magia e a feitiçaria; mas se esquece que a astronomia tem por irmã mais velha a astrologia de adivinhação, que não está tão afastada de nós; que a química é filha da alquimia, com a qual nenhum homem sensato ousaria se ocupar hoje. Ninguém nega, no entanto, que contivessem a astrologia e a alquimia o germe das verdades de onde surgiram as ciências atuais. Malgrado suas fórmulas ridículas, a alquimia deu a pista dos corpos simples e da lei das afinidades; a astrologia se apoiava na posição e no movimento dos astros, que ela havia estudado; mas, em virtude da ignorância das verdadeiras leis que regem o mecanismo do universo, os astros eram, para o vulgo, seres misteriosos aos quais a superstição atribuiu uma influência moral e um sentido revelador. Quando Galileu, Newton e Kepler fizeram conhecidas essas leis, quando o telescópio rompeu o véu e mergulhou nas profundezas do espaço um olhar que certas pessoas consideraram indiscreto, os planetas nos apareceram como simples mundos semelhantes ao nosso, e todo o andaime do maravilhoso despençou.

Sucede o mesmo com o Espiritismo, em relação à magia e à feitiçaria; estas se apoiavam também na manifestação dos Espíritos, como a astrologia no movimento dos astros; mas, por causa da ignorância das leis que regem o mundo espiritual, mesclavam a essas relações, práticas e crenças ridículas, que o Espiritismo moderno, fruto da experiência e da observação, colocou no devido lugar. Seguramente, a distância que separa o Espiritismo da magia e da feitiçaria é maior do que a que existe entre a astronomia e a astrologia, a química e a alquimia; desejar confundi-los é provar não que não se sabe a respeito nem a primeira palavra.

20. — Tão só a possibilidade de comunicação com os seres do mundo espiritual já tem conseqüências incalculáveis da mais alta gravidade; é todo um mundo novo que se revela a nós, e que tem tanto maior importância quanto ele alcança a todos os homens, sem exceção. Esse conhecimento deve trazer, ao se generalizar, uma modificação profunda nos costumes, no caráter, nos hábitos e nas crenças que têm a maior influência nas relações sociais. É toda uma revolução que se opera nas ideias, revolução tanto maior, tanto mais poderosa, quanto não está circunscrita a um povo, a uma casta, mas que alcança simultaneamente, através do coração, todas as classes, todas as nacionalidades, todos os cultos.

É com razão, portanto, que o Espiritismo é considerado a terceira das grandes revelações. Vejamos em que essas revelações diferem e por qual liame se prendem entre si.

21. — MOISÉS, como profeta, revelou aos homens o conhecimento de um Deus único, soberano Senhor e Criador de todas as coisas; promulgou a lei do Sinai e alicerçou os fundamentos da verdadeira fé; como homem, foi o legislador do povo através do qual essa lei primitiva, purificando-se, deveria um dia expandir-se por todo o mundo.

22. — O CRISTO, tomando da antiga lei o que é eterno e divino e rejeitando o que é transitório, meramente disciplinar e de concepção humana, acrescentou *a revelação da vida futura*, da qual Moisés não havia falado, ou seja, a revelação das penas e recompensas que aguardam pelo homem após a morte. (Ver *Revista Espírita*, março e setembro de 1861.)

23. — A parte mais importante da revelação do Cristo, no sentido de que ela é a fonte primeira, a pedra angular de toda a sua doutrina, é o ponto de vista novíssimo sob o qual fez contemplar a Divindade. Não é mais o Deus terrível, ciumento, vingativo de Moisés, o Deus cruel e impiedoso que rega a terra com sangue humano, que ordena o massacre e a exterminação dos povos, sem excluir as mulheres, as crianças e os velhos, que castiga os que poupam as vítimas; não é mais o Deus injusto que pune todo um povo pela culpa de seu chefe, que se vinga do culpado na pessoa do inocente, que fere as crianças pela culpa de seu pai; mas um Deus clemente, soberanamente justo e bom, pleno de mansidão e de misericórdia, que perdoa o pecador arrependido, *e dá a cada um segundo suas obras*; não é mais o Deus de um só povo privilegiado, *o Deus dos exércitos* presidindo aos combates para sustentar sua própria causa contra o Deus dos outros povos; mas o Pai comum do gênero humano, que estende sua proteção sobre todos os filhos e os chama a todos para si; não é mais Deus que recompensa e pune através apenas dos bens da terra, que sedimenta a glória e a felicidade pela escravização dos povos rivais e pela multiplicação da prole, mas que diz aos homens: “Sua verdadeira pátria não está neste mundo, ela está no reino celeste: é aí que os humildes de coração serão exaltados e que os orgulhosos serão humilhados.” Não é mais o Deus que transforma em uma virtude a vingança e que ordena cobrar olho por olho, dente por dente; mas o Deus de misericórdia que diz: “Perdoem as ofensas, se quiserem que lhes seja dado o perdão; retribuam o mal com o bem; não façam a outrem o que não desejam que lhes façam.” Não é mais o Deus mesquinho e meticuloso que impõe, sob os sacrifícios mais pungentes, a maneira pela qual deseja ser adorado, que se ofende com a inobservância de uma fórmula; mas o Deus grande que enxerga o pensamento e não se honra com a aparência. Este não é mais, enfim, o Deus que deseja ser temido, mas o Deus que deseja ser amado.

24. — Sendo Deus a base de todas as crenças religiosas, o alvo de todos os cultos, *o caráter de todas as religiões está de acordo com a ideia que elas oferecem de Deus*. As religiões que concebem um Deus vingativo e cruel julgam honrá-lo com atos de crueldade, com fogueiras e com torturas; as que concebem um Deus parcial e ciumento são intolerantes; são mais ou menos meticulosas na forma, segundo o julgam mais ou menos denegrido por fraquezas e bagatelas humanas.

25. — Toda a doutrina do Cristo está fundada no caráter que ele atribui à Divindade. Com um Deus imparcial, soberanamente justo, bom e misericordioso, ele foi capaz de fazer do amor de Deus e da caridade para com o próximo a condição expressa da salvação e dizer: *Amem a Deus sobre todas as coisas e a seu próximo como a si mesmos; eis aí toda a lei e os profetas; não existe outra*. Sobre esta única crença, ele assentou o princípio da igualdade dos homens diante de Deus e da fraternidade universal. Mas era possível amar o Deus de Moisés? Não; só se podia temê-lo.

Esta revelação dos verdadeiros atributos da Divindade, junto à da imortalidade da alma e da vida futura, modificava profundamente as relações mútuas entre os homens, impunha-lhes novas obrigações, fazia-os considerar a vida presente sob um outro aspecto; ela devia, por isso mesmo, atuar sobre os costumes e as relações sociais. É este, incontestavelmente, por suas consequências, o ponto capital da revelação do Cristo e cuja importância não se tem assaz compreendido; é penoso dizer, mas é também o ponto de que se está mais afastado, o que mais foi desconsiderado na interpretação de seus ensinamentos.

26. — Não obstante, o Cristo acresce: “Muitas das coisas que eu lhes digo vocês não podem ainda compreender, e eu teria muitas outras para lhes dizer que vocês não compreenderiam; eis porque eu lhes falo por parábolas; contudo, mais tarde, *eu lhes enviarei o Consolador, o Espírito de Verdade, que restabelecerá todas as coisas e lhes explicará todas.*” (João, XIV: 15-17 e 26; XVI: 7-15; Mateus, XVII: 11.)

Se o Cristo não disse tudo o que teria para dizer, é porque julgou ter que deixar certas verdades na sombra, até que os homens reunissem recursos para compreendê-las. Conforme seu testemunho, seu ensino ficava incompleto, já que está anunciando a vinda de quem devia completá-lo; ele previa assim que o povo se confundiria com suas palavras, que se afastaria de seu ensino; em suma, que desfaria o que ele fez, dado que tudo tem de ser restabelecido; ora, tão somente se *restabelece* o que foi desfeito.

27. — Por que chama ele o novo Messias de *Consolador*? Esse nome significativo e sem ambiguidade é toda uma revelação. Ele previa assim que os homens precisariam de consolações, o que implica na insuficiência das que eles encontrariam na crença que eles iriam formular. Jamais o Cristo foi tão claro e tão explícito quanto nestas últimas palavras, às quais poucas pessoas prestaram atenção, talvez porque se evitou de pô-las à luz e de lhes aprofundar o sentido profético.

28. — Se o Cristo não foi capaz de desenvolver seu ensino de um modo completo, é que careciam aos homens alguns conhecimentos que somente podiam adquirir com o tempo e sem os quais não eram capazes de compreendê-lo; existem coisas que teriam parecido um disparate no estágio dos conhecimentos de então. Completar seu ensino deve entender-se no sentido de *explicar* e de *desenvolver*, bem mais do que naquele de acrescentar verdades novas, pois tudo nele se encontra em germe; somente falta a chave para entender o sentido de suas palavras.

29. — Mas quem ousa permitir-se interpretar as Escrituras Sagradas? Quem tem esse direito? Quem possui as luzes necessárias, que não sejam os teólogos?

Quem ousa? A ciência, de início, que não pede permissão a ninguém para buscar conhecer as leis da natureza, e salta de pés juntos por sobre os erros e os preconceitos. — Quem tem esse direito? Neste século de emancipação intelectual e de liberdade de consciência, o direito de exame pertence a todo mundo, e as Escrituras não são mais a arca santa, na qual ninguém ousaria tocar com o dedo sem se arriscar a ser fulminado. — Quanto às luzes especiais necessárias, sem contestar as dos teólogos, por mais esclarecidos fossem os da Idade Média, e, em particular, os Pais da Igreja, não eram ainda o bastante, contudo, para não condenarem, como heresia, o movimento da Terra e a crença nos antípodas; e, sem ir tão longe, os de nossos dias não lançaram anátema contra os períodos de formação da Terra?

Os homens tiveram de explicar as Escrituras apenas com a ajuda do que sabiam, das noções, falsas ou incompletas, que possuíam das leis da natureza, mais tarde reveladas pela ciência: eis porque os teólogos mesmos, de muito boa-fé, se enganaram a respeito do sentido de certas palavras e de certos fatos do Evangelho. Desejando, a todo custo, nele encontrar a confirmação de um pensamento preconcebido, eles davam voltas sempre no mesmo círculo, sem deixar seu ponto de vista, de sorte que viam tão só o que desejavam ver. Por mais sábios teólogos que fossem, eles não podiam compreender as causas subordinadas a leis que não conheciam.

Mas quem será o juiz das interpretações diversas e, muitas vezes, contraditórias, oferecidas fora do âmbito da teologia? — O futuro, a lógica e o bom senso. Os homens, mais e mais esclarecidos, à medida que novos fatos e novas leis vierem a revelar-se, saberão pôr de um lado os sistemas utópicos e de outro os da realidade; ora, a ciência dá a conhecer certas leis; o Espiritismo dá a conhecer outras; umas e outras são indispensáveis para a compreensão dos textos sagrados de todas as religiões, desde Confúcio e Buda até o cristianismo. Quanto à teologia, ela não poderia alegar judiciosamente certas contradições da ciência, visto que nem sempre está de acordo consigo mesma.

30. — O ESPIRITISMO, colocando seu ponto de partida nas palavras mesmas do Cristo, como este colocou o seu nas de Moisés, é uma consequência direta da doutrina dele.

À ideia vaga da vida futura, ele junta a revelação da existência do mundo invisível que nos cerca e que povoa o espaço, e, através disto, ele fixa a crença; e lhe propicia um corpo, uma consistência, uma realidade para o pensamento.

Ele define os liames que unem a alma e o corpo e levanta o véu que esconde aos homens os mistérios do nascimento e da morte.

Pelo Espiritismo, o homem fica sabendo donde vem, para onde está indo, por que está na terra, por que sofre temporariamente, e vê, por toda a parte, a justiça de Deus.

Fica sabendo que a alma progride, incessantemente, por meio de uma série de existências, até aquela em que possa atingir o grau de perfeição que irá aproximá-la de Deus.

Fica sabendo que todas as almas, tendo um mesmo ponto de partida, são criadas iguais, com a mesma aptidão para progredir, em virtude de seu livre-arbítrio; que todas são da mesma essência, e que tão só existe entre elas a diferença do progresso realizado; que todas têm a mesma destinação e que atingirão o mesmo alvo; mais ou menos rapidamente, de acordo com seu trabalho e sua boa vontade.

Fica sabendo que não existem criaturas deserddadas, nem mais favorecidas umas que as outras; que Deus não criou jamais quem seja privilegiado e dispensado do trabalho imposto às demais para progredirem; que não existem seres perpetuamente votados ao mal e ao sofrimento; que os designados sob o nome de *demônios* são Espíritos ainda atrasados e imperfeitos, que praticam o mal no estado de Espírito, como praticavam no estado de homens, mas que se adiantarão e se melhorarão; que os anjos ou puros Espíritos não são seres à parte na criação, mas Espíritos que alcançaram o alvo, depois de terem seguido na rota do progresso; que, assim, não existem criações múltiplas, nem diferentes categorias entre os seres inteligentes, mas que toda a criação procede da grande lei de unidade que rege o Universo, e que todos os seres gravitam na direção de um alvo comum, que é a perfeição, sem que uns sejam favorecidos às custas de outros, sendo todos filhos de suas obras.

31. — Pelas relações que o homem pode agora estabelecer com os que deixaram a terra, ele possui não somente a prova material da existência e da individualidade da alma, mas compreende a solidariedade que liga os vivos e os mortos deste mundo, e os deste mundo com os de outros mundos. Ele conhece sua situação no mundo dos Espíritos; segue-os em suas migrações; é testemunha de suas alegrias e de suas penas; sabe por que são felizes ou infelizes, e a sorte que o espera, a ele mesmo, segundo o bem ou o mal que pratique. Essas relações o iniciam na vida futura, a qual ele pode observar em todas as suas

fases, em todas as suas peripécias; o futuro não é mais uma vaga esperança: é um fato positivo, uma certeza matemática. Então, a morte não tem mais nada de horripilante, pois é para ele a libertação, a porta da verdadeira vida.

32. — Pelo estudo da situação dos Espíritos, o homem fica sabendo que a felicidade e a infelicidade na vida espiritual são inerentes ao grau de perfeição e de imperfeição; que cada um sofre as consequências diretas e naturais de suas faltas; por outras palavras, que é punido no que pecou; que as consequências duram tanto tempo quanto a causa que as produziu; que, por isso, o culpado sofreria eternamente, se persistisse eternamente no mal, mas que o sofrimento passa com o arrependimento e a reparação; ora, como depende de cada um se melhorar, cada um pode, em virtude do seu livre-arbítrio, prolongar ou diminuir seus sofrimentos, como o doente sofre por seus excessos o mesmo tempo que leva para neles pôr um fim.

33. — Se a razão rejeita, por incompatível com a bondade de Deus, a ideia das penas irremissíveis, perpétuas e absolutas, muitas vezes infligidas por uma só falta; os suplícios do inferno que não consegue suavizar o arrependimento mais ardente e mais sincero, ela se inclina perante esta justiça distributiva e imparcial, que tudo leva em conta, não fecha jamais a porta de retorno, e estende sem cessar a mão ao náufrago, ao invés de empurrá-lo para o abismo.

34. — A pluralidade das existências, cujo princípio o Cristo dispôs no Evangelho, mas sem defini-lo como muitos outros, é uma das leis mais importantes reveladas pelo Espiritismo, no sentido de que demonstra sua realidade e sua necessidade para o progresso. Por essa lei, o homem tem uma explicação para todas as aparentes anomalias que apresenta a vida humana; as diferenças quanto à posição social; as mortes prematuras que, sem a reencarnação, tornariam inúteis para a alma as vidas breves; a desigualdade das aptidões intelectuais e morais, pela antiguidade do Espírito que vem aprendendo, mais ou menos, e vem progredindo, e que traz, ao renascer, a experiência de suas existências anteriores. (N.º 5.)

35. — Com a doutrina da criação da alma a cada nascimento, a gente cai no sistema das criações privilegiadas; os homens são estranhos uns aos outros, nada os une, os laços de família são puramente carnis: eles não são solidários através de um passado porque não existiam ainda; com a do nada depois da morte, toda relação cessa com a vida; eles não são nada solidários quanto ao futuro. Pela reencarnação, os homens são solidários pelo passado e pelo ao futuro; suas relações se perpetuam no mundo espiritual e no mundo corporal, a fraternidade tem por base as leis mesmas da natureza; o bem tem um alvo, o mal suas consequências inevitáveis.

36. — Com a reencarnação, caem os preconceitos de raças e de castas, dado que o mesmo Espírito pode renascer rico ou pobre, grande senhor ou proletário, patrão ou empregado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça da servidão e da escravatura, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, não há nenhum que prevaleça, quanto à lógica, sobre o fator material da reencarnação. Se a reencarnação se fundamenta assim em uma lei da natureza, ou seja, no princípio da fraternidade universal, ela se fundamenta na mesma lei da igualdade de direitos sociais, e, por conseguinte, na da liberdade.

37. — Suprimam do homem o espírito livre, independente, sobrevivente à matéria, e farão dele u'a máquina organizada, sem meta, sem responsabilidade, sem outro freio que o da lei civil, e *bom para se explorar* como um animal inteligente. Não esperando nada para após a morte, nada o impede de aumentar os gozos do presente; se sofre, somente se abre para ele a perspectiva do desespero e do nada como refúgio. Com a certeza do futuro, a certeza de reencontrar os seres amados, *o medo de rever aqueles a quem ofendeu*, todas as suas ideias mudam. Caso o Espiritismo apenas se ativesse a tirar o homem da dúvida relativa à vida futura, teria feito mais por sua melhoria moral que todas as leis disciplinares que o refreiam às vezes, mas que não o convertem.

38. — Sem a preexistência da alma, a doutrina do pecado original não é apenas inconciliável com a justiça de Deus que tornaria todos os homens responsáveis pela culpa de um só: ela seria um absurdo, e tanto menos justificável quanto, em consequência dessa doutrina, a alma não existia na época para a qual se pretende remontar sua responsabilidade. Com a preexistência, o homem traz, ao *renascer*, o germe de suas imperfeições, dos defeitos de que não se corrigiu e que se traduzem por seus instintos congênitos, suas propensões a este ou aquele vício. Eis aí seu verdadeiro pecado original, cujas consequências ele sofre muito naturalmente, mas com esta diferença capital: ele padece com o castigo das próprias faltas, e não com o das faltas de outrem; e esta outra diferença, ao mesmo tempo consoladora, encorajadora e soberanamente equitativa, de que cada existência lhe oferece os meios de se redimir pela reparação e de progredir, seja por se despojar de alguma imperfeição, seja por adquirir novos conhecimentos, e isso até que, estando suficientemente purificado, ele não precise mais da vida corporal, e possa viver exclusivamente a vida espiritual, eterna e bem-aventurada.

Pela mesma razão, quem progrediu moralmente traz, ao renascer, qualidades congênitas, como quem progrediu intelectualmente traz ideias inatas; ele se identifica com o bem; ele o pratica sem esforço, sem cálculo e, por assim dizer, sem pensar nisso. Quem se obriga a combater suas más tendências continua ainda lutando: o primeiro já venceu, o segundo está em vias de vencer. Logo, existe *virtude original*, como existe *saber original* e *pecado*, ou melhor, *vício original*.

39. — O Espiritismo experimental estudou as propriedades dos fluidos espirituais e sua ação sobre a matéria. Demonstrou a existência do *perispírito*, concebido desde a antiguidade e designado por São Paulo com o nome de *corpo espiritual*, querendo dizer corpo fluídico da alma após a destruição do corpo tangível. Sabe-se hoje em dia que esse invólucro é inseparável da alma; que é um dos elementos constituintes do ser humano; que é o veículo de transmissão do pensamento e que, durante a vida do corpo, serve de liame entre o Espírito e a matéria. O perispírito representa um papel tão importante para o organismo e para uma enorme quantidade de afecções que ele se vincula à fisiologia tão bem quanto à psicologia.

40. — O estudo das propriedades do perispírito, dos fluidos espirituais e dos atributos fisiológicos da alma, abre novos horizontes para a ciência e fornece a chave de enorme quantidade de fenômenos incompreendidos até agora por falta de conhecer a lei que os rege, fenômenos negados pelo materialismo por que se vinculam à espiritualidade, qualificados por outros de milagres ou de sortilégios, segundo as crenças. Tais são, entre outros, os fenômenos da dupla vista, da vista a distância, do sonambulismo natural e

artificial, dos efeitos físicos da catalepsia e da letargia, da presciência, dos pressentimentos, das aparições, das transfigurações, da transmissão do pensamento, da fascinação, das curas instantâneas, das obsessões e possessões etc. Demonstrando que esses fenômenos se fundamentam em leis tão naturais quanto os fenômenos elétricos e que alcançam reproduzir-se em condições normais, o Espiritismo destruiu o império do maravilhoso e do sobrenatural e, por consequência, a fonte da maioria das superstições. Se ele promove a crença na possibilidade de certas coisas vistas por alguns como quiméricas, impede de se acreditar em muitas outras cuja impossibilidade e cuja irracionalidade demonstra.

41. — O Espiritismo, bem longe de negar ou de destruir o Evangelho, vem, ao contrário, para confirmar, para explicar e para desenvolver, através das novas leis da natureza que revela, tudo o que disse e fez o Cristo; ele traz luz sobre os pontos obscuros de seu ensino, de sorte que aqueles para quem certas partes do Evangelho eram ininteligíveis ou pareciam *inadmissíveis* as compreendem sem dificuldade com a ajuda do Espiritismo, e as admitem; eles percebem melhor sua importância e conseguem distinguir a realidade da alegoria; o Cristo lhes parece maior: não é mais simplesmente um filósofo; é um Messias divino.

42. — Se a gente considerar, além disso, a força moralizadora do Espiritismo pelo alvo para que faz voltar todas as ações da vida, pelas consequências do bem e do mal em que faz pôr o dedo; a força moral, a coragem, as consolações que propicia nas aflições, através de uma inalterável confiança no futuro, através do pensamento de ter ao lado de si os entes a quem amou, da segurança de revê-los, da possibilidade de conversar com eles, enfim, através da certeza de que de tudo o que se faz, de que de tudo o que se adquire em inteligência, em conhecimento e em moralidade, *até a derradeira hora da vida*, nada está perdido, que tudo tem proveito para o adiantamento, a gente há de reconhecer que o Espiritismo realiza todas as promessas do Cristo com vistas ao *Consolador* anunciado. Ora, como é o *Espírito de Verdade* quem preside ao grande movimento de regeneração, a promessa da sua vinda se acha mesmo realizada, pois, de fato, é ele quem é o verdadeiro *Consolador*².

43. — Se a esses resultados se acresce a rapidez inaudita da propagação do Espiritismo, malgrado tudo o que se fez para abatê-lo, não se pode discordar de que sua vinda seja providencial, porquanto triunfa de todas as forças e de todas as más intenções dos homens. A facilidade com que vem sendo aceito por um tão grande número, e isto sem coação, sem outros meios além do poderio da ideia, comprova que ele corresponde a uma necessidade, a de se crer em alguma coisa após o vácuo aberto pela incredulidade, e que, por conseguinte, veio no tempo certo.

² Muitos pais de família deploram a morte prematura dos filhos, para cuja educação fizeram grandes sacrifícios, dizendo a si mesmos que tudo acabou em pura perda. Com o Espiritismo, eles não mais lastimam os sacrifícios e estariam prontos a fazê-los, mesmo com a certeza de verem morrer seus filhos, pois estão sabendo que, se não aproveitarem tal educação no presente, servirá ela, primeiro, para seu adiantamento como Espíritos; depois, que isso também se constituirá em uma aquisição para uma nova existência, e que, quando voltarem, terão uma bagagem intelectual que os tornará mais aptos a adquirir novos conhecimentos. Tais são as crianças que trazem ao nascer ideias inatas, que sabem sem, por assim dizer, precisar aprender. Se os pais não têm a satisfação imediata de ver seus filhos aproveitando essa educação, eles a desfrutarão certamente mais tarde, seja como Espíritos, seja como homens. Talvez eles venham a ser de novo os pais dessas mesmas crianças de quem se dirá terem sido, de modo tão feliz, dotadas pela natureza, e que devem suas aptidões a uma precedente educação; assim também, se os filhos vão mal por causa da negligência dos pais, estes poderão ter de sofrer mais tarde pelas preocupações e desgostos que aqueles lhes suscitarão, em uma nova existência. (Ver em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. V, n.º 21: *Mortes prematuras*.)

44. — Os aflitos são numerosíssimos; não é, portanto, surpreendente que tanta gente acolha uma doutrina que consola, de preferência às doutrinas que desesperam, pois é aos deserdados, mais que aos felizes do mundo, que se endereça o Espiritismo. O doente vê chegar o médico com maior alegria que aquele que vai bem; ora, os aflitos são os doentes e o Consolador é o médico.

Senhores que combatem o Espiritismo, se estiverem desejosos de que a gente o abandone para segui-los, ofereçam mais e melhor que ele; curem, com maior segurança, as feridas da alma. Ofereçam maiores consolações, maiores satisfações ao coração, esperanças mais legítimas, certezas mais profundas; pintem do futuro um quadro mais racional, mais sedutor; mas não pensem em sobrepujá-lo, os senhores, com a perspectiva da nada; e os senhores, com a alternativa das chamas do inferno ou da fanática e inútil contemplação perpétua.

45. — A primeira revelação foi personificada em Moisés, a segunda no Cristo; a terceira não está sendo em nenhum indivíduo. As duas primeiras são individuais, a terceira é coletiva; eis aí um caráter essencial de grande importância. Ela é coletiva no sentido de que não foi outorgada como privilégio a ninguém; de que ninguém, conseqüentemente, pode dela dizer-se profeta exclusivo. Foi outorgada, simultaneamente, por todo o mundo, a milhões de pessoas, de todas as idades e de todas as condições, desde o mais baixo até o mais alto da escala, conforme esta predição anotada pelo autor dos Atos dos Apóstolos: “Nos últimos tempos, disse o Senhor, eu derramarei de meu espírito sobre toda a carne; seus filhos e suas filhas profetizarão; seus jovens terão visões e seus velhos terão sonhos.” (Atos, cap. II, vv. 17 e 18.) Esta revelação não surgiu de nenhum culto especial, para poder servir, um dia, a todos de ponto de convergência³.

46. — Sendo as duas primeiras revelações o produto de um ensinamento pessoal, foram forçosamente localizadas; quer dizer que aconteceram em um só ponto, em torno do qual a ideia se expandiu a pouco e pouco; mas precisaram de muitos séculos para que alcançassem as extremidades do mundo, sem mesmo invadi-lo por inteiro. A terceira apresenta a particularidade de que, não estando personificada em um indivíduo, se produziu simultaneamente em milhares de pontos diferentes, todos os quais se tornaram centros ou focos de irradiação. Multiplicando-se os centros, seus raios se juntam pouco a pouco, como os círculos formados por uma profusão de pedras atiradas na água; de sorte que, dentro de certo tempo, findarão por cobrir a superfície inteira do globo.

Eis uma das causas da rápida propagação da doutrina. Se ela houvesse surgido em um só ponto, se houvesse sido obra exclusiva de um homem, teria formado uma seita em torno de si; mas talvez a metade de um século se tivesse escoado antes que ela pudesse alcançar os limites do país onde teria nascido, enquanto que após dez anos ela tem balizas plantadas de um polo ao outro.

³ Nosso papel pessoal, no grande movimento de ideias que está sendo preparado pelo Espiritismo e que começa a se concretizar, é o de um observador atento que estuda os fatos para lhes encontrar a causa e extrair as conseqüências. Nós confrontamos tudo aquilo que nos foi possível reunir; nós comparamos e comentamos as instruções fornecidas pelos Espíritos em todos os pontos do globo, depois, nós coordenamos o todo metodicamente; em suma, estudamos e oferecemos ao público o fruto de nossas pesquisas, sem atribuir a nosso trabalho outro valor senão o de uma obra filosófica, deduzida da observação e da experiência, sem jamais nos havermos colocado como chefe de doutrina, nem haver desejado impor nossas ideias a ninguém. Publicando-as, nós usamos de um direito comum, e quem as aceitou o fez livremente. Se as encontraram numerosos simpatizantes, é que tiveram o primazia de responder às aspirações de um grande número, do que não poderemos envaidecer-nos, dado que sua origem não nos cabe. Nosso maior mérito é o da perseverança e do devotamento à causa que nós abraçamos. Em tudo isto, fizemos o que outros teriam de fazer como nós; eis porque não tivemos jamais a pretensão de acreditar que fôssemos um profeta ou um messias, e menos ainda de nos fazer passar como tal.

47. — Esta circunstância, inaudita na história das doutrinas, proporciona a esta uma força excepcional e um poder de ação irresistível; com efeito, se a comprimem em um ponto, em um país, é materialmente impossível comprimi-la em todos os pontos, em todos os países. Para um lugar onde venha a ser travada, haverá mil ao lado onde irá florescer. Indo além, se for atingida através de um indivíduo, não se tem como atingi-la através dos Espíritos que lhe são o manancial. Ora, como os Espíritos estão em todo lugar, e estarão sempre, se, raciocinando por absurdo, se chegasse a sufocá-la em todo o globo, ela reapareceria algum tempo depois, porque se fundamenta em *um fato, porque esse fato está na natureza*, e porque não se consegue suprimir as leis da natureza. Eis do que têm de se persuadir os que sonham com o aniquilamento do Espiritismo. (*Revista Espírita*, fevereiro de 1865: *Perpetuidade do Espiritismo*.)

48. — No entanto, os centros disseminados poderiam permanecer ainda muito tempo isolados uns dos outros, confinados que estão alguns em países longínquos. Precisariam entre si de um traço de união que os pusesse em comunhão de pensamentos com seus irmãos de crença, informando-os sobre o que se fazia alhures. Esse traço de união, que teria faltado ao Espiritismo na antiguidade, encontra-se nas publicações que vão a todo lugar, que condensam, sob uma forma única, concisa e metódica, o ensino ministrado por toda parte sob formas múltiplas e em diversas línguas.

49. — As duas primeiras revelações só poderiam ser o resultado de um ensino direto; tinham de se impor à fé pela autoridade da palavra do Senhor, não estando os homens bastante adiantados para concorrerem para sua elaboração.

Observamos, contudo, entre ambas, uma nuança bastante sensível que se associa ao progresso dos costumes e das ideias, se bem que hajam ocorrido em relação ao mesmo povo e no mesmo meio, mas após dezoito séculos de intervalo. A doutrina de Moisés é absoluta, despótica; não admite discussão e se impõe ao povo todo pela força. A de Jesus é essencialmente *prescritiva*; é livremente aceita e se impõe apenas pela persuasão; ela foi objeto de controvérsias mesmo durante a vida de seu fundador, que não desdenhava de discutir com seus adversários.

50. — A terceira revelação, vindo em uma época de emancipação e de maturidade intelectual, onde a inteligência desenvolvida não se pode restringir a um papel passivo, onde o homem não aceita nada às cegas, mas deseja ver para onde é conduzido e saber o porquê e o como de cada coisa, tinha de ser, concomitantemente, o produto de um ensino e o fruto do trabalho de pesquisa e do livre exame. *Os Espíritos ensinam apenas o que, com certeza, é preciso para colocar o homem na via da verdade, mas se abstêm de revelar o que ele pode achar por si mesmo*, deixando-lhe o zelo de discutir, de controlar e de tudo submeter ao crivo da razão, deixando-o mesmo tantas vezes adquirir experiência às suas custas. Eles lhe propiciam o princípio, a documentação; cabe-lhe tirar proveito deles e pô-los em prática (N.º 15.)

51. — Tendo sido propiciados simultaneamente os elementos da revelação espírita, em relação a uma infinidade de pontos, a homens de todas as condições sociais e de diferentes graus de instrução, fica bem evidente que as observações não tinham como ser feitas por toda a parte com o mesmo resultado; que as consequências a extrair, as deduções das leis que regem essa ordem de fenômenos e, em suma, a conclusão que tinha de sedimentar as ideias, apenas poderiam sair do conjunto e da correlação dos fatos. Ora,

cada centro isolado, circunscrito a círculo fechado, observando mais constantemente só uma ordem particular de fatos, às vezes aparentemente contraditórios, ocupando-se, em geral, somente com uma categoria de Espíritos, e, além de tudo, entravado por influências locais e por espírito de partido, encontrava-se na impossibilidade material de abarcar o conjunto, sendo, por isso mesmo, impotente para enfeixar as observações isoladas em um princípio comum. Apreciando cada qual os fatos sob o ponto de vista de seus conhecimentos e de suas crenças anteriores, ou da opinião particular dos Espíritos que se manifestam, teriam de aparecer, em pouco tempo, tantas teorias e tantos sistemas quantos são os centros, nenhum dos quais completo, pela falta de elementos de comparação e de controle. Em suma, cada um ficaria imobilizado dentro de sua revelação parcial, julgando possuir toda a verdade por ignorar que, em cem outros lugares, se estava obtendo mais ou melhor.

52. Além disso, deve-se observar que nenhum ensino espírita foi oferecido de maneira completa; trata-se de um tão grande número de observações, sobre assuntos tão diversos, os quais exigem quer conhecimentos quer aptidões medianímicas especiais, que teria sido impossível reunir em um mesmo ponto todas as condições necessárias. Devendo o ensino ser coletivo e não individual, os Espíritos dividiram o trabalho distribuindo os temas de estudo e de observação, como em certas fábricas, a confecção de cada parte de um mesmo objeto é repartida entre diferentes operários.

A revelação, assim, se operou parcialmente, em diversos locais e através de uma porção de intermediários, e é desse modo que prossegue neste momento ainda, pois nem tudo se acha revelado. Cada centro encontra, nos outros centros, o complemento daquilo que obtém, e foi o conjunto, a coordenação de todos os ensinos particulares que constituíram a *doutrina espírita*.

Era necessário agrupar os fatos esparsos para estabelecer-lhes a correlação, reunir os documentos diversos, as instruções propiciadas pelos Espíritos, sobre todos os pontos e sobre todos os assuntos, para compará-los, analisá-los e estudar-lhes as analogias e as diferenças. Sendo as comunicações oferecidas por Espíritos de todas as ordens, mais ou menos esclarecidos, era preciso avaliar o grau de confiança que a razão permitia atribuir-lhes, distinguir as ideias sistemáticas individuais e isoladas das que tinham a sanção do ensino geral dos Espíritos, as utopias, das ideias práticas; eliminar as claramente desmentidas pelos elementos da ciência positiva e da lógica, utilizar igualmente os erros, as informações fornecidas pelos Espíritos, mesmo os de estágio inferior, para o conhecimento da realidade do mundo invisível e para formular um todo homogêneo. Precisava-se, em suma, de um centro de elaboração, independente de toda ideia preconcebida, de todo prejuízo de seita, *resolvido a aceitar a verdade evidenciada, embora contrária às opiniões pessoais*. Tal centro se formou por si mesmo, pela força das coisas, e sem plano premeditado⁴.

⁴ *O Livro dos Espíritos*, a primeira obra que colocou o Espiritismo na rota filosófica, pela dedução das consequências morais dos fatos, que tratou de todas as partes da doutrina, examinando as mais importantes questões que ela levanta, foi, desde a sua aparição, o ponto de confluência para o qual espontaneamente convergiram os trabalhos individuais. É notório que a partir da publicação desse livro data a era do Espiritismo filosófico, limitado até então ao domínio das experiências produzidas pela curiosidade. Se esse livro conquistou as simpatias da maior parte das pessoas, é que era a expressão do sentimento dessas mesmas pessoas e correspondia a suas aspirações; é que também cada um encontrou nele a confirmação e uma explicação racional daquilo que obtinha em particular. Se estivesse em desacordo com o ensino geral dos Espíritos, não lhe teriam dado nenhum crédito e rapidamente cairia no esquecimento. Ora, qual foi o fator daquela

53. — Desse estado de coisas, resultaram duas correntes de ideias: umas indo das extremidades ao centro, outras retornando do centro para a periferia. Eis porque a doutrina rapidamente se encaminhou para a unidade, malgrado a diversidade das fontes de onde emanou; e porque os sistemas divergentes foram caindo pouco a pouco, em razão de seu isolamento, dada a ascendência da opinião da maioria, tendo em vista não se encontrarem aí ecos de simpatia. Uma comunhão de pensamentos se estabeleceu assim entre os diferentes centros particulares; falando a mesma língua espiritual, eles se compreendem e se simpatizam de um extremo a outro do mundo.

Os espíritas se descobriram mais fortes, lutaram com mais coragem e avançaram com passo mais seguro, quando não mais se acharam isolados, quando sentiram um ponto de apoio, um liame que os vinculava à grande família; os fenômenos que testemunhavam não lhes pareciam mais estranhos, anormais, contraditórios, quando foram capazes de vinculá-los a leis gerais de harmonia, abarcar de um golpe de vista o edifício e perceber em todo esse conjunto uma finalidade grandiosa e humanitária⁵.

Mas como saber se um princípio é ensinado por toda parte ou se é o resultado apenas de uma opinião pessoal? Não estando os grupos isolados aptos a saber o que se diz alhures, precisava que um centro reunisse todas as instruções para fazer uma espécie de apuração e trazer ao conhecimento de todos a opinião da maioria⁶.

54. — Não há nenhuma ciência que haja saído com todos os seus elementos do cérebro de um homem; todas, sem exceção, são o produto das observações sucessivas apoiando-se nas observações precedentes, como de um ponto conhecido para se chegar ao desconhecido. Foi assim que os Espíritos procederam para com o Espiritismo; eis porque seu ensino é graduado; eles só tratam das questões aos poucos e à medida que os princípios nos quais têm de se apoiar estejam suficientemente elaborados e que a opinião esteja madura para assimilá-los. É mesmo para se notar que, todas as vezes que os centros particulares desejaram tratar de questões prematuras, eles só obtiveram respostas

confluência? Não foi o homem, que não é nada por si mesmo, simples sujeito da ação, que morre e desaparece; foi a ideia, que não perece quando emana de uma fonte superior ao homem.

Essa concentração espontânea de forças esparsas propiciou uma correspondência enorme, monumento único do mundo, quadro vivo da verdadeira história do Espiritismo moderno, onde se refletem, de uma vez, os trabalhos particulares, os sentimentos múltiplos que a doutrina fez nascer, os resultados morais, os devotamentos e os fracassos; arquivos preciosos para a posteridade, que poderá julgar os homens e as coisas através de documentação autêntica. Na presença desses testemunhos irrecusáveis, em que se transformarão, daqui por diante, todas as fâlsas alegações, as difamações da inveja e do ciúme?

⁵ Um testemunho significativo tão notável quanto emocionante dessa comunhão de pensamentos que se estabeleceu entre os espíritas pela uniformidade das crenças, são os pedidos de preces que nos vêm dos países mais longínquos, desde o Peru até os extremos da Ásia, da parte de pessoas de religiões e de nacionalidades diversas e que nós jamais vimos. Não é esse o prelúdio da grande unificação que se prepara? A comprovação das raízes sérias que cria por toda parte o Espiritismo?

É notável que, de todos os grupos que se formaram com a intenção premeditada de promover uma cisão proclamando princípios divergentes, como também os que, por razões de amor-próprio ou outras, não desejando dar a parecer que se submetiam à lei comum, se julgaram assaz fortes para seguir sozinhos, assaz iluminados para prescindirem de conselhos, nenhum alcançou constituir uma ideia preponderante e viável; todos estão extintos ou vegetando na sombra. Como podia ter sido diferente se, para se distinguir, ao invés de se esforçar por propiciar uma soma maior de satisfações, eles repeliram dos princípios da doutrina, precisamente o que lhe constitui o mais possante atrativo, o que nela existe de mais consolador, de mais encorajador e de mais racional? Se eles houvessem compreendido a força dos elementos morais que formaram a unidade, não teriam sido embalados por uma ilusão quimérica; mas, tomando o seu pequeno círculo pelo universo, tão só viram nos iniciados uma panelinha que poderia ser derrubada facilmente através de uma panelinha contrária. Isso era enganar-se estranhamente sobre os caracteres essenciais da doutrina, e esse erro apenas podia provocar decepções; em vez de quebrar a unidade, eles despedaçaram o único liame que lhes poderia propiciar força e vida. (Ver na *Revista Espírita*, abril de 1866: *O Espiritismo sem os Espíritos; o Espiritismo independente.*)

⁶ Tal é o objeto de nossas publicações, que devem ser consideradas como o resultado dessa apuração. Todas as opiniões aí são discutidas, mas as questões somente são enunciadas como princípios, após terem recebido a consagração de todos os controles, consagração que, unicamente ela, pode fornecer-lhes força de lei e permitir que se consolidem. Eis porque não preconizamos levemente nenhuma teoria, e é por isso que a doutrina, derivando do ensino geral, não é o produto de um sistema preconcebido; é bem isso o que lhe dá força e lhe assegura o futuro.

contraditórias não conclusivas. Quando, ao contrário, chega o momento favorável, o ensino se generaliza e se unifica na quase universalidade dos centros.

Existe, não obstante, entre o avanço do Espiritismo e o das ciências, uma diferença capital, a de que estas atingiram o ponto onde chegaram após longos intervalos, enquanto foram suficientes uns anos ao Espiritismo, se não para atingir o ponto culminante, pelo menos para colecionar uma soma de observações assaz grande para constituir uma doutrina. Isso se deve à multidão inumerável de Espíritos que, pela vontade de Deus, se manifestaram simultaneamente, trazendo cada qual o contingente de seus conhecimentos. Disso resultou que todas as partes da doutrina, em vez de serem elaboradas sucessivamente, durante vários séculos, o foram mais ou menos simultaneamente em alguns anos, e que foi suficiente agrupá-las para formar um todo.

Deus desejou que sucedesse assim, primeiro, para que o edifício chegasse mais rapidamente ao telhado; segundo, para que se conseguisse, por comparação, obter um controle, por assim dizer, imediato e permanente quanto à universalidade do ensino, tendo cada parte valor e *autoridade* apenas por sua conexão com o conjunto, devendo harmonizarem-se todas, encontrar seu lugar no arquivo geral, e chegar cada uma a seu tempo.

Não confiando a um só Espírito o zelo pela promulgação da doutrina, Deus desejou, ao invés disso, que o menor tanto quanto o maior entre os Espíritos, como entre os homens, levasse sua pedra ao edifício, para estabelecer entre eles um liame de solidariedade cooperativa que faltou a todas as doutrinas emanadas de uma fonte única.

Por outro lado, cada Espírito, assim como cada homem, possuindo apenas uma soma limitada de conhecimentos, individualmente estavam desabilitados a tratar *expresso* as inumeráveis questões das quais trata o Espiritismo; eis igualmente porque a doutrina, para cumprir os desígnios do Criador, não poderia ser obra nem de um só Espírito, nem de um só médium; ela devia surgir da coletividade dos trabalhos controlados uns pelos outros⁷.

55. — Um derradeiro caráter da revelação espírita, a qual ressalta das condições mesmas em que se produz, é que, apoiando-se em fatos, ela é e não pode ser senão essencialmente progressiva, como todas as ciências de observação. Por sua essência, ela firma aliança com a ciência que, sendo a exposição das leis da natureza em certa ordem de fenômenos, não pode ser contrária à vontade de Deus, autor dessas leis. As descobertas da ciência glorificam a Deus ao invés de diminuí-lo; elas destroem só o que os homens construíram sobre as ideias falsas que para si representaram de Deus.

O Espiritismo coloca tão somente, portanto, como princípio absoluto, o que está demonstrado com evidência ou o que ressalta logicamente da observação. Tratando de todos os ramos da economia social, aos quais presta o apoio de suas próprias descobertas, ele se assemelhará sempre a todas as doutrinas progressivas, de qualquer ordem que sejam, chegadas ao estado de *verdades práticas*, e desprendidas do domínio da utopia, sem o que se suicidaria; deixando de ser o que é, mentira à sua origem e ao seu alvo providencial. *O Espiritismo, avançando com o progresso, não será jamais ultrapassado,*

⁷ Ver em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, introdução, e na *Revista Espírita*, abril de 1864: *Autoridade da doutrina espírita; Controle universal do ensino dos Espíritos.*

*porque, se novas descobertas lhe demonstrarem que está equivocado quanto a um ponto, ele se modificará quanto a esse ponto; se uma nova verdade se revela, ele a aceita*⁸.

56 — Qual a utilidade da doutrina moral dos Espíritos, dado que é a mesma do Cristo? Precisa o homem de uma revelação e não pode encontrar em si mesmo tudo o de que necessita para se conduzir?

Sob o ponto de vista moral, Deus, sem dúvida, propiciou ao homem um guia em sua consciência, que lhe diz: “Não faça a outrem o que não gostaria que se faça a você.” A moral natural está com certeza inscrita no coração dos homens, mas todos conseguem lê-la? Nunca menosprezaram seus sábios preceitos? Que fizeram da moral do Cristo? Como a praticam os mesmos que a ensinam? Não se tornou letra morta, uma bela teoria, boa para os outros e não para si? Censura-se um pai por repetir dez vezes, cem vezes, as mesmas instruções a seus filhos, caso não as aproveitem? Por que Deus faria menos do que um pai de família? Por que não enviaria, de tempos em tempos, entre os homens, mensageiros especiais encarregados de chamá-los a seus deveres, de repô-los no bom caminho quando se afastam, de abrir os olhos da inteligência aos que os fecharam, como os homens mais adiantados enviam missionários às nações dos selvagens e dos bárbaros?

Os Espíritos não ensinam outra moral senão aquela do Cristo, pela razão de que não existe outra melhor. Então, qual a utilidade de seus ensinamentos, já que só repetem o que nós sabemos? A gente poderia dizer o mesmo da moral do Cristo, que foi ensinada quinhentos anos antes dele por Sócrates e Platão, e em termos mais ou menos idênticos; e de todos os moralistas, que repetem a mesma coisa com todos os tons e sob todas as formas. Muito bem! *Os Espíritos vêm mui simplesmente aumentar o número dos moralistas*, com a diferença de que, manifestando-se por toda parte, eles se fazem ouvir na cabana tão bem quanto no palácio, pelos ignorantes como pela gente instruída.

O que o ensino dos Espíritos acresce à moral do Cristo é o conhecimento dos princípios que unem mortos e vivos, que completam as noções vagas que ele havia propiciado da alma, de seu passado e de seu futuro, e que oferecem as próprias leis da natureza para a sanção da doutrina. Com a ajuda das novas luzes trazidas pelo Espiritismo e pelos Espíritos, o homem compreende a solidariedade que une todos os seres; a caridade e a fraternidade se transformam em uma necessidade social; a gente passa a fazer por convicção o que só fazia por dever, e faz melhor.

Quando os homens praticarem a moral do Cristo, somente aí poderão dizer que não precisam mais de moralistas encarnados ou desencarnados; mas então também Deus não lhes enviará mais.

57. — Uma das questões mais importantes dentre as que se colocaram no início deste capítulo é esta: Qual é a autoridade da revelação espírita, dado que emana de seres cujas luzes são limitadas e que não são infalíveis?

A objeção mereceria exame se a revelação se constituísse apenas do ensino dos Espíritos, se nós tivéssemos de recebê-la exclusivamente deles e de aceitá-la de olhos fechados; a objeção perde em importância a partir do momento em que o homem lhe sobrepõe o concurso de sua inteligência e de seu julgamento; quando os Espíritos se

⁸ Diante de declarações tão claras e tão categóricas, como as que estão contidas neste capítulo, caem todas as alegações de tendência ao absolutismo e à autocracia dos princípios, todas as falsas comparações que algumas pessoas desconfiadas ou mal informadas emprestam à doutrina. Estas declarações, aliás, não são novas; nós as vimos assaz frequentemente repetindo em nossos escritos para não deixar nenhuma dúvida a este respeito. Elas nos apontam, por outro lado, nosso verdadeiro papel, o único que ambicionamos: o de trabalhador.

limitam a colocá-lo na rota das deduções que ele pode extrair da observação dos fenômenos. Ora, as manifestações e suas inumeráveis variedades são fenômenos; o homem os estuda, procurando-lhes sua lei; ele é ajudado nesse trabalho pelos Espíritos de todas as ordens, que se constituem antes em *colaboradores* que em *reveladores*, no sentido usual da palavra; ele submete suas dizes ao controle da lógica e do bom senso; desta maneira, ele se favorece de certos conhecimentos especiais que eles devem à sua condição, sem abdicar o uso de sua própria razão.

Sendo os Espíritos não mais do que as almas dos homens, ao nos comunicarmos com eles, *nós não saímos da esfera da humanidade*, circunstância capital a considerar. Os homens de gênio que foram os luminares da humanidade procederam assim do mundo dos Espíritos, como nele reentraram ao deixarem a terra. Uma vez que os Espíritos conseguem comunicar-se com os homens, esses mesmos gênios conseguem propiciar-lhes instruções sob a forma espiritual, como o fizeram sob a forma corpórea; eles conseguem instruir-nos após sua morte, como o fizeram em sua vida; eles são invisíveis ao invés de visíveis: eis aqui toda a diferença. Sua experiência e seu saber não podem ser menores e, se sua palavra, como homens, possuía autoridade, ela não pode ter menos por se encontrarem no mundo dos Espíritos.

58. — Mas não são só os Espíritos superiores que se manifestam; são também os Espíritos de todas as ordens, e isso era preciso para nos iniciar no verdadeiro caráter do mundo espiritual, mostrando-o para nós sob todas as suas facetas; com isso, as relações entre o mundo visível e o mundo invisível são mais íntimas, a conexão é mais evidente; nós percebemos mais claramente, de onde viemos e para onde estamos indo; tal é o alvo essencial das comunicações. Todos os Espíritos, em qualquer grau a que tenham chegado, nos ensinam assim alguma coisa, mas, como são mais ou menos esclarecidos, cabe a nós discernir o que existe neles de bom ou de mau, e de tirar proveito do que seu ensino oferece; ora, todos, quaisquer que sejam, conseguem ensinar ou revelar coisas para nós que ignoramos, e que sem eles não saberíamos.

59. — Os grandes Espíritos encarnados são individualidades poderosas, sem controvérsia, mas sua ação é restrita e necessariamente lenta ao propagar-se. Que um só dentre eles, fosse mesmo Elias ou Moisés, Sócrates ou Platão, houvesse vindo nestes últimos tempos revelar aos homens a realidade do mundo espiritual, quem seria capaz de provar a verdade de suas assertivas, neste tempo de ceticismo? Não o teriam visto como um sonhador ou um utopista? Admitindo-se que estivesse com a verdade absoluta, séculos se escoariam antes que suas ideias fossem aceitas pelas massas. Deus, em sua sabedoria, não desejou que fosse assim; ele desejou que o ensino fosse oferecido pelos *Espíritos mesmos*, e não por encarnados, com o fito de convencer de sua existência, e para que se desse simultaneamente por todo o mundo, seja para propagá-lo mais rapidamente, seja para que encontrasse na coincidência do ensino uma prova da verdade, tendo cada qual assim os meios de se convencer por si mesmo.

60. — Os Espíritos não vêm para liberar o homem do trabalho, do estudo e das pesquisas; eles não lhe trazem nenhuma ciência já pronta; quanto ao que ele consegue achar por si mesmo, eles o deixam entregue às próprias forças; eis o que sabem perfeitamente hoje os espíritas. Desde há muito, a experiência vem demonstrando o erro da opinião que atribuía aos Espíritos todo o conhecimento e toda a sabedoria, e que era

suficiente manter conversação com o primeiro Espírito que aparecesse para conhecer todas as coisas. Provindo da humanidade, os Espíritos se constituem em uma de suas faces; como na terra, existem os que são superiores e os que são vulgares; muitos sabem ali, então, cientificamente e filosoficamente, menos do que certos homens; eles dizem o que sabem, nem mais nem menos; como entre os homens, os mais adiantados nos podem informar a respeito de mais coisas, nos propiciar conselhos mais prudentes do que os atrasados. *Quem solicitar conselhos aos Espíritos não vai absolutamente endereçar-se a potestades sobrenaturais mas a seus semelhantes, aos mesmos a quem se endereçariam quando vivos: a seus parentes, a seus amigos ou a indivíduos mais esclarecidos que a gente.* Eis aí do que é importante persuadir-se e é o que ignoram os que, não tendo estudado o Espiritismo, formam para si uma ideia completamente falsa a respeito da natureza do mundo dos Espíritos e das relações de além-túmulo.

61. — Qual é então a utilidade dessas manifestações ou, se preferirem, dessa revelação, se os Espíritos não sabem mais que nós ou se não nos dizem tudo o que sabem?

Primeiro, como já dissemos, eles se abstêm de nos proporcionar o que podemos adquirir pelo trabalho; em segundo lugar, existem coisas que eles não têm permissão para revelar, porque o nosso grau de adiantamento não comporta. Pondo isso de lado, as condições de sua nova existência aumentam o círculo de suas percepções; eles percebem o que não percebiam na terra; desprendidos dos entraves da matéria, livres das atenções da vida corpórea, julgam as coisas de um ponto de vista elevado; e, por isso mesmo, mais sensatamente; a sua perspicácia abarca um horizonte mais vasto; eles compreendem seus erros, retificam suas ideias e se desembaraçam dos prejulgamentos humanos.

Eis em que consiste a superioridade dos Espíritos sobre a humanidade corpórea e em que seus conselhos podem ser, com relação a seu grau de adiantamento, mais prudentes e mais desinteressados que os dos encarnados. O meio em que se encontram lhes permite, além do mais, iniciar-nos nas coisas da vida futura que nós ignoramos e que não podemos aprender nesta vida atual. Até hoje, o homem havia criado somente hipóteses sobre seu futuro; eis porque suas crenças sobre esse ponto ficaram repartidas em sistemas tão numerosos e tão divergentes, desde o niilismo até às fantásticas concepções do inferno e do paraíso. Hoje, são as testemunhas oculares, os atores mesmos da vida de além-túmulo que vêm dizer-nos o que ali existe, *o que só eles poderiam fazê-lo.* Essas manifestações serviram assim para nos fazer conhecer o mundo invisível que nos cerca e de que não desconfiávamos; e esse conhecimento seria sozinho de uma importância capital, supondo-se que os Espíritos não fossem capazes de nos ensinar mais nada.

Se formos a um país novo para nós, será que rejeitaremos as informações de um humilde camponês que encontrarmos? Nós nos recusaremos a interrogá-lo sobre o estado da estrada, por se tratar de um simples camponês? Não esperamos certamente dele esclarecimentos de mui alta importância, mas, tal como ele é em sua esfera, poderá, sobre certos pontos, informar melhor que um sábio que não conheça o país. Nós deduziremos de suas indicações conseqüências que ele mesmo não conseguiria fazê-lo, mas não terá sido um instrumento menos útil para as nossas observações, se apenas houver servido para nos fazer conhecer os costumes dos camponeses. É o que sucede nas relações com os Espíritos, pois até o menor deles pode servir para nos ensinar alguma coisa.

62. — Uma comparação vulgar fará ainda melhor compreender a situação.

Um navio carregado de emigrantes parte para um destino longínquo, levando homens de todas as condições, parentes e amigos dos que ficam. Corre o boato de que o navio foi a pique; nenhum vestígio ficou dele, nenhuma notícia chegou sobre sua sorte; pensa-se que todos os viajantes pareceram e o luto se instala em todas as famílias. Contudo, a tripulação toda, sem exceção um só homem, atracou a uma terra desconhecida, abundante e fértil, onde todos vivem felizes sob um céu clemente; isso, porém, a gente o ignora. Ora, eis que, um dia, outro navio atraca a essa terra; aí se encontram todos os naufragos sãos e salvos. A feliz notícia se espalha com a rapidez de um raio; cada um diz a si mesmo: “Nossos amigos não estão perdidos!”; e rendem graças a Deus. Eles não se conseguem ver, mas se correspondem; trocam testemunhos de afeições, e eis que a alegria sucede à tristeza.

Tal é a imagem da vida terrestre e da vida de além-túmulo, antes e depois da revelação moderna; esta última, semelhante ao segundo navio, nos traz a boa nova da sobrevivência daqueles que nos são caros, e a certeza de nos juntarmos a eles um dia; a dúvida sobre sua sorte e sobre a nossa não existe mais; o desânimo se extingue em face da esperança.

Mas outros resultados vêm fecundando essa revelação. Julgando Deus a humanidade madura para penetrar o mistério de seu destino e contemplar com sangue-frio as novidades sobrenaturais, permitiu que o véu que separava o mundo visível do mundo invisível fosse levantado. O fenômeno das manifestações nada tem de extra-humano; *é a humanidade espiritual que vem conversar com a humanidade corpórea e dizer-lhe:*

— Nós existimos, logo, o nada não existe; eis o que somos e eis o que vocês serão; o futuro existe para vocês como existe para nós. Vocês avançam nas trevas; nós viemos iluminar sua rota e lhes abrir o caminho; vocês iam ao acaso; nós lhes mostramos o alvo. A vida terrestre era tudo para vocês, porque não viam nada além; nós viemos dizer-lhes, descortinando a vida espiritual: a vida terrestre não é nada. Sua vista parava no túmulo; nós lhes descortinamos além um horizonte esplêndido. Vocês não sabiam por que sofrem na terra; agora, no sofrimento, vocês enxergam a justiça de Deus; o bem quedava aparentemente sem frutos para o futuro; terá ele daqui por diante um alvo e será uma necessidade; a fraternidade não passava de uma bela teoria; ela agora se assenta em uma lei da natureza. Sob o império da crença de que tudo termina com a vida, a imensidão fica vazia, o egoísmo reina soberano entre vocês, e sua palavra de ordem é: ‘Cada um por si’; com a certeza do futuro, os espaços infinitos se povoam até o infinito, o vácuo e a solidão não se encontram em lugar algum, a solidariedade une todos os seres, além e aquém do túmulo; é o reino da caridade com a divisa: ‘Cada um por todos e todos por um.’ Enfim, ao termo da vida vocês se davam um eterno adeus aos que lhes são caros; agora vocês lhes dizem: ‘Até logo.’

Tais são, resumidamente, os resultados da nova revelação; ela veio preencher o vácuo aberto pela incredulidade, reerguer os corações abatidos pela dúvida ou pela perspectiva do nada e propiciar a todas as coisas sua razão de ser. Tal resultado há de quedar sem importância porque os Espíritos não vêm resolver os problemas da ciência, propiciar conhecimentos aos ignorantes e aos preguiçosos os meios de enriquecer sem

dificuldade? Todavia, os frutos que o homem deve colher disso não valem somente para a vida futura; ele os usufruirá na terra pela transformação que as novas crenças devem necessariamente operar em seu caráter, seus gostos, suas tendências e, por conseguinte, nos hábitos e nas relações sociais. Pondo um fim ao reinado do egoísmo, do orgulho e da incredulidade, essas crenças preparam o reinado do bem, que é o reino de Deus anunciado *pelo Cristo*⁹.

⁹ O emprego do artigo diante da palavra *Cristo* (da palavra grega *Christós* — *Cristóo*.j —, unguído), utilizada em sentido absoluto, é mais correto, visto que essa palavra não é o nome do Messias de Nazaré, mas uma qualidade tomada substantivamente. Logo se dirá: Jesus era *Cristo*; ele era *o Cristo* anunciado; a morte *do Cristo* e não *de Cristo*, enquanto se diz: a morte de *Jesus* e não *do Jesus*. Em *Jesus Cristo* [*Jésus-Christ*, em francês], as duas palavras reunidas formam um só nome próprio. É pela mesma razão que se diz: *o Buda* Gautama adquiriu a dignidade de *Buda* por suas virtudes e sua austeridade; a vida *do Buda*, como se diz: o exército *do Faraó* e não *de Faraó*; Henrique IV era *rei*; o título de *rei*; a morte *do rei* e não *de rei*.

CAPÍTULO II

DEUS

Existência de Deus. — Da natureza divina. — A Providência. — A vista de Deus.

EXISTÊNCIA DE DEUS

1. — Sendo Deus a causa primeira de todas as coisas, o ponto de partida de tudo, o alicerce sobre o qual repousa o edifício da criação, é o ponto que convém examinar antes de tudo.

2. — Resulta de um princípio elementar que se julgue uma causa por seus efeitos, ainda mais quando não se vê a causa.

Se um passarinho, fendendo o ar, é atingido por uma bala mortal, julga-se que um hábil atirador o feriu, conquanto não se veja o atirador. Nem sempre, portanto, é preciso que se tenha visto uma coisa para saber que ela existe. Em tudo, observando-se os efeitos é que se chega ao conhecimento das causas.

3. — Um outro princípio do mesmo modo elementar, já passado à condição de axioma pelo poder da verdade, é que todo efeito inteligente tem que encerrar uma causa inteligente.

Se alguém perguntasse quem é o construtor de um engenhoso mecanismo, o que se pensaria daquele que respondesse que ele se fez todo por si? Quando se vê uma obra-prima artística ou industrial, diz-se que tem de ser o produto de um homem de gênio, porque uma alta inteligência teria de presidir sua concepção; julga-se, além disso, que um homem teve de produzi-la, porque se sabe que o objeto não sobrepairia a capacidade humana, mas não ocorrerá a ninguém a ideia de dizer que saiu do cérebro de um idiota ou de um ignorante, nem, ainda menos, que seja trabalho de um animal ou produto do acaso.

4. — Em toda parte se reconhece a presença do homem através de suas obras. A existência dos homens antediluvianos não se provaria somente por meio dos fósseis humanos, mas também, e com a mesma certeza, pela presença, nos sítios dessa época, de objetos trabalhados pela mão humana; um fragmento de vaso, uma pedra talhada, uma

arma, um tijolo é o bastante para atestar-lhe a presença. Pela rusticidade ou pela perfeição do trabalho se reconhecerá o grau de inteligência e adiantamento dos que o confeccionaram. Caso, ao encontrar-se em um país habitado exclusivamente por selvagens, descubra alguém uma estátua digna de Fídias, não hesitará em dizer que, sendo os selvagens incapazes de havê-la feito, tem de ser obra de uma inteligência superior à dos selvagens.

5. — Muito bem! Lançando o olhar em torno de si, nas obras da natureza, observando a providência, a sabedoria, a harmonia que presidem a todas, reconhece-se que não existe uma sequer que não ultrapasse a mais elevada competência da inteligência humana. Uma vez que o homem não é capaz de produzi-las, conclui-se que são o produto de uma inteligência superior à humana, a menos que se diga que existem efeitos sem causa.

6. — A isto, alguns opõem o raciocínio seguinte:

As obras ditas da natureza são o produto de forças naturais que agem mecanicamente, pela ação das leis de atração e de repulsão; as moléculas dos corpos inertes se agregam e se desagregam sob o império dessas leis. As plantas nascem, brotam, crescem e se multiplicam sempre do mesmo jeito, cada uma dentro de sua espécie, em virtude das mesmas leis; cada exemplar é semelhante àquele do qual saiu; o crescimento, a floração, a frutificação, a coloração ficam subordinados a causas materiais, tais como o calor, a eletricidade, a luz, a umidade etc. Sucede o mesmo com os animais. Os astros se formam por atração molecular e se movem perpetuamente em suas órbitas pelo efeito da gravitação. Tal regularidade mecânica na aplicação das forças naturais não denuncia de fato uma inteligência livre. O homem mexe seu braço quando deseja e como deseja, mas quem o mexesse, no mesmo sentido, desde o nascimento até a morte, seria um autômato; ora, as forças orgânicas da natureza são completamente automáticas.

Tudo isso é verdadeiro; mas tais forças não passam de efeitos que têm que encerrar uma causa, e ninguém pretende que elas constituam a Divindade. Elas são materiais e mecânicas; elas não são inteligentes por si mesmas: isso é também verdade; mas elas são postas em ação, distribuídas e adequadas às necessidades de cada coisa por uma inteligência que não é de fato a dos homens. A utilização adequada dessas forças é um efeito inteligente que denota uma causa inteligente. Um relógio de pêndulo se move com regularidade automática, e é essa regularidade que constitui seu mérito. A força que o faz agir é toda material e nada inteligente, mas o que seria esse relógio se uma inteligência não houvesse combinado, calculado, distribuído a aplicação dessa força para fazê-lo andar com precisão? Porque a inteligência não se encontra no mecanismo do relógio e porque não é sentida, seria racional concluir que não exista? Ela é conhecida através de seus efeitos.

A existência do relógio atesta a existência do relojoeiro; o engenho do mecanismo atesta a inteligência e o conhecimento do relojoeiro. Quando o relógio lhes fornece, no momento certo, a informação de que têm necessidade, terá vindo à ideia de alguém dizer: eis aí um relógio bem inteligente?

Sucede o mesmo com o mecanismo do universo; *Deus não se mostra, mas se certifica através de suas obras.*

7. — A existência de Deus é, portanto, uma realidade apreendida não somente por meio da revelação mas da evidência material dos fenômenos. Os povos selvagens não

receberam nenhuma revelação, entretanto, creem instintivamente na existência de um poder sobre-humano; eles percebem coisas que estão acima do poder humano, e concluem daí que elas provêm de um ser superior à humanidade. Não são eles mais lógicos do que os que pretendem que elas se criaram por si mesmas?

DA NATUREZA DIVINA

8. — Não é dado ao homem sondar a natureza íntima de Deus. *Para compreender a Deus, falta-nos ainda o sentido que só se adquire através da completa purificação do Espírito.* Mas, se o homem não consegue penetrar em sua essência, ao transformar a própria existência em premissas, consegue, através do raciocínio, alcançar o conhecimento dos atributos inerentes a Deus; pois, percebendo o que não pode ser sem deixar de ser Deus, o homem conclui o que Deus tem que ser.

Sem o conhecimento dos atributos de Deus, seria impossível compreender a obra da criação; é o ponto de partida de todas as crenças religiosas, e foi por falta de se vincular a esse conhecimento como o farol que deveria orientá-las, que a maioria das religiões errou em seus dogmas. As que não atribuíram a Deus onipotência, imaginaram numerosos deuses; as que não lhe atribuíram soberana bondade, criaram um deus ciumento, colérico, parcial e vingativo.

9. — *Deus é a suprema e soberana inteligência.* A inteligência do homem é limitada, uma vez que não pode nem fazer nem compreender tudo o que existe; a de Deus, abarcando o infinito, tem que ser infinita. Se a supuséssemos limitada em um ponto qualquer, poderíamos conceber um ser ainda mais inteligente, capaz de compreender e de fazer o que o outro não faria, e assim um após o outro até o infinito.

10. — *Deus é eterno,* quer dizer que ele não teve começo nem terá fim. Se ele houvesse tido um começo, é que teria saído do nada; ora, o nada não sendo coisa alguma, não pode coisa alguma produzir; ou então ele teria sido criado por um ser anterior, caso em que esse ser é que seria Deus. Se lhe supuséssemos um começo ou um fim, poderíamos assim conceber um ser existente antes dele ou devendo existir depois dele, e assim um após o outro até o infinito.

11. — *Deus é imutável.* Se fosse sujeito a mudanças, as leis que regem o universo não teriam nenhuma estabilidade.

12. — *Deus é imaterial,* quer dizer que sua natureza difere de tudo o que nós chamamos de matéria; caso contrário, ele não seria imutável, pois ficaria sujeito às transformações da matéria.

Deus não apresenta uma forma apreciável pelos nossos sentidos; se assim fosse, ele seria matéria. Nós dizemos: a mão de Deus, o olho de Deus, a boca de Deus, porque o homem, não conhecendo senão a si, se toma por termo de comparação de tudo o que não compreende. As imagens onde se representa Deus sob a figura de um velho de longas barbas, coberto com um manto, são ridículas; elas têm o inconveniente de rebaixar o Ser

Supremo às mesquinhas proporções da humanidade; daqui a lhe emprestar as paixões da humanidade e a fazer dele um Deus colérico e ciumento, medeia apenas um passo.

13. — *Deus é todo-poderoso.* Se ele não tivesse o supremo poder, poderíamos conceber um ser mais poderoso, e assim um após outro até que encontrássemos o ser que nenhum conseguiria ultrapassar em poder; este é quem seria Deus.

14. — *Deus é soberanamente justo e bom.* A sabedoria providencial das leis divinas se revela nas menores coisas como nas maiores, e essa sabedoria não permite duvidar nem de sua justiça nem de sua bondade.

O infinito de uma qualidade exclui a possibilidade da existência de uma qualidade contrária que a diminuiria ou a anularia. Um ser *infinitamente bom* não poderia ter a menor parcela de maldade, nem o ser *infinitamente mau* ter a menor parcela de bondade; igualmente, um objeto não poderia ser de um negro absoluto com a mais sutil nuance de branco, nem de um branco absoluto com o menor resquício de negro.

Deus não poderia assim ser, a uma só vez, bom e mau, pois, não possuindo nem uma nem outra dessas qualidades no grau supremo, ele não seria Deus; todas as coisas seriam submetidas ao capricho, e não haveria estabilidade para nada. Ele só poderia então ou ser infinitamente bom ou ser infinitamente mau; ora, como suas obras testemunham sua sabedoria, sua bondade e sua solicitude, é forçoso concluir que, não tendo como ser de uma só vez bom e mau sem abdicar de ser Deus, ele tem que ser infinitamente bom.

A soberana bondade implica na soberana justiça; pois, caso agisse injustamente ou com parcialidade, em *uma só circunstância*, ou em relação a *uma só de suas criaturas*, ele não seria soberanamente justo e, por conseguinte, não seria soberanamente bom.

15. — *Deus é infinitamente perfeito.* É impossível conceber Deus sem o infinito das perfeições, sem o que não seria Deus, pois poderíamos sempre conceber um ser com o atributo que lhe faltasse. Para que nenhum ser possa ultrapassá-lo, é preciso que ele seja infinito em tudo.

Sendo os atributos de Deus infinitos, não são suscetíveis nem de aumento, nem de diminuição; sem isso, não seriam infinitos e Deus não seria perfeito. Se lhe retirássemos a menor parcela de um só de seus atributos, não teríamos mais Deus, uma vez que deveria existir um ser mais perfeito.

16. — *Deus é único.* A unidade de Deus é a consequência do infinito absoluto das perfeições. Um outro Deus só conseguiria existir com a condição de ser igualmente infinito em todas as coisas; pois, se houvesse entre eles a mais ligeira diferença, um seria inferior ao outro, subordinado ao seu poder, e não seria Deus. Se houvesse entre eles igualdade absoluta, haveria por toda a eternidade um mesmo pensamento, uma mesma vontade, um mesmo poder; assim confundidos em sua identidade, seriam na realidade um só Deus. Se tivesse cada qual atribuições especiais, um faria o que o outro não faria, e então não se estabeleceria entre eles igualdade perfeita, já que nem um nem outro possuiria soberana autoridade.

17. — Foi a ignorância do princípio do infinito das perfeições de Deus que engendrou o politeísmo, culto de todos os povos primitivos; eles atribuíram divindade a todo poder que lhes pareceu acima da humanidade; mais tarde, a razão os induziu a confundir os diversos poderes em um só. Depois, à medida que os homens foram

compreendendo a essência dos atributos divinos, foram retirando de seus símbolos as crenças que lhes serviam de negação.

18. — Em suma, Deus tão só pode ser Deus com a condição de não ser ultrapassado em nada por um outro ser; pois o ser que o ultrapassasse, seja no que for, em um só fio de cabelo, seria o verdadeiro Deus; para isso, precisa que ele seja infinito em todas as coisas.

É assim que, estando a existência de Deus constatada através de suas obras, se chega, por simples dedução lógica, a determinar os atributos que o caracterizam.

19. — Deus é, portanto, *a suprema e soberana inteligência; é único, eterno, imutável, imaterial, todo-poderoso, soberanamente justo e bom, infinito em todas as suas perfeições*, e não pode ser outra coisa.

Tal é o alicerce sobre que repousa o edifício universal; é o farol cujos raios se estendem sobre o universo inteiro; e é isto somente que pode guiar o homem na busca da verdade; ao segui-lo, ele não se perderá jamais; e, se está tão amiúde extraviado, é por falta de haver trilhado a rota que lhe estava sendo indicada.

Tal é, também, o critério *infalível* de todas as doutrinas filosóficas e religiosas; o homem possui para julgá-las u'a medida rigorosamente exata nos atributos de Deus, e pode asseverar com certeza que toda teoria, todo princípio, todo dogma, toda crença, toda prática que estivessem em contradição com um só de seus atributos, que tendessem não somente a anulá-los mas simplesmente a enfraquecê-los, não deve estar com a verdade.

Em filosofia, em psicologia, em moral, em religião, apenas existe de verdadeiro o que não se aparte uma vírgula das qualidades essenciais da Divindade. Religião perfeita seria aquela em que *nenhum artigo de fé* se opusesse a essas qualidades, e cujos dogmas conseguissem todos resistir à provação desse controle, sem sofrer nenhum dano.

A PROVIDÊNCIA

20. — A providência é a solicitude de Deus para com suas criaturas. Deus está em toda parte, ele vê tudo, ele preside a tudo, mesmo as menores coisas; é nisso que consiste a ação providencial.

“Como Deus, tão grande, tão poderoso, tão superior a tudo, consegue imiscuir-se em detalhes ínfimos, preocupar-se com os mínimos atos e os mínimos pensamentos de cada indivíduo?” Tal é a questão a que se obriga o incrédulo, donde conclui que: “Admitindo-se a existência de Deus, sua ação apenas pode estender-se sobre as leis gerais do universo; que o universo funciona por toda a eternidade em virtude das leis às quais cada criatura se submete em sua esfera de atividade, sem que se precise do concurso incessante da Providência.”

21. — Em seu estado atual de inferioridade, os homens só conseguem com muita dificuldade compreender que Deus seja infinito, porque são eles mesmos restritos e limitados; eis porque eles o configuram para si restrito e limitado como eles; representam-no como um ser circunscrito, e formam dele uma imagem à sua imagem. Nossos quadros que o pintam sob traços humanos contribuem bastante para conservar esse erro no

espírito das massas, que adoram nele mais a forma que a ideia. Para um grande número de pessoas, ele é um soberano poderoso, em um *trono* inacessível, perdido na imensidade dos céus, e, porque suas faculdades e suas percepções são restritas, não compreendem que Deus deva e se digne intervir diretamente nas pequenas coisas.

22. — Na impossibilidade que está o homem de compreender a essência mesma da Divindade, ele não é capaz de fazer dela senão uma ideia aproximativa, com a ajuda de comparações necessariamente muito imperfeitas mas que podem pelo menos mostrar-lhe a possibilidade do que, à primeira vista, lhe parece impossível.

Suponhamos um fluido assaz sutil para penetrar todos os corpos; esse fluido, sendo ininteligente, age mecanicamente através somente das forças materiais; mas, se supusermos o fluido dotado de inteligência, de faculdades perceptivas e sensitivas, ele agirá não mais cegamente mas com discernimento, com vontade e liberdade; ele perceberá, ele entenderá e sentirá.

23. — As propriedades do fluido perispiritual podem oferecer-nos uma ideia disso. Ele não é inteligente por si mesmo, dado que é matéria, mas é o veículo do pensamento, das sensações e das percepções do Espírito.

O fluido perispiritual, não é o pensamento do Espírito mas o agente e o intermediário desse pensamento; como é ele que o transmite, dele está de certo modo *impregnado*, e, na impossibilidade em que estamos de isolá-lo, o pensamento parece formar um todo com o fluido, como o som parece formar um todo com o ar, de sorte que nós podemos, por assim dizer, materializá-lo. Do mesmo modo que dizemos que o ar se torna sonoro, nós poderíamos, trocando o efeito pela causa, dizer que o fluido se torna inteligente.

24. — Que suceda ou não assim com o pensamento de Deus, quer dizer, que ele aja diretamente ou por intermédio de um fluido, para facilidade de nossa compreensão, vamos representá-lo sob a forma concreta de um fluido inteligente a preencher o universo infinito, penetrando todos os setores da criação: *a natureza inteira está mergulhada no fluido divino*; ora, em virtude do princípio de que as partes de um todo são de mesma natureza e apresentam as mesmas propriedades que o todo, cada átomo desse fluido, se podemos chamá-lo assim, possuindo o pensamento, quer dizer, os atributos essenciais da Divindade, estando esse fluido por toda a parte, tudo fica submetido à sua ação inteligente, à sua providência, à sua solicitude; nenhum ser, por menor que o suponhamos, existe, sem que esteja de algum modo saturado desse fluido. Nós estamos assim constantemente na presença da Divindade; nenhuma só de nossas ações conseguimos subtrair ao seu olhar; o nosso pensamento está em contato incessante com seu pensamento, e é com razão que se diz que Deus lê nos mais profundos refolhos de nosso coração. *Estamos nele, como ele está em nós*, conforme a expressão do Cristo.

Para estender sua solicitude a todas as suas criaturas, Deus não precisa, pois, mergulhar sua vista do alto da imensidade; nossas preces, para serem ouvidas por ele, não precisam vencer o espaço nem ser ditas com voz ressoante, pois estando o tempo todo ao nosso lado, nossos pensamentos se repercutem nele. Nossos pensamentos são como os sons de um sino, que fazem vibrar todas as moléculas do ar ambiente.

25. — Longe de nós o pensamento de materializar a Divindade; a imagem de um fluido inteligente universal é evidentemente só uma comparação, mais adequada para

fornecer uma ideia mais justa de Deus que os quadros que o representam sob uma figura humana; ela tem o objetivo de fazer compreender a possibilidade de Deus estar por toda parte e de se ocupar de tudo.

26. — Nós temos o tempo todo sob os olhos um exemplo que nos deve dar uma ideia da maneira pela qual a ação de Deus consegue exercer-se nas partes mais íntimas de todos os seres, e, por conseguinte, como as impressões mais sutis de nossa alma chegam até ele. Ele foi extraído de uma instrução fornecida por um Espírito a respeito.

27. — “O homem é um pequeno mundo cujo dirigente é o Espírito e cujo elemento dirigido é o corpo. Nesse universo, o corpo representará uma criação cujo Espírito seria Deus. (Compreendamos que apenas se pode ver aqui uma questão de analogia e não de identidade.) Os membros desse corpo, os diferentes órgãos que o compõem, seus músculos, seus nervos, suas articulações, são outro tanto de individualidades materiais, se podemos dizer assim, localizadas em um lugar especial do corpo; se bem que o número de suas partes constituintes, tão variadas e tão diferentes quanto à natureza, seja considerável, ninguém põe em dúvida, no entanto, que não se possam produzir movimentos e que não possa acontecer uma impressão qualquer, em um lugar particular, sem que o Espírito tenha consciência disso. Existem sensações diversas em muitas regiões simultaneamente? O Espírito as sente todas, as distingue, as analisa, assinala a cada uma sua causa e seu ponto de aplicação, por intermédio do fluido perispiritual.

“Um fenômeno análogo sucede entre a criação e Deus. Deus está por toda parte na natureza, como o Espírito está por toda parte no corpo; todos os elementos da criação estão em relação constante com ele, como todas as células do corpo humano estão em contato imediato com o ser espiritual; logo, não há de fato razão para que fenômenos de mesma ordem não se produzam do mesmo jeito, num e noutro caso.

“Um membro se agita: o Espírito o sente; uma criatura pensa: Deus o sabe. Todos os membros estão em movimento, os diferentes órgãos são postos em vibração: o Espírito sente cada manifestação, as distingue e as localiza. As diferentes criações, as diferentes criaturas se agitam, pensam, agem diversificadamente, e Deus sabe tudo o que se passa, assinalando para cada um o que lhe é particular.

“Podemos deduzir daí igualmente a solidariedade da matéria com a inteligência, a solidariedade de todos os seres de um mundo entre si, a de todos os mundos, e finalmente a das criações com o Criador.” (Quinemant, *Sociedade de Paris*, 1867.)

28. — Nós compreendemos o efeito, e isso já é muito; do efeito nós remontamos à causa, e nós julgamos de sua grandeza pela grandeza do efeito; mas sua essência íntima nos escapa, como a essência da causa de uma imensa quantidade de fenômenos. Nós conhecemos os efeitos da eletricidade, do calor, da luz, da gravidade; nós os calculamos, não obstante, ignoramos a natureza íntima do princípio que os produziu. É então mais racional negar o princípio divino porque nós não o compreendemos?

29. — Nada impede que se admita, para o princípio de soberana inteligência, um centro de ação, um foco principal irradiando sem cessar, inundando o universo com seus eflúvios, do mesmo modo que o Sol com sua luz. Mas onde está esse foco? É o que ninguém pode dizer. É provável que não esteja fixo em um ponto determinado como também não está sua ação, e que percorra sem parar as regiões do espaço sem fronteiras. Se simples Espíritos apresentam o dom de ubiquidade, essa faculdade, em Deus, tem que

ser sem limites. Preenchendo Deus o universo, deveríamos ainda admitir, a título de hipótese, que aquele foco não precisa deslocar-se, e que se forma em todos os pontos onde a soberana vontade julgue conveniente produzir-se, donde poderíamos dizer que ele está em toda parte e em nenhuma parte.

30. — Diante desses problemas insondáveis, nossa razão tem que se humilhar. Deus existe; nós não poderíamos duvidar disso; ele é infinitamente justo e bom: essa é sua essência; sua solicitude se estende a tudo: nós o compreendemos; ele tão somente pode, portanto, querer nosso bem, por isso nós temos que ter confiança nele: eis aí o essencial; para as outras coisas, vamos procurar ser dignos de compreendê-lo.

A VISTA DE DEUS

31. — Dado que Deus está por toda parte, por que não o vemos? Vamos vê-lo ao deixarmos a terra? Tais são as perguntas que nos propomos diariamente.

A primeira é fácil de resolver; nossos órgãos materiais têm percepções limitadas que os tornam inadequados à vista de certas coisas, mesmo materiais. É assim que certos fluidos escapam totalmente a nossa vista e a nossos instrumentos de análise, contudo, não duvidamos de sua existência. Vemos os efeitos da peste e não vemos o fluido que a transporta; vemos os corpos mover-se sob a influência da força da gravidade, e não vemos tal força.

32. — As coisas de essência espiritual não podem ser percebidas por órgãos materiais; é pela vista espiritual que nós podemos ver os Espíritos e as coisas do mundo imaterial; só nossa alma consegue assim obter a percepção de Deus. Ela o vê imediatamente após a morte? É o que apenas as comunicações de além-túmulo conseguem ensinar-nos. Através delas, nós sabemos que a vista de Deus é o privilégio das almas mais purificadas, e que, por isso bem, poucos possuem, ao deixarem seu invólucro terrestre, o grau de desmaterialização necessário. Uma comparação vulgar fará facilmente compreender essa realidade.

33. — Quem se encontra no fundo de um vale, mergulhado em uma bruma espessa, não vê o Sol; no entanto, através da luz difusa sente a presença do Sol. Caso suba a montanha, à medida que vai elevando-se, o nevoeiro vai clareando, a luz vai tornando-se mais e mais viva, mas ele não vê ainda o Sol. Somente após ficar acima da camada brumosa é que, encontrando-se em um ar perfeitamente puro, ele o vê em todo o seu esplendor.

Assim sucede com a alma. O invólucro perispiritual, se bem que invisível e impalpável para nós, é para ela uma verdadeira matéria, muito grosseira ainda para certas percepções. Esse invólucro se espiritualiza à proporção que a alma se eleva em moralidade. As imperfeições da alma são como camadas brumosas que obscurecem sua vista; cada imperfeição de que ela se liberta é uma nódoa a menos, mas só após estar completamente purificada é que vai desfrutar a plenitude de suas faculdades.

34. — Sendo Deus a essência divina por excelência, tão só pode ser percebido em todo o seu esplendor por Espíritos no derradeiro grau de desmaterialização. Se os Espíritos

imperfeitos não o veem, não é porque dele estejam mais longe que os outros; como eles, como todos os seres da natureza, eles estão imersos no fluido divino, como nós o estamos na luz; tão somente suas imperfeições são névoas que o furtam à sua vista; quando o nevoeiro estiver dissipado, eles o verão resplender; para isso não precisarão nem de subir, nem de ir procurá-lo nas profundezas do infinito; estando a vista espiritual desembaraçada das manchas morais que a obscureciam, eles o verão em qualquer lugar em que se encontrem, mesmo na terra, pois ele está em toda parte.

35. — O Espírito só se purifica com o tempo, e as várias encarnações são os alambiques em cujo fundo ele vai deixando, em cada uma, algumas impurezas. Abandonando seu invólucro corpóreo, ele não se despoja instantaneamente de suas imperfeições; eis porque, após a morte, os Espíritos não veem a Deus mais do que quando vivos; mas, à proporção que se vão purificando, dele têm uma intuição mais distinta; se não o veem, eles o compreendem melhor: a luz é menos difusa. Então, quando os Espíritos dizem que Deus os proíbe de responder a tal questão, não é Deus que lhes aparece ou lhes endereça a palavra para prescrever-lhes ou interditar-lhes tal ou qual coisa; não; mas eles o sentem, recebem os eflúvios de seu pensamento, como nos sucede em relação aos Espíritos que nos envolvem em seu fluido, conquanto não os vejamos.

36. — Nenhum homem consegue assim ver Deus com os olhos da carne. Caso esse favor se concedesse a alguns, isso só sucederia em estado de êxtase, quando a alma está tão livre dos laços da matéria que isso se torna possível durante a encarnação. Um tal privilégio seria, aliás, somente para almas eleitas encarnadas em missão e não para *expição*. Mas, como os Espíritos de ordem mais elevada resplendem em um fulgor ofuscante, pode acontecer que Espíritos menos elevados, encarnados ou desencarnados, atingidos pelo esplendor que os envolve, tenham julgado ver Deus, ele mesmo. É como se vê às vezes um ministro ser confundido com seu soberano.

37. — Sob qual aparência Deus se apresenta aos que se tornaram dignos desse favor? É sob uma forma qualquer? Sob uma figura humana ou como um foco resplendente de luz? Sucede que a linguagem humana é impotente para descrevê-lo, porque não existe para nós nenhum ponto de comparação que possa oferecer uma ideia dele; somos como cegos a quem se procurasse em vão fazer compreender o clarão do sol. Nosso vocabulário está limitado às nossas necessidades e ao círculo de nossas ideias; o dos selvagens não alcançaria pintar as maravilhas da civilização; o dos povos mais civilizados é paupérrimo para descrever os esplendores dos céus, nossa inteligência, limitadíssima para compreendê-los e nossa vista, fragílima, ficaria ofuscada.

CAPÍTULO III

O BEM E O MAL

Origem do bem e do mal. — O instinto e a inteligência. — Destruição dos seres vivos uns pelos outros.

ORIGEM DO BEM E DO MAL

1. — Sendo Deus o princípio de todas as coisas e sendo tal princípio todo sabedoria, todo bondade, todo justiça, tudo o que procede dele tem que fazer parte de seus atributos, pois o que é infinitamente sábio, justo e bom não pode produzir nada desarrazoado, mau e injusto. O mal que nós observamos não deve, portanto, ter sua origem nele.

2. — Se o mal fosse uma das atribuições de um ser especial denominado Arimã ou Satã, de duas, uma: ou esse ser seria igual a Deus e, por conseguinte, tão poderoso quanto ele e por toda a eternidade como ele, ou lhe seria inferior.

No primeiro caso, existiriam duas potências rivais, lutando sem cessar, cada uma procurando desfazer o que faz a outra, contrariando-se mutuamente. Esta hipótese é inconciliável com a unidade de objetivo que se revela na disposição do universo.

No segundo caso, sendo esse ser inferior a Deus, lhe seria subordinado; não podendo ter existido, como ele, por toda a eternidade, sem ser igual a ele, teria tido um começo; se foi criado, só pode ter sido por Deus; Deus teria assim criado o Espírito do mal, o que seria a negação da infinita bondade. (Ver *O Céu e o Inferno Segundo o Espiritismo*, cap. IX: *Os demônios*.)

3. — Entretanto, o mal existe e tem uma causa.

Os males de todos os tipos, físicos ou morais, que afligem a humanidade apresentam duas categorias que é importante distinguir: são os males que o homem consegue evitar e os que são independentes de sua vontade. Entre estes últimos, é preciso dispor os flagelos naturais.

O homem, cujas faculdades são limitadas, não pode penetrar nem abarcar o conjunto dos objetivos do Criador; ele julga as coisas do ponto de vista de sua personalidade, dos interesses artificiais e da convenção que criou para si mesmo e que não estão de fato na ordem da natureza; eis porque ele acha muitas vezes mau e injusto o que

acharia justo e admirável se lhe percebesse a causa, o alvo e o resultado definitivo. Procurando a razão de ser e a utilidade de cada coisa, ele reconhecerá que tudo traz o selo da sabedoria infinita e se inclinará perante essa sabedoria, até mesmo quanto às coisas que não houver compreendido.

4. — O homem recebeu em partilha uma inteligência com a ajuda da qual ele consegue afastar ou, pelo menos, atenuar significativamente os efeitos de todos os flagelos naturais; quanto mais adquire conhecimento e avança em civilização, menos esses flagelos são desastrosos; com uma organização social sensatamente previdente, conseguirá mesmo neutralizar suas consequências, caso não puderem ser evitadas inteiramente. Assim, para esses mesmos flagelos que têm sua utilidade para o equilíbrio da natureza e para o futuro, mas que prejudicam no presente, Deus outorgou ao homem, através das faculdades com que lhe dotou o Espírito, os meios de paralisar os efeitos deles.

É assim que ele saneia as regiões insalubres, que neutraliza os miasmas pestíferos, que fertiliza as terras incultas e se instrui para preservá-las das inundações; que constrói para si habitações mais saudáveis, mais sólidas para resistir aos ventos tão necessários para a purificação da atmosfera, que se coloca ao abrigo das intempéries; é assim que, finalmente, pouco a pouco, a necessidade o tem feito criar as ciências, com a ajuda das quais ele vai melhorando as condições de habitabilidade do globo e vai aumentando o acervo de seu bem-estar.

5. — Devendo o homem progredir, os males aos quais se expõe são um estimulante para o exercício de sua inteligência, de todas as suas faculdades físicas e morais, ao incitá-lo à pesquisa dos meios de escapar deles. Se não tivesse nada a temer, nenhuma necessidade o instigaria à pesquisa dos ambientes; seu espírito se entorpeceria na inatividade; não inventaria nada nem descobriria nada. *A dor é o aguilhão que empurra o homem para a frente na estrada do progresso.*

6. — Mas os males mais numerosos são os que o homem cria para si através de seus próprios vícios, os que provêm de seu orgulho, de seu egoísmo, de sua ambição, de sua cupidez, de seus excessos em todas as coisas; aqui se encontra a causa das guerras e das calamidades que elas provocam, das dissensões, das injustiças, da opressão do fraco pelo forte, enfim, da maioria das moléstias.

Deus estabeleceu leis plenas de sabedoria que têm por alvo o bem; o homem encontra em si mesmo, tudo o de que precisa para segui-las; sua rota está traçada por sua consciência; a lei divina está gravada em seu coração; e, além do mais, Deus as lembra a ele muitas vezes por meio de seus messias e profetas, por meio de todos os Espíritos encarnados que receberam a missão de esclarecê-lo, de moralizá-lo, de melhorá-lo, e, nestes últimos tempos, por meio de imensa quantidade de Espíritos desencarnados que se manifestam em todas as partes. *Se o homem se ajustasse rigorosamente às leis divinas, não é de duvidar que ele evitaria os males mais acerbos e que viveria feliz na terra. Se ele não o faz, é em virtude de seu livre-arbítrio, e sofre as consequências disso. (O Evangelho Segundo o Espiritismo, cap. v, a partir do n.º 4.)*

7. — Mas Deus, pleno de bondade, colocou o remédio ao lado do mal, quer dizer, do mal mesmo ele faz surgir o bem. Chega um momento em que o excesso do mal moral se torna intolerável e faz com que o homem experimente a necessidade de mudar de rota; instruído pela experiência, ele é incitado a procurar um remédio no bem, sempre por um

efeito de seu livre-arbítrio; quando entra em uma rota melhor, isso sucede em razão de sua vontade e porque reconheceu os inconvenientes da outra rota. A necessidade o obriga a melhorar moralmente em vista de ser mais feliz, como essa mesma necessidade o vem obrigando a melhorar as condições materiais de sua existência (n.º 5).

8. — *Pode-se dizer que o mal está na ausência do bem, como o frio está na ausência do calor. O mal não é um atributo distinto, do mesmo modo que o frio não é um fluido especial; um é a negação do outro.* Onde o bem não existe, existe forçosamente o mal; não praticar o mal é já o começo do bem. *Deus deseja apenas o bem; do homem somente vem o mal. Se houvesse na criação um ser predisposto ao mal, ninguém poderia evitá-lo; mas, possuindo o homem a causa do mal em SI MESMO, e possuindo ao mesmo tempo seu livre-arbítrio e para guiá-lo as leis divinas, ele o evitará quando quiser.*

Tomemos um fato vulgar para comparação. Um proprietário sabe que no limite de seu campo existe um lugar perigoso, onde poderia perecer ou ferir-se quem por ali se aventurasse. O que faz ele para prevenir os acidentes? Coloca perto do local um aviso com a proibição de ir mais longe, por causa do perigo. Eis aí a lei; ela é sensata e previdente. Se, apesar disso, um imprudente não o leva em conta e vai além e se lhe sucede uma desgraça, a quem pode responsabilizar senão a si mesmo?

Assim sucede com todo o mal; o homem o evitaria, se observasse as leis divinas. Deus, por exemplo, colocou um limite à satisfação das necessidades; o homem é advertido pela saciedade; se ultrapassa esse limite, ele o faz voluntariamente. As moléstias, as enfermidades, a morte, que lhe podem ser resultantes, são devidas à imprevidência dele e não de Deus.

9. — Sendo o mal o resultado das imperfeições do homem e sendo o homem criado por Deus, alguém dirá que, se Deus não criou o mal, pelo menos criou a causa do mal; se tivesse criado o homem perfeito, o mal não existiria.

Se o homem tivesse sido criado perfeito, seria conduzido fatalmente ao bem: ora, em virtude de seu livre-arbítrio, ele não é conduzido fatalmente nem ao bem nem ao mal. Deus desejou que se submetesse à lei do progresso, e que, esse progresso fosse o fruto de seu próprio trabalho para que detivesse o mérito de progredir, do mesmo jeito que assume a responsabilidade do mal praticado por vontade sua. A questão é saber qual é, no homem, a origem da propensão para o mal¹⁰.

10. — Caso se estudem todas as paixões e mesmo todos os vícios, vê-se que têm seu princípio no instinto de conservação. Este instinto se encontra com toda a sua força nos animais e nos seres primitivos que mais se aproximam da animalidade; ali ele domina sozinho, porque, neles, não existe ainda para contrapeso o senso moral; o ser não nasceu ainda para a vida intelectual. O instinto se enfraquece, ao contrário, à proporção que a inteligência vai desenvolvendo-se, porque esta domina a matéria.

O destino do Espírito é a vida espiritual; mas, nas primeiras fases da sua existência corpórea, só existem necessidades materiais a satisfazer, e para esse objetivo o exercício das paixões é uma necessidade para a conservação da espécie e dos indivíduos,

¹⁰ O erro consiste em pretender que a alma tenha saído perfeita das mãos do Criador, enquanto este, ao contrário, desejou que a perfeição fosse o resultado da purificação gradual do Espírito e sua obra particular. Deus desejou que a alma, em virtude do seu livre-arbítrio, alcançasse optar entre o bem o mal e que chegasse a seus objetivos finais através de uma vida militante, por resistir ao mal. Se tivesse feito a alma perfeita como ele, a qual, ao sair de suas mãos, houvesse associado à sua beatitude eternal, ele a teria feito não à sua imagem mas semelhante a si mesmo. (Bonnamy, juiz de instrução: *A Razão do Espiritismo*, cap. VI.)

materialmente falando. Mas, saído desse período, existem outras necessidades, necessidades, primeiro, semimorais e semimateriais, e depois, exclusivamente morais. É então que o Espírito domina a matéria; se lhe sacode o jugo, avança na rota providencial e se aproxima da sua destinação última. Se, ao contrário, se deixa dominar por ela, ele se demora assemelhando-se ao bruto. Nessa situação, *o que era outrora um bem, porque era uma necessidade de sua natureza, torna-se um mal, não somente porque não é mais uma necessidade mas porque isso se torna nocivo à espiritualização do ser*. Dá-se o mesmo com uma qualidade na criança que se torna um defeito no adulto. Logo, o mal é relativo e a responsabilidade é proporcional ao grau de adiantamento.

Todas as paixões têm então sua utilidade providencial; sem isso, Deus teria feito alguma coisa inútil e nociva. É o abuso que constitui o mal, e o homem abusa em virtude de seu livre-arbítrio. Mais tarde, esclarecido por seu próprio interesse, ele escolhe livremente entre o bem o mal.

O INSTINTO E A INTELIGÊNCIA

11. — Que diferença existe entre o instinto e a inteligência? Onde termina um e onde começa a outra? O instinto é uma inteligência rudimentar ou é uma faculdade distinta, um atributo exclusivo da matéria?

O instinto é a força oculta que induz os seres orgânicos a atos espontâneos e involuntários, em vista de sua conservação. No atos instintivos, não existe nem reflexão nem combinação nem premeditação. É assim que a planta busca o ar, se volta para a luz, dirige suas raízes na direção da água e da terra nutritiva; que a flor se abre e se fecha alternativamente segundo a necessidade; que as plantas trepadeiras se enrolam em torno do seu apoio ou se engancham com suas gavinhas. É pelo instinto que os animais são advertidos do que lhes é útil ou nocivo; que se dirigem, segundo as estações, para os climas propícios; que constroem, sem lições prévias, com maior ou menor arte, segundo as espécies, leitos macios e abrigos para a sua prole, artefatos para prender em armadilha, a presa da qual se alimentam; que manejam, com destreza, armas ofensivas e defensivas de que estão providos; que os sexos se aproximam; que a mãe choca seus filhotes e que estes procuram o seio da mãe. Entre os homens, o instinto domina exclusivamente no começo da vida; é por instinto que a criança faz os seus primeiros movimentos, que suga seu alimento, que grita para exprimir suas necessidades, que imita o som da voz, que tenta falar e andar. No adulto mesmo, certos atos são instintivos: tais são os movimentos espontâneos para evitar um risco, para escapar de um perigo, para manter o equilíbrio; tais são ainda o piscar das pálpebras para regular o brilho da luz, a abertura maquinal da boca para respirar etc.

12. — *A inteligência se revela por atos voluntários, refletidos, premeditados, combinados, segundo a oportunidade das circunstâncias*. É incontestavelmente um atributo exclusivo da alma.

Todo ato maquinal é instintivo; o que denota a reflexão, a combinação, uma deliberação, é inteligente; um é livre, o outro não é.

O instinto é um guia seguro, que não se engana jamais; a inteligência, só pelo fato de ser livre, está às vezes sujeita a errar.

Se o ato instintivo não tem o caráter do ato inteligente, ele revela, não obstante, *uma causa inteligente* essencialmente providente. Caso se admita que o instinto tem sua origem na matéria, é preciso admitir que a matéria é inteligente, com certeza ainda mais inteligente e providente que a alma, dado que o instinto não se engana, enquanto a inteligência se engana.

Caso se considere o instinto como uma inteligência rudimentar, como se sucede que seja, em certos casos, superior à inteligência racional, que propicie a possibilidade de realizar coisas que esta não consegue produzir?

Caso seja o atributo de um princípio espiritual particular, em que se transforma esse princípio? Depois que o instinto desaparece, esse princípio seria então eliminado? Se os animais apenas estão dotados de instinto, seu futuro queda sem perspectiva; seus sofrimentos não têm nenhuma compensação. Isso não estaria conforme nem com a justiça nem com a bondade de Deus. (Cap. II, n.º 19.)

13. — Segundo um outro sistema, o instinto e a inteligência teriam um só e mesmo princípio; chegado a um certo grau de desenvolvimento, esse princípio, que primeiro teria apenas as qualidades do instinto, sofreria uma transformação que lhe daria as da inteligência pura.

Caso isso fosse assim, no homem inteligente que perde a razão e passa a ser guiado apenas pelo instinto, a inteligência volveria a seu estado primitivo; e, assim que recobrasse a razão, o instinto se tornaria inteligente, e assim alternativamente a cada acesso, o que não é admissível.

Aliás, a inteligência e o instinto se mostram muitas vezes simultaneamente no mesmo ato. Na caminhada, por exemplo, o movimento das pernas é instintivo; o homem põe um pé diante do outro, maquinalmente, sem pensar nisso; mas, quando deseja acelerar ou diminuir sua caminhada, levantar o pé ou desviar-se para evitar um obstáculo, há cálculo, combinação; ele age com deliberado propósito. *O impulso involuntário do movimento é o ato instintivo; a direção calculada do movimento é o ato inteligente.* O animal carnívoro é excitado pelo instinto a se alimentar de carne; mas as precauções que ele toma e varia segundo as circunstâncias para agarrar sua presa e a sua providência das eventualidades são atos da inteligência.

14. — Uma outra hipótese que, de resto, se alia perfeitamente à ideia da unidade de princípio, ressalta do caráter essencialmente providente do instinto e concorda com o que o Espiritismo nos ensina, no que tange às relações do mundo espiritual e do mundo corpóreo.

Sabe-se, agora, que a missão dos Espíritos desencarnados é velar pelos encarnados, de quem são os protetores e os guias; que eles os envolvem com seus eflúvios fluídicos; que o homem amiúde age de maneira *inconsciente* sob a ação desses eflúvios.

Sabe-se, outrossim, que o instinto, que produz por si mesmo atos inconscientes, predomina nas crianças, e, em geral, nos seres cuja mente é fraca. Ora, segundo essa hipótese, o instinto não seria um atributo nem da alma nem da matéria; não pertenceria de

fato propriamente ao ser vivo, mas seria um *efeito* da ação direta dos protetores invisíveis, que supririam a imperfeição da inteligência, provocando eles mesmos os atos inconscientes necessários à conservação do ser. Seria como a andadeira com a ajuda da qual se sustém a criança que não sabe ainda andar. Mas, da mesma forma que se suprime gradualmente o uso da andadeira, à proporção que a criança vai sustendo-se sozinha, os Espíritos protetores vão largando a si mesmos os seus protegidos, à proporção que estes vão conseguindo guiar-se através de sua própria inteligência.

Assim, o instinto, longe de ser o produto de uma inteligência rudimentar e incompleta, seria de fato uma inteligência estranha *na plenitude da sua força*; inteligência protetora, a suprir a insuficiência seja de uma inteligência mais jovem, a quem impeliria a realizar inconscientemente para seu bem o que esta fosse ainda incapaz de realizar por si mesma, seja de uma inteligência madura mas momentaneamente entravada no uso de suas faculdades, assim como sucede ao homem durante a infância e nos casos de idiotia e de afecções mentais.

Diz-se proverbialmente que existe um deus para as crianças, os loucos e os bêbedos; esse ditado é mais verdadeiro do que se possa crer; esse deus é o Espírito protetor, que vela sobre o ser incapaz de se proteger através de seu próprio discernimento.

15. — Nesta ordem de ideias, pode-se ir mais longe. Essa teoria, por mais racional que seja, não resolve todas as dificuldades da questão.

Caso se observem os efeitos do instinto, nota-se, desde logo, uma unidade de objetivo e de conjunto, uma segurança de resultados, que não existem mais desde que o instinto é substituído pela inteligência livre; ademais, na adequação tão perfeita e tão constante das faculdade instintivas às necessidades de cada espécie, se reconhece uma profunda sabedoria. Essa unidade de objetivos não poderia existir sem a unidade de pensamentos, e a unidade de pensamentos é incompatível com a diversidade das aptidões individuais; só ela poderia produzir esse conjunto tão perfeitamente harmonioso, que continua desde a origem dos tempos e em todas as regiões, com uma regularidade e uma precisão matemáticas, sem jamais apresentar defeito. A uniformidade no resultado das faculdades instintivas é um fato característico que implica forçosamente *na unidade da causa*; se esta causa fosse inerente a cada individualidade, existiriam tantas variedades de instintos quantas existem de indivíduos, desde a planta até o homem. Um efeito geral, uniforme e constante, tem de apresentar uma causa geral, uniforme e constante; um efeito, que aponta para a sabedoria e para a providência, tem de apresentar uma causa sábia e providente. Ora, sendo uma causa sábia e providente necessariamente inteligente, não teria como ser exclusivamente material.

Não se encontrando nas criaturas encarnadas ou desencarnadas as qualidades necessárias para produzir um tal resultado, precisa ir mais alto, quer dizer, ao Criador mesmo. Se nos reportarmos à explicação dada a respeito da maneira pela qual se pode conceber a ação providencial (cap. II, n.º 24); se concebermos todos os seres penetrados de um fluido divino, soberanamente inteligente, compreenderemos a sabedoria providente e a unidade de objetivos as quais presidem a todos os movimentos instintivos, para o bem de cada indivíduo. Essa solicitude é tanto mais ativa quanto o indivíduo possua menos recursos em si mesmo e em sua própria inteligência; eis porque ela se mostra maior e mais completa nos animais e nos seres inferiores que no homem.

De acordo com essa teoria, compreende-se que o instinto seja um guia sempre seguro. O instinto maternal, o mais nobre de todos, que o materialismo rebaixa ao nível das forças atrativas da matéria, se encontra salientado e enobrecido. Tendo em vista suas consequências, não precisaria ser entregue às eventualidades caprichosas da inteligência e do livre-arbítrio. *Através da voz da mãe, Deus vela, ele mesmo, pelas criaturas que nascem.*

16. — Esta teoria não derroga absolutamente o papel dos Espíritos protetores, cujo concurso é um fato apreendido e provado através da experiência; mas precisa observar que a ação destes é essencialmente individual, que ela se modifica segundo as qualidades próprias do protetor e do protegido e que em nenhuma parte se encontra a uniformidade e a generalidade do instinto. Deus, em sua sabedoria, conduz, ele mesmo, os cegos, mas confia a inteligências livres o cuidado de conduzir os que veem para deixar a cada um a responsabilidade de seus atos. A missão dos Espíritos protetores é um dever que aceitam voluntariamente, e que é para eles um meio de adiantamento, conforme a maneira pela qual o cumprem.

17. — Todas essas maneiras de encarar o instinto são necessariamente hipotéticas, e nenhuma apresenta um caráter suficiente de autenticidade para ser oferecida como solução definitiva. A questão será certamente resolvida um dia, quando estiverem reunidos os elementos de observação que faltam ainda; até lá, é preciso limitar-se a submeter as diversas opiniões ao cadinho do raciocínio e da lógica e esperar que a luz se faça; a solução que mais se aproximar da verdade será necessariamente a que melhor corresponda aos atributos de Deus, quer dizer, à soberana bondade e à soberana justiça. (Cap. II, n.º 19.)

18. — Sendo o instinto o guia e as paixões os estímulos das almas no primeiro período do seu desenvolvimento, eles se confundem em seus efeitos. Existem, todavia, entre esses dois princípios, diferenças que é essencial que sejam consideradas.

O instinto é um guia seguro, sempre bom; em um tempo determinado, tem que tornar-se inútil, mas nunca nocivo; ele se enfraquece pela predominância da inteligência.

As paixões, nos primeiros tempos da alma, têm em comum com o instinto que os seres são excitados para elas por uma força igualmente inconsciente. Elas nascem mais particularmente das necessidades do corpo, e se vinculam mais que o instinto ao organismo. O que sobretudo as distingue do instinto é que são individuais e não produzem, como este último, efeitos gerais uniformes; vê-se, ao contrário, que elas variam de intensidade e de natureza segundo os indivíduos. Elas são úteis, como estímulo, até a eclosão do senso moral, que faz de um ser passivo um ser racional; nesse momento, elas se tomam não somente inúteis mas nocivas ao adiantamento do Espírito, cuja desmaterialização retardam; elas se enfraquecem com o desenvolvimento da razão.

19. — O homem que agisse constantemente tão só pelo instinto, conseguiria ser muito bom, mas deixaria dormir sua inteligência; ele seria como a criança que não largasse as andadeiras e não soubesse servir-se de seus membros. Quem não domina suas paixões pode ser muito inteligente, mas ao mesmo tempo muito mau. *O instinto se aniquila por si mesmo; as paixões só se domam pelo esforço da vontade.*

DESTRUIÇÃO DOS SERES VIVOS UNS PELOS OUTROS

20. — A destruição recíproca dos seres vivos é uma das leis da natureza que, à primeira vista, parecem menos conciliar-se com a bondade de Deus. Pergunta-se por que ele tornou uma necessidade o fato de se destruírem entre si para se nutrirem às custas uns dos outros.

Para quem apenas vê a matéria, que limita sua vista à vida presente, na realidade, isso parece uma imperfeição na obra divina. Sucede que, em geral, os homens julgam a perfeição de Deus sob seu ponto de vista; seu próprio julgamento é a medida de sua sabedoria, e eles pensam que Deus não conseguiria fazer melhor do que fariam eles mesmos. Não lhes permitindo sua vista curta julgar o conjunto, não compreendem que um bem real consegue surgir de um mal aparente. O conhecimento do princípio espiritual, considerado em sua essência verdadeira, e da grande lei da unidade, que constitui a harmonia da criação, alcança propiciar ao homem a chave desse mistério, e mostrar-lhe a sabedoria providencial e a harmonia exatamente onde ele observava somente uma anomalia e uma contradição.

21. — *A verdadeira vida do animal, tanto quanto a do homem, não está no invólucro corporal mais do que na indumentária; ela está no princípio inteligente, que preexiste e sobrevive ao corpo.* Esse princípio tem necessidade do corpo para se desenvolver através do trabalho que ele tem de cumprir na matéria bruta; o corpo se desgasta nesse trabalho, mas o Espírito, não; ao contrário, ele sai cada vez mais forte, mais lúcido e mais capaz. Que importa que o Espírito mude mais ou menos constantemente de invólucro! Nem por isto ele é menos Espírito; é absolutamente como se um homem renovasse cem vezes sua indumentária no ano: nem por isso deixaria de ser o mesmo homem.

Pelo espetáculo incessante da destruição, Deus ensina aos homens o pouco que têm de ligar ao invólucro material, e suscita neles a ideia da vida espiritual, fazendo-os desejá-la como uma compensação.

Deus, alguém perguntará, não poderia chegar ao mesmo resultado por outros meios, e sem obrigar os seres vivos a se destruírem entre si? Se tudo é sabedoria em sua obra, nós temos de supor que essa sabedoria não pode apresentar falha nesse ponto mais do que nos outros; se não compreendemos isso, é preciso culpar nosso pouco adiantamento. De qualquer modo, nós temos de tentar achar a razão disso, tomando por bússola este princípio: *Deus tem de ser infinitamente justo e sábio*; busquemos então em tudo sua justiça e sua sabedoria, e resignemo-nos ante o que ultrapasse nosso entendimento.

22 — Uma utilidade inicial que se infere dessa destruição, utilidade puramente física, é verdade, é esta: os corpos orgânicos se sustentam com a ajuda de matérias orgânicas; somente essas matérias contêm os elementos nutritivos necessários à sua transformação. Tendo os corpos, instrumentos da ação do princípio inteligente, necessidade de serem constantemente renovados, a Providência os faz servirem-se mutuamente para seu sustento; eis porque os seres se alimentam uns dos outros; é o

corpo que se alimenta do corpo, mas o Espírito não é nem aniquilado, nem alterado; é apenas despojado de seu invólucro¹¹.

23. — Existem, outrossim, considerações morais de ordem mais elevada.

A luta é necessária ao desenvolvimento do Espírito; é na luta que ele exercita suas faculdades. Quem ataca para obter seu alimento e quem se defende para conservar sua vida competem em astúcia e inteligência, e aumentam, por isso mesmo, suas forças intelectuais. Um dos dois sucumbe; mas o que, na realidade, o mais forte ou o mais hábil arrebatou do mais fraco? Sua vestimenta de carne, nada mais que isso; o Espírito, que não morreu, vestirá uma outra mais tarde.

24. — Nos seres inferiores da criação, naqueles em que o senso moral não existe, ou a inteligência não substituiu ainda o instinto, a luta só poderia ter por motivo a satisfação de uma necessidade material: ora, uma das necessidades materiais mais imperiosas é a da alimentação; eles lutam assim unicamente para viver, quer dizer, para prender ou preservar uma presa, pois não poderiam ser estimulados por um motivo mais elevado. É nesse primeiro período que a alma se prepara e ensaia para a vida.

No homem, há um período de transição no qual ele se distingue mal-e-mal do bruto; nos primeiros tempos, o instinto animal domina, e a luta tem ainda por motivo a satisfação das necessidades materiais; mais tarde, o instinto animal e o sentimento moral se contrabalançam; o homem então luta não mais para se alimentar, mas para satisfazer sua ambição, seu orgulho, a necessidade de dominar; para isso, precisa ainda destruir. Mas, à proporção que o senso moral vai predominando, a sensibilidade vai desenvolvendo-se, a necessidade da destruição vai diminuindo; ela termina mesmo por desaparecer e por tornar-se odiosa: então o homem passa a ter horror ao sangue.

No entanto, a luta é sempre necessária ao desenvolvimento do Espírito, pois, mesmo chegado ao ponto que nos parece culminante, está longe de ser perfeito; é tão só à custa da sua atividade que ele adquire conhecimentos, experiência e que se desvencilha dos últimos vestígios da animalidade; mas, nesse momento, a luta, de sangrenta e brutal que era, fica puramente intelectual; o homem luta contra as dificuldades e não mais contra os seus semelhantes¹².

¹¹ Ver *Revista Espírita*, agosto de 1864: *Extinção das raças*.

¹² Sem nada prejudicar a respeito das consequências que poderiam extrair desse princípio, nós desejamos somente demonstrar, por esta explicação, que a destruição dos seres vivos uns pelos outros não invalida em nada a sabedoria divina, e que tudo se encadeia nas leis da natureza. Esse encadeamento será necessariamente rompido, caso se faça abstração do princípio espiritual; eis porque tantas questões ficam insolúveis, quando se considera apenas a matéria.

As doutrinas materialistas trazem em si o princípio de sua destruição; elas têm contra si não somente o antagonismo às aspirações da universalidade dos homens, suas consequências morais, que as farão rejeitadas como dissolventes da sociedade, mas também a necessidade que se sente de respeitar tudo o que nasce do progresso. O desenvolvimento intelectual conduz o homem à pesquisa das causas; ora, por pouco que ele reflita, não demora em reconhecer a incapacidade do materialismo de tudo explicar. Como doutrinas que não satisfazem nem o coração nem a razão nem a inteligência, que deixam sem resolver as questões mais vitais, conseguiriam prevalecer para sempre? O progresso das ideias suplantarà o materialismo, como suplantou o fanatismo.

CAPÍTULO IV

O PAPEL DA CIÊNCIA NA GÊNESE

1. — A história da origem de quase todos os povos antigos se confunde com a da sua religião; eis porque seus primeiros livros foram livros religiosos; e, como todas as religiões se vinculam ao princípio das coisas, que é também o da humanidade, deram elas, a respeito da formação e da economia do universo, algumas explicações de acordo com o estágio dos conhecimentos da época e de seus fundadores. Daí resultou que os primeiros livros sagrados foram ao mesmo tempo os primeiros livros de ciência, como foram por bastante tempo o único código das leis civis.

2. — Nos tempos primitivos, sendo os meios de observação necessariamente bem imperfeitos, as primeiras teorias sobre o sistema do mundo tinham de estar eivadas de erros grosseiros; mas, se esses meios tivessem sido tão completos quanto são hoje, os homens não teriam conseguido servir-se deles; eles só podiam, de resto, ser o fruto do desenvolvimento da inteligência e do conhecimento sucessivo das leis da natureza. À proporção que o homem veio avançando no conhecimento dessas leis, foi penetrando os mistérios da criação e retificando as ideias que havia concebido a respeito da origem das coisas.

3. — O homem foi incapaz de resolver o problema da criação até o momento em que a chave lhe foi oferecida pela ciência. Precisou que a astronomia lhe abrisse as portas do espaço infinito e lhe permitisse aí aprofundar os olhos; que, pela competência do cálculo, pudesse determinar, com uma precisão rigorosa, o movimento, a posição, o volume, a natureza e o papel dos corpos celestes; que a física lhe revelasse as leis da gravidade, do calor, da luz e da eletricidade; que a química lhe ensinasse as transformações da matéria e a mineralogia os materiais que formam a crosta do globo; que a geologia lhe ensinasse a ler nas camadas terrestres a formação gradual desse mesmo globo. A botânica, a zoologia, a paleontologia, a antropologia, tinham de iniciá-lo no encadeamento e na sucessão dos seres organizados; com a arqueologia, conseguiu acompanhar os vestígios da humanidade através das idades; todas as ciências, em suma, completando-se umas às outras, tinham de contribuir com seu acervo indispensável para o conhecimento da história do mundo; sem as ciências, o homem tinha para guiá-lo apenas suas primeiras hipóteses.

Por isso, antes que o homem possuísse esses elementos de avaliação, todos os comentadores do *Gênesis*, cujo argumento esbarrava em alguns empecilhos materiais, giravam em um mesmo círculo sem conseguir sair daí; e só conseguiram quando a ciência abriu caminho, fendendo uma brecha no velho edifício das crenças; então, tudo mudou de aspecto; uma vez encontrado o fio condutor, as dificuldades foram rapidamente aplainadas; ao invés de uma gênese imaginária, estabeleceu-se uma gênese positiva e de alguma forma experimental; o campo do universo se estendeu ao infinito; viram-se a Terra e os astros formarem-se gradualmente, de acordo com leis eternas e imutáveis, que testemunham bem melhor a grandeza e a sabedoria de Deus que uma criação miraculosa, saída de repente do nada, como em um passe de mágica, por uma ideia súbita da Divindade após uma eternidade de inação.

Já que é impossível conceber a gênese sem os elementos fornecidos pela ciência, pode-se dizer, com inteira verdade, que *a ciência está sendo convocada para constituir a verdadeira gênese, de acordo com as leis da natureza.*

4. — No ponto aonde chegou no século dezenove, a ciência já resolveu todas as dificuldades do problema da gênese?

Não, seguramente, mas é incontestável que destruiu para sempre todos os seus erros capitais e que estabeleceu os seus fundamentos essenciais a partir de elementos irrecusáveis; os pontos ainda incertos são, propriamente falando, tão só questões de detalhe, cuja solução, qualquer que venha a ser no futuro, não pode prejudicar o conjunto. Aliás, malgrado todos os recursos dos quais conseguiu dispor, lhe tem faltado até hoje um elemento importante sem o qual a obra não conseguirá jamais ficar completa.

5. — De todas as gêneses antigas, a que se avizinha mais dos elementos científicos modernos, malgrado os erros que encerra, os quais estão hoje demonstrados até a evidência, é incontestavelmente a de Moisés. Alguns dos seus erros são mesmo mais aparentes que reais e provêm seja da falsa interpretação de certas palavras, cujo significado primitivo se perdeu ao passar de idioma em idioma através da tradução ou cuja acepção mudou com os costumes dos povos, seja pela forma alegórica específica do estilo oriental, que se considerou ao pé da letra, ao invés de se lhe buscar o espírito.

6. — A Bíblia contém evidentemente fatos que a razão, desenvolvida pela ciência, não pode aceitar hoje, e outros que parecem estranhos e repulsivos, porque lembram costumes que não são mais os nossos. Mas, ao lado disso, existirá parcialidade em não reconhecer que ela encerra grandes e belas coisas. A alegoria aí ocupa um lugar considerável, e sob esse véu a Bíblia esconde verdades sublimes que aparecem, caso se procure o fundo do pensamento, pois então o absurdo desaparece.

Por que não foi levantado esse véu mais cedo? Foi, de uma parte, pela falta de luzes que somente a ciência e uma sã filosofia conseguiriam oferecer e, de outra, pelo princípio da imutabilidade absoluta da fé, consequência de um respeito absurdamente cego pela letra, ao qual a razão tinha de curvar-se, e, por conseguinte, pelo medo de comprometer o alicerce das crenças assentado sobre o sentido literal. Partindo estas crenças de um ponto primitivo, receou-se que, se o primeiro anel da corrente viesse a quebrar, todas as malhas da rede terminariam por separar-se; eis porque se fecharam os olhos apesar de tudo; mas fechar os olhos ao perigo não significa evitá-lo. Quando uma construção cede, não é mais prudente substituir logo as pedras más por boas, antes de esperar, por respeito à

antiguidade do edifício, que o mal não tenha mais remédio e que seja preciso reconstruí-lo completamente?

7. — A ciência, conduzindo suas investigações até as entranhas da terra e até a profundidade dos céus, vem demonstrando de maneira irretorquível os erros do *Gênesis* mosaico preso à letra, e a impossibilidade material de que as coisas se tenham passado do modo pelo qual estão textualmente reportadas; ela tem, por isso mesmo, causado uma ferida profunda nas crenças seculares. A fé ortodoxa perturbou-se, porque julgou ver sua pedra fundamental sendo retirada; mas quem deveria ter razão: a ciência, caminhando, prudentemente e progressivamente, sobre o terreno sólido dos números e da observação, sem nada afirmar antes de ter a prova na mão, ou uma relação escrita em uma época na qual os recursos da observação faltavam totalmente? Quem tem que prevalecer, afinal de contas, o que diz que dois mais dois são cinco e se recusa a verificar, ou aquele que diz que dois mais dois são quatro e faz a prova?

8. — Mas então, perguntam, se a Bíblia é uma revelação divina, Deus se enganou? Se ela não é uma revelação divina, não possui mais autoridade e a religião desaba por falta de base.

Uma de duas: ou a ciência tem ou não tem razão; se tem razão, ela tem de comprovar que somente uma de duas opiniões contrárias é verdadeira; não existe revelação que possa prevalecer sobre a autoridade dos fatos.

Incontestavelmente Deus, que é toda verdade, não tem como induzir os homens em erro, nem conscientemente nem inconscientemente, caso contrário, não seria Deus. Se os fatos contradizem as palavras que lhe são atribuídas, é preciso concluir logicamente que ele não as pronunciou, ou que foram tomadas em sentido contrário.

Se a religião sofre aqui e ali dessas contradições, a falha não está de fato na ciência, que não consegue fazer com que aquilo que é não seja, mas, nos homens por terem fundado prematuramente alguns dogmas absolutos que transformaram em uma questão de vida ou de morte, sobre hipóteses suscetíveis de serem desmentidas pela experiência.

Existem coisas com cujo sacrifício precisamos resignar-nos de bom ou de mau grado, quando não se pode fazer diferente. Quando o mundo avança, não conseguindo a vontade de alguns pará-lo, é mais prudente acompanhá-lo e acomodar-se ao novo estado de coisas que se agarrar ao passado que desaba, com o risco de cair junto com ele.

9. — Deveríamos, por respeito a textos tidos na conta de sagrados, impor silêncio à ciência? Isso seria tão impossível quanto impedir a Terra de girar. As religiões, quaisquer que sejam, jamais ganharam nada por sustentar erros manifestos. A missão da ciência é de descobrir as leis da natureza: ora, como as leis são obra de Deus, não devem ser contrárias às religiões fundamentadas sobre a verdade. Lançar anátema contra o progresso como atentatório à religião é lançá-lo contra a obra mesma de Deus; é, além do mais, uma tarefa inútil, pois todos os anátemas do mundo não impedirão a ciência de avançar e a verdade de produzir luz. *Caso a religião se recuse a avançar com a ciência, a ciência vai avançando sozinha.*

10. — Tão somente as religiões estacionárias devem temer as descobertas da ciência; essas descobertas são funestas apenas para as que se deixam atrasar em relação às ideias progressivas, imobilizando-se no absolutismo de suas crenças; elas fazem para si mesmas, em geral, uma ideia tão mesquinha da Divindade que não compreendem que

assimilar as leis da natureza reveladas pela ciência é glorificar a Deus em suas obras; mas, em sua cegueira, elas preferem homenagear o espírito do mal. *Uma religião que não estivesse em nenhum ponto em contradição com as leis da natureza não teria nada a temer do progresso e seria invulnerável.*

11. — A gênese compreende duas partes: a história da formação do mundo material e a da humanidade considerada em seu duplo princípio corpóreo e espiritual. A ciência se tem limitado à pesquisa das leis que regem a matéria; quanto ao homem mesmo, ela tem estudado só o invólucro carnal. Sob esse aspecto, tem descrito, com precisão incontestável, as principais partes do mecanismo do universo e do organismo humano. Nesse ponto capital, ela conseguiu completar o *Gênesis* de Moisés e retificar suas partes defeituosas.

Mas a história do homem, considerado como ser espiritual, se vincula a uma ordem especial de ideias, ordem que não é do domínio da ciência propriamente dita e que a ciência, por essa razão, não tornou objeto de suas investigações. A filosofia, que tem mais especificamente esse gênero de estudo em suas atribuições, formulou sobre esse ponto não mais que sistemas contraditórios, desde a espiritualidade pura até a negação do princípio espiritual e, mesmo, de Deus, sem outras bases além das ideias pessoais de seus autores; ela deixou assim a questão indefinida, por falta de um controle adequado.

12. — Esta questão, entretanto, é para o homem a mais importante, pois diz respeito ao problema de seu passado e de seu futuro; a questão do mundo material apenas o afeta indiretamente. O que lhe importa saber antes de tudo é de onde vem, para onde vai; se já viveu, se viverá ainda, e qual sorte lhe está reservada.

Quanto a todas essas questões, a ciência está muda. A filosofia oferece apenas opiniões que concluem em sentido diametralmente oposto, mas ao menos ela permite discutir, o que faz com que muita gente se alinhe de seu lado, de preferência àquele da religião, que não discute.

13. — Todas as religiões estão de acordo sobre o princípio da existência da alma, sem que o demonstrem, contudo; elas, porém, não concordam nem sobre a origem, nem sobre o passado, nem sobre o futuro, nem sobretudo, o que é essencial, sobre as condições de que depende a sorte futura da alma. Elas pintam, na maioria, quanto ao futuro dela, um quadro imposto à crença de seus adeptos que consegue ser aceito tão só através da fé cega, mas não consegue suportar um exame sério. Estando ligada, em seus dogmas, a destinação que dão à alma às ideias que faziam do mundo material e do mecanismo do universo nos tempos primitivos, é inconciliável com o estágio dos conhecimentos atuais. Logo, não logrando senão perder pelo exame e pela discussão, acham mais simples condenar um e outra.

14. — Das divergências quanto ao futuro do homem nasceram a dúvida e a incredulidade. Entretanto, a incredulidade deixa um vazio penoso; o homem enfrenta com ansiedade o desconhecido onde, cedo ou tarde, ele tem de entrar fatalmente; a ideia do nada lhe dá arrepios; sua consciência lhe diz que para além do presente existe para ele alguma coisa; mas o quê? Sua razão desenvolvida não lhe permite mais aceitar as histórias que lhe embalsamam a infância, tomar a alegoria pela realidade. Qual é o sentido dessa alegoria? A ciência rasgou uma ponta do véu mas não lhe revelou o que mais lhe importa saber. Ele interroga inutilmente; nada lhe responde de maneira peremptória e adequada

para lhe acalmar as apreensões; por toda parte ele encontra a afirmação batendo-se com a negação, sem provas mais positivas de parte a parte; daqui a incerteza, e *a incerteza das coisas da vida futura faz com que o homem se arremeta, com uma espécie frenesi, nas coisas da vida material.*

Tal é o inevitável efeito das épocas de transição: o edifício do passado desaba e o do futuro não está ainda construído. O homem age como o adolescente, que não possui mais a crença ingênua dos primeiros anos e não tem ainda os conhecimentos da idade madura; ele tem apenas vagas aspirações que não sabe definir.

15. — Se a questão do homem espiritual permaneceu até nossos dias no estágio de teoria, é que faltaram os recursos da observação direta necessários para avaliar o estado do mundo material, e tal campo continuou aberto para as concepções da mente humana. Enquanto o homem não conheceu as leis que regem a matéria e não foi capaz de aplicar o método experimental, ele vagou de sistema em sistema no que toca ao mecanismo do universo e à formação da Terra. Isso aconteceu no quadro moral tanto quanto no quadro físico; para fixar as ideias, faltou o elemento essencial: o conhecimento das leis do princípio espiritual. Esse conhecimento estava reservado para nossa época tanto quanto o das leis da matéria se deveu ao trabalho dos dois séculos anteriores.

16. — Até o presente, o estudo do princípio espiritual, abrangido na metafísica, foi puramente especulativo e teórico; no Espiritismo, é todo experimental. Com a ajuda da faculdade medianímica, mais desenvolvida em nossos dias e sobretudo mais generalizada e melhor estudada, o homem se achou na posse de um novo instrumento de observação. A mediunidade foi, para o mundo espiritual, o que o telescópio foi para o mundo astral e o microscópio, para o mundo dos infinitamente pequenos; ela permitiu explorar, estudar, por assim dizer, *de visu*, suas relações com o mundo corpóreo; destacar, no homem vivo, o ser inteligente do ser material e vê-los agir separadamente. Uma vez em relação com os habitantes do mundo espiritual, o homem conseguiu seguir a alma em sua marcha ascendente, em suas migrações, em suas transformações; ele conseguiu, finalmente, estudar o elemento espiritual. Eis aqui o que faltava aos antigos comentadores do *Gênesis*, para compreendê-lo e retificar-lhe os erros.

17. — Estando em contato incessante, o mundo espiritual e o mundo material são solidários um com o outro; ambos os dois têm sua participação na gênese. Sem o conhecimento das leis que regem o primeiro, seria tão impossível organizar uma gênese completa, quanto é para um estatuário dar vida a uma estátua. Hoje somente, se bem que nem a ciência material nem a ciência espiritual disseram sua última palavra, o homem possui os dois elementos adequados para lançar luz sobre esse imenso problema. Eram de uma necessidade total essas duas chaves para chegar a uma solução, ainda que aproximativa.

CAPÍTULO V

ANTIGOS E MODERNOS SISTEMAS DO MUNDO

1. — A primeira ideia que os homens conceberam da Terra, do movimento dos astros e da constituição do universo, só podia ter sido, em sua origem, baseada no testemunho dos sentidos. Por ignorarem as leis mais elementares da física e das forças da natureza, possuindo apenas sua vista limitada como recurso de observação, eles não eram capazes de julgar senão através das aparências.

Vendo o Sol aparecer pela manhã de um lado do horizonte e desaparecer à noite do lado oposto, concluiu-se naturalmente que ele girava em torno da Terra, enquanto esta quedava imóvel. Se alguém tivesse dito então aos homens que é o contrário que acontece, teriam eles respondido que isso não poderia ser, e haveriam dito: nós vemos o Sol mudar de lugar e não sentimos a Terra mover-se.

2. — A reduzida extensão das viagens, que ultrapassavam então raramente as fronteiras da tribo ou do vale, não tinha como permitir a averiguação da esfericidade da Terra. Como, de resto, supor que a Terra pudesse ser uma bola? Os homens deveriam manter-se apenas no ponto mais elevado e, supondo-a habitada em toda a sua superfície, como estariam vivendo no hemisfério oposto, com a cabeça para baixo e os pés para cima? A coisa teria parecido ainda menos possível com um movimento de rotação. Pelo fato de se ver ainda em nossos dias, quando se conhece a lei de gravitação, gente relativamente esclarecida que não entende esse fenômeno, ninguém pode admirar-se de que os homens das primeiras idades não a tenham sequer suspeitado.

A Terra era para eles uma superfície plana, circular como a mó do moinho, estendendo-se a perder de vista no sentido horizontal; daqui a expressão ainda utilizada: ir ao fim do mundo. Seus limites, sua espessura, seu interior, sua face inferior, o que havia abaixo, eis aí o desconhecido¹³.

¹³ “A mitologia hindu ensinava que o astro do dia se despojava à tarde da sua luz e atravessava o céu, durante a noite, com uma face obscura. A mitologia grega representava o carro de Apolo puxado por quatro cavalos. Anaximandro, de Mileto, sustentava, de acordo com Plutarco, que o Sol era uma carroça cheia de um fogo muito vivo que escapava através de uma abertura circular. Epicuro teria, segundo alguns, emitido a opinião de que o Sol se acendia de manhã e se apagava à tarde nas águas do Oceano; outros pensam que ele concebia esse astro uma pedra-pomes aquecida até o estado de incandescência. Anaxágoras o via como um ferro quente da extensão do Peloponeso. Singular observação! Os antigos eram tão irresistivelmente levados a considerar a extensão aparente desse astro como real, que perseguiram esse filósofo temerário por haver atribuído um tal volume ao luzeiro do dia, que precisou toda a autoridade de Péricles

3. — Sua forma côncava fazia do céu, para a crença vulgar, uma abóbada real, cujas bordas inferiores repousavam na terra e lhe marcavam os limites; vasta cúpula cuja capacidade o ar preenchia totalmente. Sem nenhuma noção do infinito, do espaço, incapazes mesmo de concebê-lo, os homens imaginavam essa abóbada formada de matéria sólida; daqui o nome de *firmamento*, que sobreviveu à crença e que significa *firme, resistente* (do latim *firmamentum*, derivado de *firmus*, firme, sólido; no grego, *herma, hermatos* — 'e[rma, e[rmatoj —, sustentáculo, suporte, ponto de apoio).

4. — As estrelas, cuja natureza eles não podiam suspeitar, eram simples pontos luminosos, mais ou menos graúdos, presos na abóbada como lâmpadas suspensas, dispostas sobre uma única superfície e, por consequência, todas à mesma distância da terra, do mesmo modo que são representadas no interior de certas cúpulas pintadas de azul para figurar o anil dos céus.

Se bem que hoje as ideias sejam muito outras, o uso de antigas expressões se conservou; diz-se ainda, por comparação: a abóbada estrelada; sob a calota do céu.

5. — A formação das nuvens pela evaporação das águas da terra era então igualmente desconhecida; não havia como vir ao pensamento que a chuva que cai do céu tivesse sua origem na terra, de onde não se via a água subir. Daqui a crença na existência de *águas superiores e de águas inferiores*, de fontes celestes e de fontes terrestres, de reservatórios situados nas altas regiões, suposição que concordava perfeitamente com a ideia de uma abóbada capaz de mantê-los. As águas superiores, escapando pelas fissuras da abóbada, caíam como chuva e, conforme essas aberturas fossem mais ou menos largas, a chuva era suave ou torrencial e diluviana.

6. — A ignorância completa do conjunto do universo e das leis que o regem, da natureza, da constituição e da destinação dos astros, que parecem, aliás, tão pequenos comparativamente à terra, tinha de necessariamente fazer considerar a esta como a coisa principal, o alvo único da criação, e os astros como acessórios criados unicamente em intenção dos habitantes da terra. Esse preconceito se perpetuou até nossos dias, malgrado as descobertas da ciência, que mudaram, para o homem, o aspecto do mundo. Quanta gente julga ainda que as estrelas são ornamentos do céu para recrear a vista dos habitantes da Terra!

7. — Não demorou para que se percebesse o movimento aparente das estrelas, que se movem em conjunto do oriente para o ocidente, levantando-se à noite e deitando-se de manhã, conservando suas posições respectivas. Essa observação não teve, durante muito tempo, outra consequência senão a de confirmar a ideia de uma abóbada sólida, arrastando as estrelas em seu movimento de rotação.

Essas primeiras ideias, ideias ingênuas, constituíram-se, durante longos períodos seculares, no fundo das crenças religiosas, e serviram de base para todas as cosmogonias antigas.

8. — Mais tarde se compreendeu, através da direção do movimento das estrelas e de seu retorno periódico na mesma ordem, que a abóbada celeste não devia ser simplesmente uma semiesfera pousada sobre a terra, mas, sim, uma esfera inteira, oca, no

para salvá-lo de uma condenação à morte e para comutá-la para uma sentença de exílio.” (Flammarion, *Estudos e Leituras sobre a Astronomia* pág. 6.)

Quando se veem tais ideias formuladas no quinto século antes da era cristã, no tempo mais florescente da Grécia, a gente não pode admirar-se das que conceberam os homens das primeiras idades sobre o sistema do mundo.

centro da qual se encontrava a terra, sempre plana ou quando muito convexa, e habitada somente em sua face superior. Era já um progresso.

Mas sobre o que estava colocada a terra? Seria inútil relacionar todas as suposições ridículas criadas pela imaginação, desde a dos indianos, que a diziam carregada por quatro elefantes brancos, e estes sobre as asas de um imenso abutre. Os mais prudentes confessavam que sobre isso não sabiam nada.

9. — Contudo, uma opinião geralmente admitida nas teogonias pagãs colocava *nos lugares baixos* ou, por outra, nas profundezas da terra ou abaixo dela, não se sabia mais, a morada dos condenados, chamada de inferno, quer dizer, nos *lugares inferiores*, e, nos *lugares altos*, para além da região das estrelas, a morada dos bem-aventurados. A palavra *inferno* se conservou até nossos dias, conquanto haja perdido sua significação etimológica, desde que a geologia desocupou o lugar dos suplícios eternos das entranhas da Terra e que a astronomia demonstrou que não existe nem alto nem baixo no espaço infinito.

10. — Sob o céu puro da Caldeia, da Índia e do Egito, berço das mais antigas civilizações, tinha-se como observar o movimento dos astros com tanta precisão quanto o permitisse a ausência de instrumentos especiais. Viu-se inicialmente que certas estrelas tinham um movimento próprio, independente do conjunto, o que não permitia mais supor que estivessem presas à abóbada; foram chamadas de *estrelas errantes* ou *planetas* para as distinguir das estrelas fixas. Calculou-se o seu movimento e seus retornos periódicos.

No movimento diurno da esfera estrelada, notou-se a imobilidade da estrela polar, ao redor da qual as outras descreviam, em vinte e quatro horas, círculos oblíquos paralelos, mais ou menos grandes, segundo sua distância da estrela central; esse foi o primeiro passo para o conhecimento da obliquidade do eixo do mundo. Viagens mais longas permitiram observar a diferença dos aspectos do céu, segundo as latitudes e as estações; variando com a latitude a elevação da estrela polar acima do horizonte, fez desconfiar da redondeza da terra; eis como, pouco a pouco, se concebeu uma ideia mais justa do sistema do mundo.

Ao redor de 600 a. C., *Tales*, de Mileto (Ásia Menor), percebeu a esfericidade da Terra, a obliquidade da eclíptica e a causa dos eclipses.

Um século mais tarde, *Pitágoras*, de Samos, descobre o movimento diurno da Terra em seu eixo, seu movimento anual em torno do Sol, e vincula os planetas e os cometas ao sistema solar.

Por volta de cento e sessenta a. C., *Hiparco*, de Alexandria (Egito), inventa o astrolábio, calcula e prediz os eclipses, observa as manchas do Sol, determina o ano trópico e a duração das revoluções da Lua.

Por mais preciosas que tenham sido essas descobertas para o progresso da ciência, demoraram cerca de dois mil anos para se popularizar. Apresentando as ideias novas então, para se propagarem, apenas raros manuscritos, permaneceram como herança de alguns filósofos que as ensinavam a discípulos privilegiados; as populações, que não se pensava em absoluto esclarecer, nada disso aproveitaram, e continuaram a alimentar-se de velhas crenças.

11. — Perto do ano cento e quarenta da era cristã, *Ptolomeu*, um dos homens mais ilustres da escola de Alexandria, combinando suas próprias ideias com as crenças vulgares e algumas das mais recentes descobertas astronômicas, compôs um sistema que se pode

chamar misto, que traz o seu nome e que, durante quase quinze séculos, foi o único adotado no mundo civilizado.

Segundo o sistema de Ptolomeu, a Terra é uma esfera no centro do universo; ela se compõe de quatro elementos: a terra, a água, o ar e o fogo. Era esta a primeira região, dita *elementar*. A segunda região, dita *etérea*, compreendia onze céus ou esferas concêntricas, girando em torno da Terra, a saber: o céu da Lua, os de Mercúrio, de Vênus, do Sol, de Marte, de Júpiter, de Saturno, das estrelas fixas, do primeiro cristalino, esfera sólida transparente; do segundo cristalino, e, enfim, da primeira força motriz que proporciona o movimento de todos os céus inferiores e que os faz executar uma revolução em vinte e quatro horas. Para além dos onze céus, encontrava-se o *Empíreo*, morada dos felizes, assim chamada por causa do grego *pyr*, (pu/r) que significa *fogo*, já que se julgava essa região resplandecente de luz como o fogo.

A crença em vários céus superpostos prevaleceu por bastante tempo; mas variava-se quanto ao número; o sétimo era geralmente visto como o mais elevado; daqui a expressão: ser arrebatado ao sétimo céu. São Paulo disse que havia sido elevado ao terceiro céu.

Independentemente do movimento comum, os astros apresentavam, segundo Ptolomeu, movimentos próprios, mais ou menos extensos, conforme sua distância do centro. As estrelas fixas faziam uma revolução em 25.816 anos. Esta última avaliação denota o conhecimento da precessão dos equinócios, que se realiza, na realidade, em 25.868 anos.

12. — No começo do século dezesseis, *Copérnico*, célebre astrônomo, nascido em Torun (Prússia) á, em 1473, falecido em 1543, repete as ideias de Pitágoras; ele publica um sistema que, confirmado a cada dia através de novas observações, foi favoravelmente acolhido e não tardou em destituir o de Ptolomeu. Segundo esse sistema, o Sol está no centro, os planetas descrevem órbitas circulares em torno deste astro; a Lua é um satélite da Terra.

Um século mais tarde, em 1609, *Galileu*, nascido em Florença, inventa o telescópio; em 1610, descobre os quatro satélites de Júpiter e calcula suas rotações; reconhece que os planetas não têm luz própria, como as estrelas, mas que são iluminados pelo Sol; que são esferas semelhantes à Terra; observa as suas fases, determina a duração da sua rotação em seu eixo; ele oferece assim, com provas materiais, uma sanção definitiva ao sistema de Copérnico.

A partir daí se derruem os fundamentos dos céus superpostos; os planetas se reconheceram como mundos parecidos com a Terra, e igualmente sem dúvida habitados; as estrelas, como incontáveis sóis, centros prováveis de outros sistemas planetários; e o Sol, ele mesmo, se reconheceu como uma estrela, centro de um turbilhão de planetas que lhe são subordinados.

As estrelas não estão mais confinadas a uma zona da esfera celeste, mas irregularmente disseminadas no espaço sem limites; as que pareciam tocar-se estão a distâncias incomensuráveis umas das outras; as que parecem menores são as mais distantes de nós; as maiores são as que estão mais perto, e estão ainda assim a centenas de milhares de léguas.

Os agrupamentos aos quais se deu o nome de *constelações* são reuniões aparentes causadas pela distância; suas figuras são efeitos de perspectiva, como as que formam, para a vista de quem está colocado em um ponto fixo, algumas luzes espalhadas em uma vasta planície ou as árvores de uma floresta; mas essas reuniões não existem de fato na realidade; se alguém pudesse transportar-se para a região de uma dessas constelações, à proporção que fosse aproximando-se, a forma iria desaparecendo e novos agrupamentos iriam desenhando-se à sua vista.

Desde que esses agrupamentos só existem em aparência, a significação que uma crença vulgar supersticiosa lhes atribui é ilusória, e a sua influência só poderia exercer-se sobre a imaginação.

Para se distinguirem as constelações, receberam alguns nomes, tais como: *Leão, Touro, Gêmeos, Virgem, Balança, Capricórnio, Câncer, Órion, Hércules, Ursa Maior* ou *Carro de Davi, Ursa Menor, Lira* etc., e foram representadas por figuras que lembram esses nomes, em sua maior parte fantasiosos, mas que, em todos os casos, não têm nenhuma relação com a forma aparente do agrupamento de estrelas. Logo, seria inútil procurar tais figuras no céu.

A crença na influência das constelações, daquelas sobretudo que constituem os doze signos do Zodíaco, vem da ideia relacionada ao nome que trazem; se a que é chamada de *leão* tivesse sido chamada de *asno* ou de *ovelha*, teriam certamente atribuído a ela uma influência bem diferente.

13. — A partir de Copérnico e de Galileu, as velhas cosmogonias foram para sempre destruídas; a astronomia somente tinha de avançar e não recuar. A história relata as lutas que esses homens de gênio tiveram de sustentar contra os preconceitos e, sobretudo, contra a mentalidade sectária interessada na manutenção dos erros sobre os quais se fundaram as crenças que se imaginavam assentadas sobre uma base inquebrantável. Bastou a invenção de um instrumento ótico para derruir um fundamento de vários milhares de anos. Mas nada poderia prevalecer contra uma verdade reconhecida como tal. Graças à imprensa, o público, iniciado nas novas ideias, começava a não mais se embalar de ilusões e a participar da luta; já não era mais contra alguns indivíduos que precisava combater, mas contra a opinião geral, que intervinha pela verdade.

Quanto o universo é grande em comparação com as mesquinhas proporções que lhe assinalavam nossos pais! Quanto a obra de Deus é sublime, quando a vemos harmonizar-se segundo as leis eternas da natureza! Mas, também, quanto tempo, quantos esforços de gênio, quanto devotamento foram precisos para descerrar os olhos e arrancar enfim a venda da ignorância!

14. — A estrada estava doravante aberta, por onde ilustres e numerosos sábios iriam entrar para completar a obra esboçada. *Kepler*, na Alemanha, descobre as célebres leis que trazem seu nome, com a ajuda das quais ele percebeu que os planetas não descrevem órbitas circulares mas elipses, um de cujos focos o Sol ocupa; *Newton*, na Inglaterra, descobre a lei da gravitação universal; *Laplace*, na França, cria a mecânica celeste; a astronomia enfim não é mais um sistema fundado em conjeturas ou em probabilidades, mas uma ciência estabelecida sobre as bases mais rigorosas do cálculo e da geometria. Assim se encontra assentada uma das pedras fundamentais da gênese, cerca de três mil e trezentos anos após Moisés.

CAPÍTULO VI

URANOGRRAFIA GERAL¹⁴

O espaço e o tempo. — A matéria. — As leis e as forças. — A primeira criação. — A criação universal. — Os sóis e os planetas. — Os satélites. — Os cometas. — A Via-Láctea. — As estrelas fixas. — Os desertos do espaço. — Sucessão eterna dos mundos. — A vida universal. — Diversidade dos mundos.

O ESPAÇO E O TEMPO

1. — Muitas definições do espaço foram concebidas; a principal é esta: o espaço é a extensão que separa dois corpos. Daqui certos sofistas deduziram que onde não existissem corpos não existiria espaço; foi sobre o que os doutores em teologia se basearam para estabelecer que o espaço era necessariamente finito, alegando que os corpos, estando limitados pelo número, não poderiam formar uma sucessão infinita; e que, no ponto em que os corpos cessam, o espaço cessa também. Existe outra definição para espaço: o lugar onde se movem os mundos; o vácuo onde age a matéria etc. Abandonemos aos tratados, onde repousam, todas as definições que não definem nada.

O espaço é uma dessas palavras que representam uma ideia primitiva e axiomática, evidente por si mesma, cujas definições variadas que vem recebendo servem apenas para obscurecer-lhe o entendimento. Nós todos sabemos o que é o espaço, e eu tão só desejo estabelecer que é infinito, a fim de que nossos estudos ulteriores não tenham nenhuma barreira para opor às investigações que temos em vista.

Ora, eu digo que o espaço é infinito em razão de ser impossível supor algum limite para ele, e em razão, malgrado a dificuldade que se tem de conceber o infinito, de ser para nós mais fácil de viajar eternamente no espaço, em pensamento, do que pararmos em um lugar qualquer após o qual não encontraremos mais extensão a percorrer.

¹⁴ Este capítulo foi extraído textualmente de uma série de comunicações ditadas à Sociedade Espírita de Paris, em 1862 e 1863, sob o título de Estudos uranográficos, e assinados por Galileu; médium: Senhor Camille Flammarion.

Para imaginarmos, embora com nossas faculdades limitadas, a grandeza do espaço infinito, suponhamos que, partindo da Terra, perdida no meio do infinito, na direção de um ponto qualquer do universo, com a velocidade prodigiosa da centelha elétrica, que vence *milhares de léguas a cada segundo*, mal deixamos este globo, e que, tendo percorrido milhões de léguas, nos encontramos em um lugar de onde a Terra nos aparece sob o aspecto de uma pálida estrela. Um instante depois, seguindo sempre na mesma direção, nós chegamos junto às estrelas longínquas que se distinguem com dificuldade da estação terrestre; e dali não somente a Terra fica inteiramente perdida para a visão nas profundezas do céu, mas até mesmo o Sol em seu esplendor fica eclipsado pela imensidão que nos separa dele. Animados sempre com a mesma rapidez do raio, venceremos os sistemas de mundos a cada passo que avançamos na imensidade, as ilhas de luz etérea, as vias estelíferas, as paragens suntuosas onde Deus semeou de mundos com a mesma profusão que semeou de plantas as pradarias terrestres.

Ora, mal faz alguns minutos que nós avançamos, e já centenas de milhões de milhões de léguas nos separam da Terra, milhares de mundos passaram por nossos olhos, entretanto — ouçam bem! —, nós não avançamos na realidade um único passo no universo.

Se continuarmos durante anos, séculos, milhares de séculos, milhões de períodos cem vezes seculares e *incessantemente com a mesma rapidez do raio*, não teremos avançado mais! — e isso para qualquer lado que formos e para qualquer ponto a que nos dirigirmos, a partir deste grão invisível que deixamos e que se chama Terra.

Eis aí o que é o espaço!

2. — O tempo, como o espaço, é uma palavra definida por si mesma; concebe-se dele uma ideia mais justa estabelecendo uma relação com o todo infinito.

O tempo é a sucessão das coisas; está ligado à eternidade do mesmo jeito que as coisas estão ligadas ao infinito. Suponhamo-nos na origem de nosso mundo, naquela época primitiva em que a Terra não balançava ainda sob a divina impulsão; em suma, no começo da gênese. Ali o tempo não havia ainda saído do misterioso berço da natureza; e ninguém é capaz de dizer em que século estamos, uma vez que o pêndulo dos séculos não estava ainda em movimento.

Mas silêncio! — a primeira hora de uma Terra isolada soa com o timbre eternal, o planeta se move no espaço e, a partir daí, existem *noite* e *dia*. Para além da Terra, a eternidade permanece impassível e imóvel, conquanto o tempo avance para muitos outros mundos. Na Terra, o tempo substitui a eternidade e, durante uma sucessão determinada de gerações, se contarão os anos e os séculos.

Transportemo-nos agora ao derradeiro dia deste mundo, à hora em que, curvada sob o peso da vetustez, a Terra se apagará do livro da vida para não mais reaparecer; aqui a sucessão dos eventos cessa; os movimentos terrestres que mediam o tempo se interrompem, e o tempo acaba com eles.

Esta simples exposição das coisas naturais que dão nascimento ao tempo, que o alimentam e que o deixam extinguir-se, é suficiente para demonstrar que, visto do ponto em que nós temos de nos colocar para nossos estudos, o tempo é uma gota d' água que cai da nuvem no mar e cuja queda foi medida.

Tantos mundos na vasta imensidão, tantos tempos diferentes e incompatíveis. Fora dos mundos, só a eternidade substitui tais sucessões efêmeras e preenche pacificamente com sua luz imóvel a imensidade dos céus. Imensidade sem fronteiras e eternidade sem limites, tais são as duas grandes propriedades da natureza universal.

O olhar do observador que atravessa, sem jamais encontrar empecilho, as distâncias incomensuráveis do espaço, e o do geólogo que recua para além dos limites das idades ou que desce às profundezas da eternidade hiante, onde eles se perderão um dia, agem em uníssono, cada um em sua estrada, para adquirirem esta dupla noção do infinito: extensão e duração.

Ora, conservando essa ordem de ideias, será fácil de concebermos que, sendo o tempo apenas uma relação entre as coisas transitórias e dependendo unicamente das coisas que se mensuram, se, tomando os séculos terrestres por unidades, nós os empilharmos milhares sobre milhares, para formar com isso um número colossal, esse número representará sempre tão só um ponto da eternidade: o mesmo para as milhares de léguas somadas às milhares de léguas, que representam tão só um ponto na imensidade.

Eis porque, por exemplo, estando os séculos fora da vida etérea da alma, nós poderíamos escrever um número imenso tanto quanto o equador terrestre e nos imaginar velhos de acordo com esse número de séculos, sem que, na realidade, nossa alma conte um dia a mais; e, juntando a esse número indefinível de séculos uma série longa como daqui ao Sol de números semelhantes, ou mais consideráveis ainda, imaginando-nos viver durante a sucessão prodigiosa de períodos seculares representados pela soma de tais números, quando chegássemos ao fim, a pilha incompreensível de séculos que pesasse sobre nossas cabeças seria como se não existisse: restaria sempre, diante de nós, a eternidade inteira totalmente.

O tempo é u'a medida relativa da sucessão das coisas transitórias; a eternidade não é suscetível de nenhuma mensuração do ponto do vista da duração; para ela, não há nem começo nem fim: tudo é presente para ela.

Se os séculos dos séculos são menos que um segundo em confronto com a eternidade, o que é a duração da vida humana!

A MATÉRIA

3. — À primeira vista, nada parece tão profundamente variado, tão essencialmente diferente que essas diversas substâncias que compõem o mundo. Entre os objetos que a arte ou a natureza desfilam diariamente sob os nossos olhos, existem dois que apontem para uma identidade perfeita ou somente uma paridade de composição? Quanta diferença sob o ponto de vista da solidez, da compressibilidade, do peso e das propriedades múltiplas dos corpos, entre o gás atmosférico e a correntinha de ouro; entre a molécula aquosa da nuvem e a do mineral que forma o esqueleto ósseo do globo! Quanta diversidade entre o

tecido químico das plantas variadas que decoram o reino vegetal e o dos representantes não menos numerosos da animalidade na Terra!

Não obstante, podemos colocar como princípio absoluto que todas as substâncias conhecidas e desconhecidas, por mais desiguais que pareçam, seja sob o ponto de vista de sua constituição íntima, seja sob a feição de sua ação recíproca, são, de fato, apenas modos diversos sob os quais a matéria se apresenta; apenas variedades nas quais ela se transformou, sob o comando das forças inumeráveis que a governam.

4. — A química, cujos progressos foram tão rápidos após minha época, quando seus iniciados a relegavam ainda ao domínio secreto da magia, essa nova ciência que se deve com justiça considerar como filha do século das observações, e como a única fundamentada, bem mais solidamente do que suas irmãs mais velhas, sobre o método experimental; a química, digo eu, organizou os quatro elementos primitivos que os antigos, concordes entre si, haviam reconhecido na natureza; ela mostrou que o elemento terrestre é a combinação de substâncias diversas, infinitamente variadas; que o ar e a água são igualmente decomponíveis, sendo o produto de um certo número de equivalentes de gás; que o fogo, longe de ser, ele também, um elemento principal, é tão só um estado da matéria resultante de movimento universal a que está submetida, e de uma combustão sensível ou latente.

Por outro lado, a química encontrou um número considerável de princípios até então desconhecidos, que lhe pareceram formar, através de determinadas combinações deles, as diversas substâncias, os diversos corpos por ela estudados e que atuam simultaneamente, conforme certas leis e em certas proporções, nos trabalhos operados no grande laboratório da natureza. Esses princípios ela os chamou *corpos simples*, indicando com isso que os considera como primitivos e indecomponíveis, e que nenhuma operação, até este dia, poderia desagregar em partes relativamente mais simples que eles mesmos¹⁵.

5. — Mas aqui onde param as apreciações dos homens, ajudado até mesmo por seus sentidos artificiais bem mais impressionáveis, a obra da natureza prossegue; aqui onde o vulgo toma a aparência pela realidade, aqui onde o prático levanta o véu e distingue o começo das coisas, o olhar de quem conseguiu perceber o modo de agir da natureza somente vê, nos materiais constituintes do mundo, a *matéria cósmica* primitiva, simples e una, diversificada em certas regiões à época de seu nascimento, repartida em corpos solidários durante sua vida, materiais que serão desmembrados um dia no receptáculo da imensidade através de sua decomposição.

6. — Existem questões deste tipo que nós mesmos, Espíritos amantes da ciência, não poderíamos aprofundar e sobre as quais somente conseguiríamos emitir opiniões pessoais mais ou menos conjeturáveis; sobre essas questões, ou me calarei ou justificarei minha maneira de ver; mas a de que tratamos não está nesse número. Logo, aos que estiverem tentados em ver, em minhas palavras, apenas uma teoria audaciosa, direi: Abracem, em um olhar investigador, a multiplicidade de operações da natureza e reconhecerão que, caso não se admita a unidade da matéria, será impossível explicar, não

¹⁵ Os principais corpos simples são: entre os corpos não-metálicos, o oxigênio, o hidrogênio, o azoto, o cloro, o carbono, o fósforo, o enxofre, o iodo; entre os corpos metálicos: o ouro, a prata, a platina, o mercúrio, o chumbo, o estanho, o zinco, o ferro, o cobre, o arsênico, o sódio, o potássio, o cálcio, o alumínio etc.

direi somente os sóis e as esferas, mas, sem ir tão longe, a germinação de um grão sob a terra, ou a geração de um inseto.

7. — Se a gente observa uma tal diversidade na matéria, é porque, sendo as forças que presidiram a suas transformações e as condições nas quais se produziram em número ilimitado, as combinações variadas da matéria só poderiam ser ilimitadas, elas mesmas.

Portanto, quer a substância com que a gente se depara pertença aos fluidos propriamente ditos, isto é, aos corpos imponderáveis, quer esteja revestida das características e das propriedades ordinárias da matéria, tão só existe, em todo o universo, uma só substância primitiva: o *cosmo* ou *matéria cósmica* dos uranógrafos.

AS LEIS E AS FORÇAS

8. — Se um desses seres desconhecidos que consomem sua existência efêmera no fundo das regiões tenebrosas do oceano; se um desses poligástricos, uma dessas nereidas — miseráveis animálculos que só conhecem da natureza os peixes ictiófagos e as florestas submarinas — recebesse, de repente, o dom da inteligência, a faculdade de estudar seu mundo e de estabelecer sobre suas apreciações um raciocínio conjectural abrangendo a universalidade das coisas, qual ideia formaria da natureza viva que se desenvolve em seu meio e do mundo terrestre que não participa do campo das suas observações?

Se, agora, por um efeito maravilhoso de seu novo poder, esse mesmo ser, chegasse a se elevar acima de suas trevas eternas, à superfície do mar, não longe das orlas opulentas de uma ilha com esplêndida vegetação, sob fecundo sol, dispensor de um calor benfazejo, que julgamento realizaria então a respeito de suas teorias anteriores da criação universal, teoria que ele extinguiria desde logo à vista de uma apreciação mais ampla, porém, ainda relativamente tão incompleta quanto a primeira? Tal é, homens, a imagem da sua ciência assaz especulativa!¹⁶

9. — Então, como eu venho tratar aqui da questão das leis e das forças que regem o universo, eu, que sou, como os senhores, um ser relativamente ignorante em face do conhecimento real, malgrado a aparente superioridade que me é proporcionada, em relação a meus irmãos da Terra, pela possibilidade de estudar as questões naturais que lhes são interditas em sua condição, tenho por alvo somente expor-lhes a noção geral das leis universais, sem explicar detalhadamente o modo de ação e a natureza das forças especiais que dependem delas.

10. — Existe um fluido etéreo que preenche o espaço e penetra os corpos; esse fluido é o *éter* ou *matéria cósmica* primitiva, geradora do mundo e dos seres. Ao éter são inerentes as forças que presidiram às metamorfoses da matéria, as leis imutáveis e necessárias que regem o mundo. Essas formas múltiplas, indefinidamente variadas

¹⁶ Tal é, também, a situação dos que negam o mundo dos Espíritos, quando, depois de se despojarem do seu invólucro carnal, os horizontes desse mundo se desenrolam a seus olhos. Eles compreendem então o vazio das teorias através das quais pretendiam tudo explicar com a matéria somente. No entanto, esses horizontes conservam ainda para eles mistérios que só se revelam progressivamente, à medida que vão elevando-se pela purificação. Mas, desde seus primeiros passos nesse mundo novo, são forçados a reconhecer sua cegueira e o quanto estavam longe da verdade.

conforme as combinações, localizadas conforme as massas, diversificadas em seus modos de ação conforme as circunstâncias e os meios, são conhecidas na Terra sob os nomes de *força da gravidade, coesão, afinidade, atração, magnetismo, eletricidade ativa*; os movimentos vibratórios do agente são conhecidos sob os nomes de *som, calor, luz* etc. Em outros mundos, elas se apresentam sob outros aspectos, oferecem outras características desconhecidas neste e, na imensa vastidão dos céus, forças em número indefinido se desenvolveram em uma escala inimaginável, cuja grandeza somos tão pouco capazes de avaliar quanto o crustáceo, no fundo no oceano, é de abarcar a universalidade dos fenômenos terrestres¹⁷.

Ora, do mesmo modo que existe apenas uma só substância simples, primitiva, geradora de todos os corpos, mas diversificada em suas combinações, igualmente todas essas forças dependem de uma lei universal, diversificada em seus efeitos, que, pelos decretos eternos, foi soberanamente imposta à criação para lhe conferir harmonia e estabilidade.

11. — A natureza não se opõe jamais a si mesma. O brasão do universo tem apenas uma divisa: UNIDADE/VARIEDADE. Quando se remonta a escala dos mundos, encontra-se a *unidade* de harmonia e de criação, ao mesmo tempo que uma *variedade* infinita nesse imenso canteiro florido de estrelas; quando se percorrem os degraus da vida, desde o derradeiro dos seres até Deus, a grande lei de continuidade se dá a reconhecer; quando se consideram as forças em si mesmas, consegue-se formar com elas uma série cuja resultante, confundindo-se com a geratriz, é a lei universal.

Os senhores não poderiam apreciar essa lei em toda a sua extensão, dado que as forças que a representam no campo de suas observações são restritas e limitadas; entretanto, a gravidade e a eletricidade devem ser vistas como uma ampla aplicação da lei primordial que reina mais além dos céus.

Todas essas forças são eternas — nós explicaremos esta palavra — e universais, como a criação; sendo inerentes ao fluido cósmico, elas agem necessariamente em tudo e por toda a parte, modificando sua ação através de sua simultaneidade ou sua sucessão; predominando aqui, extinguindo-se mais adiante; poderosas e ativas em certos pontos, latentes ou disfarçadas em outros; mas, enfim, preparando, dirigindo, conservando e destruindo os mundos, em seus diversos períodos de vida, comandando os trabalhos maravilhosos da natureza onde quer que se executem, assegurando para sempre o eterno esplendor da criação.

¹⁷ Nós correlacionamos tudo ao que conhecemos e não compreendemos o que escapa à percepção de nossos sentidos, como o cego de nascença não compreende os efeitos da luz e a utilidade dos olhos. Pode suceder assim que, em outros meios, o fluido cósmico tenha propriedades, combinações de que não fazemos nenhuma ideia, efeitos adequados a necessidades que nos são desconhecidas, criando percepções novas ou outros modos de percepção. Nós não compreendemos, por exemplo, que se possa ver sem os olhos do corpo e sem a luz; mas quem nos diz que não existem outros agentes, além da luz, aos quais estão adaptados organismos especiais? A vista sonambúlica, que não é detida nem pela distância, nem pelos obstáculos materiais, nem pela obscuridade, nos oferece um exemplo disso. Suponhamos que, em um mundo qualquer, os seres sejam *normalmente* o que nossos sonâmbulos são apenas excepcionalmente; eles não terão necessidade nem de nossa luz, nem de nossos olhos, e, por conseguinte, hão de ver o que nós não conseguimos ver. Passa-se o mesmo com todas as outras sensações. As condições de vitalidade e de perceptibilidade, as sensações e as necessidades variam segundo os meios.

A PRIMEIRA CRIAÇÃO

12. — Após haver considerado o universo sob os pontos de vista gerais de sua composição, de suas leis e de suas propriedades, nós podemos trazer nossos estudos para o modo de formação que deu origem aos mundos e aos seres; desceremos, em seguida, à criação da Terra em particular e a seu estado atual na universalidade das coisas e, daí, tomando este globo por ponto de partida e por unidade relativa, procederemos a nossos estudos planetários e siderais.

13. — Se houvermos compreendido bem a relação, ou antes, a oposição da eternidade com o tempo, se nos houvermos familiarizado com a ideia de que o tempo é apenas u'a medida relativa da sucessão das coisas transitórias, enquanto a eternidade é essencialmente una, imóvel e permanente, e que não é suscetível de nenhuma mensuração do ponto de vista da duração, nós compreendemos que, para ela, não há começo nem fim.

Por outro lado, se nós fizermos uma ideia justa — conquanto necessariamente bastante fraca — da infinidade do poder divino, compreenderemos como é possível que o universo tenha sempre existido e exista sempre. Do momento em que Deus existiu, suas perfeições eternas falaram. Antes que os tempos tivessem nascido, a eternidade incomensurável recebeu a palavra divina e fundou o espaço, tão eterno quanto ela.

14. — Existindo Deus, por sua natureza, desde toda a eternidade, tem criado desde toda a eternidade e isso não tem como ser de outro modo; pois, para qualquer época longínqua a que recuemos pela imaginação os limites supostos da criação, restará sempre para além desse limite uma eternidade — ponderem bastante sobre este pensamento — uma eternidade durante a qual as divinas hipóstases, as volições infinitas tenham sido amortalhadas em u'a muda letargia, inativa e infecunda, uma eternidade de morte aparente para o Pai eterno que propicia a vida aos seres, de mutismo indiferente para o Verbo que os comanda, de esterilidade fria e egoísta para o Espírito de amor e de vivificação.

Compreendamos melhor a grandeza da ação divina e de sua perpetuidade sob a mão do ser absoluto! Deus é o sol dos seres; é a luz do mundo. Ora, a aparição do sol propicia instantâneo nascimento às ondas de luz, que vão irradiar por todas as partes na imensidade; do mesmo modo, o universo, nascido do Eterno, remonta aos períodos inimagináveis do infinito de duração, ao "*Fiat lux!*" do começo.

15. — O começo absoluto das coisas remonta, assim, a Deus; suas aparições sucessivas no domínio da existência constituem a ordem da criação perpétua.

Que mortal poderia falar das magnificências desconhecidas e soberbamente veladas na noite das idades, que se desenvolveram nesses tempos antigos, quando nenhuma das maravilhas do universo atual existia; nessa época primitiva, quando tendo-se feito ouvir a voz do Senhor, os materiais que tinham de, no futuro, se juntar simetricamente e por si mesmos para formarem o templo da natureza, se encontraram de súbito no seio de infinitos vácuos; quando, a essa voz misteriosa, que cada criatura venera

e acaricia como a de u'a mãe, notas harmoniosamente variadas se produziram para ir vibrar em conjunto e modular o concerto dos vastos céus!

O mundo, no seu berço, não foi criado em sua virilidade e em sua plenitude de vida; não; o poder criador não se contradiz jamais e, como todas as coisas, o universo nasceu criança. Revestido com as leis mencionadas acima e com a impulsão inicial inerente à sua formação mesma, a matéria cósmica primitiva suscitou, em sucessão, o nascimento dos turbilhões, das aglomerações desse fluido difuso, dos amontoados de matéria nebulosa que se dividiram a si mesmos e se modificaram ao infinito, para criarem, nas regiões incomensuráveis do espaço sem fim, diversos centros de criações simultâneas ou sucessivas.

Em razão das forças que predominaram sobre um ou sobre outro e das circunstâncias ulteriores que presidiram a seus desenvolvimentos, os centros primitivos tornaram-se focos de uma vida especial: uns, menos disseminados no espaço e mais ricos em princípios e em forças atuantes, começaram desde logo sua vida astral particular; outros, ocupando uma extensão ilimitada, cresceram com uma certa lentidão ou se dividiram de novo em outros centros secundários.

16. — Reportando-nos a alguns milhões de séculos somente anteriores à época atual, nossa Terra não existia ainda, nosso sistema solar mesmo não havia ainda começado as evoluções da vida planetária, contudo, já esplêndidos sóis iluminam o éter; já planetas habitados propiciam vida e existência a uma grande quantidade de seres que nos precederam na carreira humana; as produções opulentas de uma natureza desconhecida e os fenômenos maravilhosos do céu desenvolvem sob outros olhares os quadros da imensa criação. Que digo?! Já os esplendores não são mais os que outrora fizeram palpitar o coração de outros mortais sob o pensamento do infinito poder! E nós, pobres serezinhos, que viemos após uma eternidade de vida, nós nos cremos contemporâneos da criação!

De uma vez por todas, compreendamos melhor a natureza. Saibamos que a eternidade está tanto atrás de nós como na frente, que o espaço é o teatro de uma sucessão e de uma simultaneidade inimaginável de criações. As nebulosas que distinguimos com dificuldade nos extremos do céu são aglomerações de sóis em via de formação; outras são vias lácteas de mundos habitados; outras, enfim, as sedes de catástrofes ou de ruínas. Saibamos que, do mesmo jeito que nos colocamos no meio de uma infinidade de mundos, assim também estamos no meio de uma dupla infinidade de durações anterior e posterior; que a criação universal não se limita a nós, e que não temos como aplicar esta palavra à formação isolada de nosso pequeníssimo glóbulo.

A CRIAÇÃO UNIVERSAL

17. — Após haveremos remontado, quanto nos permitiu nossa fragilidade, na direção da fonte oculta de onde decorrem os mundos como as gotas d'água do rio, consideremos a marcha das criações sucessivas e de seus desenvolvimentos seriados.

A matéria cósmica primitiva continha os elementos materiais, fluídicos e vitais de todos os universos que desdobram sua magnificência diante da eternidade; ela é a mãe

fecunda de todas as coisas, a primeira avó, e, ainda mais, a progenitora eterna. Ela não desapareceu nunca, essa substância de onde provêm as esferas siderais; ela não morreu jamais, essa potência, pois concebe ainda, incessantemente, novas criações e recebe, incessantemente, os princípios reconstituídos dos mundos que se extinguem do livro eterno.

A matéria etérea, mais ou menos rarefeita, que se dispersa entre os espaços interplanetários; esse fluido cósmico que preenche o mundo, mais ou menos rarefeito nas enormes regiões ricas em aglomerações de estrelas, mais ou menos condensado lá onde o céu astral não brilha ainda, mais ou menos modificado por diversas combinações, conforme as localidades da imensidão, é tão somente a substância primitiva em que residem as forças universais, de onde a natureza extraiu todas as coisas¹⁸.

18. — Esse fluido penetra os corpos como um imenso oceano. É nele que reside o princípio vital que proporciona o nascimento da vida dos seres e a perpetua em cada globo conforme sua condição, princípio em estado latente que dorme ali onde a voz de um ser não chama por ele. Cada criatura, mineral, vegetal, animal ou outra — pois há muitos outros reinos naturais cuja existência mesma não imaginamos — sabe, em virtude desse princípio vital universal, adequar as condições de sua existência e de sua duração.

As moléculas dos minerais têm sua quantidade dessa vida, tanto quanto a semente e o embrião, e se agrupam, como no organismo, em figuras simétricas que constituem os indivíduos.

É muito importante compenetrar-se da noção de que a matéria cósmica primitiva estava revestida não somente das leis que asseguram a estabilidade dos mundos, mas também do princípio vital universal que forma as gerações espontâneas em cada mundo, à proporção que se vão manifestando as condições da existência consecutiva dos seres e quando soa a hora da aparição dos filhos da vida durante o período criador.

Assim se efetua a criação universal. Logo, é justo dizer que, sendo as operações da natureza a expressão da vontade divina, Deus sempre criou, cria sem cessar e criará sempre.

19. — Mas até aqui nós silenciámos a respeito do *mundo espiritual*, o qual, também ele, faz parte da criação e cumpre seus desígnios conforme as augustas prescrições do Senhor.

Eu só tenho para oferecer um ensino muito restrito sobre o modo de criação dos Espíritos, em razão de minha própria ignorância mesma, e tenho de calar-me ainda a quanto a certas questões, conquanto me seja permitido aprofundá-las.

Aos que, por espírito religioso, queiram conhecer esse tema e que são humildes perante Deus, eu lhes direi, suplicando para não basearem nenhum sistema prematuro sobre minhas palavras: o Espírito não chega nunca a receber a iluminação divina que lhe propicia, ao mesmo tempo que seu livre-arbítrio, a consciência, ou seja, a noção de seus altos desígnios, sem que haja passado pela série divinamente fatal dos seres inferiores, junto aos quais se elabora lentamente a obra de sua individualidade; é somente a partir do

¹⁸ Caso se perguntasse qual é o princípio dessas forças e como consegue estar na substância mesma que o produz, nós responderíamos que a mecânica nos oferece numerosos exemplos disso. A elasticidade que faz distender u'a mola não se encontra na mola mesma, e não depende ela do modo de agregação das moléculas? O corpo que obedece á força centrífuga recebe sua impulsão do movimento primitivo que se lhe imprimiu.

dia em que o Senhor imprime em sua fronte seu molde augusto que o Espírito assume seu lugar entre os seres humanos.

Ainda uma vez, não edifiquem nunca sobre as minhas palavras seus raciocínios, tão tristemente célebres na história da metafísica; eu preferiria mil vezes calar-me sobre questões tão elevadas, acima de nossas meditações ordinárias, a expô-los a que desnaturem o sentido de meu ensino e a que mergulhem, por minha culpa, nos labirintos intrincados do deísmo ou do fatalismo.

OS SÓIS E OS PLANETAS

20. — Ora, sucedeu que em um ponto do universo, perdido entre as miríades de mundos, a matéria cósmica se condensou na forma de imensa nebulosa. Essa nebulosa se animou das leis universais que regem a matéria; em virtude dessas leis e, mais precisamente, da força molecular de atração, ela se revestiu com a figura de um esferoide, a única que conseguia revestir primitivamente u'a massa de matéria isolada no espaço.

O movimento circular produzido pela gravitação rigorosamente igual de todas as zonas moleculares em direção ao centro modificou, desde logo, o círculo primitivo no sentido de orientá-lo, de movimento em movimento, para a forma lenticular. — Nós nos referimos ao conjunto da nebulosa.

21. — Novas forças surgiram em consequência desse movimento de rotação: a força centrípeta e a força centrífuga; a primeira, tendendo a reunir todas as partes no centro; a segunda, tendendo a afastá-las dele. Ora, acelerando-se o movimento, à proporção que a nebulosa ia condensando-se, e aumentando seu raio, à proporção que ia aproximando-se da forma lenticular, a força centrífuga, incessantemente desenvolvida por essas duas causas, predominou desde cedo sobre a atração central.

Do mesmo jeito que um movimento bastante rápido da funda quebra a corda e deixa escapar para longe o projétil, assim a predominância da força centrífuga destacou o círculo equatorial da nebulosa, e com esse anel formou uma nova massa isolada da primeira, entretanto submetida à sua influência. Essa massa conservou seu movimento equatorial que, modificado, se torna em seu movimento de translação em torno do astro solar. Mais que isso, seu novo estado lhe oferece um movimento de rotação em torno de seu próprio centro.

22. — A nebulosa geratriz que deu origem a esse novo mundo condensou-se e retomou a forma esférica; mas, enfraquecendo-se com extrema lentidão o calor primitivo desenvolvido por seus movimentos diversos, o fenômeno que terminamos de descrever se reproduzirá amiúde e durante um longo período, enquanto essa nebulosa não se tornar assaz densa, assaz sólida, para opor eficaz resistência às modificações de forma a qual lhe imprime continuamente o seu movimento de rotação.

Ela não terá dado origem a um astro só mas a centenas de mundos destacados do foco central, saídos dela pelo modo de formação mencionados acima. Ora, cada um desses

mundos, revestidos como o mundo primitivo com as forças naturais que presidem à criação dos universos, engendrará em sucessão novos globos que gravitarão doravante em torno dele, como ele gravita, juntamente com seus irmãos, em torno do foco de sua existência e de sua vida. Cada um desses mundos será um sol, centro de um turbilhão de planetas, sucessivamente desagregados do seu equador. Esses planetas receberão uma vida especial, particular, conquanto dependente de seu astro gerador.

23. — Os planetas são assim formados de massas de matéria condensada, mas não ainda solidificada, desprendidos da massa central pela ação da força centrífuga, tomando, em virtude das leis do movimento, a forma esferoidal, mais ou menos elíptica, conforme o grau de fluidez que eles conservaram. Um desses planetas será a Terra, a qual, antes de estar resfriada e revestida de uma crosta sólida, dará origem à Lua, pelo mesmo modo de formação astral a que deve sua própria existência; a Terra, doravante inscrita no livro da vida, berço de criaturas cuja fragilidade se protege sob a asa da divina Providência, corda nova na harpa infinita, que deve vibrar, por sua vez, no concerto universal dos mundos.

OS SATÉLITES

24. — Antes que as massas planetárias houvessem atingido um grau de resfriamento suficiente para operar nelas a solidificação, massas menores, verdadeiros glóbulos líquidos, se destacaram de algumas no plano equatorial, plano em que a força centrífuga é maior, e, em virtude das mesmas leis, adquiriram um movimento de translação em torno de seu planeta gerador, como ocorreu com estes em torno de seu astro central gerador.

Foi assim que a Terra deu origem à Lua, cuja massa, menos considerável, com certeza sofreu um resfriamento mais rápido. Ora, as leis e as forças que presidiram a seu desprendimento do equador terrestre e seu movimento de translação nesse mesmo plano, atuaram de modo que esse mundo, em vez de revestir a forma esferoide, tomou a de um globo ovoide, quer dizer, a forma alongada de um ovo cujo centro de gravidade estaria fixado na parte inferior.

25. — As condições em que se efetuou a desagregação da Lua lhe permitiram mal-e-mal afastar-se da Terra e a constrangeram a permanecer perpetuamente suspensa em seu céu, como uma figura ovoide cujas partes mais pesadas formaram a força inferior voltada para a Terra, e cujas partes menos densas ocuparam o cume, caso se designe por esse nome o lado oposto à visão da Terra, elevando-se na direção do céu. É isto que faz com que esse astro nos apresente continuamente a mesma face. O fenômeno pode ser comparado, para melhor fazer compreender seu estado geológico, a um globo de cortiça cuja base, voltada para Terra, seria formada de chumbo.

Daqui, existem duas naturezas essencialmente distintas na superfície do mundo lunar: uma sem nenhuma analogia possível com o nosso, pois os corpos fluidos e etéreos lhe são desconhecidos; a outra, leve relativamente à Terra, já que todas as substâncias menos densas se fixaram em um hemisfério. A primeira, perpetuamente voltada para a

Terra, sem água e sem atmosfera, a não ser nos limites desse hemisfério meio terrestre: a outra, rica em fluidos, perpetuamente oposta ao nosso mundo¹⁹.

26. — O número e o estado dos satélites de cada planeta variaram conforme as condições especiais nas quais eles se formaram. Alguns não deram origem a nenhum astro secundário, tais como Mercúrio, Vênus e Marte²⁰, enquanto outros formaram um ou vários deles, como a Terra, Júpiter, Saturno etc.

27. — Além de seus satélites ou luas, o planeta Saturno apresenta o fenômeno especial do anel que, visto de longe, parece rodeá-lo como uma branca auréola. Essa formação é para nós uma nova prova da universalidade das leis da natureza. Esse anel é, na realidade, o resultado de uma separação que se operou nos tempos primitivos no equador de Saturno, do mesmo modo que uma área equatorial se afastou da Terra para formar seu satélite. A diferença consiste em que o anel de Saturno se compôs, em todas as suas partes, de moléculas homogêneas, provavelmente já em um certo estado de condensação, conseguindo, desse jeito, continuar o seu movimento de rotação no mesmo sentido e em um tempo quase igual ao que anima o planeta. Se um dos pontos desse anel houvesse sido mais condensado que um outro, uma ou várias aglomerações de substâncias se haveriam subitamente operado e Saturno contaria com vários satélites a mais. Desde o tempo da sua formação, esse anel vem sendo solidificado, assim como os outros corpos planetários.

OS COMETAS

28. — Astros errantes, mais ainda do que os planetas, que conservaram a denominação etimológica, os cometas serão os guias que nos ajudarão a ultrapassar os limites do sistema a que pertence a Terra, para nos levar na direção das regiões distantes da imensidade sideral.

Mas, antes de explorar, com a ajuda desses viajores do universo, os domínios celestes, será útil dar a conhecer, tanto quanto seja possível, sua natureza intrínseca e seu papel na economia planetária.

29. — Frequentemente se tem pensado que esses astros cabeludos são mundos em formação, criando em seu caos primitivo as condições de vida e de existência de que compartilham as terras habitadas; outros têm imaginado que esses corpos extraordinários seriam mundos em estado de destruição, e sua aparência singular tem sido para muitos o

¹⁹ Esta teoria da Lua, inteiramente nova, explica, através da lei da gravitação, a razão pela qual esse astro volta sempre a mesma face para a Terra. Encontrando-se seu centro de gravidade em um dos pontos da sua superfície, ao invés de estar no centro da esfera, por conseguinte, sendo atraída para a Terra por uma força maior do que as partes mais leves, a Lua produziria o efeito das figuras chamadas *teimosas*, que retornam constantemente sobre sua base, enquanto os planetas, cujo centro de gravidade está a igual distância da superfície, giram regularmente em seu eixo. Os fluidos vivificantes, gasosos ou líquidos, por causa de sua leveza específica, se encontrariam acumulados no hemisfério superior, constantemente oposto à Terra; o hemisfério inferior, o único que vemos, estaria desprovido deles e, por causa disso, sendo impróprio à vida, enquanto ela reinaria no outro. Portanto, se o hemisfério superior for habitado, seus habitantes jamais viram a Terra, a não ser através de excursões ao outro hemisfério, o que lhes seria impossível, caso não haja as condições necessárias à vida.

Por mais racional e científica que seja essa teoria, como ela não teve como ainda ser confirmada por nenhuma observação direta, apenas deve ser aceita a título de hipótese, e como uma ideia que pode servir de orientação para a ciência; mas não se pode deixar de convir que seja a única, até o presente, que oferece uma explicação satisfatória das particularidades que apresenta esse globo.

²⁰ Dois satélites de Marte, Deimos e Fobos, foram descobertos, em 1877, pelo astrônomo Asaph Hall. (Nota do Trad.)

objeto de avaliações erradas sobre sua natureza: de modo que não houve, nem mesmo na astrologia de adivinhação, quem não tenha realizado presságios de desgraças enviados por decretos providenciais à Terra assustada e trêmula.

30. — A lei de variedade é aplicada com tão grande profusão nos trabalhos da natureza que a gente se pergunta como os naturalistas, astrônomos ou filósofos erigiram tantos sistemas para equiparar os cometas aos astros planetários e para apenas ver neles astros em um grau maior ou menor de progresso ou de caducidade. Os quadros da natureza tinham de ser amplamente suficientes, contudo, para afastar do observador o cuidado de procurar relações que não existem e para deixar aos cometas o papel modesto mas útil de astros errantes, servindo de batedores para os impérios solares. Os corpos celestes de que tratamos são diferentes dos corpos planetários; é que não têm, como eles, por fim servir de morada aos homens? Eles vão sucessivamente de sóis a sóis, enriquecendo-se às vezes pelo caminho com fragmentos planetários reduzidos ao estado de vapores, extrair de seus focos os princípios vivificantes e renovadores que espargem em mundos como a Terra. (Cap. ix, n.º 12.)

31. — Se, quando um desses astros se aproxima de nosso glóbulo, para lhe atravessar a órbita e retornar a seu apogeu situado a uma distância incomensurável do Sol, nós o seguíssemos, pelo pensamento, para visitar com ele as regiões siderais, franquearíamos essa imensidade prodigiosa de matéria etérea que separa o Sol das estrelas mais próximas e, observando os movimentos sincronizados desse astro, que se a gente crê perdido no deserto do infinito, encontraríamos aí também uma prova eloquente da universalidade das leis da natureza, que se exercem a distâncias que a imaginação mais hábil mal-e-mal consegue conceber.

Lá, a forma elíptica assume a forma parabólica e o avanço diminui a ponto de percorrer só alguns metros no mesmo tempo em que em seu perigeu percorria vários milhares de léguas. Talvez um sol mais possante, mais importante que aquele que ele acaba de deixar, se utilize quanto a esse cometa de uma atração preponderante e o receba na fieira de seus próprios objetos, e então as crianças assustadas de sua Terra pequenina esperarão em vão seu retorno, o qual haviam prognosticado através de observações incompletas. Neste caso, nós, cujo pensamento seguiu o cometa errante até essas regiões desconhecidas, encontraremos assim uma nova nação indevassável para os olhares terrestres, inimaginável para os Espíritos que habitam a Terra, inconcebível mesmo para o seu pensamento, pois ela há de ser teatro de maravilhas inexploradas.

Nós chegamos ao mundo astral, a esse mundo deslumbrante de vastos sóis que irradiam no espaço infinito e que são as flores brilhantes do canteiro magnífico da criação. Somente quando lá chegarmos é que saberemos o que é realmente a Terra.

A VIA-LÁCTEA

32. — Durante as belas noites estreladas e sem lua, cada um pode observar a claridade esbranquiçada que atravessa o céu de um extremo a outro, e que os antigos denominaram de *via láctea*, por causa de sua aparência leitosa. Essa claridade difusa foi demoradamente explorada pelo olhar do telescópio nos tempos modernos e o caminho de pó de ouro ou o arroio de leite da antiga mitologia se transformou em um vasto campo de maravilhas desconhecidas. As pesquisas dos observadores levaram ao conhecimento de sua natureza, e mostraram, lá onde o olhar perdido encontraria uma fraca luminosidade, milhões de sóis mais luminosos e mais importantes que o que nos ilumina.

33. — A via láctea, com efeito, é um campo semeado de flores solares ou planetárias que brilham em sua vasta imensidade. Nosso Sol e todos os corpos que o acompanham fazem parte desses globos radiantes de que se compõe a via láctea; mas, malgrado suas dimensões gigantescas relativamente à Terra e à grandeza de seu império, não ocupam, todavia, senão um lugar insignificante nessa vasta criação. Pode-se contar uma trintena de milhões de sóis semelhantes a ele que gravitam nessa imensa região, afastados uns dos outros mais de cem mil vezes o raio da órbita terrestre²¹.

34. — Através dessa aproximação se pode julgar a extensão da região sideral e a relação que liga nosso sistema ao conjunto dos sistemas que a ocupam. Pode-se julgar igualmente a exiguidade do domínio solar e, com tanto mais razão, o nada de nossa Terra pequenina. Que seria, então, se a gente pensasse nos seres que a povoam!

Eu digo do *nada*, pois as nossas delimitações não se aplicam somente à dimensão material, física, dos corpos que nós estudamos — isso seria pouco — mas ainda e sobretudo a seu estágio moral para habitação, ao grau que ocupam na eterna hierarquia dos seres. A criação aí se mostra em toda a sua majestade, criando e propagando, de todos os lados do mundo solar e em cada um dos sistemas que por toda parte o rodeiam, as manifestações da vida e da inteligência.

35. — Dessa maneira, a gente fica conhecendo a posição ocupada por nosso Sol ou pela Terra no mundo das estrelas; estas considerações adquirirão um peso maior ainda, se se refletir que a via láctea, por seu estado mesmo, dentro da imensa quantidade de criações siderais, representa, ela mesma, apenas um ponto imperceptível e inapreciável, visto de longe, pois não passa de uma nebulosa estelar, como existem milhares no espaço. Se ela nos parece mais vasta e mais rica do que outras, é apenas pela razão de que nos rodeia e se desdobra em toda a sua extensão sob nossos olhos; enquanto as outras, perdidas nas profundezas insondáveis, mal se deixam divisar.

36. — Ora, quando se sabe que a Terra não é nada ou quase nada, no sistema solar; que este não é nada ou quase nada, na via láctea; que esta não é nada ou quase nada, no conjunto das nebulosas; e que este conjunto, ele mesmo, é muito pouca coisa, no meio da imensidão do infinito, a gente vai começar a compreender o que é o globo terrestre.

²¹ Mais de três trilhões e quatrocentos bilhões de léguas.

AS ESTRELAS FIXAS

37. — As estrelas chamadas fixas, que cobrem os dois hemisférios do firmamento, não estão isentas de toda a atração exterior, como se supõe geralmente; longe disso, todas elas pertencem a uma só aglomeração de astros estelares. Essa aglomeração não é outra senão a grande nebulosa de que fazemos parte e cujo plano equatorial, que se projeta céu adentro, recebeu o nome de *via láctea*. Todos os sóis que a compõem são solidários; suas múltiplas influências reagem perpetuamente, uma sobre a outra, e a gravitação universal reúne a todas elas em uma só família.

38. — A maioria desses inúmeros sóis é, como o nosso, cercada de mundos secundários, que eles iluminam e fecundam através das mesmas leis que presidem à vida de nosso sistema planetário. Uns, como Sírio, são milhares de vezes mais magníficos em dimensões e riquezas que o nosso, e seu papel mais importante no universo; o mesmo quanto aos planetas que o rodeiam em maior número, sendo muito superiores aos nossos. Outros são muito diferentes por suas funções astrais. É assim que, em certo número, esses sóis, verdadeiros gêmeos da ordem sideral, acompanhados por seus irmãos de mesma idade, formam no espaço sistemas binários aos quais a natureza deu funções muito outras que as atribuídas ao nosso Sol²². Lá, os anos não se medem mais através dos mesmos períodos, nem os dias, através dos mesmos sóis; esses mundos iluminados por uma dupla chama receberam em partilha condições de existência inimagináveis para quem não saiu deste pequenino mundo terrestre.

Outros astros, sem cortejo, privados de planetas, receberam os melhores elementos de habitabilidade que se podem oferecer a qualquer um. As leis da natureza são diversificadas em sua imensidão; se a unidade é a grande palavra do universo, a variedade infinita não é menos um eterno atributo seu.

39. — Malgrado o número prodigioso das estrelas e de seus sistemas, malgrado as distâncias incomensuráveis que as separam, todas elas pertencem não menos que à mesma nebulosa estelar, que os olhos dos mais poderosos telescópios mal conseguem discernir e que as concepções mais ousadas da imaginação mal conseguem franquear; nebulosa que, não obstante, não é mais que uma unidade na ordem das nebulosas que compõem o mundo astral.

40. — As estrelas chamadas fixas não estão nunca imóveis na imensidade. As constelações que se conceberam na abóbada do firmamento não são criações de símbolos reais. A *distância* da Terra e a perspectiva sob a qual se dimensiona o universo a partir desta estação são as duas causas da dupla ilusão de ótica. (Cap. v, n.º 12.)

²² São as chamadas, em astronomia, estrelas duplas. São dois sóis, um girando em torno do outro, como um planeta ao redor do seu sol. De que estranho e magnífico espetáculo devem desfrutar os habitantes desses mundos que compõem esses sistemas iluminados por um duplo sol! Mas, por isso, como têm de ser diferentes ali as condições da vida!

Em uma comunicação oferecida posteriormente, o Espírito de Galileu acrescenta: “Existem mesmo sistemas mais complicados nos quais diferentes sóis desempenham, em face um do outro, o papel de satélites. Produzem-se então maravilhosos efeitos de luz para os habitantes dos globos que eles iluminam; tanto mais que, malgrado sua proximidade aparente, os mundos habitados devem circular entre eles e receber alternadamente as ondas de luz diversamente coloridas cuja reunião recompõe a luz branca.”

41. — Nós vimos que a totalidade dos astros que cintilam na cúpula azulada se encerrou em uma só aglomeração cósmica, em uma só nebulosa, a *via láctea*; mas, por pertencerem todos ao mesmo grupo, nem por isso esses astros não estão, cada qual, menos animados por um movimento próprio de translação no espaço; repouso absoluto não existe em parte alguma. Eles são governados através das leis universais da gravitação e rodam na imensidade sob a impulsão incessante dessa força imensa; eles rodam, nunca seguindo rotas traçadas pelo acaso, mas seguindo órbitas fechadas cujo centro é ocupado por um astro superior. Para tornar minhas palavras mais compreensíveis através de um exemplo, eu falarei especificamente do Sol.

42. — A gente sabe, pelas observações modernas, que ele não está de fato fixo nem se situa no centro, como se acreditava nos primeiros tempos da nova astronomia, mas que avança no espaço, carregando consigo seu vasto sistema de planetas, de satélites e de cometas.

Ora, essa marcha não é de fato fortuita, nem ele vai, errando pelos vácuos infinitos, perder, longe das regiões que se lhe assinalaram, seus filhos e seus vassalos. Não, sua órbita está estabelecida e ele, em harmonia com os outros sóis de mesma ordem, cercados, como ele, de um certo número de terras habitadas, gravita em torno de um sol central. Seu movimento de gravitação, igual ao daqueles sóis seus irmãos, é imperceptível para as observações anuais, pois numerosíssimos períodos seculares mal dariam para marcar o tempo de uma dessas jornadas astrais.

43. — O sol central de que terminamos de falar, é, ele mesmo, um globo secundário relativamente a um outro mais importante ainda, em torno do qual perpetua u'a marcha lenta e determinada, na companhia de outros sóis de igual ordem.

Nós poderíamos comprovar essa subordinação sucessiva de sóis a sóis, até que nossa imaginação se canse de ascender em uma tal hierarquia; pois, não nos esqueçamos, se pode contar, em números redondos, uma trintena de milhões de sóis na via láctea, subordinados uns aos outros, como as engrenagens gigantescas de um imenso sistema.

44. — Esses astros, em quantidades incontáveis, vivem, cada qual, uma vida solidária; assim como nada se encontra isolado na economia do pequenino mundo terrestre, nada também se encontra isolado no universo incomensurável.

Os sistemas de sistemas pareceriam ao longe, ao olhar investigador do filósofo que pudesse abarcar o quadro desdobrado no espaço e no tempo, uma poeira de pérolas de ouro erguida em turbilhões sob o sopro divino, que faz com que voem os mundos siderais nos céus, tanto quanto os grãos de areia nas encostas do deserto.

Não mais imobilidade, não mais silêncio, não mais noite! O grande espetáculo que se desdobraria assim aos nossos olhos seria a criação real, imensa e plena da vida etérea, que abrange, na imensidão do que existe, o olhar infinito do Criador.

Mas nós falamos até agora apenas de uma nebulosa, com seus milhões de sóis, seus milhões de terras habitadas, formando, como já o dissemos, tão só uma ilha dentro do arquipélago infinito.

OS DESERTOS DO ESPAÇO

45. — Um deserto imenso, sem limites, se estende para além da aglomeração de estrelas de que terminamos de falar, e a envolve. Solidões sucedem a solidões e as planícies incomensuráveis do vácuo se estendem ao longe. Encontrando-se os amontoados de matéria cósmica isolados no espaço, como ilhas flutuando em um imenso arquipélago, se se quiser avaliar de alguma forma a ideia da enorme distância que separa o amontoadado de estrelas de que fazemos parte das aglomerações mais próximas, é preciso saber que essas ilhas estelares estão disseminadas e são raras no vasto oceano dos céus, e que a imensidade que as separa umas das outras é incomparavelmente maior que aquela que estabelece a medida de suas dimensões respectivas.

Ora, a gente se lembra de que a nebulosa estelar mede, em número redondo, mil vezes a distância das estrelas mais próximas, distância esta tomada como unidade, quer dizer, alguns cem mil trilhões de léguas. Sendo a distância que se estende entre elas muito mais vasta, não poderia ser expressa por números acessíveis à compreensão de nosso espírito; tão só a imaginação, em suas mais altas concepções, é capaz de vencer essa imensidade prodigiosa, suas solidões mudas e privadas de toda aparência de vida, e de enfrentar de algum modo a ideia dessa infinidade relativa.

46. — Esse deserto celeste, no entanto, que envolve nosso universo sideral e que parece estender-se como os confins longínquos de nosso mundo astral, é abrangido pela vista e pelo poder infinito do Altíssimo, que, para além desses céus de nossos céus, desenvolveu a trama de sua criação ilimitada.

47. — Para além dessas vastas solidões, com efeito, os mundos irradiam em sua magnificência tão bem quanto nas regiões acessíveis às investigações humanas; para além desses desertos, esplêndidos oásis pairam no límpido éter e renovam sem cessar as cenas admiráveis da existência e da vida. Lá se desdobram os agregados distantes de substância cósmica, que o olhar profundo do telescópio divisa através das regiões transparentes de nosso céu, as nebulosas denominadas irresolúveis, que aparecem aos homens como leves nuvens de poeira branca perdidas em um ponto desconhecido do espaço etéreo. Lá se revelam e se desenvolvem os mundos novos, cujas condições variadas e estranhas às que são inerentes a este globo lhes dão uma vida que as concepções humanas não conseguem imaginar nem seus estudos constatar. É lá que resplende em toda a sua plenitude o poder criador; para quem chega das regiões ocupadas pelo sistema da Terra, outras leis se encontram em ação, cujas forças governam as manifestações da vida, e os novos caminhos que seguimos nesses países estranhos nos abrem perspectivas desconhecidas²³.

²³ Dá-se, em astronomia, o nome de nebulosas *irresolúveis* às que se compõem de estrelas que não se conseguiu ainda distinguir. Elas haviam sido consideradas primeiro como amontoados de matéria cósmica em vias de condensação para a formação de mundos, mas hoje em geral se pensa que essa aparência se deve à distância e que, com instrumentos muito poderosos, todas seriam resolúveis.

Uma comparação familiar pode oferecer uma ideia, conquanto bem imperfeita, das nebulosas resolúveis: são os grupos de faíscas projetadas pelas bombas de artifício no momento da sua explosão. Cada uma dessas faíscas nos representará uma estrela e o conjunto será a nebulosa ou grupo de estrelas reunidas em um ponto do espaço e submetidas a uma lei comum de atração e de movimento. Vistas a uma certa distância, as faíscas mal se distinguem e o seu grupo tem a aparência de uma nuvenzinha de fumaça. Essa comparação não seria exata, caso se tratasse de matéria cósmica condensada.

SUCESSÃO ETERNA DOS MUNDOS

48. — Vimos que uma única lei primordial e geral foi oferecida ao universo para assegurar-lhe eterna estabilidade, e que essa lei geral é perceptível pelos nossos sentidos através de diversas ações particulares a que denominamos de forças diretrizes da natureza. Nós iremos mostrar hoje que a harmonia do mundo inteiro, considerada sob o duplo aspecto da eternidade e do espaço, está assegurada por essa lei suprema.

49. — Com efeito, se remontarmos à primeira origem das primitivas aglomerações de substância cósmica, nós notaremos que, sob o comando dessa lei, a matéria já sofre as transformações necessárias que a conduzem do germe ao fruto maduro, e que, sob a impulsão das diferentes forças nascidas dessa lei, ela percorre a escala de suas revoluções periódicas; primeiro, centro fluídico dos movimentos; em seguida, geradora de mundos; mais tarde, núcleo central e atrativo das esferas que tiveram origem em seu seio.

Nós sabemos já que essas leis presidem à história do cosmos; o que importa saber agora é que elas presidem igualmente à destruição dos astros, pois a morte não é somente uma metamorfose do ser vivo, mas também uma transformação da matéria inanimada; se é verdadeiro dizer, no sentido literal, que só a vida é acessível à foice da morte, é também justo acrescentar que a substância tem por toda necessidade que sofrer as transformações inerentes à sua constituição.

50. — Eis aqui um mundo que, desde seu primitivo berço, percorreu, em toda sua duração, os anos que sua organização específica lhe permitia percorrer; o foco interior de sua existência está extinto, seus elementos peculiares perderam sua virtude original; os fenômenos da natureza, que reclamavam para sua produção a presença e a ação das forças destinadas a esse mundo, não conseguem apresentar-se doravante, porque a alavanca de sua atividade não tem mais o ponto de apoio que lhe proporcionava toda a sua força.

Ora, hão de pensar que essa terra extinta e sem vida vai continuar gravitando nos espaços celestes sem alvo, passando como um cadáver inútil pelo turbilhão dos céus? Hão

Nossa via láctea é uma dessas nebulosas; conta ela perto de trinta milhões de estrelas ou sóis, que ocupam não menos que algumas centenas de trilhões de léguas de extensão, entretanto, não é a maior. Suponhamos u'a média de somente vinte planetas habitados circulando em torno de cada sol, o que resultaria ao redor de seiscentos milhões de mundos apenas para nosso grupo.

Se nós conseguíssemos transportar-nos de nossa nebulosa para uma outra, ali estaríamos como no meio de nossa via láctea, mas com um céu estrelado com um aspecto assaz diferente; e este, malgrado suas dimensões colossais em relação a nós, nos apareceria, ao longe, como um floquinho lenticular perdido no infinito. Mas, antes de chegar à nova nebulosa, nós estaríamos na situação do viajante que deixa uma cidade e percorre um vasto país desabitado antes de chegar a uma outra cidade; nós teríamos avançado por espaços incomensuráveis desprovidos de estrelas e de mundos, o que Galileu chama de desertos do espaço. À proporção que fôssemos avançando, iríamos ver nossa nebulosa fugir atrás de nós, diminuindo de extensão aos nossos olhos, ao mesmo tempo que, diante de nós, se apresentaria aquela na direção da qual nos dirigíssemos, mais e mais distinta, semelhante à massa de faíscas da bomba de artifício. Transportando-nos pelo pensamento às regiões do espaço, para além do *arquipélago* de nossa nebulosa, nós veremos em toda a nossa volta milhões de arquipélagos semelhantes e de formas diversas, encerrando cada um milhões de sóis e centenas de milhões de mundos habitados.

Tudo o que nos pode identificar com a grandeza da imensidade e a estrutura do universo é útil para ampliação das ideias, tão reprimidas pelas crenças vulgares. Deus cresce aos nossos olhos à proporção que melhor vamos compreendendo a grandeza de suas obras e nossa insignificância. Nós estamos longe, como se vê, da crença implantada pelo *Gênesis* mosaico, que faz de nossa pequenina e imperceptível Terra a criação principal de Deus, e de seus habitantes, os únicos objetos de sua solicitude. Nós compreendemos a vaidade dos homens que julgam que tudo foi feito para eles no universo e dos que ousam discutir a existência do Ser Supremo. Em alguns séculos, a gente se espantará de que uma religião feita para glorificar a Deus, o tenha rebaixado a tão mesquinhas proporções e que tenha rejeitado, como sendo a concepção do Espírito do mal, as descobertas que somente alcançavam aumentar nossa admiração para com sua onipotência, iniciando-nos nos mistérios grandiosos da criação; a gente se espantará mais ainda quando souber que foram rejeitadas porque poderiam emancipar o espírito dos homens e subtrair a preponderância dos que se diziam os representantes de Deus no mundo.

de pensar que ela permanece inscrita no livro da vida universal, quando não é mais do que letra morta desprovida de sentido? Não; as mesmas leis que a elevaram acima do caos tenebroso e que a gratificaram com os esplendores da vida, as mesmas forças que a governaram durante os séculos da sua adolescência, que ampararam os seus primeiros passos na existência e que a conduziram à idade madura e à velhice, vão presidir à desagregação de seus elementos constituintes, para devolvê-los ao laboratório de onde o poder criador extrai sem cessar as condições da estabilidade geral. Esses elementos vão retornar a essa massa comum do éter, para se agregarem a outros corpos ou para regenerarem outros sóis; e essa morte não será um evento inútil para essa terra nem para suas irmãs: ela renovará, em outras regiões, outras criações de diferente natureza, e lá, onde os sistemas de mundos se desvaneceram, cedo renascerá um novo canteiro de flores mais brilhantes e mais perfumadas.

51. — Assim, a eternidade real e efetiva do universo está assegurada pelas mesmas leis que orientam as operações do tempo; assim, os mundos sucedem aos mundos, os sóis, aos sóis, sem que o imenso mecanismo dos vastos céus seja jamais prejudicado em suas gigantescas atribuições.

Lá onde os olhos humanos admiram as esplêndidas estrelas sob a abóbada das noites; lá onde o espírito contempla as irradiações magníficas que resplendem nos espaços longínquos, desde há muito o dedo da morte vem extinguindo esses esplendores, desde há muito o vácuo vem sucedendo a esses deslumbramentos e vem recebendo mesmo novas criações ainda desconhecidas. A imensa distância desses astros, através da qual a luz que eles nos enviam demora milhares de anos para chegar até nós, faz com que recebamos somente hoje os raios que nos enviaram muito tempo antes da criação da Terra e que admiraremos ainda durante milhares de anos após o seu desaparecimento real²⁴.

Que são os seis mil anos da humanidade histórica diante dos períodos seculares? Segundos de seus séculos. Que são suas observações astronômicas diante do estado absoluto do mundo? A sombra de um eclipse solar.

52. — Logo, aqui como em nossos outros estudos, reconhecemos que a Terra e o homem nada são se comparados com o que existe, e que as mais colossais operações do nosso pensamento só avançam ainda em um trecho imperceptível da imensidade e da eternidade de um universo que não acabará nunca.

E, quando os períodos de nossa imortalidade tiverem passado por sobre nossas cabeças, quando a história atual da Terra nos aparecer como vaporosa sombra no recesso de nossa lembrança; depois que nós tivermos habitado durante séculos incontáveis os diversos degraus de nossa hierarquia cosmológica; depois que os domínios mais distantes das épocas futuras tiverem sido percorridos por inumeráveis peregrinações, teremos diante de nós a sucessão ilimitada dos mundos e a imobilidade eterna por perspectiva.

²⁴ Eis aí um efeito do tempo que a luz demora para atravessar o espaço. Sendo sua velocidade de setenta mil léguas por segundo, ela nos chega do Sol em oito minutos e treze segundos. Resulta daí que, se um fenômeno se passa na superfície do Sol, nós apenas o perceberemos oito minutos mais tarde, e, pela mesma razão, nós o veremos ainda oito minutos após seu desaparecimento. Se, em razão de sua distância, a luz de uma estrela demora mil anos para chegar até nós, nós somente veremos essa estrela mil anos após sua formação. (Ver, para a explicação e para a descrição completa desse fenômeno, a *Revista Espírita* de março e de maio de 1867; sinopse de *Lumen*, obra do Sr. C. Flammarion.)

A VIDA UNIVERSAL

53. — A imortalidade das almas, cuja base é o sistema do mundo físico, pareceu imaginária aos pensadores descrentes; com ironia, eles a classificaram de imortalidade turista, e não compreenderam que ela só era verdadeira diante do espetáculo da criação. Entretanto, é possível fazer compreender toda a sua grandeza; eu quase diria toda a sua perfeição.

54. — Que as obras de Deus sejam criadas para o pensamento e para a inteligência; que os mundos sejam a morada de seres que os examinam e que descubrem, sob seu mistério, o poder e a sabedoria daquele que as formou, essa é questão que não nos apresenta dúvida alguma; mas que as almas que os povoam sejam solidárias, isso é que é importante conhecer.

55. — A inteligência humana, na realidade, mal consegue avaliar esses globos radiosos que cintilam na imensidade como simples massas de matéria inerte e sem vida; mal consegue pensar que existem, nessas regiões longínquas, magníficos crepúsculos e noites esplêndidas, sóis fecundos e dias cheios de luz, vales e montanhas onde as produções múltiplas da natureza desenvolveram toda a sua pompa luxuriante; mal consegue imaginar, digo eu, que o espetáculo divino, a que a alma deve associar-se como à sua própria vida, esteja despido de existência e privado de qualquer ser pensante que possa conhecê-lo.

56. — Mas, a essa ideia eminentemente justa da criação, precisa acrescentar a da humanidade solidária, e é nisso que consiste o mistério da eternidade futura.

Uma só família humana foi criada na universalidade dos mundos e os liames de uma fraternidade ainda não compreendida pelo homem foram oferecidos a esses mundos. *Se os astros, que se harmonizam em seus vastos sistemas, são habitados por inteligências, não o são com certeza por seres desconhecidos uns dos outros, mas sim por seres marcados com o mesmo destino, os quais têm de se reencontrar em dados momentos, conforme suas funções de vida, e se buscar, conforme suas mútuas simpatias;* é a grande família dos Espíritos que povoam as terras celestes; é a grande irradiação do Espírito divino que abrange a imensidade dos céus e que permanece como modelo primeiro e último da perfeição espiritual.

57.— Por qual estranha aberração o homem acreditou ter de recusar à imortalidade as vastas regiões do éter, quando encerrava essa ideia dentro de um limite inadmissível e de uma dualidade absoluta? O verdadeiro sistema do mundo teria, então, de preceder à verdadeira doutrina dogmática, e a ciência, à teologia? Esta se extraviará a ponto de sua base se fixar na metafísica? A resposta está dada e nos demonstra que a nova filosofia se assentará triunfante sobre as ruínas da antiga, porquanto sua base se erguerá vitoriosa sobre os antigos erros.

DIVERSIDADE DE MUNDOS

58. — Os senhores nos seguiram em nossas excursões celestes e visitaram conosco as regiões imensas do espaço. Aos nossos olhos, os sóis sucederam aos sóis, os sistemas aos sistemas, as nebulosas às nebulosas; o panorama esplêndido da harmonia do cosmos se desdobrou diante de nossos passos e recebemos o antegozo da ideia do infinito, o qual nós somente temos como compreender em toda a sua extensão conforme se der nossa perfectibilidade futura. Os mistérios do éter revelaram seus enigmas até aqui indecifráveis, e nós concebemos ao menos a ideia da universalidade das coisas. É importante agora que paremos para refletir.

59. — É bonito, sem dúvida, haver reconhecido a pequenez da Terra e sua medíocre importância na hierarquia dos mundos; é bonito haver rebaixado a presunção humana, que nos é tão cara, e nos havermos humilhado diante de grandeza absoluta; mas será mais bonito ainda interpretar, no sentido moral, o espetáculo do qual fomos testemunhas. Eu quero falar do poder infinito da natureza e da ideia que temos de conceber de seu modo de agir nos diversos setores do vasto universo.

60. — Como nós estamos habituados a julgar as coisas através de nossa pobre e minúscula morada, imaginamos que a natureza não conseguiu ou não teve como agir nos outros mundos senão de acordo com as regras que reconhecemos neste mundo. Ora, é precisamente aí que é importante que reformemos nosso julgamento.

Lancem um instante o olhar para uma região qualquer de seu globo e para uma das produções de sua natureza; os senhores não reconhecem nela o sinal de uma variedade infinita e a prova de uma atividade sem igual? Não veem na asa de um passarinho das Canárias, na pétala de um botão de rosa entreaberto, a fascinante fecundidade dessa bela natureza?

Que os seus estudos se apliquem aos seres que planam nos ares, que desçam até a violeta dos bosques, que mergulhem nas profundezas do oceano, em tudo e por toda parte, vão ler esta verdade universal: a natureza onipotente age conforme os lugares, os tempos e as circunstâncias; ela é una em sua harmonia geral, mas múltipla em suas produções; ela brinca em um sol como em uma gota d'água; ela povoa de seres vivos um mundo imenso com a mesma facilidade com que faz eclodir o ovo de uma borboleta de outono.

61. — Ora, se é tal a variedade que a natureza conseguiu descrever-nos, por todos os lugares deste planetinha tão acanhado, tão limitado, quanto mais poderão os senhores ampliar essa ação, pensando segundo as perspectivas dos vastos mundos! Quanto mais poderão desenvolvê-la e reconhecer nela um poder extraordinário, ao aplicá-la a esses mundos maravilhosos que, bem mais que a Terra, atestam sua inestimável perfeição!

Os senhores não veem de fato, em torno de cada um dos sóis do espaço, sistemas semelhantes ao seu sistema planetário; não veem de fato nesses planetas desconhecidos, os três reinos da natureza que brilham em torno de si; mas pensem que, assim como um rosto não se parece com nenhum outro no gênero humano inteiro, assim também uma

diversidade prodigiosa, inimaginável, se disseminou pelas moradas etéreas que vogam no seio dos espaços.

Só porque sua natureza viva começou no zoófito para terminar no homem, que a atmosfera alimenta a vida terrestre, que o elemento líquido a renova sem cessar, que as suas estações fazem suceder nesta vida os fenômenos que a caracterizam, não concluem jamais que os milhões e milhões de terras que vogam na imensidade sejam semelhantes a ela; longe disso, elas diferem de acordo com as condições diversas que nelas se desenvolveram e de acordo com seu papel respectivo no teatro do mundo; aí se encontram as pedrarias variadas de um imenso mosaico, as flores diversificadas de um admirável jardim.

CAPÍTULO VII

ESBOÇO GEOLÓGICO DA TERRA

Períodos geológicos. — Estado primitivo do globo. — Período primário. — Período de transição. — Período secundário. — Período terciário. — Período diluviano. — Período pós-diluviano ou atual. — Nascimento do homem.

PERÍODOS GEOLÓGICOS

1. — A Terra conserva os vestígios evidentes da sua formação; a gente reconhece suas fases com precisão matemática, nos diferentes terrenos que compõem sua estrutura. O conjunto desses estudos constitui a ciência chamada *geologia*, ciência nascida neste século e que esclareceu a questão tão controvertida da origem da Terra e dos seres vivos que a habitam. Aqui não existe qualquer hipótese, mas o resultado rigoroso da observação dos fatos e, perante os fatos, nenhuma dúvida se permite. A história da formação do globo está escrita nas camadas geológicas de um modo muito mais certo que nos livros preconcebidos, porque a natureza mesma é que fala, que se põe a descoberto, e não é a imaginação dos homens que estabelece os sistemas. Onde se veem os vestígios do fogo, se tem que dizer com certeza que o fogo existiu; onde se veem os da água, se diz com não menos certeza que a água ali esteve; onde se veem os dos animais, se diz que os animais viveram ali.

Portanto, a geologia é uma ciência toda de observação; ela extrai consequências apenas do que observa; quanto aos pontos duvidosos, não afirma nada; emite tão só opiniões para serem discutidas, cuja solução definitiva aguarda por observações mais completas. *Sem as descobertas da geologia, como sem as da astronomia, a gênese do mundo estaria ainda nas trevas da lenda.* Graças a ela, hoje o homem conhece a história de sua casa e o fundamento das fábulas que cercavam seu berço ruiu para não mais se erguer.

2. — Nos terrenos, por todos os lugares em que existam fossos, escavações naturais ou realizadas pelos homens, nota-se as denominadas *estratificações*, quer dizer, camadas superpostas. Os terrenos que apresentam essa disposição são designados de *terrenos estratificados*. Essas camadas, de espessura muito variável, desde alguns centímetros até cem metros ou mais, se distinguem entre si pela cor e pela natureza das substâncias de que se compõem. Os trabalhos de arte, a abertura de poços, a exploração das pedreiras, e, sobretudo, das minas permitiram observá-las até uma profundidade muito grande.

3. — As camadas são em geral homogêneas, o que significa que cada uma se formou de uma mesma substância ou de diversas substâncias que existiram juntas e formaram um todo compacto. A linha de separação que as isola umas das outras está sempre nitidamente demarcada, como nas fiadas de tijolos de uma construção; em nenhum lugar se vê misturar-se e perder-se uma nas outras, em relação a seus limites respectivos, como também se dá, por exemplo, nas cores do prisma e do arco-íris.

Por tais caracteres, reconhece-se que elas se foram formando sucessivamente, uma sobre a outra, em condições e por causas diferentes; as mais profundas foram, naturalmente, as primeiras a serem formadas e as mais superficiais, as derradeiras. A última de todas, a que se encontra na superfície, é a camada de terra vegetal que deve suas propriedades aos detritos das matérias orgânicas provenientes das plantas e dos animais.

4. — As camadas inferiores, colocadas logo abaixo da camada vegetal, receberam, em geologia, o nome de *rochas*, palavra que, nesta acepção, não implica sempre a ideia de uma substância com as propriedades da pedra, mas significa um leito ou banco de uma substância mineral qualquer. Umas se formaram de saibro, de argila ou barro, de marna, de seixos arredondados; outras de pedras propriamente ditas, mais ou menos duras, tais como os arenitos, os mármore, o giz, os calcários ou pedras de cal, as pedras dos moinhos, os carvões-de-pedra, os asfaltos etc. Diz-se que uma pedra é mais ou menos poderosa, conforme a sua espessura seja mais ou menos considerável.

Pelo exame da natureza dessas rochas ou camadas, a gente reconhece, por certos sinais, que umas provêm de matérias fundidas e, às vezes, vitrificadas pela ação do fogo; outras, de substâncias terrosas depositas pelas águas; algumas dessas substâncias permaneceram desagregadas, como os saibros; outras, de início em estado pastoso, sob a ação de certos agentes químicos ou de outras causas, se endureceram e adquiriram, através do tempo, a consistência da pedra. Os bancos de pedras superpostas informam que os depósitos se sucederam. O fogo e a água tiveram, portanto, sua participação na formação dos materiais que compõem a estrutura sólida do globo.

5. — A posição normal das camadas terrosas ou pedregosas que provieram de depósitos de água é a horizontal. Quando se veem as imensas planícies que se estendem às vezes a perder de vista, com uma horizontalidade perfeita, unidas como se houvessem sido niveladas com rolo, ou os fundos de alguns vales tão planos quanto a superfície de um lago, podemos ter a certeza de que, em uma época mais ou menos recuada, esses lugares estiveram por muito tempo cobertos por águas tranquilas, que, ao se retirarem, deixaram a seco as terras em que haviam feito seus depósitos enquanto ali estiveram. Após a retirada das águas, essas terras se cobriram de vegetação. Se, ao invés de terras férteis, lodosas, argilosas ou marnosas, adequadas à assimilação dos princípios nutritivos, as águas só depositaram areias silicosas, sem agregação, a gente tem esses planos arenosos e áridos que

constituem as charnecas e os desertos. Os depósitos deixados pelas inundações parciais e os que formam os aterros na embocadura dos rios podem oferecer-nos uma ideia disso em ponto menor.

6. — Se bem que a horizontalidade seja a posição normal e mais geral das formações causadas pela água, encontram-se muitas vezes, em enormes extensões, nos países de montanhas, rochas duras, cuja natureza indica terem sido formadas pelas águas, em posição inclinada e, às vezes mesmo, vertical. Ora, como, de acordo com as leis do equilíbrio dos líquidos e da gravidade, os depósitos de água não têm como formar-se senão em planos horizontais, tendo em vista que os que se encontram nos planos inclinados são atraídos para as regiões baixas pelas correntes e por seu próprio peso, fica evidente que esses depósitos tiveram de ser erguidos por uma força qualquer, após sua solidificação ou transformação em pedras.

Destas considerações deve-se concluir com certeza que todas as camadas pedregosas provenientes de depósitos de água em posição perfeitamente horizontal foram formadas no decorrer dos séculos através de águas tranquilas, e que todas as vezes que apresentam posição inclinada é porque o solo foi agitado e deslocado posteriormente por convulsões gerais ou parciais mais ou menos consideráveis.

7. — Um fato característico, da mais alta importância por causa do testemunho irrecusável que fornece, consiste nos restos *fósseis* de animais e de vegetais que se encontram em quantidades incontáveis nas diferentes camadas; e como esses restos se encontram até mesmo nas pedras mais duras, é preciso concluir daí que a existência desses seres é anterior à formação das próprias pedras; ora, ao se considerar o número extraordinário de séculos necessários para lhes operar o endurecimento e para os colocar no estado em que estão desde tempo imemorável, somos forçados a concluir que a aparição dos seres orgânicos na Terra se perde na noite dos tempos e que é bem anterior, por conseguinte, à data assinalada pelo *Gênese*.²⁵

8. — Entre os restos de vegetais e de animais, existem os que se penetraram em toda sua substância, sem que sua forma tenha sido alterada por matérias silicosas ou calcárias que os transformaram em pedras, algumas das quais têm a rigidez do mármore; são as petrificações propriamente ditas. Outros foram simplesmente envolvidos pela matéria em estado semissólido; são encontrados intactos e alguns inteiros, nas pedras mais duras. Outros, enfim, só deixaram vestígios, mas de uma nitidez e de uma delicadeza perfeitas. No interior de certas pedras, encontrou-se até o vestígio de passos, e pela forma do pé, dos dedos e das unhas, reconheceu-se de que espécie animal eles provinham.

9. — Os fósseis de animais abrangem tão só, pelo que se sabe, as partes sólidas e resistentes, quer dizer, as ossaturas, as escamas e os chifres; às vezes, são esqueletos completos; o mais frequente, são apenas partes separadas, mas cuja procedência é fácil

²⁵ *Fóssil*, do latim *fossilia*, *fossilis*, derivado de *fossa*, fossa, e de *fodere*, cavar, escavar a terra. Esta palavra se aplica, em geologia, aos corpos ou restos de corpos organizados, provenientes de seres que viveram anteriormente aos tempos históricos. Por extensão, aplica-se igualmente às substâncias minerais com vestígios da presença de seres organizados, tais como os indícios de vegetais ou de animais.

A palavra *petrificação* só se aplica aos corpos transformados em pedra pela infiltração de matérias silicosas ou calcárias nos tecidos orgânicos. Todas as petrificações são necessariamente fósseis, mas nem todos os fósseis são petrificações.

Os objetos que se revestem de uma camada pedregosa, quando estão mergulhados em certas águas carregadas de substâncias calcárias, como as da ribeira de Saint-Allyre, perto de Clermont-Ferrand, em Auvergne, não são petrificações propriamente ditas mas simples incrustações.

Os monumentos, inscrições e objetos provenientes da fabricação humana pertencem à arqueologia.

reconhecer. Pelo exame de uma mandíbula, de um dente, conclui-se logo se pertence a um animal herbívoro ou carnívoro. Como todas as partes do animal mantêm uma correlação necessária, a forma da cabeça, de uma omoplata, de um osso da perna, de um pé, é suficiente para determinar o tamanho, a forma geral, o gênero de vida do animal²⁶. Os animais terrestres têm uma organização que não permite confundi-los com os animais aquáticos. Os peixes e as conchas fósseis são excessivamente numerosos; só as conchas formam às vezes bancos inteiros de grande espessura. Por sua natureza, a gente reconhece sem problema se são animais marinhos ou de água doce.

10. — Os seixos rolados, que, em certos lugares, constituem rochas enormes, são um indício inequívoco de sua origem. São arredondados como os cascalhos à borda do mar, sinal certo do atrito que sofreram pelo efeito das águas. As regiões em que se encontram enterrados em massas consideráveis têm incontestavelmente sido ocupadas pelo oceano ou por águas agitadas durante muito tempo ou com muita violência.

11. — Os terrenos de diversas formações são, por sua vez, caracterizados pela natureza mesma dos fósseis que eles contêm; os mais antigos contêm espécies animais ou vegetais que desapareceram inteiramente da superfície do globo. Certas espécies mais recentes desapareceram igualmente, mas conservaram-se outras análogas, as quais diferem da família delas apenas pelo tamanho e algumas nuances de forma. Outras, enfim, cujos últimos representantes nós ainda vemos, tendem evidentemente a desaparecer em um futuro mais ou menos próximo, como os elefantes, os rinocerontes, os hipopótamos etc. Assim, à medida que as camadas terrestres se aproximam de nossa época, as espécies animais e vegetais se aproximam também das que existem hoje.

As perturbações, os cataclismos que aconteceram na Terra desde sua origem, mudaram as condições de sua capacidade de preservação da vida, e fizeram desaparecer gerações inteiras de seres vivos.

12. — Interrogando a natureza das camadas geológicas, a gente fica sabendo, do modo mais positivo, se, à época de sua formação, a região que as cerca estava ocupada pelo mar, por lagos ou por florestas e planícies povoadas por animais terrestres. Portanto, se, na mesma região, se encontra uma série de camadas superpostas alternando fósseis marinhos, terrestres e de água doce, várias vezes repetidas, é uma prova irrecusável de que essa mesma região foi diversas vezes invadida pelo mar, coberta por lagos e posta a seco.

Quantas centenas de séculos com certeza, milhares de séculos, talvez, tenham sido precisas para cada período completar-se! Qual força poderosa não terá sido necessária para retirar e recolocar o oceano, e erguer as montanhas! Através de quantas revoluções físicas, de comoções violentas, a Terra não teve de passar, antes de ser o que nós vemos desde os tempos históricos! E alguém queria que esta fosse uma obra de tempo mais curto do que o necessário para fazer brotar uma planta!

13. — O estudo das camadas geológicas atesta, conforme já dissemos, as formações sucessivas que mudaram o aspecto do globo e dividem sua história em várias épocas. Tais épocas constituem o que chamamos de *períodos geológicos*, cujo conhecimento é essencial para o estabelecimento da gênese. Contam-se seis principais designados pelos nomes de período primário, de transição, secundário, terciário, diluviano e pós-diluviano ou atual. Os

²⁶ Ao ponto a que Jorge Cuvier levou a ciência paleontológica, um só osso é suficiente muitas vezes para determinar o gênero, a espécie, a forma de um animal, seus hábitos, e para reconstituí-lo inteiramente.

terrenos formados durante cada período se designam também de terrenos primitivos, de transição, secundários etc. Diz-se que tal ou qual camada ou rocha, tal ou qual fóssil se encontra no terreno de tal ou qual período.

14. — É essencial observar que o número desses períodos não é absoluto e que depende dos sistemas de classificação. Os seis designados acima compreendem os que foram assinalados por uma alteração notável e geral no estado do globo; mas a observação comprova que diversas formações sucessivas se operaram durante o transcurso de cada um; eis porque se dividem em subperíodos caracterizados pela natureza dos terrenos, os quais elevam a vinte e seis o número das formações gerais bem caracterizadas, sem contar as que provêm de modificações devidas a causas puramente locais.

ESTADO PRIMITIVO DO GLOBO

15. — O achatamento dos polos e outros fatores conclusivos são os indícios certos de que o estado da Terra, em sua origem, tinha que ser de fluidez ou de pastosidade. Esse estado devia ter por causa o fato de a matéria estar liquefeita pelo fogo ou diluída pela água.

Diz-se proverbialmente que não há fumaça sem fogo. Esta proposição, rigorosamente verdadeira, é uma aplicação do princípio de que não há efeito sem causa. Pela mesma razão, pode-se dizer que não há fogo sem um foco. Ora, à vista dos fatos, não se trata apenas de fumaça; trata-se de fogo bem real, o qual deve ter um foco; vindo esse fogo do interior da terra e não do alto, o foco deve ser interior; sendo o fogo permanente, o foco tem de sê-lo igualmente.

O calor, que cresce à proporção que se vai penetrando no interior da terra, e que, a uma certa distância da superfície, alcança elevadíssima temperatura; as fontes termais, tanto mais quentes quanto provenham de maior profundidade; os fogos e as lavas de matéria fundida e incandescente que escapam dos vulcões, como através de vastos respiradouros ou por fendas produzidas em certos tremores de terra, não têm como deixar dúvida sobre a existência de um fogo interior.

16. — A experiência demonstra que a temperatura se eleva em um grau a cada trinta metros de profundidade: daqui se conclui que à profundidade de trezentos metros, o aumento é de dez graus; à de três mil metros, cem graus, temperatura da água fervente; à de trinta mil metros ou à de sete a oito léguas, de mil graus; à de vinte e cinco léguas, de mais de três mil e trezentos graus, temperatura na qual matéria alguma conhecida resiste à fusão. De lá até o centro, existe ainda um espaço de mais de mil e quatrocentas léguas, o que representa um diâmetro de duas mil e oitocentas léguas, que estaria sendo ocupado pelas matérias fundidas.

Se bem que isso não passe de uma conjetura, por se julgar da causa pelo efeito, tem ela todos os elementos da probabilidade, e se chega à conclusão de que a Terra é ainda u'a massa incandescente recoberta de uma crosta sólida de vinte e cinco léguas ou mais de

espessura, o que é apenas a centésima vigésima parte de seu diâmetro. Proporcionalmente, esta seria bem menor que a espessura da mais fina casca de laranja.

De resto, a espessura da crosta terrestre é muito variável, pois há lugares, sobretudo nos terrenos vulcânicos, onde o calor e a flexibilidade do solo indicam que ela é muito pouco considerável. A alta temperatura das águas termais é igualmente um indício da proximidade do fogo central.

17. — Sendo assim, fica evidente que o estado primitivo de fluidez ou de pastosidade da Terra foi causado pela ação do calor e não da água. A Terra, portanto, em sua origem, era u'a massa incandescente. Como resultado da irradiação do calor, aconteceu como acontece a toda matéria em fusão: ela pouco a pouco se foi resfriando e o resfriamento começou naturalmente pela superfície, que enrijeceu, enquanto o interior permaneceu fluido. Podemos, desse modo, comparar a Terra a um bloco de carvão saindo completamente vermelho da fornalha, e cuja superfície se apaga e se resfria ao contato do ar, momento em que, se rompermos o bloco, acharemos seu interior ainda em brasa.

18. — Na época em que o globo terrestre era u'a massa incandescente, não contava com um átomo a mais ou a menos que hoje; eis que, sob a influência daquela alta temperatura, quase todas as substâncias que compõem o globo, e que nós vemos sob a forma de líquidos ou de sólidos, de terras, de pedras, de metais e de cristais, se encontravam em um estado bem diferente; elas apenas sofreram uma transformação; como resultado do resfriamento e das misturas, os elementos formaram novas combinações. O ar, consideravelmente dilatado, tinha que se estender a uma distância imensa; toda a água, forçosamente reduzida a vapor, estava misturada ao ar; todas as matérias suscetíveis de se volatilizar, como os metais, o enxofre, o carbono, aí se encontravam em estado gasoso. Logo, o estado da atmosfera não apresentava nada comparável ao que é hoje; a densidade de todos os vapores dava à atmosfera uma opacidade tal que nenhum raio de sol conseguia atravessar. Se um ser vivo tivesse como existir na superfície do globo nessa época, seria iluminado somente pelo brilho sinistro da fornalha a seus pés e da atmosfera esbraseada, e não teria até mesmo suspeitado da existência do Sol.

PERÍODO PRIMÁRIO

19. — O primeiro efeito do resfriamento foi o de solidificar a superfície exterior da massa em fusão, e o de formar uma crosta resistente, que, fina no começo, engrossou pouco a pouco. Essa crosta constitui a pedra chamada de *granito*, de uma dureza extrema, assim denominada por seu aspecto granulado. Distinguem-se nela três substâncias principais: o feldspato, o quartzo ou cristal de rocha e a mica; esta última tem um brilho metálico, conquanto não seja um metal.

Portanto, a camada granítica foi a primeira que se formou no globo, o qual ela envolve por inteiro e do qual constitui de algum modo a estrutura óssea; ela é o produto direto da matéria em fusão consolidada. Foi sobre ela e nas cavidades que apresentava sua superfície agitada, que sucessivamente se depositaram as camadas de outros terrenos

formados posteriormente. O que a distingue destes últimos é a ausência de toda estratificação, quer dizer, ela forma u'a massa compacta e uniforme em toda a sua espessura e não se dispõe em camadas. A efervescência da matéria incandescente tinha de produzir nela numerosas e profundas fendas, por onde transbordava essa matéria.

20. — O segundo efeito desse resfriamento foi o de liquefazer algumas das matérias contidas no ar no estado de vapor, as quais se precipitaram sobre a superfície do solo. Eis que ocorreram chuvas e se formaram lagos de enxofre e de betume, e verdadeiros riachos de ferro, de cobre, de chumbo e de outros metais fundidos; essas matérias, infiltrando-se nas fissuras, constituíram os veios e filões metálicos.

Sob a influência desses diversos agentes, a superfície granítica sofreu decomposições alternadas; deram-se as misturas que formaram os terrenos primitivos propriamente ditos, distintos da rocha granítica, mas em massas confusas e sem estratificações regulares.

Vieram em seguida as águas que, caindo sobre um solo ardente, se vaporizaram de novo, caindo de novo em chuvas torrenciais, repetidamente, até que a temperatura lhe permitiu permanecer sobre o solo em estado líquido.

É a partir da formação dos terrenos graníticos que começa a série dos períodos geológicos, aos quais conviria juntar aquele do estado primitivo de incandescência do globo.

21. — Tal foi o aspecto deste primeiro período, verdadeiro *caos* de todos os elementos confundidos, procurando sua estabilização, em que nenhum ser vivo era capaz de existir; por isso, uma de suas características para a geologia foi a ausência de qualquer vestígio de vida vegetal e animal.

É impossível determinar uma duração para esse primeiro período, como também para os seguintes; mas, de acordo com o tempo que é preciso para que uma bala de canhão de um volume dado, aquecida até o vermelho esbranquiçado, tenha sua superfície resfriada a ponto de uma gota d'água nela permanecer em estado líquido, calculou-se que, se essa bala tivesse o tamanho da Terra, precisaria de mais de um milhão de anos.

PERÍODO DE TRANSIÇÃO

22. — No começo do período de transição, a crosta sólida granítica tinha ainda apenas uma espessura diminuta e oferecia uma resistência assaz fraca à efervescência das matérias abrasadas que ela recobria e comprimia. Foi quando se produziram bolhas e fraturas numerosas por onde transbordava a lava interior. O solo apresentava desigualdades pouco consideráveis.

As águas, pouco profundas, cobriam quase toda a superfície do globo, com exceção das partes soerguidas que produziam terrenos baixos frequentemente submersos.

O ar pouco a pouco expurgou as matérias mais pesadas naquele momento em estado gasoso, as quais, condensando-se por efeito do resfriamento, eram precipitadas sobre a superfície do solo, sendo então arrastadas e dissolvidas pelas águas.

Quando se fala de resfriamento nessa época, é preciso entender a palavra em um sentido relativo, quer dizer, em conformidade com o estado primitivo, pois a temperatura tinha de ser ainda ardente.

Os espessos vapores d'água que se elevavam de todas as partes da imensa superfície líquida tombavam em chuvas abundantes e quentes, obscurecendo o ar. No entanto, os raios do Sol começavam a aparecer através dessa atmosfera brumosa.

Uma das derradeiras substâncias de que o ar teve de ser expurgado, porque está naturalmente em estado gasoso, foi o ácido carbônico, que se constituía, então, em uma de suas partes constituintes.

23. — Por essa época começaram a formar-se as camadas de terrenos sedimentares, depositados pelas águas carregadas de lama e de matérias diversas adequadas à vida orgânica.

Então apareceram os primeiros seres vivos do reino vegetal e do reino animal; no começo pouco numerosos, vão encontrando-se vestígios deles cada vez mais frequentes, à proporção que se vem elevando nas camadas dessa formação. É notável que a vida se manifesta tão logo as condições lhe são propícias, e cada espécie surge assim que se produzam as condições adequadas para sua existência.

24. — Os primeiros seres orgânicos que apareceram na Terra foram os vegetais de organização menos complicada, designados em botânica pelos nomes de criptógamos, acotiledôneos, monocotiledôneos, quer dizer, os líquens, cogumelos, musgos, fetos e plantas herbáceas. Não se observam aí ainda árvores com caule lenhoso, mas sim aquelas do gênero palmeiras, cujo caule esponjoso é análogo ao das ervas.

Os animais desse período, que se sucederam aos primeiros vegetais, são exclusivamente marinhos: no começo, os polípeiros, os radiados, os zoófitos, animais cuja organização simples e, por assim dizer, rudimentar, mais se aproxima da dos vegetais; mais tarde vêm os crustáceos e peixes cujas espécies não mais existem hoje em dia.

25. — Sob o império do calor e da umidade, e como resultado do excesso de ácido carbônico espalhado no ar, gás inadequado à respiração dos animais terrestres mas necessário às plantas, os terrenos a descoberto cobriram-se rapidamente com uma vegetação pujante, ao mesmo tempo que as plantas aquáticas se multiplicavam no seio dos pântanos. Plantas do gênero das que, em nossos dias, são simples ervas de alguns centímetros, atingiam uma altura e uma grossura prodigiosas; eis porque existiam florestas de fetos arborescentes de oito a dez metros de altura e de grossura proporcional; os licopódios (*pé de lobo*, gênero de musgo) do mesmo tamanho; cavalinhas²⁷ de quatro a cinco metros, que mal chegam hoje a um metro, e uma infinidade de espécies que não existem mais. Ao final do período, começaram a aparecer algumas árvores do gênero das coníferas ou pinheiro.

26. — Como resultado do deslocamento das águas, os terrenos que produziam tais massas de vegetais foram repetidamente submersos e recobertos de novos sedimentos terrosos, enquanto os que ficavam a seco se vestiam, por seu turno, com uma vegetação parecida. Existiram desse modo muitas gerações de vegetais alternadamente extintas e

²⁷ Planta pantanosa, vulgarmente chamada de *rabo-de-cavalo*.

renovadas. Não ocorreu o mesmo com os animais, que, sendo todos aquáticos, não tinham como sofrer essas alternâncias.

Os restos acumulados durante uma longa série de séculos formaram camadas de grande espessura. Sob a ação do calor, da umidade, da pressão exercida pelos depósitos terrosos posteriores e, sem dúvida, dos diferentes agentes químicos, dos gases, dos ácidos e dos sais produzidos pela combinação dos elementos primitivos, essas matérias vegetais promoveram uma fermentação que as converteu em *hulha* ou *carvão-de-pedra*. As minas de hulha são, portanto, o resultado direto da decomposição dos amontoados de vegetais acumulados durante o período de transição; eis porque eles se encontram em quase todos os países²⁸.

27. — Encontrando-se hoje os restos fósseis da pujante vegetação dessa época tanto sob os gelos polares quanto na zona tórrida, é forçoso concluir que, como a vegetação era uniforme, a temperatura tinha de sê-lo igualmente. Os polos não estavam cobertos de gelo como agora. É que então a Terra extraía seu calor de si mesma, do fogo central que aquecia, de igual modo, toda a camada sólida, ainda pouco espessa. Esse calor era bem superior ao que deviam oferecer os raios solares, enfraquecidos, aliás, pela densidade da atmosfera. Mais tarde somente, quando o calor central não era capaz de exercer sobre a superfície exterior do globo senão uma ação frágil ou nula, é que a ação do Sol se tornou preponderante e as regiões polares, que só recebiam raios oblíquos com pouquíssimo calor, se cobriram de gelo. Compreende-se que, à época de que falamos e ainda muito tempo depois, o gelo não existiu na Terra.

Esse período foi sem dúvida muito extenso, a julgar pelo número e pela espessura das camadas de hulha²⁹.

PERÍODO SECUNDÁRIO

28. Com o período de transição desaparecem a vegetação colossal e os animais que caracterizavam essa época, seja porque as condições atmosféricas não fossem mais as mesmas, seja porque uma série de cataclismos tenha aniquilado tudo o que possuía vida na Terra. É provável que as duas causas contribuíram para essa mudança, pois, de um lado, o estudo dos terrenos que assinalam o fim desse período atesta grandes convulsões causadas pelos levantamentos e pelas erupções que verteram sobre o solo grandes quantidades de lavas, e, de outro lado, notáveis alterações se realizaram nos três reinos.

29. — O período secundário é caracterizado, no que se refere ao reino mineral, por camadas numerosas e pujantes que atestam uma formação lenta no seio das águas, e assinalam diferentes épocas bem definidas.

²⁸ A turfa se formou da mesma forma através da decomposição dos amontoados de vegetais nos terrenos pantanosos; mas com a diferença de que, sendo muito mais recente e, sem dúvida, estando sob outras condições, não teve tempo de se reduzir a carvão.

²⁹ Na baía de Fundy (Nova Escócia), o Sr. Lyell encontrou, sob uma espessura de hulha de quatrocentos metros, sessenta e oito níveis diferentes, apresentando os vestígios evidentes de muitos solos de florestas, cujos troncos de árvores estavam ainda guarnecidos com suas raízes. (L. Figuier.)

Supondo-se mil anos para a formação de cada um desses níveis, seriam já sessenta e oito mil anos só para esta camada de hulha.

A vegetação é menos rápida e menos colossal que no período precedente, sem dúvida como resultado da diminuição do calor e da umidade, e das modificações sobrevindas aos elementos constituintes da atmosfera. Às plantas herbáceas e polposas se juntam as de caules lenhosos e as primeiras árvores propriamente ditas.

30. — Os animais são ainda aquáticos ou, quando muito, anfíbios; a vida animal sobre a terra seca pouco progride. Uma prodigiosa quantidade de animais de conchas se desenvolve no seio dos mares como resultado da formação de matérias calcárias; novos peixes, de uma organização mais aperfeiçoada que no período precedente, têm origem; veem-se aparecer os primeiros cetáceos. Os animais mais característicos dessa época são os répteis monstruosos, entre os quais se distinguem:

O *ictiossauro*, espécie de peixe-lagarto que alcançava quase dez metros de comprimento e cujas mandíbulas, prodigiosamente alongadas, estavam providas com cento e oitenta dentes. Sua forma geral lembra um pouco a do crocodilo, mas sem a couraça escamosa; seus olhos tinham o volume da cabeça de um homem; possuía barbatanas como a baleia e jogava água através das ventas, como esta.

O *plesiossauro*, outro réptil marinho, tão grande quanto o ictiossauro, cujo pescoço, excessivamente longo, se dobrava como o do cisne e lhe dava a aparência de uma enorme serpente presa a um corpo de tartaruga. Tinha a cabeça do lagarto e os dentes do crocodilo; sua pele deveria ser lisa como a do anterior, porque não se encontrou nenhum vestígio de escamas nem de carapaça³⁰.

O *tilossauro*, que mais se aproxima dos crocodilos atuais, que parecem ser suas miniaturas; como estes últimos, tinha uma couraça escamosa e vivia ao mesmo tempo na água e na terra; seu tamanho era em torno de dez metros, dos quais três ou quatro só para a cabeça; sua enorme goela tinha dois metros de abertura.

O *megallossauro*, grande lagarto, espécie de crocodilo de quatorze a quinze metros de comprimento, essencialmente carnívoro, alimentando-se de répteis, de pequenos crocodilos e de tartarugas. Sua formidável mandíbula era provida de dentes em forma de lâmina de serrote de dois gumes, recurvados para trás, de modo que, uma vez dentro na presa, era impossível que se libertasse.

O *iguanodonte*, o maior dos lagartos que apareceram na Terra: tinha de vinte a vinte e cinco metros da cabeça à extremidade da cauda. Sobre seu focinho se encontrava uma córnea óssea, semelhante à da iguana de nossos dias, da qual somente parece diferenciar-se pelo tamanho, mal tendo esta última um metro de comprimento. A forma dos dentes prova que ele era herbívoro e a dos pés, que era um animal terrestre.

O *pterodáctilo*, animal bizarro das dimensões do cisne, parecendo a um tempo um réptil pelo corpo, uma ave pela cabeça e um morcego pela membrana carnosa que reunia seus dedos de tamanho desproporcional e que lhe servia de paraquedas, quando se precipitava sobre sua presa do alto de uma árvore ou de um rochedo. Ele não possuía o bico córneo como as aves, mas os ossos das mandíbulas, tão compridos quanto a metade do corpo e guarnecidos de dentes, terminavam em ponta como um bico.

31. — Durante esse período, que foi de fato muito longo, como atestam o número e a pujança das camadas geológicas, a vida animal tomou imenso desenvolvimento no seio

³⁰ O primeiro fóssil deste animal foi descoberto na Inglaterra, em 1823. Em seguida, foi encontrado na França e na Alemanha.

das águas, como havia sucedido à vegetação no período precedente. O ar, mais purificado e mais adequado à respiração, começa a permitir a alguns animais viver na terra. O mar foi muitas vezes deslocado mas sem convulsões violentas. Com esse período desaparecem por seu turno as raças dos gigantescos animais aquáticos, substituídos mais tarde por espécies análogas, de formas menos desproporcionadas e de tamanho menor.

32. — O orgulho levou o homem a dizer que todos os animais foram criados em sua intenção e para suas necessidades. Mas qual é o número dos que lhe servem diretamente, que ele foi capaz de subjugar, comparado ao número incalculável daqueles com os quais jamais teve e não terá jamais nenhuma relação? Como sustentar uma tese dessas, diante das inumeráveis espécies que sozinhas povoaram a Terra por milhões de séculos antes que viesse ele mesmo, quando já haviam desaparecido? Pode-se dizer que elas foram criadas para seu proveito? Entretanto, essas espécies tinham toda sua razão de ser, sua utilidade. Deus não teve de criá-las por um capricho de sua vontade e para propiciar-se o prazer de as aniquilar; pois todas tinham vida, instintos, sentimento de dor e de bem-estar. Com que fim as teria criado? Esse fim tem de ser soberanamente sábio, conquanto não o compreendamos ainda. Talvez um dia será dado ao homem conhecê-lo para confundir seu orgulho; mas, enquanto espera, como as ideias aumentam diante desses horizontes novos nos quais lhe é permitido agora aprofundar a vista, diante do espetáculo imponente da criação, tão majestosa em sua lentidão, tão admirável em sua providência, tão pontual, tão precisa e tão invariável em seus resultados.

PERÍODO TERCIÁRIO

33. — Com o período terciário começa para a Terra uma nova ordem de coisas; o estado de sua superfície muda completamente de aspecto; as condições de vida são profundamente modificadas e se aproximam do estado atual. Os primeiros tempos deste período são assinalados por uma pausa na produção vegetal e animal; tudo traz os vestígios de uma destruição quase geral dos seres vivos, e então aparecem sucessivamente novas espécies cuja organização, mais perfeita, se adaptou à natureza do meio para onde foram chamadas a viver.

34. — Durante os períodos precedentes, a crosta sólida do globo, por causa de sua pouca espessura, apresentava, como dissemos, uma fragílima resistência à ação do fogo interior; esse invólucro, extremamente quebradiço, permitia às matérias em fusão transbordar livremente pela superfície do solo. Não sucedeu mais o mesmo quando ela adquiriu uma certa espessura; as matérias incandescentes comprimidas por toda parte, como a água em ebulição em uma panela fechada, terminaram em uma espécie de explosão; a massa granítica, violentamente arrebatada em uma infinidade de pontos, foi sulcada de fendas como um *vaso rachado*. No *percurso dessas fendas*, a crosta sólida, elevada e endireitada, formou os picos, as cadeias de montanhas e suas ramificações. Certas partes do invólucro que não foram rompidas simplesmente se levantaram, enquanto, em outros pontos, se produziram rebaixamentos e escavações.

A superfície do solo se torna assim muito desigual; as águas que, até o momento, o cobriam de maneira quase uniforme na maior parte de sua extensão, foram rechaçadas para as partes mais baixas, deixando a seco vastos continentes ou os cumes de montanhas isoladas, os quais formaram as ilhas.

Eis aqui a grande transformação que se completou no período terciário e que mudou o aspecto do globo. Ela não se realizou nem instantaneamente nem simultaneamente em todos os pontos, mas sucessivamente e em épocas mais ou menos distanciadas.

35. — Uma das primeiras consequências das sublevações foi, como dissemos, a inclinação das camadas de sedimento primitivamente horizontais, que permaneceram na posição horizontal por toda parte em que o solo não se convulsionou. Foi, pois, nos flancos e na proximidade das montanhas que as inclinações foram mais pronunciadas.

36. — Nas regiões onde as camadas de sedimento conservaram sua horizontalidade, para alcançar as da primeira formação, é preciso atravessar todas as outras, muitas vezes até uma profundidade considerável ao final de que se encontra, inevitavelmente, a rocha granítica. Mas, quando essas camadas se elevaram em montanhas, foram trazidas acima de seu nível normal, e às vezes a uma altura enorme, de modo que, caso se proceda a um corte vertical no flanco da montanha, elas se revelam em toda sua espessura, superpostas como as fiadas de tijolos de uma construção.

Eis porque se acham, em grandes elevações, bancos consideráveis de conchas, primitivamente formados no fundo dos mares. Reconhece-se perfeitamente hoje em dia que, em época alguma, o mar foi capaz de atingir tal altura, pois todas as águas existentes na Terra não seriam suficientes, ainda que fossem cem vezes o que são. Logo, seria preciso supor que a quantidade de água diminuiu, e então se perguntaria em que se tornou a porção desaparecida. As sublevações, que são hoje um fato incontestável, explicam de maneira tão lógica quanto rigorosa os depósitos marinhos que se encontram em certas montanhas³¹.

37. — Nos lugares onde a sublevação da rocha primitiva produziu um rompimento completo do solo, seja por sua brevidade, seja pela forma, a altura e o volume da massa levantada, o granito se mostrou nu *como um dente que vara a gengiva*. As camadas que o cobriam, levantadas, arrebatadas, endireitadas, foram colocadas a descoberto: eis porque os terrenos pertencentes às formações mais antigas, e que se encontravam em sua posição primitiva a grande profundidade, formam hoje o solo de certas regiões.

38. — A massa granítica deslocada pelo efeito das sublevações, deixou em alguns lugares fissuras por onde escapa o fogo interior e escorrem as matérias em fusão: são os vulcões. Os vulcões são como as chaminés dessa imensa fornalha ou, melhor ainda, são *válvulas de segurança*, que, proporcionando um escape ao excesso de matérias ígneas, preservam a região de comoções muito mais terríveis; de onde se pode dizer que o número de vulcões em atividade é um sistema de segurança para a superfície do solo como um todo.

³¹ Encontraram-se camadas de calcário das conchas nos Andes da América, a cinco mil metros acima do nível do mar.

A gente consegue fazer uma ideia da intensidade desse fogo, pensando em quantos vulcões se abrem no seio mesmo do mar, e que a massa de água que os recobre e neles penetra não é suficiente para extingui-los.

39. — As sublevações operadas na massa sólida deslocaram necessariamente as águas, que recuaram para as partes côncavas, agora mais profundas pelo levantamento dos terrenos que emergiram e pelos rebaixamentos. Mas esses mesmos recôncavos, levantados por seu turno, ora num lugar, ora noutra, expulsaram as águas, que refluíram para outro lugar, e assim por diante, até que as águas conseguiram uma condição mais estável.

Os deslocamentos sucessivos da massa líquida forçosamente trabalharam e alteraram a superfície do solo. Ao escoarem, as águas arrastaram uma parte dos terrenos de formações anteriores postos a descoberto pelas sublevações, desnudaram certas montanhas que estavam recobertas por eles e revelaram sua base granítica ou calcária; profundos vales foram cavados e outros foram cobertos.

Existem, portanto, montanhas diretamente formadas pela ação do fogo central: são principalmente as montanhas graníticas; outras são devidas à ação das águas, que, arrastando as terras soltas e as matérias solúveis, cavaram vales em torno de uma base resistente, calcária ou de outra substância.

As matérias arrastadas pela corrente das águas formaram as camadas do período terciário, que se distinguem facilmente das precedentes, menos por sua composição, que é quase a mesma, mais por sua disposição.

As camadas dos períodos primário, de transição e secundário, formadas sobre uma superfície pouco acidentada, são quase uniformes por toda a Terra; as do período terciário, ao contrário, formadas sobre uma base muito desigual e pelo arrastamento das águas, têm um caráter mais local. Por toda parte, cavando até uma certa profundidade, se encontram todas as camadas anteriores na ordem de sua formação, enquanto que não se encontra por toda parte o terreno terciário, nem todas as camadas deste.

40. — Obrigam-nos as convulsões do solo ocorridas no início deste período a conceber que a vida orgânica permaneceu um tempo em suspensão, o que se reconhece pelo exame dos terrenos privados de fósseis. Mas, desde que sucedeu um estágio mais tranquilo, os vegetais e os animais reapareceram. Estando alteradas as condições de vida e a atmosfera mais purificada, formaram-se novas espécies com uma organização mais perfeita. As plantas, quanto à sua estrutura, diferem pouco daquelas de nossos dias.

41. — Durante os dois períodos precedentes, os terrenos não cobertos pelas águas eram pouco extensos e, além do mais, pantanosos e amiúde submersos; por isso só havia animais aquáticos ou anfíbios. O período terciário, que viu formarem-se vastos continentes, se caracterizou pela aparição dos animais terrestres.

Assim como o período de transição viu nascer uma vegetação colossal, o período secundário, répteis monstruosos, este vê produzirem-se mamíferos gigantescos, tais como o *elefante*, o *rinoceronte*, o *hipopótamo*, o *paleotério*, o *megatério*, o *dinotério*, o *mastodonte*, o *mamute* etc. As duas últimas, que são variedades de elefantes, tinham de cinco a seis metros de altura e as suas presas atingiam até quatro metros de comprimento. Ele viu nascer igualmente as aves, assim como a maioria das espécies que vivem ainda em nossos dias. Algumas das espécies dessa época sobreviveram aos cataclismas posteriores;

outras, designadas pela qualificação genérica de *animais antediluvianos*, desapareceram completamente, ou foram substituídas por espécies análogas, de formas menos pesadas e menos volumosas, cujos primeiros exemplares foram como que os esboços; tais são o *felis spelæa*, animal carnívoro da estatura do touro, com as características anatômicas do tigre e do leão; o *cervus megaceron*, variedade do cervo, cujos chifres, de três metros de comprimento, mediam de três a quatro metros de uma a outra extremidade.

PERÍODO DILUVIANO

42. — Este período é assinalado por um dos maiores cataclismas que convulsionaram o globo, mudando mais uma vez o aspecto de sua superfície, e destruíram para sempre uma grande quantidade de espécies vivas, de que se encontram só os restos. Por toda a parte deixou vestígios que atestam sua generalidade. As águas, violentamente expulsas de seus leitos, invadiram os continentes, arrastaram com elas as terras e os rochedos, desnudando montanhas, desenraizando florestas seculares. Os novos depósitos que elas formaram são designados, em geologia, sob o nome de *terrenos diluvianos*.

43. — Um dos vestígios mais significativos desse grande desastre são as rochas chamadas de *blocos erráticos*. Denominam-se assim os rochedos de granito que se encontram isolados nas planícies, repousando sobre terrenos terciários e no meio de terrenos diluvianos, às vezes a muitas centenas de léguas das montanhas de que foram arrancados. É evidente que só tiveram como ser transportadas a tão grandes distâncias pela violência das correntes³².

44. — Um fato não menos característico, cuja causa não se explica ainda, é que nos terrenos diluvianos se encontram os primeiros *aerólitos*; como foi nessa época somente que eles começaram a cair, a causa que os produz não existia, portanto, anteriormente.

45. — É ainda por essa época que os polos começam a cobrir-se de gelos e que se formam as geleiras das montanhas, o que indica uma alteração notável na temperatura do globo. Essa alteração foi com certeza repentina, pois, caso se operasse gradualmente, animais como os elefantes, que vivem hoje apenas nos climas quentes e que se encontram em tão grande número no estado fóssil nas terras polares, teriam tempo de se retirar, pouco a pouco, rumo às regiões mais temperadas. Tudo prova, ao contrário, que eles foram surpreendidos bruscamente por um grande frio e cercados pelo gelo³³.

46. — Eis aí, portanto, o verdadeiro dilúvio universal. As opiniões se dividem quanto às causas que o produziram mas, quaisquer que sejam, o fato continua existindo.

³² É um desses blocos, provindo, como evidencia sua composição, das montanhas da Noruega, que serve de pedestal à estátua de Pedro, o Grande, em São Petersburgo.

³³ Em 1771, o naturalista alemão Pedro Simão Pallas encontrou, no meio do gelo do Norte, o corpo inteiro de um mamute revestido de sua pele e conservando uma parte de suas carnes. Em 1799, descobriu-se um outro, igualmente encerrado em um enorme bloco de gelo, na embocadura do Lena, na Sibéria, e que foi descrito pelo naturalista Adams. Os iacutos da vizinhança lhe despedaçaram as carnes para alimentar os cães. A pele estava coberta de pelos negros e o pescoço guarnecido de uma crina espessa. A cabeça, sem as presas, que tinham mais de três metros, pesava mais de quatrocentas libras (cerca de duzentos quilos). Seu esqueleto está no museu de São Petersburgo. Encontra-se nas ilhas e nas margens do mar glacial uma infinidade de presas, objeto de um comércio considerável, sob o nome de marfim fóssil ou da Sibéria.

Supõe-se geralmente que uma alteração *brusca* sucedeu na posição do eixo e dos polos da Terra: daqui um transbordamento geral das águas sobre a superfície. Se essa alteração se realizasse lentamente, as águas seriam deslocadas gradualmente, sem agitação, enquanto tudo indica uma comoção violenta e súbita. Na ignorância em que se está da verdadeira causa, só se tem de emitir hipóteses.

O deslocamento súbito das águas pode também ter sido ocasionado pela sublevação de certas partes da crosta sólida e pela formação de novas montanhas no seio dos mares, como sucedeu no começo do período terciário; mas, além de o cataclismo não ter sido geral, isso não explicaria a alteração súbita da temperatura dos polos.

47. — Na desordem causada pela convulsão das águas, muitos animais pereceram; outros, para escapar da inundaçãõ, retiraram-se para as alturas, nas cavernas e grutas, onde pereceram em grande número, seja pela fome, seja por se devorarem entre si, seja talvez também pela irrupção das águas nos lugares onde se refugiaram e de onde não conseguiram escapar. Assim se explica a infinidade de ossaturas de animais diferentes, carnívoros e outros, que se encontram misturados, em certas cavernas, chamadas por essa razão de *brechas* ou *cavernas de ossos*. São encontradas mais amiúde sob as estalagmites. Em algumas, as ossadas parecem haver sido arrastadas pela correnteza das águas³⁴.

PERÍODO PÓS-DILUVIANO OU ATUAL.

NASCIMENTO DO HOMEM

48. — Uma vez restabelecido o equilíbrio na superfície do globo, a vida animal e vegetal retomou rapidamente seu curso. O solo, revigorado, havia adquirido uma situação mais estável; o ar, mais purificado, convinha a órgãos mais delicados. O sol, que brilhava com todo seu esplendor através de uma atmosfera límpida, espalhava, com a luz, um calor menos sufocante e mais vivificante que o da fornalha interior. A terra se povoava de animais menos selvagens e mais sociáveis; os vegetais, mais suculentos, ofereciam alimentação menos grosseira; tudo, enfim, estava preparado na terra, para o novo hóspede que a tinha de habitar. Eis então que surgiu o *homem*, o derradeiro ser da criação, aquele cuja inteligência tinha doravante de concorrer para o progresso geral, ao progredir ele mesmo.

49. — O homem só existiu realmente na Terra após o período diluviano ou teria surgido antes dessa época? Esta questão é das mais controvertidas hoje em dia, mas a solução, qualquer que seja, não alteraria em nada o conjunto dos fatos estabelecidos, e o aparecimento da espécie humana nem por isso se situaria a menos de muitos milhares de anos antes da data assinalada pelo *Gênesis* bíblico.

³⁴ Conhece-se um grande número de cavernas semelhantes, algumas das quais têm extensão considerável. Existem no México algumas que têm várias léguas; a de Aldelsberg, em Carníola (Áustria), não tem menos de três léguas. Uma das mais notáveis é a de Gailenreuth, em Wurttemberg. Há várias na França, na Inglaterra, na Alemanha, na Sicília e outros países da Europa.

O que havia levado a pensar que o aparecimento dos homens é posterior ao dilúvio é que não se encontrou nenhum vestígio autêntico de sua existência durante o período anterior. As ossadas descobertas em vários lugares e que fizeram crer na existência de uma pretensa raça de gigantes antediluvianos foram reconhecidas como sendo ossadas de elefantes.

O de que não se duvida é que o homem não existia nem no período primário, nem no de transição, nem no período secundário, não somente porque não se encontra nenhum vestígio seu, mas porque as condições de vida não existiam para ele. Se ele apareceu no período terciário, só deve ter sido já no fim, e ainda teria de ser em pequena quantidade.

De resto, tendo o período diluviano sido breve, não comportou alterações notáveis nas condições atmosféricas; os animais e os vegetais eram também os mesmos antes e depois; logo não é impossível que o aparecimento do homem tenha precedido o grande cataclisma; a presença do macaco nessa época está constatada hoje em dia, e recentes descobertas parecem confirmar a do homem³⁵.

Como quer que seja, tenha o homem aparecido ou não antes do grande dilúvio universal, é certo que o seu papel humanizado começou realmente a se desenhar apenas no período pós-diluviano; deve-se assim considerar tal período como caracterizado por sua presença.

³⁵ Ver: *O homem antediluviano*, por Boucher de Perthes. *Os utensílios de pedra*, pelo mesmo. *Discursos sobre as revoluções do globo*, por Jorge Cuvier, com notas do Dr. Hoefler.

CAPÍTULO VIII

TEORIAS SOBRE A TERRA

Teoria da projeção. — Teoria da condensação. — Teoria da incrustação. — Alma da Terra.

TEORIA DA PROJEÇÃO

1. — De todas as teorias relativas à origem da Terra, a que teve maior crédito, nestes últimos tempos, foi a de *Buffon*, seja por causa da posição de seu autor no mundo dos sábios, seja porque não se sabia muita coisa sobre ela nessa época.

Vendo todos os planetas se moverem na mesma direção, do ocidente para o oriente, e no mesmo plano, percorrendo órbitas cuja inclinação não excede a sete graus e meio, *Buffon* concluiu, dessa uniformidade, que eles podiam ter sido postos em movimento através da mesma causa.

Segundo ele, sendo o Sol u'a massa incandescente em fusão, supôs que, tendo um cometa se chocado com ele obliquamente, raspando sua superfície, destacou dele uma porção que, projetada no espaço pela violência do choque, se dividiu em muitos fragmentos. Esses fragmentos formaram os planetas, que continuaram a se mover circularmente, pela combinação da força centrípeta e da força centrífuga, no sentido determinado pela direção do choque primitivo, quer dizer, no plano da eclíptica.

Os planetas seriam, assim, partes da substância incandescente do Sol e, conseqüentemente, teriam sido incandescentes eles mesmos em sua origem. Eles se puseram a resfriar-se e a consolidar-se em um tempo proporcional a seu volume e, quando a temperatura o permitiu, nasceu a vida em sua superfície.

Como resultado do rebaixamento gradual do calor do centro, a Terra chegaria, em um dado tempo, a um estado completo de resfriamento; a massa líquida seria inteiramente congelada, e o ar, mais e mais condensado, acabaria desaparecendo. O rebaixamento da temperatura, após tornar a vida impossível, levaria à diminuição e, em seguida, ao desaparecimento de todos os seres organizados. O resfriamento, que começou pelos polos, ganharia sucessivamente todas as regiões até o equador.

Tal é, segundo Buffon, o estado atual da Lua, que, menor que a Terra, seria hoje um mundo morto, do qual a vida se excluiu para sempre. Até mesmo o Sol teria no futuro igual sorte. Conforme seu cálculo, a Terra teria levado setenta e quatro mil anos mais ou menos para chegar à sua temperatura atual, e, dentro de noventa e três mil anos, ela veria o fim da existência da natureza organizada.

2 — A teoria de Buffon, contraditada pelas novas descobertas da ciência, está hoje quase totalmente abandonada pelos motivos seguintes:

1.º) Durante muito tempo se julgou que os cometas eram corpos sólidos, cujo choque com um planeta poderia trazer a destruição deste. Nesta hipótese, a suposição de Buffon nada teria de improvável. A gente sabe agora que são formados de matéria gasosa condensada, bastante rarefeita no entanto para que se devam distinguir estrelas de mediana grandeza em seu núcleo. Nesse estado, oferecendo menos resistência que o Sol, um choque violento capaz de arremessar ao longe uma porção de sua massa é algo impossível.

2.º) A natureza incandescente do Sol, igualmente, é uma hipótese que nada, até agora, vem confirmar, e que as observações parecem, ao contrário, desmentir. Se bem que não estejamos ainda totalmente convencidos a respeito de sua natureza, o poder dos meios de observação de que hoje dispomos permitiu estudá-lo melhor. A ciência agora geralmente admite que o Sol é um globo composto de matéria sólida, cercado por uma atmosfera luminosa, ou fotosfera, que não está em contato com a sua superfície³⁶.

3.º) No tempo de Buffon, só se conheciam ainda os seis planetas conhecidos dos antigos: Mercúrio, Vênus, Terra, Marte, Júpiter e Saturno. Depois descobriu-se um grande número deles, dentre os quais três, principalmente, Juno, Ceres e Palas, têm sua órbita inclinada de 13, 10 e 34 graus, o que não está de acordo com a hipótese de um movimento de projeção única.

4.º) Os cálculos de Buffon sobre o resfriamento se reconheceram como totalmente incorretos, desde a descoberta da lei de decréscimo do calor, por Fourier. Não foram necessários setenta e quatro mil anos para a Terra chegar à temperatura atual, mas milhões de anos.

5.º) Buffon considerava apenas o calor central do globo, sem levar em conta o dos raios solares; ora, a gente reconhece, hoje, através de elementos científicos de rigorosa precisão fundamentados na experiência, que, por causa da espessura da crosta terrestre, o calor interno do globo é responsável, desde há muito, apenas por uma parte insignificante da temperatura da superfície exterior; as variações que essa atmosfera sofre são periódicas e devidas à ação preponderante do calor solar (cap. VII, n.º 25). Sendo permanente o efeito dessa causa, enquanto o efeito do calor central é nulo ou perto disso, a diminuição deste não deve trazer à superfície da Terra modificações sensíveis. Para que a Terra se torne inabitável por causa do resfriamento geral, precisaria que o Sol se extinguisse³⁷.

³⁶ Para uma dissertação completa, conforme à ciência moderna, sobre a natureza do Sol e dos cometas, ver *Estudos e leituras sobre a astronomia*, por Camille Flammarion.

³⁷ Para maiores detalhes sobre o tema e sobre a lei do decréscimo do calor, ver *Cartas sobre as revoluções da globo*, pelo Dr. Bertrand, antigo aluno da Escola Politécnica. — Esta obra, conforme à ciência moderna, escrita com simplicidade e sem espírito de sistema, oferece um estudo geológico de grande interesse.

TEORIA DA CONDENSAÇÃO

3. — A teoria da formação da Terra pela condensação da matéria cósmica é a que prevalece hoje na ciência, como sendo a que melhor se justificou através da observação, que resolve o maior número de dificuldades e que se apoia, mais que todas as outras, sobre o grande princípio da unidade universal. É a que está descrita acima, no cap. VI, *Uranografia geral*.

Estas duas teorias, como se percebe, conduzem ao mesmo resultado: o estado primitivo de incandescência do globo, a formação de uma crosta sólida através do resfriamento, a existência de um fogo central e o aparecimento da vida orgânica assim que a temperatura a tornou possível. Elas diferem, não obstante, em pontos essenciais, e é provável que, se Buffon tivesse vivido em nossos dias, teria tido outras ideias.

O geologia surpreende a Terra no ponto em que a observação direta é possível. Seu estado anterior, escapando à experimentação, só pode ser conjectural; ora, entre duas hipóteses, o bom senso recomenda que é preciso escolher a que for sancionada pela lógica e a que concordar melhor com os fatos observados.

TEORIA DA INCRUSTAÇÃO

4. — Nós mencionamos esta teoria a título de informação, tendo em vista que ela não tem nada de científica, e o fazemos unicamente porque teve alguma repercussão nestes últimos tempos, tendo seduzido algumas pessoas. Ela foi resumida na carta seguinte:

“Deus, segundo a Bíblia, criou o mundo em seis dias, quatro mil anos antes da era cristã. Eis o que os geólogos contestam pelo estudo dos fósseis e de milhares de indícios incontestáveis de vetustez que fazem retroceder a origem da Terra milhões de anos; não obstante, as Escrituras disseram a verdade e os geólogos também, e foi um simples camponês³⁸ quem os colocou de acordo ao nos ensinar que a nossa Terra é um planeta *incrustativo* bem recente, composto de materiais bem antigos.

“Após a remoção do *planeta desconhecido*, chegado à maturidade ou por estar em harmonia com o que existia no lugar que ocupamos hoje, a alma da Terra recebeu a ordem de reunir seus satélites para formar o nosso globo atual, conforme as regras do progresso em tudo e por tudo. Quatro desses astros somente consentiram na associação que lhes estava sendo proposta; a Lua somente persistiu em sua autonomia, pois *os globos têm também seu livre-arbítrio*. Para proceder a essa fusão, a alma da Terra dirigiu para os satélites um raio magnético atrativo, que tornou cataléptico todo o seu aparato vegetal,

³⁸ Sr. Miguel, de Figagnères (Var), autor de *A Chave da Vida*.

animal e hominal, que eles trouxeram para a comunidade. A operação teve por testemunhas a alma da Terra e os grandes mensageiros celestes, que ajudaram nessa grande obra abrindo esses globos para fazer de suas entranhas uma só. Realizada a solda, as águas escorreram para os vazios deixados pela ausência da Lua. As atmosferas se confundiram e o despertar ou a ressurreição dos *germes em estado cataléptico* começou; o homem foi tirado por último de seu estado de hipnotismo, e se viu cercado pela vegetação luxuriante do paraíso terrestre e pelos animais que pastavam em paz em torno dele. Tudo isso era capaz de ser feito em seis dias com obreiros tão poderosos quanto os que Deus havia encarregado da empreitada. O planeta *Ásia* nos trouxe a raça amarela, a de mais antiga civilização; o *África*, a raça negra; o *Europa*, a raça branca e o *América*, a raça vermelha. A Lua nos teria trazido, quem sabe, a raça verde ou azul.

“Assim, certos animais, de que só se encontram os restos, nunca teriam vivido sobre a nossa Terra atual, mas teriam sido transportados de outros mundos desfeitos por causa da velhice. Os fósseis que se encontram em climas onde não seriam capazes de existir neste mundo, sem dúvida, viviam em zonas bem diferentes, nos globos em que nasceram. Tais restos se encontram nos polos na Terra, quando viviam no equador do planeta deles.”

5. — Esta teoria tem contra si os elementos mais positivos da ciência experimental, além de deixar inteirinha a questão da origem que ela pretende resolver. Ela diz bem como a Terra teria sido formada, mas não diz como se formaram os quatro mundos reunidos para constituí-la.

Se as coisas se tivessem passado assim, como ocorre que não se encontre em nenhum lugar os vestígios dessas imensas soldas, indo até as entranhas do globo? Concorrendo cada um desses mundos com seus materiais próprios, os planetas *Ásia*, *África*, *Europa* e *América*, cada um teria uma geologia particular diferente, *o que não acontece*. Vê-se, ao contrário, em primeiro lugar, o núcleo granítico uniforme, em uma composição homogênea por todas as partes do globo, *sem solução de continuidade*. Em segundo lugar, veem-se as camadas geológicas de mesma formação, idênticas quanto à sua constituição, por toda parte superpostas na mesma ordem, prosseguindo sem interrupção de um lado ao outro dos mares, da *Europa* à *Ásia*, à *América*, e reciprocamente. Essas camadas, testemunhas das transformações do globo, atestam que as transformações se completaram sobre toda a sua superfície e não sobre uma parte dela; elas nos mostram os períodos de aparecimento, de existência e de desaparecimento das mesmas espécies animais e vegetais, igualmente nas diferentes partes do mundo; a fauna e a flora desses períodos recuados marchando por toda parte simultaneamente, sob a influência de uma temperatura uniforme, mudando por toda parte de aspecto, à medida que a temperatura se vai modificando. Um tal estado de coisas é inconciliável com a formação da Terra pela junção de alguns mundos diferentes.

A gente se pergunta, aliás, em que se transformaria o mar, que ocupa o vazio deixado pela Lua, se esta não se tivesse posto de má vontade em se reunir a suas irmãs; o que adviria à Terra atual, se um dia a Lua tiver a fantasia de vir retomar seu lugar e expulsar o mar daqui?

6. — Este sistema seduziu algumas pessoas porque parecia explicar a presença das diferentes raças de homens na Terra e sua localização; mas, já que essas raças foram capazes de germinar nesses mundos separados, por que não seriam capazes de fazê-lo em

pontos diversos de um mesmo globo? É desejar resolver uma dificuldade através de uma dificuldade bem maior. Na realidade, por maior rapidez e *destreza* que se realizasse a *operação*, essa junção não teria como fazer-se sem convulsões violentas; quanto mais rápida haja sido, mais os cataclismas tinham de ser catastróficos; parece, assim, impossível que seres *simplesmente adormecidos pelo sono cataléptico* houvessem podido resistir a eles, para despertar em seguida tranquilamente. Se não eram mais que germes, em que consistiam? Como seres inteiramente formados teriam sido reduzidos ao estado de germes? Restaria sempre a questão de se saber como esses germes se desenvolveram de novo. Teria ainda a Terra sido formada por via miraculosa, mas através de um outro processo menos poético e menos grandioso que o do *Gênesis* bíblico, enquanto as leis naturais oferecem de sua formação uma explicação muitíssimo mais completa e, sobretudo, mais racional, inferida da observação³⁹.

ALMA DA TERRA

7. — A alma da Terra desempenha um papel principal na teoria da incrustação; vejamos se esta ideia está melhor fundamentada.

O desenvolvimento orgânico está sempre em relação com o desenvolvimento do princípio intelectual; o organismo se completa à proporção que as dificuldades da alma se vão multiplicando; a escala orgânica segue constantemente, em todos os seres, a progressão da inteligência, desde o pólipo até o homem; e isso não poderia ser diferente, dado que para a alma é preciso um instrumento adequado à importância das funções que ela tem de efetuar. De que serviria à ostra ter a inteligência do macaco sem os órgãos necessários à sua manifestação? Portanto, se a Terra fosse um ser animado, servindo de corpo a uma alma especial, em razão mesmo de sua constituição, sua alma teria que ser mais *rudimentar* que a do pólipo, porquanto a Terra não tem nem mesmo a vida da planta, enquanto que, pelo papel que se atribui a essa alma, se fez dela um ser dotado de razão e do livre-arbítrio mais completo, um Espírito superior, em suma, o que não é racional, pois jamais o Espírito esteve repartido e aprisionado. A ideia da alma da Terra, entendida neste sentido, tem de ser, assim, alinhada entre as concepções sistemáticas e quiméricas.

Por alma da Terra, se deve entender, mais racionalmente, a coletividade dos Espíritos encarregados da elaboração e da direção de seus elementos constituintes, o que supõe já um certo grau de desenvolvimento intelectual; ou, ainda melhor: o Espírito ao qual está confiada a alta direção dos destinos morais e do progresso de seus habitantes, missão que tem que ser entregue a um ser eminentemente superior em conhecimento e em sabedoria. Neste caso, o Espírito não é, propriamente falando, a alma da Terra, pois

³⁹ Quando um semelhante sistema se alia a toda uma cosmogonia, a gente pergunta sobre que base racional deve repousar o resto. A concordância que se pretende estabelecer, através desse sistema, entre o *Gênesis* bíblico e a ciência, é totalmente ilusória, dado que é contestada pela ciência mesma.

O autor da carta acima, homem de grande saber, um instante seduzido por essa teoria, viu logo os pontos vulneráveis dela e não tardou em combatê-la com as armas da ciência.

nem está encarnado nela, nem subordinado ao seu estado material; é um chefe incumbido de sua direção, como um general está incumbido da condução de um exército.

Um Espírito encarregado de u'a missão tão importante como a do governo de um mundo, não poderia ter caprichos, ou Deus seria bem imprevidente em confiar a execução de suas leis a seres capazes de transgredi-las por sua má vontade; ora, segundo a doutrina da incrustação, seria a má vontade da alma da Lua a causa de a Terra permanecer incompleta. Há ideias que se refutam por si mesmas. (Ver *Revista Espírita* de setembro de 1868.)

CAPÍTULO IX

REVOLUÇÕES DO GLOBO

Revoluções gerais ou parciais. — Idade das montanhas. — Dilúvio bíblico. — Revoluções periódicas. — Cataclismas futuros. — Aumento ou diminuição do volume da Terra.

REVOLUÇÕES GERAIS OU PARCIAIS

1. — Os períodos geológicos definem as fases do aspecto geral do globo, como resultado de suas transformações; mas, se a gente excetuar o período diluviano, que tem as características de uma convulsão súbita, todos os outros se deram lentamente e sem transição brusca. Durante todo o tempo em que os elementos constituintes do globo se aplicaram em estabilizar sua posição, as mudanças tiveram de ser gerais; uma vez consolidada a base, apenas se produziram modificações parciais na superfície.

2. — Além das revoluções gerais, a Terra experimentou um grande número de perturbações locais que alteraram o aspecto de certas regiões. Como para as outras, duas causas contribuiram para isso: o fogo e a água.

O fogo: seja através das erupções vulcânicas, que enterraram sob espessas camadas de cinzas e de lavas os terrenos ao derredor, fazendo desaparecer as cidades e seus habitantes; seja através dos tremores de terra; seja através das sublevações da crosta sólida, lançando as águas nas regiões mais baixas; seja através do rebaixamento dessa mesma crosta em certos lugares, em uma extensão maior ou menor, para onde as águas se precipitaram, deixando outros terrenos a descoberto. Foi assim que algumas ilhas surgiram no seio do oceano, enquanto outras desapareceram; que porções de continentes foram separadas e formaram ilhas, que braços de mar postos a seco juntaram algumas ilhas aos continentes.

A água: seja através da invasão ou do recuo do mar em certas regiões costeiras por causa dos desmoronamentos que, detendo os cursos d'água, formaram os lagos; seja através dos transbordamentos e das inundações; seja, enfim, através dos aterros formados

na embocadura dos rios. Tais aterros, avançando sobre o mar, formaram novas regiões: tal é a origem do delta do Nilo ou Baixo Egito e do delta do Ródano ou Camargue.

IDADE DAS MONTANHAS

3. — Pelo exame dos terrenos fendidos pela sublevação das montanhas e das camadas que formam os contrafortes, se tem como determinar sua idade geológica. Por idade geológica das montanhas não é preciso entender o número de anos de sua existência, mas o período durante o qual elas se formaram, e, por conseguinte, sua ancianidade relativa. Seria um erro julgar que essa ancianidade é proporcional à sua elevação ou à sua natureza exclusivamente granítica, tendo em vista que a massa de granito, ao erguer-se, pode ter perfurado e separado as camadas superpostas.

Foi assim que se constatou, através da observação, que as montanhas dos Vosgos, da Bretanha e da Costa do Ouro, na França, que não são muito altas, pertencem às mais antigas formações; elas datam do período de transição e são anteriores aos depósitos de carvão mineral. O Jura se formou na metade do período secundário; ele é contemporâneo dos répteis gigantes. Os Pireneus se formaram mais tarde, no começo do período terciário. O Monte Branco e o grupo dos Alpes ocidentais, são posteriores aos Pireneus e datam da metade do período terciário. Os Alpes orientais, que compreendem as montanhas do Tirol, são mais recentes ainda, pois só se formaram perto do final do período terciário. Algumas montanhas da Ásia são posteriores mesmo ao período diluviano ou lhe são contemporâneas.

Essas sublevações ocasionaram obrigatoriamente grandes perturbações locais e inundações mais ou menos consideráveis através do deslocamento das águas, da interrupção e da mudança do curso dos rios⁴⁰.

⁴⁰ O século passado oferece um exemplo notável de um fenômeno desse gênero. A seis dias de caminhada da Cidade do México, se encontrava, em 1750, uma região fértil e bem cultivada, onde cresciam em abundância o arroz, o milho e as bananas. No mês de junho, horríveis tremores de terra agitaram o solo, tremores que se repetiram sem cessar durante dois meses inteiros. Na noite de 28 ou 29 de setembro, a Terra teve uma violenta convulsão; um terreno de várias léguas de extensão se ergueu pouco a pouco e acabou por alcançar uma altura de quinhentos pés, em uma superfície de dez léguas quadradas. O terreno ondulava como as vagas do mar sob o sopro da tempestade; milhares de montículos se elevavam e se afundavam em sequência; enfim, um precipício de quase três léguas se abriu; fumaça, fogo, pedras incandescentes e cinzas foram lançadas a uma altura prodigiosa. Seis montanhas surgiram desse precipício aberto de par em par, entre as quais um vulcão a que foi dado o nome de *Jorullo* se eleva agora a quinhentos e cinquenta metros acima da antiga planície. No momento em que começava o tremor do solo, os dois rios, *Cuitimba* e *Rio São Pedro*, refluindo, inundaram toda a planície ocupada hoje pelo *Jorullo*; mas, no terreno que subia sempre, um precipício se abriu e os tragou. Eles reapareceram a oeste, em um ponto muito longe de seu antigo leito. (Luís Figuier, *A Terra antes do Dilúvio*, p. 370.)

DILÚVIO BÍBLICO

4. — O dilúvio bíblico, designado também sob o nome de grande dilúvio asiático, é um fato cuja existência não tem como ser contestada. Ele pode ter sido ocasionado pela sublevação de uma parte das montanhas dessa região, como o do México. O que vem em apoio a essa opinião é a existência de um mar interior, que se estendia outrora do Mar Negro ao Oceano Glacial, atestado pelas observações geológicas. O Mar d'Azoff, o Mar Cáspio, cujas águas são salgadas, conquanto não se comuniquem com nenhum outro mar; o Lago Aral e os inumeráveis lagos espalhados pelas imensas planícies da Tartária e pelas estepes da Rússia, parecem ser o que sobrou desse antigo mar. Quando da sublevação das montanhas do Cáucaso, posterior ao dilúvio universal, uma parte dessas águas correu para o norte, na direção do Oceano Glacial; a outra, para o sul, na direção do Oceano Índico. Estas inundaram e devastaram precisamente a Mesopotâmia e toda a região habitada pelos ancestrais do povo hebreu. Conquanto esse dilúvio se tenha estendido sobre uma superfície muito ampla, um elemento averiguado hoje em dia é que foi apenas local; e que não teve como ser causado pela chuva, pois, por mais abundante e contínua que tivesse sido durante quarenta dias, o cálculo prova que a quantidade de água caída não tinha como ser volumosa o suficiente para cobrir *toda a terra*, acima até das mais altas montanhas.

Para os homens de então, que conheciam uma extensão muito limitada da superfície do globo e que não faziam nenhuma ideia de sua configuração, uma vez que a inundação invadiu os países conhecidos, para eles isso teria de ser toda a terra. Se a esta crença se juntar a forma figurada e hiperbólica peculiar ao estilo oriental, não se ficará surpreso do exagero do relato bíblico.

5. — O dilúvio asiático é evidentemente posterior ao aparecimento do homem na Terra, dado que a sua memória se conservou através da tradição de todos os povos dessa parte do mundo, que o consagraram em suas teogonias⁴¹.

É ele também posterior ao grande dilúvio universal que assinalou o nosso período geológico; quando falamos de homens e animais antediluvianos, nós nos referimos a este primeiro cataclisma.

⁴¹ A lenda indiana sobre o dilúvio narra, de acordo com o livro do Veda, que Brama, transformado em peixe, se dirigiu ao piedoso monarca Vaivaswata; ele lhe disse: “O momento da dissolução do universo chegou; logo tudo o que existe na terra será destruído. É preciso que você construa um navio no qual embarcará, depois de pegar os grãos de todos os vegetais. Você me esperará nesse navio e eu virei tendo na cabeça um corno que me fará reconhecer.” O santo obedeceu; construiu um navio, embarcou e prendeu um cabo ao corno do peixe. O navio foi arrastado durante muitos anos, com uma extrema rapidez no meio das trevas de uma tempestade medonha, até que abordou no cimo do monte Himawata (Himalaia). Brama recomendou em seguida a Vaivaswata para criar todos os seres e repovoar a terra.

A analogia desta lenda com o relato bíblico de Noé é flagrante; da Índia havia passado para o Egito, como uma infinidade de outras crenças. Ora, como o livro do Veda é anterior ao de Moisés, o relato encontrado aí do dilúvio não tem como ser uma imitação deste último. Logo, é provável que Moisés, que tinha estudado as doutrinas dos sacerdotes egípcios, redigiu o seu a partir daqueles.

REVOLUÇÕES PERIÓDICAS

6. — Além de seu movimento anual em torno do Sol, que produz as estações, de seu movimento de rotação sobre si mesma em vinte e quatro horas, que produz o dia e a noite, a Terra tem um terceiro movimento que se completa em vinte e cinco mil anos mais ou menos (mais exatamente, em vinte e cinco mil oitocentos e sessenta e oito anos), e produz o fenômeno designado em astronomia sob o nome de *precessão dos equinócios*. (Cap. v, n.º 11.)

Esse movimento, que seria impossível de explicar em algumas palavras, sem figuras e sem uma demonstração geométrica, consiste em uma espécie de balanceio circular que se tem comparado ao de um pião agonizante, em consequência do qual o eixo da Terra, alterando a inclinação, descreve um duplo cone cujo cimo está no centro da Terra e cujas bases circunscrevem a superfície dos círculos polares; quer dizer, uma amplitude de vinte e três graus e meio de raio.

7. — O equinócio é o instante em que o Sol, passando de um hemisfério ao outro, encontra-se perpendicularmente sobre o equador, o que sucede duas vezes ao ano, por volta de 21 de março, quando o Sol retorna ao hemisfério boreal, e de 22 de setembro, quando retorna ao hemisfério austral.

Mas, como resultado da alteração gradual na obliquidade do eixo, o que causa uma alteração na obliquidade do equador sobre a eclíptica, o instante do equinócio se acha, a cada ano, adiantado de alguns minutos (25 min. e 7 seg.). Esse adiantamento é chamado de *precessão dos equinócios* (do latim *præcedere*, marchar avante, formado de *præ*, avante, e *cedere*, ir-se).

Esses poucos minutos, com o passar do tempo, completam horas, dias, meses e anos; resulta daí que o equinócio da primavera, que sucede agora em março, sucederá, em um determinado tempo, em fevereiro, depois em janeiro, depois em dezembro, e então o mês de dezembro terá a temperatura do mês de março, e março, a de junho, e assim por diante, até que, retornando ao mês de março, as coisas vão encontrar-se no estado atual, o que ocorrerá em vinte e cinco mil oitocentos e sessenta e oito anos, para recomeçar a mesma revolução indefinidamente⁴².

8. — Resulta desse movimento cônico do eixo que os polos da Terra não olham constantemente os mesmos pontos do céu; que a estrela polar não será sempre a estrela polar; que os polos estão gradualmente mais ou menos inclinados na direção do Sol e recebem seus raios mais ou menos diretamente; de onde se conclui que e a Islândia e a Lapônia, por exemplo, que estão no círculo polar, deverão, em um determinado tempo,

⁴² A precessão dos equinócios provoca uma outra alteração, a que se opera na posição dos signos do zodíaco.

A Terra, girando em torno do Sol em um ano, à proporção que vai avançando, o Sol vai achando-se a cada mês em face de uma nova constelação. Essas constelações são em número de doze, a saber: *Carneiro, Touro, Gêmeos, Câncer, Leão, Virgem, Balança, Escorpião, Sagitário, Capricórnio, Aquário e Peixes*. São chamadas de constelações zodiacais ou de signos do zodíaco, e formam um círculo no plano do equador terrestre. Segundo o mês de nascimento de um indivíduo, dizia-se que havia nascido sob tal signo: daqui os prognósticos da astrologia. Mas, como resultado da precessão dos equinócios, sucede que os meses não correspondem mais às mesmas constelações; alguém que nasceu no mês de julho, não está mais no signo de Leão, mas no de Câncer. Assim cai a ideia supersticiosa ligada à influência dos signos. (Cap. v, n.º 12.)

receber os raios solares como se estivessem na latitude da Espanha e da Itália, e que, na posição oposta mais distante, a Espanha e a Itália deverão ter a temperatura da Islândia e da Lapônia, e assim por diante em cada renovação do período de vinte e cinco mil anos⁴³.

9. — As consequências desse movimento não tiveram ainda como serem determinadas com precisão, porque só se conseguiu observar uma pequeníssima parte de sua revolução; existem assim a esse respeito apenas presunções, algumas das quais têm uma certa verossimilhança.

As consequências são:

1.^a) O aquecimento e o resfriamento alternado dos polos e, por conseguinte, a fusão dos gelos polares durante a metade do período de vinte e cinco mil anos, e a sua renovação, durante a outra metade desse período. Daqui resultaria que os polos não estariam de fato destinados a uma esterilidade perpétua, mas desempenhariam, por sua vez, um papel para os benefícios da fertilidade.

2.^a) O deslocamento gradual do mar, que invade pouco a pouco as terras, enquanto descobre outras, para as abandonar de novo e reentrar em seu antigo leito. Esse movimento periódico, renovado indefinidamente, constituiria uma verdadeira maré universal de vinte e cinco mil anos.

A lentidão com que se realiza esse movimento do mar deixa-o quase imperceptível para cada geração; mas é sentido após alguns séculos. Ele não pode causar nenhum cataclisma súbito, porque os homens se retiram, de geração em geração, à proporção que o mar vai avançando, e eles vão avançando para as terras de onde o mar vai retirando-se. É a esta causa, mais que provável, que alguns sábios atribuem a retração do mar de certas costas e sua invasão sobre outras.

10. — O deslocamento lento, gradual e periódico do mar é um fato apreendido pela experiência e atestado por numerosos exemplos em todos os pontos do globo. Ele tem como resultado a preservação das forças produtivas da terra. A longa imersão é um tempo de repouso durante o qual as terras submersas recuperam os princípios vitais esgotados por uma produção não menos longa. Os imensos depósitos de materiais orgânicos, formados através da estada ali das águas durante séculos e séculos, são adubos naturais, periodicamente renovados, e as gerações se sucedem sem se darem conta das mudanças⁴⁴.

⁴³ O deslocamento gradual das linhas isotérmicas, fenômeno reconhecido pela ciência de um modo tão positivo quanto o deslocamento do mar, é uma prova material em apoio a essa teoria.

⁴⁴ Entre os fatos mais recentes que provam o deslocamento do mar, podemos citar os seguintes:

No golfo da Gasconha, entre o velho Soulac e o farol de Cordouan, quando o mar está calmo, descobrem-se no fundo da água faces de muralha: são os restos da antiga e grande cidade de *Noviomagus*, invadida pelas ondas em 580. O rochedo de Cordouan, que estava então junto à costa, está agora a doze quilômetros.

No mar da Mancha, na costa do Havre, o mar ganha terreno a cada dia e mina os penhascos de Sainte-Adresse, que desmoronam pouco a pouco. A dois quilômetros da costa, entre Sainte-Adresse e o cabo de Hève, existe o banco de Eclat, outrora descoberto e unido à terra firme. Antigos documentos constatam que nesse lugar, por onde se navega hoje em dia, estava a aldeia de Saint-Denis-chef-de-Caux. Tendo o mar invadido o terreno no século quatorze, trouxe a igreja, em 1378. A gente pretende ver os restos dela, no fundo da água, durante um tempo calmo.

Sobre quase toda a extensão do litoral da Holanda, o mar só é detido a poder de diques, que se rompem de tempos em tempos. O antigo lago *Flevo*, unido ao mar em 1225, forma hoje o golfo de *Zuyderzée*. Essa irrupção do oceano trouxe muitas aldeias.

Sendo assim, os territórios de Paris e de toda a França serão um dia novamente ocupados pelo mar, como já foram muitas vezes, como provam as observações geológicas. As partes montanhosas formarão ilhas, como são agora Jersey, Guernsey e a Inglaterra, outrora contíguas ao continente.

A gente navegará por sobre as regiões que se percorrem hoje por estrada de ferro; os navios atracarão em Montmartre, no monte Valérien, nos cerros de Saint-Cloud e de Meudon; os bosques e as florestas por onde se passeia serão sepultados sob as águas, cobertos de limos e povoados de peixes ao invés de pássaros.

CATACLISMAS FUTUROS

11. — As grandes comoções da Terra sucederam na época em que a crosta sólida, por sua pequena espessura, oferecia fraca resistência à eferescência das matérias incandescentes do interior; vimos como diminuíram de intensidade e de generalidade, à medida que a crosta se foi consolidando. Numerosos vulcões estão agora extintos e outros foram recobertos por terrenos de formação posterior.

Deverão certamente produzir-se ainda perturbações locais, como resultado das erupções vulcânicas, da abertura de alguns novos vulcões, das inundações súbitas de certas regiões; algumas ilhas deverão sair do mar e outras submergir; mas o tempo de cataclismas gerais, como os que assinalaram os grandes períodos geológicos, passou. A Terra assumiu uma posição que, sem ser absolutamente invariável, coloca daqui por diante o gênero humano ao abrigo das perturbações gerais, a menos existam causas desconhecidas, estranhas ao nosso globo e que nada poderia fazer prever.

12. — Quanto aos cometas, hoje estamos plenamente tranquilos em relação à sua influência, mais salutar que nociva, dado que parecem destinados a reabastecer, se podemos dizer assim, os mundos, trazendo-lhes os princípios vitais que juntaram durante sua viagem através do espaço e pela vizinhança dos sóis. Eles seriam assim fontes de prosperidade antes que mensageiros de desgraça.

Por sua natureza fluídica, hoje bem averiguada (cap. VI, n.^{os} 28 e seg.^s), um choque violento não é de temer-se: pois, no caso de um deles bater na Terra, seria esta que passaria através do cometa, como através de uma bruma.

Sua cauda é ainda menos temível; ela não passa da reflexão da luz solar na imensa atmosfera que os cerca, já que está constantemente voltada para o lado oposto ao Sol e muda de direção conforme a posição desse astro. Essa matéria gasosa poderia também, como resultado da rapidez de seu avanço, formar uma espécie de cabeleira como o sulco atrás de um navio ou a fumaça atrás de uma locomotiva. De resto, muitos cometas se aproximaram já da Terra sem lhe causar nenhum dano; e, em razão de sua densidade, a Terra exerceria sobre o cometa uma atração maior que o cometa sobre a Terra. Tão só um resquício de velhos preconceitos é que poderia inspirar temores quanto à presença deles⁴⁵.

13. — É preciso igualmente abandonar entre as hipóteses quiméricas a possibilidade do encontro da Terra com outro planeta; a regularidade e a invariabilidade das leis que presidem ao movimento dos corpos celestes eliminam qualquer probabilidade desse encontro.

A Terra, não obstante, terá um fim. Como? É o que está no domínio das conjecturas; mas, como ainda está ela longe da perfeição que é capaz de atingir, e da

O dilúvio bíblico não deve ter tido essa causa, dado que a invasão das águas foi súbita e a sua estada ali de curta duração, caso contrário, ela teria sido de milhares de anos e duraria ainda, sem que os homens percebessem.

⁴⁵ O cometa de 1861 cruzou, vinte horas antes, a rota da Terra, a qual teve que se encontrar mergulhada em sua atmosfera, sem que haja resultado nenhum acidente por causa disso.

vetustez, que seria um sinal de declínio, seus habitantes atuais estão seguros de que isso não sucederá no seu tempo. (Cap. VI, n.ºs 48 e seg.ºs).

14. — Fisicamente, a Terra teve as convulsões de sua infância; ela entrou agora em um período de estabilidade relativa: naquele do progresso tranquilo que se completa por meio do retorno regular dos mesmos fenômenos físicos e pelo concurso inteligente do homem. Contudo, *ela está ainda em pleno trabalho de parto quanto ao progresso moral. Aqui estará a causa de suas maiores comoções. Até que a humanidade tenha suficientemente crescido em perfeição através da inteligência e a tenha destinado à prática das leis divinas, as maiores perturbações serão causadas pelos homens mais do que pela natureza, quer dizer, serão mais morais e sociais do que físicas.*

AUMENTO OU DIMINUIÇÃO DO VOLUME DA TERRA

15. — O volume da Terra aumenta, diminui ou é estacionário?

Em apoio da ideia do crescimento do volume da Terra, algumas pessoas se fundamentam em que as plantas devolvem ao solo mais do que dele retiram, o que é verdadeiro em um sentido, mas não em outro. As plantas se alimentam tanto ou mais das substâncias gasosas que tomam da atmosfera do que das que aspiram por suas raízes; ora, a atmosfera é parte integrante do globo; os gases que a constituem provêm da decomposição dos corpos sólidos, e estes, ao se recomporem, retomam o que lhe haviam fornecido. É uma troca, ou melhor, uma transformação perpétua, de modo que, realizando-se o crescimento dos vegetais e dos animais com a ajuda dos elementos constituintes do globo, seus restos mortais, por mais consideráveis que sejam, não acrescentam um átomo à massa. Se a parte sólida do globo aumentasse por tal causa de forma permanente, seria à custa da atmosfera, que diminuiria o mesmo tanto e terminaria sendo inadequada à vida, caso não recuperasse, através da decomposição dos corpos sólidos, o que perde em favor da composição deles.

Na origem da Terra, as primeiras camadas geológicas se formaram de matérias sólidas momentaneamente volatilizadas pelo efeito da alta temperatura, as quais, mais tarde, condensadas pelo resfriamento, se precipitaram. Elas aumentaram incontestavelmente um pouco a superfície do solo, mas sem nada ajuntar à massa total, dado que era só um deslocamento de matéria. Quando a atmosfera, limpa dos elementos estranhos que mantinha em suspensão, se achou em seu estado normal, as coisas seguiram o curso regular que tiveram depois. Hoje, a menor modificação na constituição da atmosfera promoveria, forçosamente, a destruição dos habitantes atuais; porém, provavelmente, também se formariam novas raças em outras condições.

Considerada desse ponto de vista, a massa do globo, quer dizer, a soma das moléculas que compõem o conjunto de suas partes sólidas, líquidas e gasosas, é incontestavelmente a mesma desde a sua origem; se ela experimentasse uma dilatação ou uma condensação, seu volume aumentaria ou diminuiria, sem que a massa sofresse nenhuma alteração. Portanto, se a Terra aumentasse a massa, seria pelo efeito de uma causa

estranha, já que não seria capaz de retirar de si mesma os elementos necessários para seu crescimento.

Segundo uma teoria, o globo aumentaria sua massa e seu volume pelo afluxo da matéria cósmica interplanetária. Essa ideia nada tem de irracional, mas é muito hipotética para ser admitida como princípio. Não passa de um sistema combatido através de sistemas contrários, para os quais a ciência não se voltou absolutamente. Eis, sobre o assunto, a opinião do eminente Espírito que ditou os sábios estudos *uranográficos* transcritos acima, no capítulo vi:

“Os mundos se esgotam ao envelhecer e tendem a se dissolver para servirem de elementos de formação para outros universos. Eles devolvem pouco a pouco ao fluido cósmico universal do espaço o que dele retiraram para se formarem. Por outro lado, todos os corpos se desgastam pelo atrito; o movimento rápido e incessante do globo através do fluido cósmico tem por efeito diminuir constantemente a massa dele, se bem que de uma quantidade imperceptível em um determinado tempo⁴⁶.

“A existência dos mundos pode, em meu parecer, dividir-se em três períodos. — Primeiro período: condensação da matéria durante a qual o volume do globo diminui consideravelmente, permanecendo a massa a mesma; é o período da infância. — Segundo período: contração, solidificação da crosta; eclosão de germes, desenvolvimento da vida até o aparecimento do tipo mais perfectível. Nesse momento, o globo está em toda a sua plenitude: é a idade da virilidade; ele perde, mas pouquíssimo, de seus elementos constituintes. — À medida que seus habitantes vão progredindo *espiritualmente*, ele passa ao período de decréscimo *material*; ele perde não somente por causa do atrito, mas também pela desagregação das moléculas, como uma pedra dura que, corroída pelo tempo, termina por virar pó. Em seu duplo movimento de rotação e translação, ele larga no espaço parcelas fluídicas de sua substância, até o momento em que sua dissolução será completa.

“Mas aí, como o poder atrativo está em razão da massa (eu não digo do volume), diminuindo a massa do globo, suas condições de equilíbrio no espaço ficam modificadas; dominado pelos globos mais poderosos, aos quais não pode mais oferecer um contrapeso, ocorrem transformações em seus movimentos, e, por conseguinte, também profundas mudanças nas condições da vida em sua superfície. Assim: nascimento, vida e morte, ou infância, virilidade e decrepitude, tais são as três fases pelas quais passa toda aglomeração de matéria orgânica ou inorgânica; o Espírito somente, que não é de fato matéria, é indestrutível.” (GALILEU, *Sociedade de Paris*, 1868.)

⁴⁶ Em seu movimento de translação em torno do Sol, a velocidade da Terra é de quatrocentas léguas por minuto. Sendo sua circunferência de nove mil léguas, em seu movimento de rotação em seu eixo, cada ponto do equador percorre nove mil léguas, em vinte e quatro horas, ou seis léguas e três décimos por minuto.

CAPÍTULO X

GÊNESE ORGÂNICA

Primeira formação dos seres vivos. — Princípio vital. — Geração espontânea. — Escala dos seres orgânicos. — O homem corpóreo.

PRIMEIRA FORMAÇÃO DOS SERES VIVOS

1. — Houve um tempo em que os animais não existiam, logo, eles tiveram um começo. Foi aparecendo cada espécie à proporção que o globo ia adquirindo as condições necessárias para sua existência: eis o que há de positivo. Como se formaram os primeiros indivíduos de cada espécie? A gente compreende que, sendo constituído um primeiro casal, os indivíduos se multiplicaram; mas esse primeiro casal de onde saiu? Eis aí um desses mistérios que se vinculam ao princípio das coisas e a respeito de que só se podem levantar hipóteses. Se a ciência não tem como ainda resolver completamente o problema, ela consegue, pelo menos, situá-lo corretamente.

2. — A primeira questão que se apresenta é esta: cada espécie animal proveio de um *primeiro casal* ou de muitos casais criados ou, se preferirem, *germinados* simultaneamente em diferentes lugares?

Esta última suposição é a mais provável; podemos mesmo dizer que ela resulta da observação. Com efeito, o estudo das camadas geológicas atesta a presença, nos terrenos de mesma formação, e isso em proporções enormes, da mesma espécie, nos pontos mais longínquos do globo. Essa multiplicação tão geral e de alguma forma contemporânea teria sido impossível com um único exemplar primitivo.

Por outro lado, a vida de um indivíduo, sobretudo ao nascer, está submetida a tantas eventualidades que uma criação inteira deveria ficar comprometida, sem a pluralidade dos exemplares, o que implicaria em uma imprevidência inadmissível da parte do soberano Criador. Aliás, se um exemplar conseguiu formar-se em um ponto, ele conseguiria formar-se em muitos pontos através da mesma causa.

Tudo concorre assim para provar que houve criação simultânea e múltipla dos primeiros casais de cada espécie animal e vegetal.

3. — A formação dos primeiros seres vivos tem como inferir-se, por analogia, da mesma lei segundo a qual se formaram, e se formam todos os dias, os corpos inorgânicos. À medida que se vai aprofundando nas leis da natureza, a gente vai percebendo engrenagens que, parecendo à primeira vista tão complicadas, vão simplificando-se e confundindo-se na grande lei da unidade que preside a toda a obra da criação. Compreenderemos isso melhor quando dominarmos a formação dos corpos inorgânicos, seu primeiro degrau.

4. — A química considera como elementares certas substâncias: o oxigênio, o hidrogênio, o azoto, o carbono, o cloro, o iodo, o flúor, o enxofre, o fósforo e todos os metais. Através de sua combinação, formam corpos compostos: os óxidos, os ácidos, os álcalis, os sais e as inumeráveis variedades que resultam da combinação destes.

A combinação de dois corpos para formarem um terceiro exige uma concorrência particular de circunstâncias: seja um grau determinado de calor, de seca ou de umidade, seja o movimento ou o repouso, seja uma corrente elétrica etc. Se essas condições não existem, a combinação não acontece.

5. — Quando há combinação, os corpos da composição perdem suas propriedades características, enquanto o composto resultante possui novas propriedades, diferentes daquelas dos primeiros. Eis porque, por exemplo, o oxigênio e o hidrogênio, que são gases invisíveis, ao se combinarem quimicamente, formam a água, que é líquida, sólida ou vaporosa, conforme a temperatura. Na água não existe mais, propriamente falando, nem oxigênio nem hidrogênio, mas um novo corpo; sendo decomposta a água, os dois gases, postos em liberdade, recobram suas propriedades, e não existe mais água. A mesma quantidade de água pode ser assim alternadamente decomposta e recomposta ao infinito.

6. — A composição e a decomposição dos corpos acontecem como resultado do grau de afinidade que os princípios elementares têm uns para com os outros. A formação da água, por exemplo, resulta da afinidade recíproca do oxigênio e do hidrogênio; mas, se colocarmos em contato com a água um corpo que tenha pelo oxigênio mais afinidade do que tem pelo hidrogênio, a água se decompõe; o oxigênio é absorvido, o hidrogênio fica livre, e não existe mais água.

7. — Os corpos compostos se formam sempre em proporções definidas, quer dizer, pela combinação de uma quantidade determinada dos princípios constituintes. Assim, para formar a água, precisa uma parte de oxigênio e duas de hidrogênio. Se duas partes de oxigênio são combinadas com duas de hidrogênio, ao invés de água, se obtém o bióxido de hidrogênio, líquido corrosivo, formado, entretanto, com os mesmos elementos que a água, mas em uma outra proporção.

8. — Tal é, em poucas palavras, a lei que preside à formação de todos os corpos da natureza. A inumerável variedade desses corpos resulta de um pequenino número de princípios elementares combinados em proporções diferentes.

Assim, o oxigênio, combinado em certas proporções com o carbono, o enxofre, o fósforo, forma os ácidos carbônico, sulfúrico, fosfórico; o oxigênio e o ferro formam o óxido de ferro ou ferrugem; o oxigênio e o chumbo, ambos inofensivos, originam os óxidos de chumbo, tais como a litargírio, o alvaiade, o mínio, que são venenosos. O oxigênio com o

cálcio, com o sódio, com o potássio, que são metais, formam a cal, a soda, a potassa. A cal, unida ao ácido carbônico, forma os carbonatos de cal ou pedras calcárias, tais como o mármore, o giz, o arenito, as estalactites das grutas; com o ácido sulfúrico, ela forma os sulfatos de cal ou gesso, o alabastro; com o ácido fosfórico: o fosfato de cal, base sólida dos ossos; o cloro e o hidrogênio formam o ácido clorídico ou hidrocloreto; o cloro e o sódio formam o cloreto de sódio ou sal marinho.

9. — Todas essas combinações e milhares de outras se obtêm artificialmente, em pequena quantidade, nos laboratórios de química; elas se realizam espontaneamente, em grande quantidade, no grande laboratório da natureza.

A Terra, em sua origem, não continha essas matérias combinadas, mas somente seus princípios constituintes volatilizados. Quando as terras calcárias e outras, tornando-se com o tempo pedregosas, se depositaram na superfície, elas não estavam de fato formadas por inteiro; entretanto, se encontravam pelo ar, em estado gasoso, todas as substâncias primitivas; tais substâncias, precipitadas por efeito do resfriamento, sob o predomínio de circunstâncias favoráveis, combinaram entre si conforme o grau de sua afinidade molecular; eis quando se formaram as diferentes variedades de carbonatos, de sulfatos etc., primeiro em dissolução nas águas, depois depositadas na superfície do solo.

Suponhamos que, por uma causa qualquer, a Terra volte a seu estado incandescente primitivo, tudo isso se decomporia; os elementos se separariam; todas as substâncias fúseis se fundiriam; todas as volatilizáveis se volatilizariam. Depois, um segundo resfriamento provocaria uma nova precipitação, e as antigas combinações se formariam de novo.

10. — Estas considerações provam como a química era necessária para a compreensão da gênese.

Antes do conhecimento das leis da afinidade molecular, era impossível compreender a formação da Terra. A química esclareceu a questão com um brilho totalmente novo, como a astronomia e a geologia o fizeram, segundo outros pontos de vista.

11. — Na formação dos corpos sólidos, um dos fenômenos mais notáveis é o da cristalização, que consiste na forma regular que ostentam certas substâncias quando de sua passagem do estado líquido ou gasoso para o estado sólido. Essa forma, que varia consoante a natureza da substância, é geralmente aquela dos sólidos geométricos, tais como o prisma, o paralelogramo, o cubo, a pirâmide. Todo o mundo conhece os cristais de açúcar-cande; os cristais de rocha, ou sílica cristalizada, são prismas de seis faces terminados em uma pirâmide igualmente hexagonal. O diamante é de carbono puro ou de carvão cristalizado. Os desenhos que se produzem nas vidraças no inverno se devem à cristalização do vapor d'água, durante a congelação, sob a forma de agulhas prismáticas.

A disposição regular dos cristais se vincula à forma particular das moléculas de cada corpo; essas parcelas, infinitamente pequenas para nós, mas que, nem por isso, deixam de ocupar um certo espaço, impelidas umas para as outras pela atração molecular, se ajeitam e se justapõem, segundo a exigência de sua forma, de modo que cada uma tome seu lugar em torno do núcleo ou primeiro centro de atração, formando um conjunto simétrico.

A cristalização só se realiza sob o predomínio de certas circunstâncias favoráveis, fora das quais ela não tem como acontecer; o grau da temperatura e o repouso são con-

dições essenciais. A gente compreende que um calor fortíssimo, mantendo as moléculas afastadas, não lhes permitiria condensar-se, e que a agitação, impedindo seu arranjo simétrico, elas formariam apenas um aglomerado confuso e irregular, e, portanto, não uma cristalização propriamente dita.

12. — A lei que preside à formação dos minerais conduz naturalmente à formação dos corpos orgânicos.

A análise química nos apresenta todas as substâncias, vegetais e animais, compostas dos mesmos elementos que os corpos inorgânicos. Desses elementos, os que desempenham o papel principal são o oxigênio, o hidrogênio, o azoto e o carbono; os outros só se encontram aí acessoriamente. Como no reino mineral, a diferença de proporção na combinação desses elementos produz todas as variedades de substâncias orgânicas e suas propriedades distintivas, tais como: os músculos, os ossos, o sangue, a bÍlis, os nervos, a matéria cerebral, a gordura, nos animais; a seiva, a madeira, as folhas, os frutos, as essências, os óleos, as resinas etc., nos vegetais. Assim, na formação dos animais e das plantas, não entra nenhum corpo especial que não se encontre igualmente no reino mineral⁴⁷.

13. — Alguns exemplos corriqueiros farão entender as transformações que se realizam no reino orgânico através somente da modificação dos elementos constituintes.

No suco de uva, não há ainda nem vinho nem álcool, mas simplesmente água e açúcar. Quando esse suco chega à maturidade e quando se acha em circunstâncias propícias, nele se produz um trabalho íntimo, ao qual se dá o nome de fermentação. Nesse trabalho, uma parte do açúcar se decompõe; o oxigênio, o hidrogênio e o carbono se separam e se combinam em proporções adequadas para se fazer álcool; sendo assim, quem bebe do suco de uva não bebe realmente álcool, dado que ele não existe ainda; ele se forma das partes constituintes da água e do açúcar, sem que nele haja, em suma, uma só molécula a mais ou a menos.

No pão e nos legumes que se comem, não há certamente nem carne, nem sangue, nem ossos, nem bÍlis, nem matéria cerebral, entretanto, esses mesmos elementos vão, decompondo-se e recompondo-se pelo trabalho da digestão, produzir essas diferentes substâncias através somente da transmutação de seus elementos constituintes.

Na semente de uma árvore, não há nem madeira, nem folhas, nem flores, nem frutos, e é um erro pueril acreditar em que a árvore inteira, sob forma microscópica, se encontra na semente; quase não existe mesmo, na semente, a quantidade de oxigênio, de

⁴⁷ O quadro seguinte, a partir da análise de algumas substâncias, apresenta a diferença de algumas propriedades, o que resulta tão só da diferença de quantidade dos elementos constituintes. Sobre 100 partes:

	Carbono	Hidrogênio	Oxigênio	Azoto
Açúcar de cana.....	42.470	6.900	50.630	—
Açúcar de uva.....	36.710	6.780	56.510	—
Álcool.....	51.980	13.700	34.320	—
Azeite de oliva.....	77.210	13.360	9.430	—
Azeite de nozes.....	79.774	10.570	9.122	0.534
Gordura.....	78.996	11.700	9.304	—
Fibrina.....	53.360	7.021	19.685	19.934

hidrogênio e de carbono, necessária para formar uma única folha de árvore. A semente guarda um germe que eclode quando ela se acha em condições favoráveis; o germe cresce pelos sucos que recolhe da terra e pelos gases que aspira do ar; esses sucos, que não se constituem nem de madeira, nem de folhas, nem de flores, nem de frutos, infiltrando-se na planta, lhe formam a seiva, como os alimentos, nos animais, formam o sangue. A seiva, transportada pela circulação para todas as partes do vegetal, conforme os órgãos em que ela se encerra e em que sofre uma elaboração especial, se transforma em madeira, folhas, frutos, como o sangue se transforma em carne, ossos, bílis etc. etc.; entretanto, são sempre os mesmos elementos: oxigênio, hidrogênio, azoto, e carbono, diversamente combinados.

14. — As diferentes combinações dos elementos para a formação das substâncias minerais, vegetais e animais, só conseguem, portanto, realizar-se em ambientes e em circunstâncias propícias; fora dessas circunstâncias, os princípios elementares ficam em uma espécie de inércia. Mas, desde que as circunstâncias se tornem favoráveis, começa um trabalho de elaboração; as moléculas entram em movimento, elas se agitam, se atraem, se aproximam, se separam em virtude da lei de afinidades, e, através de suas combinações múltiplas, compõem a infinita variedade das substâncias. Quando cessam essas condições, o trabalho é subitamente suspenso, para recomeçar quando elas se apresentarem de novo. Eis porque a vegetação se ativa, esmorece, cessa e retorna, sob a ação do calor, da luz, da umidade, do frio ou da seca; porque tal planta prospera em um clima ou em um terreno, e estiola ou perece em outro.

15. — O que se passa diariamente debaixo de nossos olhos tem que nos situar na rota do que ocorreu na origem dos tempos, pois as leis da natureza são invariáveis.

Dado que os elementos constituintes dos seres orgânicos e dos seres inorgânicos são os mesmos; dado que os vemos sempre, sob o predomínio de certas circunstâncias, formarem as pedras, as plantas e os frutos, temos como concluir que os corpos dos primeiros seres vivos se formaram, como as primeiras pedras, através da reunião de algumas moléculas elementares, em virtude da lei da afinidade, à proporção que as condições da vida do globo foram ficando propícias a tal ou qual espécie.

A similitude de formas e de cores, na reprodução dos indivíduos de cada espécie, pode ser comparada à similitude de forma de cada espécie de cristal. As moléculas, justapondo-se sob a ação da mesma lei, produzem um conjunto análogo.

PRINCÍPIO VITAL

16. — Dizendo-se que as plantas e os animais são formados dos mesmos princípios constituintes dos minerais, precisa entender isso no sentido exclusivamente material: é que esta questão diz respeito somente ao corpo.

Sem falar do princípio inteligente, que é uma questão à parte, existe na matéria orgânica um princípio especial, inapreensível, e que não se conseguiu ainda definir: é o *princípio vital*. Este princípio, que é ativo no ser vivo, *se extingue* no ser morto, pois é ele

que propicia à substância orgânica as propriedades características que a distinguem das substâncias inorgânicas. A química, que decompõe e recompõe a maioria dos corpos inorgânicos, conseguiu decompor os corpos orgânicos, mas não chegou jamais a reconstituir sequer uma folha morta, prova evidente de que há nos corpos orgânicos alguma coisa que não existe nos inorgânicos.

17. — É o princípio vital algo específico, tendo uma existência própria? Ou melhor, por pertencer ao sistema da unidade do elemento gerador, não é mais que um estado particular, uma das modificações do fluido cósmico universal, que se converte em princípio de vida, como se converte em luz, fogo, calor, eletricidade? É neste último sentido que a questão se resolve nas comunicações reproduzidas acima (cap. vi, *Uranografia geral*).

Mas, qualquer que seja a opinião que se tenha a respeito da natureza do princípio vital, ele existe, já que a gente vê seus efeitos. Logo, temos como admitir logicamente que, ao se formarem, os seres orgânicos assimilaram o princípio vital que precisavam para sua destinação; ou melhor, que esse princípio se desenvolveu, em cada indivíduo, através do efeito mesmo da combinação dos elementos, do mesmo modo que se percebe que, sob o predomínio de certas circunstâncias, se desenvolvem o calor, a luz e a eletricidade.

18. — O oxigênio, o hidrogênio, o azoto e o carbono, ao se combinarem sem o fluido vital, formariam um mineral ou corpo inorgânico; o princípio vital, modificando a constituição molecular desse corpo, lhe proporciona propriedades especiais. Ao invés de u'a molécula mineral, obtém-se u'a molécula orgânica.

A atividade do princípio vital é preservada, durante a vida, pela ação do funcionamento dos órgãos, como o calor, pelo movimento de rotação de uma roda; quando essa ação para por causa da morte, o princípio vital *se extingue*, do mesmo modo que o calor, quando a roda para de virar. Mas o *efeito* produzido sobre o estado molecular do corpo pelo princípio vital subsiste após a extinção desse princípio, como a carbonização da madeira persiste após a extinção do calor. Na análise dos corpos orgânicos, a química encontra sempre os elementos constituintes: oxigênio, hidrogênio, azoto e carbono, mas não consegue reconstituí-los, porque, não existindo mais a causa, ela não consegue reproduzir o *efeito*, enquanto consegue reconstituir uma pedra.

19. — Nós tomamos por comparação o calor produzido pelo movimento de uma roda, porque é um efeito vulgar, conhecido de todo o mundo e mais fácil de compreender; mas seria mais exato dizer que, na combinação dos elementos para formar os corpos orgânicos, ele se impregna de *eletricidade*. Os corpos orgânicos seriam, assim, verdadeiras *pilhas elétricas*, que funcionam enquanto os elementos dessas pilhas estão nas condições ideais para produzir a eletricidade: é a vida; que deixam de funcionar, quando cessam tais condições: é a morte. Sendo assim, o princípio vital seria uma espécie particular de eletricidade designada sob o nome de *eletricidade animal*, gerada durante a vida pela ação dos órgãos, e cuja produção se interrompe na morte pelo término dessa ação.

GERAÇÃO ESPONTÂNEA

20. — A gente pergunta naturalmente por que não se formam mais seres vivos nas mesmas condições dos primeiros que surgiram na Terra.

A questão da geração espontânea, que preocupa hoje em dia a ciência, se bem que ainda com soluções divergentes, não pode deixar de iluminar este assunto. O problema proposto é este: formam-se espontaneamente, nos dias que correm, seres orgânicos através apenas da união dos elementos constituintes, sem germes anteriores produzidos pela geração ordinária, quer dizer, sem pais nem mães?

Os partidários da geração espontânea respondem afirmativamente e se apoiam em observações diretas que parecem concludentes. Outros pensam que todos os seres vivos se reproduzem uns aos outros, e se apoiam no fato constatado pela experiência de que os germes de certas espécies vegetais e animais, embora estando dispersos, conseguem conservar uma vida latente durante um tempo considerável, até que as circunstâncias estejam favoráveis à sua eclosão. Esta opinião deixa sempre sem resposta a questão da formação dos primeiros indivíduos de cada espécie.

21. — Sem discutir os dois sistemas, convém notar que o princípio da geração espontânea deve, evidentemente, aplicar-se tão só aos seres das ordens inferiores do reino vegetal e do reino animal, àqueles em que começa a raiar a vida, e cujo organismo, extremamente simples, é, de qualquer modo, rudimentar. São os que efetivamente primeiro apareceram na Terra, e cuja geração obrigatoriamente foi espontânea. Nós assistiríamos, assim, a uma criação permanente, análoga à que aconteceu durante as primeiras eras do mundo.

22. — Mas, então, por que a gente não mais vê formarem-se, pelo mesmo processo, os seres de organização complexa? Esses seres não existiram desde sempre: eis um fato positivo; assim, eles tiveram um começo. Se o musgo, o líquen, o zoófito, o infusório, os vermes intestinais e outros conseguem produzir-se espontaneamente, por que não se passa o mesmo com as árvores, os peixes, os cães, os cavalos?

Aqui param, no momento, as investigações; o fio condutor se perde e, até que seja encontrado, o campo está aberto às hipóteses; portanto, seria imprudente e prematuro dar os sistemas como verdades absolutas.

23. — Se o fato da geração espontânea está demonstrado, por mais restrito que seja, não deixa de ser um fato capital, uma baliza fixada que deve orientar o caminho para novas observações. Se os seres orgânicos complexos não se produzissem dessa maneira, quem sabe como começaram? Quem conhece o segredo de todas as transformações? Quando se vê o carvalho sair da bolota, quem pode dizer se um liame misterioso não existe do pólipo ao elefante? (N.º 25.)

No estado atual de nossos conhecimentos, nós só podemos formular a teoria da geração espontânea *permanente* como uma hipótese, mas como uma hipótese provável, a qual, talvez, um dia, formará na fileira das verdades científicas reconhecidas⁴⁸.

ESCALA DOS SERES ORGÂNICOS

24. — Entre o reino vegetal e o reino animal, não há limites nitidamente demarcados. Nos confins dos dois reinos, estão os *zoófitos* ou *animais-plantas*, cujo nome indica que eles participam de um e de outro: eis o traço de união.

Como os animais, as plantas nascem, vivem, crescem, se alimentam, respiram, se reproduzem e morrem. Como eles, para viver, elas precisam de luz, de calor e de água; se elas são privadas disso, estiolam e morrem; a absorção de um ar viciado e de substâncias deletérias as envenena. Seu caráter distintivo melhor demarcado é o de estarem presas ao solo e dele tirarem seu alimento sem se mexerem do lugar.

O zoófito tem a aparência exterior da planta; como planta, ele se atém ao solo; como animal, sua vida é mais acentuada; ele extrai seu alimento no meio ambiente.

Um degrau acima, o animal está livre e sai à procura de seu alimento: são essas, primeiro, as inumeráveis variedades de pólipos de corpos gelatinosos, sem órgãos muito distintos, e que apenas diferem das plantas pela locomoção; depois, vêm, pela ordem do desenvolvimento dos órgãos, da atividade vital e do instinto: os helmintos ou vermes intestinais; os moluscos, animais carnudos sem ossos, dos quais uns vivem soltos, como as lesmas, os polvos, e outros são providos de conchas, como os caracóis, as ostras; os crustáceos, cuja pele se reveste de uma crosta dura, como os caranguejos, as lagostas; os insetos, para os quais a vida traz uma atividade prodigiosa e faz manifestar o instinto industrioso, como a formiga, a abelha, a aranha. Alguns sofrem u'a metamorfose, como a lagarta, que se transforma em elegante borboleta. Vem, em seguida, a ordem dos vertebrados, animais com estrutura óssea, que compreende os peixes, os répteis, os pássaros e, enfim, os mamíferos, cuja organização é a mais completa.

25. — Quando se levam em conta apenas os dois pontos extremos da corrente, não há, sem dúvida, nenhuma analogia aparente; mas, quando se passa de um elo a outro sem solução de continuidade, vai-se, sem transição brusca, da planta ao animal vertebrado. A gente compreende, então, que os animais de organização complexa têm de ser só uma transformação, ou melhor, um desenvolvimento gradual, imperceptível de início, da espécie imediatamente inferior e, assim, degrau a degrau, até o ser primitivo elementar. Entre a bolota e o carvalho, a diferença é grande, entretanto, seguindo-se passo a passo o desenvolvimento da bolota, chega-se ao carvalho, e ninguém mais se admira de que ele proceda de uma tão pequena semente. Logo, se a bolota contém os elementos latentes adequados para a formação de uma árvore gigante, por que não ocorreria o mesmo do micróbio ao elefante? (N.º 23.)

⁴⁸ Revista Espírita, julho de 1868: *Desenvolvimento da teoria da geração espontânea*.

Sendo assim, a gente compreende que exista geração espontânea apenas para os seres orgânicos elementares; as espécies superiores seriam o produto das transformações sucessivas daqueles mesmos seres, à proporção que as condições climáticas lhes foram sendo propícias. Adquirindo cada espécie a faculdade de se reproduzir, os cruzamentos trouxeram incontáveis variedades; depois, uma vez instalada a espécie em condições de vida durável, quem diz que os germes primitivos de onde ela proveio não desapareceram por inúteis daí por diante? Quem diz que o nosso micróbio atual seja o mesmo que, de transformação em transformação, produziu o elefante? Assim se explicaria por que não ocorre a geração espontânea entre os animais de organização complexa.

Esta teoria, sem estar admitida de maneira definitiva, é a que tende evidentemente a predominar hoje em dia na ciência; ela é aceita pelos pesquisadores sérios como a mais racional.

O HOMEM CORPÓREO

26. — Do ponto de vista corpóreo e puramente anatômico, o homem pertence à classe dos mamíferos, dos quais difere apenas por nuances na forma exterior; quanto ao mais, apresenta a mesma composição química de todos os animais, os mesmos órgãos, as mesmas funções e os mesmos modos de nutrição, de respiração, de secreção, de reprodução; ele nasce, ele vive, ele morre nas mesmas condições, e, após sua morte, seu corpo se decompõe como aquele de tudo o que vive. Não existe em seu sangue, em sua carne, em seus ossos, um átomo diferente daqueles que se encontram no corpo dos animais; como estes, ao morrer, ele devolve à terra o oxigênio, o hidrogênio, o azoto e o carbono que se combinaram para formá-lo, e que vão, através de novas combinações, formar novos corpos minerais, vegetais e animais. A analogia é tão grande que se estudam suas funções orgânicas em certos animais quando as experiências não têm como ser feitas nele mesmo.

27. — Na classe dos mamíferos, o homem pertence à ordem dos *bímanos*. Imediatamente abaixo dele vêm os *quadrúmanos* (animais de quatro mãos) ou símios, dentre os quais uns, como o orangotango, o chimpanzé, o mono, têm certos trejeitos do homem, a ponto de, desde há muito, serem designados com o nome de *homens das florestas*; como ele, eles andam eretos, se servem de bastões, constroem palheiros e levam os alimentos à boca com a mão, o que são sinais característicos.

28. — Por pouco que se observe a escala dos seres vivos do ponto de vista do organismo, a gente reconhece que, desde o líquen até a árvore, e desde o zoófito até o homem, há uma cadeia elevando-se degrau a degrau, sem solução de continuidade, cujos elos têm, todos eles, um ponto de contato com o elo precedente; *seguindo-se passo a passo a série dos seres, se poderia dizer que cada espécie é um aperfeiçoamento, uma transformação da espécie imediatamente inferior*. Dado que o corpo do homem existe em idênticas condições que os outros corpos, quimicamente e constitucionalmente, que ele nasce, vive e morre da mesma forma, ele tem que ter sido formado nas mesmas condições.

29. — Quanto lhe possa tal fato custar a seu orgulho, o homem tem que resignar-se a ver em *seu corpo material* tão só o derradeiro elo da animalidade *na Terra*. O inexorável argumento dos fatos está aqui, contra o qual protestaria em vão.

Contudo, mais o corpo diminui de valor a seus olhos, mais o princípio espiritual cresce em importância; se o primeiro o põe ao nível do bruto, o segundo o eleva a uma altura incomensurável. Nós percebemos o círculo onde para o animal: nós não vemos o limite aonde consegue chegar o Espírito do homem.

30. — O materialismo pode perceber por aqui que o Espiritismo, longe de temer as descobertas da ciência e seu positivismo, vai além e as estimula, porque ele está certo de que o princípio espiritual, *que possui sua existência própria*, não pode sofrer nenhum prejuízo com isso.

O Espiritismo marcha a par do materialismo no terreno da matéria; ele admite tudo o que este admite; mas lá onde este último para o Espiritismo vai além. O Espiritismo e o materialismo são como dois viajantes que caminham juntos, partindo de um mesmo ponto;

a uma certa distância, um diz: “Não posso ir mais longe”; o outro continua a sua rota e descobre um mundo novo. Por que, então, o primeiro diz que o segundo é louco, só porque, divisando novos horizontes, deseja franquear os limites junto aos quais convém ao outro parar? Cristóvão Colombo não foi também tratado como louco, porque acreditava na existência de um mundo do outro lado do oceano? Não nos dá conta a história de tantos loucos sublimes que fizeram avançar a humanidade, aos quais se trançam coroas após lhes haver atirado lama?

Muito bem! O Espiritismo, esta loucura do século dezenove, conforme os que desejam ficar na margem terrestre, nos descobre todo um mundo, mundo diferentemente importante para o homem que a América, pois nem todos os homens vão à América, enquanto todos, sem exceção, vão ao mundo dos Espíritos, em incessantes travessias de um para o outro.

Neste ponto em que estamos da gênese, o materialismo para, enquanto o Espiritismo prossegue suas pesquisas no domínio da *Gênese espiritual*.

CAPÍTULO XI

GÊNESE ESPIRITUAL

Princípio espiritual. — União do princípio espiritual e da matéria. — Hipótese sobre a origem dos corpos humanos. — Encarnação dos Espíritos. — Reencarnações. — Emigrações e imigrações dos Espíritos. — Raça adâmica. — Doutrina dos anjos decaídos e do paraíso perdido.

PRINCÍPIO ESPIRITUAL

1. — A existência do princípio espiritual é um fato que, por assim dizer, não precisa mais de demonstração do que o princípio material; trata-se, de alguma forma, de uma verdade axiomática: ele se afirma através de seus efeitos, como a matéria através dos que lhe são próprios.

Segundo o princípio: “Tendo todo efeito uma causa, todo efeito inteligente tem que ter uma causa inteligente”, não existe ninguém que não estabeleça a diferença entre o movimento mecânico de um sino agitado pelo vento e o movimento desse mesmo sino destinado a oferecer um sinal, uma advertência, demonstrando, através dele mesmo, um pensamento, uma intenção. Ora, como não pode vir à ideia de ninguém atribuir o pensamento à matéria do sino, a gente deduz que ele é tangido por uma inteligência à qual serve de instrumento para se manifestar.

Pela mesma razão, ninguém tem a ideia de atribuir pensamento ao corpo de um homem morto. Se o homem vivo pensa, é que existe nele algo que não existe mais quando está morto. A diferença entre ele e o sino é que a inteligência que faz mover a este está fora dele, enquanto a que faz agir o homem está nele mesmo.

2. — O princípio espiritual é corolário da existência de Deus; sem esse princípio, Deus não teria razão de existir, pois não se poderia conceber a soberana inteligência reinando durante a eternidade somente sobre a matéria bruta, como não se pode

conceber um monarca terrestre reinando durante toda a sua vida sobre pedras. Como não se pode admitir Deus sem os atributos essenciais da Divindade: a justiça e a bondade, essas qualidades seriam inúteis se elas tivessem que se exercer apenas sobre a matéria.

3. — Por outro lado, não se poderia conceber um Deus soberanamente justo e bom, criando seres inteligentes e sensíveis, para devotá-los ao nada, após alguns dias de sofrimentos sem compensações, comprazendo sua vista nessa sucessão indefinida de seres que nascem sem haver pedido, pensam um instante para conhecer apenas a dor e desaparecem para sempre depois de uma existência efêmera.

Sem a sobrevivência do ser pensante, os sofrimentos da vida seriam, da parte de Deus, uma crueldade sem alvo. Eis porque o materialismo e o ateísmo são os corolários um do outro; negando a causa, eles não têm como admitir o efeito; negando o efeito, eles não têm como admitir a causa. Logo, o materialismo é coerente consigo mesmo, conquanto não o seja com a razão.

4. — A ideia da perpetuidade do ser espiritual é inata no homem; ela se encontra nele em estado de intuição e de aspiração; ele compreende que lá somente se encontra a compensação às misérias da vida: eis porque sempre existiram e sempre existirão mais espiritualistas que materialistas e mais deístas que ateus.

À ideia intuitiva e à pujança do raciocínio, o Espiritismo vem juntar a sanção dos fatos, a prova material da existência do ser espiritual, de sua sobrevivência, de sua imortalidade e de sua individualidade; ele precisa e define o que este pensamento tinha de vago e de abstrato. Ele nos mostra o ser inteligente atuando fora da matéria, seja depois, seja durante a vida do corpo.

5. — O princípio espiritual e o princípio vital são uma única e mesma coisa?

Partindo, como sempre, da observação dos fatos, nós diremos que, se o princípio vital fosse inseparável do princípio inteligente, não haveria nenhuma razão em confundilos; mas, já que se veem seres que vivem e que não pensam de fato, como as plantas; que corpos humanos estão ainda animados pela vida orgânica, quando neles não existe qualquer manifestação do pensamento; que se produzem no ser vivo movimentos vitais independentes de todo ato de vontade; que, durante o sono, a vida orgânica está em toda a sua atividade, enquanto a vida intelectual não se manifesta por nenhum sinal exterior; tem que se admitir que a vida orgânica reside em um princípio inerente à matéria, independente da vida espiritual, que é inerente ao Espírito. Desde que a matéria possui uma vida independente do Espírito e que o Espírito possui uma vida independente da matéria, fica evidente que esta dupla vida repousa sobre dois princípios diferentes. (Cap. x, n.^{os} 16 a 19.)

6. — O princípio espiritual teria origem no elemento cósmico universal? Seria ele só uma transformação, um modo de existência desse elemento, como a luz, a eletricidade, o calor etc.?

Se assim fosse, o princípio espiritual sofreria as vicissitudes da matéria; ele se extinguiria pela desagregação, como o princípio vital; o ser inteligente não teria mais que uma existência momentânea, como o corpo, e, com a morte, voltaria ao nada ou, o que redundaria no mesmo, ao todo universal; isto seria, em suma, a sanção das doutrinas materialistas.

As propriedades *sui generis* que se reconhecem no princípio espiritual provam que ele possui sua existência própria, independente, dado que, se tivesse sua origem na matéria, ele não possuiria tais propriedades. Já que a inteligência e o pensamento não devem ser atributos da matéria, a gente chega a esta conclusão, remontando dos efeitos às causas, que o elemento material e o elemento espiritual são dois princípios constituintes do universo. O elemento espiritual individualizado constitui os seres chamados de *Espíritos*, como o elemento material individualizado constitui os diferentes corpos da natureza, orgânicos e inorgânicos.

7. — Tendo sido admitido o ser espiritual e não podendo sua origem estar na matéria, qual é sua procedência, seu ponto de partida?

Aqui, os meios de investigação absolutamente não existem, como para tudo o que se atém ao princípio das coisas. O homem pode averiguar somente o que existe; quanto a tudo o mais, não é capaz de emitir senão hipóteses; quer porque esse conhecimento ultrapasse a capacidade de sua inteligência atual, quer porque para ele seja inútil ou inconveniente possuí-lo neste momento, Deus não fornece tal conhecimento ao homem, nem mesmo através da revelação.

O que Deus lhe manda dizer através de seus mensageiros, e o que, aliás, o homem devia deduzir por si mesmo do princípio da soberana justiça, que é um dos atributos essenciais da Divindade, é que todos têm um mesmo ponto de partida; que todos são criados simples e ignorantes, com igual aptidão para progredir através de sua atividade individual; que todos alcançarão o grau de perfeição compatível com a criatura, através de seus esforços pessoais; que todos, sendo filhos de um mesmo Pai, são objeto de igual solicitude; que não existe um só mais favorecido ou melhor dotado que os outros e dispensado do trabalho imposto aos demais para alcançarem o objetivo.

8. — Ao mesmo tempo que Deus criou os mundos materiais desde toda a eternidade, ele igualmente criou os seres espirituais desde toda a eternidade; sem isso, os mundos materiais ficariam sem finalidade. A gente conceberia os seres espirituais sem os mundos materiais melhor do que estes sem os seres espirituais. São os mundos materiais que têm de fornecer aos seres espirituais os elementos de atividade para o desenvolvimento de sua inteligência.

9. — O progresso é a condição normal dos seres espirituais e a perfeição relativa, o alvo que devem atingir; ora, havendo Deus criado desde toda a eternidade e criando sem parar desde toda a eternidade, por conseguinte houve quem alcançasse o ponto culminante da escala.

Antes que a Terra existisse, os mundos tinham já sucedido aos mundos e, quando a Terra saiu do caos dos elementos, o espaço estava povoado de seres espirituais em todos os graus de adiantamento, desde os que nasciam para a vida, até os que, desde toda a eternidade, tinham cerrado fileira entre os puros Espíritos, vulgarmente chamados anjos.

UNIÃO DO PRINCÍPIO ESPIRITUAL E DA MATÉRIA

10. — Devendo ser a matéria o campo de trabalho do Espírito para o desenvolvimento de suas faculdades, era preciso que tivesse como agir sobre ela; eis porque veio habitá-la, como o lenhador habita a floresta. Devendo ser a matéria, ao mesmo tempo, o alvo e o instrumento de trabalho, Deus, ao invés de unir o Espírito à pedra rígida, criou, para uso deste, corpos organizados, flexíveis, capazes de receber todas as impulsões de sua vontade e de se prestar a todos os seus movimentos.

Assim, o corpo é, ao mesmo tempo, o invólucro e o instrumento do Espírito e, à proporção que este vai adquirindo novas aptidões, vai revestindo-se de um invólucro adequado ao novo gênero de trabalho que tem que cumprir, como se vão fornecendo ferramentas menos grosseiras a um operário, à proporção que vai sendo capaz de executar um serviço melhor acabado.

11. — Para ser mais exato, é preciso dizer que é o Espírito por si mesmo que fabrica seu invólucro e o adapta a suas novas necessidades; ele o aperfeiçoa, o desenvolve e completa o organismo, à proporção que vai sentindo a necessidade de manifestar novas faculdades; em suma, ele o molda pelo talhe de sua inteligência; Deus lhe fornece os materiais: a ele cabe utilizá-los; é assim que as raças adiantadas têm um organismo, ou melhor, um equipamento cerebral mais aperfeiçoado do que as raças primitivas. Assim se explica igualmente a feição especial que o caráter do Espírito imprime aos traços da fisionomia e às linhas do corpo. (Cap. VIII, n.º 7: *Alma da Terra*).

12. — Desde que um Espírito nasce para a vida espiritual, ele tem, em função de seu adiantamento, que fazer uso de suas faculdades, naquele instante rudimentares; eis porque ele se reveste de um invólucro corporal adequado a seu estado de infância intelectual, invólucro que abandona para revestir-se de um outro, à medida que suas forças vão crescendo. Ora, como por todo o tempo existiram mundos e como esses mundos deram origem a corpos organizados para receber os Espíritos, desde todo o tempo os Espíritos encontraram, qualquer que fosse seu grau de adiantamento, os elementos necessários para sua vida carnal.

13. — Sendo o corpo exclusivamente material, sofre as vicissitudes da matéria. Após haver funcionado por algum tempo, ele se desorganiza e se decompõe; o princípio vital, não encontrando elemento algum para sua atividade, se extingue e o corpo morre. O Espírito, para quem o corpo privado de vida é doravante inútil, abandona-o como se abandona uma casa em ruína ou uma roupa fora de uso.

14. — O corpo, assim, é um invólucro destinado a receber o Espírito; por isso, pouco importa sua origem bem como os materiais de que é formado. Que o corpo do homem seja uma criação especial ou não, nem por isso deixa de ser constituído dos mesmos elementos que o corpo dos animais, animado do mesmo princípio vital, quer dizer, aquecido pelo mesmo fogo, como é iluminado pela mesma luz, como está sujeito às mesmas vicissitudes e às mesmas necessidades: este é um ponto que não admite contestação.

Se a gente só considerar a matéria, fazendo abstração do Espírito, o homem não possui nada que o distinga do animal; tudo, porém, muda de aspecto, caso se estabeleça uma distinção entre *a habitação e o habitante*.

Um grande senhor, em uma choupana ou trajado com o burel do camponês, nem por isso deixa de ser um grande senhor. Sucede o mesmo ao homem; não é sua veste de carne o que o eleva acima do bruto nem o que faz dele um ser à parte: é seu ser espiritual, seu Espírito.

HIPÓTESE SOBRE A ORIGEM DOS CORPOS HUMANOS

15. — Da similitude das formas exteriores que existem entre o corpo do homem e o do macaco, certos fisiologistas concluíram que o primeiro era uma transformação do segundo. Não existe nada de impossível nessa ideia, sem que, se isso for verdadeiro, tenha a dignidade do homem algo a perder. Corpos de macacos bem que puderam servir de vestes aos primeiros Espíritos humanos, necessariamente pouco adiantados, que vieram encarnar na terra, sendo essas vestes as mais adequadas às suas necessidades e melhor adaptadas ao exercício de suas faculdades do que o corpo de qualquer outro animal. Ao invés de ser confeccionada uma veste especial para o Espírito, teria ele encontrado uma já feita. Assim, conseguiu vestir-se com a pele do macaco, sem deixar de ser Espírito humano, como o homem se veste, às vezes, com a pele de certos animais, sem deixar de ser homem.

Entenda-se bem que se trata apenas de uma hipótese, a qual não está, de modo algum, sendo posta como princípio, mas oferecida somente para mostrar que a origem dos corpos não prejudica o Espírito, que é o ser principal, e que a similitude do corpo do homem com o corpo do macaco não implica na igualdade de seu Espírito com o do macaco.

16. — Admitindo essa hipótese, pode-se dizer que, sob a influência e pelo efeito da atividade intelectual de seu novo habitante, o invólucro se modificou, se embelezou nos detalhes, conservando inteiramente a forma geral do conjunto (n.º 11). Os corpos melhorados, ao se procriarem, se reproduziram nas mesmas condições, como sucede às árvores enxertadas; eles deram origem a uma nova espécie que, pouco a pouco, se foi distanciando do tipo primitivo, à medida que o Espírito foi progredindo. O Espírito do macaco, que não se aniquilou, continuou a procriar corpos de macacos para seu uso, como o fruto da árvore silvestre reproduz árvores silvestres, e o Espírito humano procriou corpos de homens, variantes do primeiro molde em que se instalou. O tronco se bifurcou; ele produziu um broto e esse broto se tornou tronco.

Como não existem transições bruscas na natureza, é provável que os primeiros homens que apareceram na terra tiveram pouca diferença do macaco quanto à forma exterior, e, sem dúvida, não muito mais quanto à inteligência. Existem, ainda em nossos dias, selvagens que, pelo comprimento dos braços e dos pés e pela conformação da cabeça, têm

a tal ponto as linhas do macaco que só lhes falta serem peludos para completar a semelhança.

ENCARNAÇÃO DOS ESPÍRITOS

17. — O Espiritismo nos ensina de que modo se realiza a união do Espírito e do corpo na encarnação.

O Espírito, pela sua essência espiritual, é um ser indefinido, abstrato, que não é capaz de agir diretamente sobre a matéria; ele precisa de um elemento intermediário; esse elemento intermediário se acha no invólucro fluídico que, de alguma forma, integra o Espírito, invólucro semimaterial, quer dizer, atendo-se à matéria por sua origem e à espiritualidade por sua natureza etérea; como toda matéria, ele é sorvido do fluido cósmico universal, que sofre, nessa circunstância, uma modificação especial. Esse invólucro, designado sob o nome de *perispírito*, transforma o Espírito de um ser abstrato em um ser concreto, definido, apreensível pelo pensamento; ele o torna apto a atuar sobre a matéria tangível, da mesma forma que todos os fluidos imponderáveis, que são, como se sabe, os mais poderosos motores.

O fluido perispiritual é, pois, o traço de união entre o Espírito e a matéria. Durante sua união com o corpo, é o veículo de seu pensamento, para transmitir o movimento às diferentes partes do organismo que agem sob a impulsão de sua vontade, e para repercutir no Espírito as sensações produzidas pelos agentes exteriores. Ele tem por fios condutores os nervos, como no telégrafo o fluido elétrico tem por condutor o fio metálico.

18. — Quando o Espírito tem de se encarnar em um corpo humano em via de formação, um laço fluídico, que não é outra coisa senão uma expansão do seu perispírito, o prende ao germe para o qual se encontra atraído através de uma força irresistível desde o momento da concepção. À proporção que o germe vai desenvolvendo-se, o nó vai fechando-se; sob a influência do *princípio de vida material do germe*, o perispírito, que possui certas propriedades da matéria, se une, *molécula a molécula*, ao corpo que se forma: de onde se pode dizer que o Espírito, através do elemento intermediário de seu perispírito, firma de algum modo *raiz* nesse germe, como uma planta na terra. Quando o germe está inteiramente desenvolvido, a união está completa; então, ele nasce para a vida exterior.

Por um efeito contrário, essa união do perispírito e da matéria carnal, que se havia completado sob a influência do princípio vital do germe, quando esse princípio para de atuar como resultado da desorganização do corpo, a união, que era mantida por uma força atuante, para quando essa força para de atuar; então o perispírito se desprende, *molécula a molécula*, do mesmo modo pelo qual se havia unido, e o Espírito é devolvido à liberdade. Assim, *não é a partida do Espírito que causa a morte do corpo, mas a morte do corpo que causa a partida do Espírito*.

Já que, um instante após a morte, a integridade do Espírito está inteira e que suas faculdades adquirem mesmo maior acuidade, enquanto o princípio de vida desapareceu do

corpo, eis a prova evidente de que o princípio vital e o princípio espiritual são duas coisas distintas.

19. — O Espiritismo nos instrui, através dos fatos que nos permite observar, a respeito dos fenômenos que acompanham essa separação; ela é, algumas vezes, rápida, fácil, suave e indolor; outras vezes, é lenta, trabalhosa, horrivelmente penosa, conforme o estado moral do Espírito, e pode durar meses inteiros.

20. — Um fenômeno particular, igualmente consignado pela observação, acompanha sempre a encarnação do Espírito. Desde que este é apanhado pelo laço fluídico que o ata ao germe, a perturbação o domina; essa perturbação cresce à proporção que o nó vai apertando, e, nos derradeiros momentos, o Espírito perde toda a consciência de si mesmo, de sorte que ele não é jamais testemunha consciente de seu nascimento. No momento em que a criança respira, o Espírito começa a recobrar suas faculdades, que se desdobram à medida que vão formando-se e consolidando-se os órgãos que vão servir para sua manifestação.

21. — Mas, ao mesmo tempo que o Espírito recobra a consciência de si mesmo, perde a lembrança de seu passado, sem perder as faculdades, as qualidades e as aptidões adquiridas anteriormente, aptidões que estavam, momentaneamente, paralisadas em estado latente e que, ao retomar sua atividade, vão ajudá-lo a executar mais ou melhor o que ele não fez precedentemente; ele renasce quem ele fez de si mesmo através de seu trabalho anterior; é para ele um novo ponto de partida, um novo degrau a subir. Aqui mais uma vez se manifesta a bondade do Criador, pois a lembrança de um passado, amiúde penoso ou humilhante, juntando-se às amarguras de sua nova existência, com certeza iria perturbá-lo ou entravá-lo; ele só se lembra daquilo que aprendeu, porque isso lhe é útil. Se, às vezes, conserva uma vaga intuição dos eventos passados, é como a lembrança de um sonho fugidio. Ele é, pois, um homem novo, por mais antigo seja seu Espírito; ele se apoia em novas condutas, com a ajuda das aquisições anteriores. Quando volta à vida espiritual, o seu passado se desenrola diante de seus olhos, e ele julga se empregou bem ou mal seu tempo.

22. — Não existe, assim, solução de continuidade na vida espiritual, malgrado o esquecimento do passado; o Espírito é sempre *ele*, antes, durante e após a encarnação; a encarnação não passa de uma fase especial de sua existência. Esse esquecimento acontece apenas durante a vida exterior de relação; durante o sono, o Espírito, parcialmente desprendido dos laços carnis, devolvido à liberdade e à vida espiritual, readquire a memória; sua vista espiritual não está mais tão obscurecida pela matéria.

23. — Tomando a humanidade em seu mais ínfimo grau da escala intelectual, entre o selvagens mais atrasados, a gente pergunta se está aí o ponto de partida da alma humana.

De acordo com a opinião de alguns filósofos espiritualistas, o princípio inteligente, distinto do princípio material, se individualiza, se elabora, ao passar pelos diversos graus da animalidade; é aí que a alma ensaia para a vida e desenvolve suas primeiras faculdades através de exercício; seria, por assim dizer, seu tempo de incubação. Atingindo o grau de desenvolvimento que comporta esse estado, ela recebe as faculdades especiais que constituem a alma humana. Haveria, assim, filiação espiritual desde o animal até o homem, como há filiação corpórea.

Esse sistema, fundamentado sobre a grande lei da unidade que preside à criação, corresponde, é preciso convir, à justiça e à bondade do Criador; ele oferece uma abertura, um alvo, uma destinação aos animais, que não são mais seres deserdados, mas que encontram, no futuro que lhes está reservado, uma compensação para seus sofrimentos. O que constitui o homem espiritual não existe em sua origem, mas existem os atributos especiais de que se dotou para sua entrada na humanidade, atributos que o transformam e o fazem um ser distinto, como o fruto saboroso é distinto da raiz amarga de onde saiu. Por haver passado pela prova da animalidade, nem por isso o homem seria menos homem; nem seria mais animal, como o fruto não é raiz, como o sábio não é o feto informe através do qual ingressou no mundo.

Mas esse sistema levanta numerosas questões, cujos prós e os contras não é oportuno discutir aqui, como também não é oportuno examinar as diferentes hipóteses que se fizeram sobre esse assunto. Assim, sem procurar a origem da alma e as provas pelas quais teve que passar, nós a surpreendemos *em sua entrada na humanidade*, no ponto em que, dotada do senso moral e do livre-arbítrio, ela começa a incorrer na responsabilidade de seus atos.

24. — A obrigação, para o Espírito encarnado, de prover a alimentação do corpo, sua segurança e seu bem-estar, o obriga a aplicar as suas faculdades às pesquisas, de as executar e de as desenvolver. Assim, sua união com a matéria é útil ao seu adiantamento; eis porque *a encarnação é uma necessidade*. Por outro lado, através do trabalho inteligente que realiza para seu proveito na matéria, ele ajuda na transformação e no progresso material do globo em que habita; eis como, ao mesmo tempo em que ele mesmo progride, concorre para a obra do Criador, de que é um agente inconsciente.

25. — Mas a encarnação do Espírito não é nem constante nem perpétua; é transitória; deixando um corpo, ele não toma um outro de imediato; durante um lapso de tempo mais ou menos considerável, ele vive a vida espiritual, que é sua vida normal; de sorte que o montante do tempo passado nas diferentes encarnações é pouca coisa, comparado ao do tempo que ele passa no estado de Espírito livre.

No intervalo dessas encarnações, o Espírito progride igualmente, no sentido de que tira proveito para o seu adiantamento dos conhecimentos e da experiência adquiridos durante a vida corpórea; ele examina o que fez em sua parada terrestre, passa em revista o que aprendeu, reconhece seus erros, traça seus planos e toma as resoluções com as quais conta guiar-se em uma nova existência, esforçando-se para realizar algo melhor. Eis porque cada existência é um passo avante na via do progresso, uma espécie de escola de aplicação.

26. — A encarnação, assim, não é, normalmente, uma punição para o Espírito, como pensaram alguns, mas uma condição inerente à inferioridade do Espírito e um meio de progredir. (*O Céu e o Inferno*, cap. III, n.º 8 e seg.)

À medida que o Espírito vai progredindo moralmente, vai desmaterializando-se, quer dizer, ao se subtrair à influência da matéria, ele se purifica; sua vida se espiritualiza, suas faculdades e suas percepções se ampliam; sua felicidade corresponde ao progresso realizado. Mas como procede em função de seu livre-arbítrio, ele pode, por negligência ou má vontade, retardar seu adiantamento; ele prolonga, por conseguinte, a duração de suas encarnações materiais, que se tornam então para ele uma punição, já que, por culpa sua, permanece nas fileiras inferiores, obrigado a recomeçar a mesma tarefa. Depende, assim,

do Espírito abreviar, através de seu trabalho de purificação de si mesmo, a duração do período de encarnações.

27. — O progresso material de um globo segue o progresso moral de seus habitantes; ora, como a criação dos mundos e dos Espíritos é incessante e como estes progridem mais ou menos rapidamente em função de seu livre-arbítrio, resulta daí que existem mundos mais ou menos antigos, em diferentes graus de adiantamento físico e moral, onde a encarnação é mais ou menos material e onde, por conseguinte, o trabalho, para os Espíritos, é mais ou menos rude. Sob esse ponto de vista, a Terra é um dos menos avançados; povoada de Espíritos relativamente inferiores, a vida corpórea aqui é mais penosa do que em outros mundos; mas, como existem outros mais atrasados, onde a vida é mais penosa ainda do que na Terra, em razão disso a Terra seria relativamente um mundo feliz.

28. — Assim que os Espíritos tenham adquirido em um mundo o montante de progresso que comporta o estado desse mundo, eles o abandonam para se encarnarem em um outro mais adiantado, onde adquirem novos conhecimentos, e assim por diante até que, não sendo mais útil sua encarnação em um corpo material, eles passam a viver exclusivamente da vida espiritual, onde progridem ainda em outro sentido e através de outros meios. Chegados ao ponto culminante do progresso, usufruem da suprema felicidade; admitidos nos conselhos do Todo-Poderoso, eles haurem o pensamento dele e se tornam seus mensageiros, seus ministros diretos para o governo dos mundos, tendo sob suas ordens os Espíritos de diferentes graus de adiantamento.

Assim, todos os Espíritos, encarnados e desencarnados, em qualquer grau da hierarquia a que pertençam, desde o menor até o maior, têm suas atribuições no grande mecanismo do universo; todos são úteis ao conjunto, ao mesmo tempo que são úteis a si mesmos; aos menos avançados, como simples trabalhadores braçais, incumbe uma tarefa material, primeiro inconsciente, depois gradualmente inteligente. Em todo lugar, existe atividade no mundo espiritual; em nenhuma parte, inútil ociosidade.

A coletividade dos Espíritos é, de alguma forma, a alma do universo; é o elemento espiritual que age em tudo e através de tudo, sob a impulsão do pensamento divino. Sem esse elemento, existe somente matéria inerte, sem alvo, sem inteligência, sem outro agente que as forças materiais, que deixam uma infinidade de problemas sem solução; pela ação do elemento espiritual *individualizado*, tudo tem um alvo, uma razão de ser, tudo se explica; eis aqui porque, sem a espiritualidade, a gente topa com dificuldades insuperáveis.

29. — Quando a Terra se achou em condições climáticas adequadas à existência da espécie humana, os Espíritos humanos aqui se encarnaram. Donde vinham? Quer esses Espíritos tenham sido criados naquele momento, quer tenham vindo inteiramente formados da Terra, do espaço ou de outros mundos, sua presença, após um tempo delimitado, é um fato, já que, antes deles, só havia animais; eles se revestiram de corpos adequados a suas necessidades especiais, a suas aptidões, dado que, fisiologicamente, pertencem à animalidade; sob sua influência e através do exercício de suas faculdades, tais corpos se modificaram e se aperfeiçoaram: eis o que se infere da observação. Deixemos de lado a questão da origem, ainda insolúvel neste momento; tomemos o Espírito, não em seu ponto de partida, mas naquele em que, manifestando-se nele os primeiros germes do livre-arbítrio e do senso moral, o vemos desempenhar seu papel humanitário, sem nos inquietar

com o meio onde passou seu período de infância, ou melhor, de incubação. Malgrado a semelhança de seu invólucro com os dos animais, pelas faculdades morais e intelectuais que o caracterizam, nós saberemos distingui-lo destes últimos, como, sob a mesma roupa de lã, distinguimos o rústico do homem educado.

30. — Se bem que os primeiros que vieram tivessem de ser pouco adiantados, em razão mesmo de que tinham que se encarnar em corpos muito imperfeitos, teriam de existir entre eles diferenças sensíveis quanto aos caracteres e às aptidões. Os Espíritos similares se agruparam naturalmente por semelhança e simpatia. A Terra se achou assim povoada por diferentes categorias de Espíritos, mais ou menos propensos ou rebeldes ao progresso. Recebendo os corpos o formato do caráter do Espírito e procriando esses corpos conforme seu tipo respectivo, resultaram diferentes raças, quanto ao físico assim como quanto ao moral (n.º 11). Os Espíritos similares, continuando a se encarnar de preferência entre seus semelhantes, perpetuaram o caráter distintivo físico e moral das raças e dos povos, o qual só se perde com o tempo através de sua miscigenação e do progresso dos Espíritos. (*Revista Espírita*, julho de 1860: *Frenologia e fisiognomonía*.)

31. — Podemos comparar os Espíritos que vieram povoar a Terra a essas levas de emigrantes, de diversas origens, que vão estabelecer-se em uma terra virgem. Ali eles encontram a madeira e a pedra para fazer suas habitações, e cada um proporciona à sua um modelo diferente, conforme o grau de seu conhecimento e sua tendência particular. Eles se agrupam através da semelhança de origem e de preferências; esses grupos acabam por formar tribos, depois povos, possuindo cada qual seus costumes e seu caráter próprios.

32. — O progresso, portanto, não foi uniforme em toda a espécie humana; as raças mais inteligentes precederam, naturalmente, as outras, sem contar que Espíritos, novamente nascidos para a vida espiritual, vindo a se encarnar na Terra após os primeiros aqui chegados, vão tornando a diferença do progresso mais sensível. Seria impossível, na realidade, atribuir a mesma antiguidade de criação dos selvagens, que mal se distinguem dos macacos, aos chineses e, ainda menos, aos Europeus civilizados.

Os Espíritos dos selvagens, contudo, pertencem também à humanidade; eles atingirão um dia o nível de seus irmãos mais velhos, mas *não isso não acontecerá certamente nos corpos da mesma raça física*, inadequados para um certo desenvolvimento intelectual e moral. Quando o instrumento não mais estiver de acordo com seu desenvolvimento, eles emigrarão desse meio para se encarnar em uma posição superior e assim por diante, até que tenham conquistado todas as posições terrestres, após o que abandonarão a Terra para passar a outros mundos cada vez mais adiantados. (*Revista Espírita*, abril de 1862: *Perfectibilidade da raça negra*.)

REENCARNAÇÕES

33. — O princípio da reencarnação é uma consequência necessária da lei do progresso. Sem a reencarnação, como explicar a diferença que existe entre o estado social atual e o dos tempos de barbárie? Se as almas se criaram ao mesmo tempo que os corpos, as que nascem hoje são tão novas, tão primitivas quanto aquelas que viviam há mil anos; digamos mais: que não haveria entre elas nenhuma conexão, nenhuma relação necessária; que seriam completamente independentes umas das outras; por que, então, as almas de hoje seriam melhor dotadas por Deus que suas predecessoras? Por que compreendem melhor? Por que têm instintos mais depurados, costumes mais brandos? Por que têm a intuição de certas coisas sem havê-las apreendido? Nós desafiamos que alguém saia dessa sem admitir que Deus criou almas de diversas qualidades, segundo os tempos e os lugares, proposição inconciliável com a ideia de uma soberana justiça. (Cap. II, n.º 19.)

Digamos, ao contrário, que as almas de agora já viveram em tempos recuados; que tiveram de ser bárbaras como o seu século, mas que progrediram; que, à cada nova existência, elas trazem o aprendizado das existências anteriores; que, por conseguinte, as almas dos tempos civilizados não são almas criadas mais perfeitas, mas que se aperfeiçoaram *por si mesmas* com o tempo, e teremos a única explicação plausível da causa do progresso social. (*O Livro dos Espíritos*, cap.º IV e V.)

34. — Algumas pessoas pensam que as diferentes existências da alma se dão de mundo em mundo, e não em um mesmo globo, onde, segundo elas, cada Espírito apareceria uma só vez.

Esta doutrina seria admissível, se todos os habitantes da Terra se achassem no mesmo patamar intelectual e moral; só teriam então como progredir indo para um outro mundo, pois sua reencarnação na Terra seria inútil, contudo, Deus nada faz de inútil. Tendo em vista que aqui se encontram todos os graus de inteligência e de moralidade, desde a selvageria que roça a do animal, até a civilização mais adiantada, a Terra oferece um vasto campo para o progresso; alguém perguntaria por que o selvagem seria obrigado a procurar em outro lugar o grau superior ao dele, quando o encontra a seu lado e assim a cada passo; por que o homem adiantado teria somente conseguido vencer suas primeiras etapas em mundos inferiores, quando os pares de todos os mundos estão em torno dele, quando existem aqui diferentes graus de adiantamento, não apenas de povo para povo, mas no mesmo povo e na mesma família? Se fosse assim, Deus teria feito algo inútil, colocando, lado a lado, o ignorante e o sábio, a barbárie e a civilização, o bem e o mal, enquanto que é precisamente esse contato que faz com que os retardatários avancem.

Não há, assim, mais necessidade de que os homens mudem de mundo em cada etapa, como não há para que um estudante mude de colégio em cada série; longe de ser uma vantagem para o progresso, seria um entrave, pois o Espírito estaria privado do exemplo que lhe oferece a vista dos graus superiores e a possibilidade de reparar suas falhas no meio e sob o olhar dos que ofendeu, possibilidade que é, para ele, o mais poderoso meio de adiantamento moral. Se a convivência for curta, dispersando-se os Espíritos

e tornando-se estranhos uns aos outros, os laços de família e de amizade, não tendo tido tempo de se consolidarem, se romperiam.

Ao inconveniente moral se juntaria um inconveniente material. A natureza dos elementos, as leis orgânicas, as condições de existência, variam segundo os mundos; sob esse aspecto, não há dois que sejam perfeitamente idênticos. Nossos tratados de física, de química, de anatomia, de medicina, de botânica etc. não serviriam para nada nos outros mundos, entretanto, o que aqui se aprende não está perdido; não somente isso desenvolve a inteligência, mas as ideias que se coligem ajudam a adquirir outras novas (cap. IV, n.º 61 e seg.⁵). Se o Espírito fizesse um único aparecimento, amiúde de curta duração, no mesmo mundo, a cada migração ele se encontraria em condições inteiramente diferentes; ele atuaria cada vez sobre elementos novos, com as forças e segundo leis desconhecidas para ele, antes que tivesse tempo de elaborar os elementos conhecidos, de estudá-los, de exercê-los. Isso seria proceder, a cada vez, uma nova aprendizagem e essas mudanças incessantes seriam um obstáculo ao progresso. O Espírito tem, assim, de permanecer no mesmo mundo até que tenha adquirido o montante de conhecimentos e o grau de perfeição que comporta esse mundo. (N.º 31.)

Que os Espíritos troquem por um mundo mais adiantado aquele no qual não conseguem nada mais aprender, assim tem que ser e assim é; tal é o princípio. Se existem os que o deixam antecipadamente, isso ocorre, sem dúvida, por causas individuais que Deus sopesa em sua sabedoria.

Tudo tem um alvo na criação, sem o que Deus não seria nem prudente, nem sábio; ora, se a Terra tiver de constituir-se em uma etapa só para o progresso de cada indivíduo, que utilidade teria, para as crianças que morrem em tenra idade, vir passar aqui alguns anos, alguns meses, algumas horas, durante os quais nada conseguem aprender? Dá-se o mesmo com os idiotas e os cretinos. Uma teoria só é boa com a condição de resolver todas as questões que lhe dizem respeito. A questão das mortes prematuras tem sido uma pedra de tropeço para todas as doutrinas, exceto para a doutrina espírita, que foi a única que a resolveu de maneira racional e completa.

Para o progresso de quem percorre na Terra um caminho normal, existe real vantagem em voltar ao mesmo meio, para dar continuidade ao que deixou inacabado, frequentemente na mesma família ou em contato com as mesmas pessoas, para reparar o mal que tenha feito ou para sofrer a pena de talião.

EMIGRAÇÕES E IMIGRAÇÕES DOS ESPÍRITOS

35. — Nos intervalos de suas existências corpóreas, os Espíritos permanecem no estado de erraticidade e compõem a população espiritual ambientada no globo. Através das mortes e dos nascimentos, essas duas populações se convertem, sem parar, uma na outra; assim, ocorrem diariamente emigrações do mundo corpóreo para o mundo espiritual e imigrações do mundo espiritual para o mundo corpóreo: esse é o estado normal.

36. — Em certas épocas, regradas pela sabedoria divina, as emigrações e as imigrações se realizam em proporções mais ou menos consideráveis, como resultado de grandes convulsões que fazem partir conjuntamente quantidades inumeráveis, que são logo permutadas por quantidades equivalentes de encarnações. Precisamos, pois, considerar os flagelos e os cataclismas como ocasiões de chegadas e de partidas coletivas, meios que a Providência possui para renovar a população corpórea do globo, para revigorá-la através da introdução de novos elementos espirituais mais purificados. Se, nas catástrofes, há destruição de grande número de corpos, há apenas *invólucros dilacerados*, mas nenhum Espírito perece: eles só mudam de ambiente; ao invés de partirem isoladamente, partem em grupo; eis aqui toda a diferença, pois, por uma causa ou por outra, eles não de partir fatalmente, cedo ou tarde.

As renovações rápidas e quase instantâneas que se realizam no elemento espiritual da população, como resultado dos flagelos destruidores, aceleram o progresso social; sem as emigrações e as imigrações que de tempos em tempos vêm dar-lhe violenta impulsão, o progresso avançaria com extrema lentidão.

É notável que todas as grandes calamidades que dizimam as populações são sempre seguidas de uma era de progresso na ordem física, intelectual ou moral e, por conseguinte, no estado social das nações onde acontecem. É que objetivam realizar um remanejamento na população espiritual, que é a população normal e ativa do globo.

37. — A transfusão que se opera entre a população encarnada e a população desencarnada de um mesmo globo ocorre igualmente entre os mundos, seja individualmente em condições normais, seja em grandes quantidades em circunstâncias especiais. Logo, existem emigrações e imigrações coletivas de um mundo a outro. O resultado disso é a introdução, na população de um globo, de elementos inteiramente novos; novas raças de Espíritos vêm mesclar-se às raças existentes, constituindo novas raças de homens. Ora, como os Espíritos não perdem jamais o que assimilaram, trazem consigo a inteligência e a intuição dos conhecimentos que possuem; eles imprimem, por conseguinte, seu caráter à raça corpórea que vêm animar. Por isso, não têm necessidade de que novos corpos sejam criados especialmente para seu uso; dado que a espécie corpórea existe, eles encontram os corpos inteiramente prontos para recebê-los. Eis que se constituem simplesmente em seus novos habitantes; chegando à Terra, primeiro fazem parte de sua população espiritual; depois se encarnam como os outros.

RAÇA ADÂMICA

38. — Consoante o ensinamento dos Espíritos, uma dessas grandes imigrações, ou melhor, uma dessas *colônias de Espíritos* vindos de outra esfera, é que deu origem à raça simbolizada pela pessoa de Adão e, por essa razão, denominada de *raça adâmica*. Quando ela chegou, a Terra estava povoada desde tempos imemoriais, *como a América quando lá chegaram os europeus*.

A raça adâmica, mais adiantada que as que a precederam na Terra, é, efetivamente, a mais inteligente; é ela quem impulsiona todas as outras para o progresso. A gênese nos mostra que, desde seus primórdios, ela era industriosa, habilitada para as artes e para as ciências, sem ter passado pela infância intelectual, o que não é próprio das raças primitivas mas concorda com a opinião de que se compunha de Espíritos que já haviam progredido. Tudo prova que ela não é antiga na Terra, e nada se opõe a que esteja aqui apenas há alguns milhares de anos, o que não estaria em contradição nem com os fatos geológicos, nem com as observações antropológicas, mas tenderia, ao contrário, a confirmá-los.

39. — A doutrina que faz proceder todo o gênero humano de uma só individualidade, há seis mil anos, não é mais admissível no estágio atual dos conhecimentos. As principais considerações que a contradizem, deduzidas a partir da ordem física e da ordem moral, se resumem nos pontos seguintes.

Fisiologicamente, certas raças apresentam tipos característicos que não permitem assinalar-lhes origem comum. Há diferenças que, evidentemente, não são devidas ao clima, dado que os brancos que se reproduzem no país dos negros não se tornam negros, e reciprocamente. O ardor do sol queima e amarela a epiderme, mas jamais transformou um branco em negro, achatou o nariz, mudou a forma dos traços da fisionomia, nem tornou encarapinhados e lanosos os cabelos longos e sedosos. A gente sabe hoje em dia que a cor do negro provém de um tecido particular, subcutâneo, que se atém à espécie.

É preciso, assim, considerar as raças negras, mongólicas, caucásicas, tendo origem própria e tendo nascido simultaneamente ou sucessivamente, em diferentes partes do globo; seu cruzamento produziu as raças mistas secundárias. As características fisiológicas das raças primitivas são o indício evidente de que provieram de tipos especiais. As mesmas considerações existem para os homens como para os animais, quanto à pluralidade das estirpes. (Cap. x, n.º 2 e seg.)

40. — Adão e seus descendentes são representados no *Gênesis* como homens essencialmente inteligentes, dado que, a partir da segunda geração, constroem cidades, cultivam a terra, trabalham os metais. Seus progressos nas artes e nas ciências são rápidos, constantes e duradouros. A gente não conceberia que desse tronco houvessem brotado numerosos povos tão atrasados, de inteligência tão rudimentar, que roçam ainda hoje a animalidade; que houvessem perdido todo vestígio e até a mínima lembrança das tradições de seus pais. Diferença tão radical nas aptidões intelectuais e no desenvolvimento moral atesta, com não menos clareza, a diferença de origem.

41. — Independentemente dos fatos geológicos, a prova da existência do homem na Terra antes da época fixada pelo *Gênesis* é inferida a partir da população do globo.

Sem falar da cronologia chinesa, que remonta, diz-se, a trinta mil anos, documentos mais autênticos atestam que o Egito, a Índia e outros países, estavam povoados e florescentes pelo menos três mil anos antes da era cristã, mil anos, por conseguinte, depois da criação do primeiro homem, segundo a cronologia bíblica. Documentos e observações recentes não deixam nenhuma dúvida hoje em dia a respeito das relações que existiram entre a América e os antigos egípcios; daqui, é preciso concluir que essa região já estava povoada naquela época. Seria, pois, preciso admitir que em mil anos a posteridade de um

só homem foi capaz de cobrir a maior parte da Terra; uma tal fecundidade, porém, seria contrária a todas as leis antropológicas⁴⁹.

42. — A impossibilidade se torna ainda mais evidente quando se admite, com o *Gênesis*, que o dilúvio destruiu *todo o gênero humano*, com exceção de Noé e sua família, que não era numerosa, no ano de 1656 da criação do mundo, ou seja, dois mil trezentos e quarenta e oito anos antes da era cristã. Logo, na realidade, seria de Noé que dataria o povoamento do globo; ora, quando os hebreus se estabeleceram no Egito, seiscentos e doze anos após o dilúvio, este já era um poderoso império, que teria sido povoado, sem falar de outras regiões, em menos de seis séculos, através apenas dos descendentes de Noé, o que não é admissível.

Notemos, de passagem, que os egípcios acolheram os hebreus como estrangeiros; seria espantoso que houvessem perdido a lembrança de uma comunidade de origem tão recente, principalmente porque eles conservavam religiosamente os monumentos de sua história.

Uma lógica rigorosa, corroborada através dos fatos, demonstra, assim, de maneira a mais peremptória, que o homem está na Terra desde um tempo indeterminado, bem anterior à época assinalada pelo *Gênesis*. Dá-se o mesmo com relação à diversidade das estirpes primitivas, pois demonstrar a impossibilidade de uma proposição é demonstrar a proposição contrária. Se a geologia descobrir vestígios autênticos da presença do homem antes do grande período diluviano, a demonstração será ainda mais absoluta.

DOUTRINA DOS ANJOS DECAÍDOS E DO PARAÍSO PERDIDO⁵⁰

43. — Os mundos progridem fisicamente através da elaboração da matéria, e moralmente através da purificação dos Espíritos que os habitam. A felicidade aí está na razão da predominância do bem sobre o mal, e a predominância do bem é o resultado do adiantamento moral dos Espíritos. O progresso intelectual não é suficiente, porquanto com a inteligência eles podem praticar o mal.

Assim que um mundo chega a um de seus períodos de transformação, a qual o leva a se adiantar na hierarquia, algumas mutações se realizam em sua população encarnada e

⁴⁹ A Exposição Universal de 1867 apresentou antiguidades do México que não deixam nenhuma dúvida sobre as relações que os povos dessa região tiveram com os antigos egípcios. O Sr. Léon Méchedin, em uma nota afixada no templo mexicano da Exposição, exprimia-se assim:

“É conveniente não publicar antes do tempo as descobertas feitas a respeito da história do homem, pela recente expedição científica do México; no entanto, nada impede que o público saiba, desde já, que a exploração assinalou a existência de grande número de cidades destruídas pelo tempo, mas que a picareta e o incêndio conseguem libertar de sua mortalha. As escavações, por toda parte, puseram a descoberto *três camadas de civilização* que parecem atribuir ao mundo americano uma antiguidade fabulosa.”

É assim que a cada dia a ciência vem desmentir pelos fatos a doutrina que limita a seis mil anos o aparecimento do homem na Terra e a que pretende fazê-lo brotar de um tronco único.

⁵⁰ Quando, na *Revista Espírita* de janeiro de 1862, publicamos um artigo sobre *A interpretação da doutrina dos anjos decaídos*, nós só apresentamos esta teoria como uma hipótese, com a autoridade apenas de uma opinião pessoal controvertível, porque nos faltavam, então, elementos suficientemente completos para uma afirmação absoluta; nós a oferecemos a título de ensaio, com o fito de provocar seu exame, de fato determinado a abandoná-la ou a modificá-la, se alguém a refutasse. Hoje, tal teoria suportou já a experimentação do controle universal; não somente ela foi acolhida pela grande maioria dos espíritas como a mais racional e a mais conforme à soberana justiça de Deus, como também foi confirmada pela generalidade das comunicações oferecidas pelos Espíritos a respeito. Dá-se o mesmo com relação à que concerne à origem da raça adâmica.

desencarnada; é aí que se dão as grandes emigrações e imigrações (n.ºs 34 e 35). Os que, malgrado sua inteligência e seu saber, perseveraram no mal, em sua revolta contra Deus e suas leis, seriam, daí para a frente, um entrave para o progresso moral posterior, uma causa permanente de perturbação para o repouso e a felicidade dos bons; eis porque são excluídos e enviados para mundos menos adiantados; lá eles aplicarão sua inteligência e a intuição de seus conhecimentos para o progresso daqueles entre os quais são chamados a viver, ao mesmo tempo que expiarão, em uma série de existências penosas e através de um duro trabalho, suas faltas passadas e seu endurecimento *voluntário*.

Que serão eles junto a essas populações, novas para eles, ainda na infância da barbárie, senão anjos ou Espíritos decaídos enviados em expiação? O lugar *donde foram expulsos* não fica sendo para eles um *paraíso perdido*? Não era para eles um *lugar de delícias*, em comparação com o meio ingrato onde vão achar-se relegados durante milhares de séculos, até o dia em que terão merecido sua libertação? A vaga lembrança intuitiva que conservam é para eles como uma miragem longínqua que lhes recorda o que *perderam por sua culpa*.

44. — Mas, ao mesmo tempo que os maus vão deixando o mundo que habitam, são substituídos por Espíritos melhores, vindos da erraticidade, seja desse mesmo mundo, seja de um mundo menos adiantado, que eles mereceram deixar e para quem seu novo lar é uma recompensa. Estando a população espiritual assim renovada e purgada de seus piores elementos, ao final de algum tempo o estado moral do mundo se encontra melhorado.

Essas mutações são, às vezes, parciais, quer dizer, limitadas a um povo, a uma raça; outras vezes, são gerais, quando o período de renovação houver chegado para o globo.

45. — A raça adâmica tem todas as características de uma raça proscrita; os Espíritos que dela fazem parte se exilaram na Terra, povoada já, mas por homens primitivos, imersos na ignorância, aos quais tiveram como missão fazer progredir, trazendo-lhes as luzes de uma inteligência desenvolvida. Não é esse, na verdade, o papel que essa raça vem desempenhando até hoje? Sua superioridade intelectual prova que o mundo donde provieram tais Espíritos era mais adiantado que a Terra; mas, tendo esse mundo de entrar em uma nova fase de progresso, tais Espíritos, à vista de sua obstinação e não tendo sabido colocar-se à altura desse progresso, estariam ali deslocados e haveriam de ser um entrave à marcha providencial das coisas; eis porque foram excluídos, enquanto outros mereceram substituí-los.

Ao banir aquela raça para esta terra de trabalho e de sofrimentos, teve Deus razão de lhe dizer: “Você tirará dela seu alimento com o suor de seu rosto.” Em sua mansuetude, ele lhe prometeu que lhe enviaria um *Salvador*, quer dizer, alguém que deveria iluminar o caminho a ser seguido, para sair deste lugar de miséria, deste *inferno*, e alcançar a felicidade dos eleitos. Esse Salvador, ele enviou na pessoa do Cristo, que ensinou a lei de amor e de caridade desconhecida na época, e que tinha de ser a verdadeira âncora da salvação.

É igualmente para fazer avançar a humanidade em determinado sentido que os Espíritos superiores, sem as qualidades do Cristo, se encarnam de tempos em tempos na Terra aqui cumprirem missões especiais que servem ao mesmo tempo a seu adiantamento pessoal, se as cumprem segundo os desígnios do Criador.

46. — Sem a reencarnação, a missão do Cristo seria um contrassenso, assim como a promessa feita por Deus. Suponhamos, com efeito, que a alma de cada homem seja criada ao nascimento de seu corpo e que ela não faça mais do que aparecer e desaparecer da Terra; nesse caso, não há nenhuma relação entre as que vieram após Adão até Jesus Cristo, nem entre as que vieram depois; elas são todas estranhas umas às outras. A promessa de um Salvador, feita por Deus, não teria como aplicar-se aos descendentes de Adão, porque suas almas não estavam ainda criadas. Para que a missão do Cristo tivesse como ater-se às palavras de Deus, precisaria que elas tivessem como aplicar-se às mesmas almas. Se essas almas são novas, elas não podem estar maculadas pela culpa do primeiro pai, que é somente o pai carnal e não o pai espiritual; por outro lado, Deus teria *criado* almas maculadas por uma culpa que não deveria recair sobre elas, uma vez que não existiam. A doutrina vulgar do pecado original implica, assim, na necessidade de uma relação entre as almas do tempo do Cristo e as do tempo de Adão e, conseqüentemente, na reencarnação.

Digamos que todas essas almas fizessem parte da colônia de Espíritos exilados para a Terra no tempo de Adão e que estivessem maculadas por vícios que tinham feito com que fossem excluídas de um mundo melhor, e teremos a única interpretação racional do pecado original, pecado específico de cada indivíduo e não o resultado da responsabilidade da culpa de um outro que ele jamais conheceu; digamos que essas almas ou Espíritos renascessem em diversas ocasiões na Terra para a vida corpórea com o fito de progredir e purificar-se; que o Cristo tivesse vindo esclarecer *essas mesmas almas*, não somente quanto a suas vidas passadas, mas quanto a suas vidas posteriores; somente então daremos à sua missão um alvo real e sério, aceitável pela razão.

47. — Um exemplo familiar, admirável por sua analogia, fará compreender melhor ainda os princípios que expusemos agora.

A 24 de maio de 1861, a fragata *Ifigênia* levou para a Nova Caledônia uma companhia punida composta de duzentos e noventa e um homens. O comandante da colônia lhes endereçou, à sua chegada, uma ordem do dia assim concebida:

“Colocando o pé sobre terra longínqua, vocês já terão cumprido o papel que lhes foi destinado.

“Seguindo o exemplo de nossos bravos soldados da marinha que servem à sua vista, vocês nos ajudarão a trazer com brilho, ao meio das tribos selvagens da Nova Caledônia, a flama da civilização. Não está aí uma nobre e bela missão? — eu lhes pergunto. Vocês a cumprirão dignamente.

“Escutem a voz e os conselhos de seus chefes. Eu estou à testa deles; que minhas palavras sejam bem entendidas.

“A escolha de seu comandante, de seus oficiais, de seus suboficiais e cabos é uma segura garantia de todos os esforços que serão envidados para fazer de vocês excelentes soldados; eu digo mais: para os erguer à altura de bons cidadãos e os transformar em colonos honrados, *se assim desejarem*.

“Sua punição é severa; ela tem que ser. Colocada em nossas mãos, ela será rigorosa e inflexível: saibam bem disso; mas também será justa e paternal, pois saberá distinguir a imperfeição do que se constitui em vício e em degradação...”

Eis uns homens expulsos, por sua má conduta, de um país civilizado, e enviados para serem punidos junto a um povo bárbaro. Que lhes diz o chefe? “Vocês infringiram as leis de seu país; foram ali causa de perturbação e de escândalo e foram expulsos; vocês estão sendo enviados para cá, mas aqui vocês têm como resgatar seu passado; têm como, através do trabalho, criar para si uma posição honrada e tornar-se cidadãos honestos. Vocês têm aqui uma bela missão para cumprir, a de trazer a civilização entre estas tribos selvagens. A punição será severa, mas justa, e nós saberemos distinguir os que se conduzirem bem. Sua sorte está em suas mãos; vocês poderão melhorá-la, *se assim desejarem*, porque vocês têm seu livre-arbítrio.”

Para esses homens banidos no seio da selvageria, a pátria mãe não é um paraíso perdido por sua culpa e por sua rebelião à lei? Nessa terra longínqua, não são anjos decaídos? A linguagem do chefe é a que Deus fez ouvir os Espíritos na Terra: “Vocês desobedeceram minhas leis; eis porque eu os expulsei do mundo onde vocês tinham como viver felizes e em paz; aqui vocês estarão condenados ao trabalho, mas poderão, através de sua boa conduta, merecer seu perdão e reconquistar a pátria que perderam por sua culpa, quer dizer, o céu.”

48. — À primeira vista, a ideia de decadência parece em contradição com o princípio de que os Espíritos não têm como retrogradar; mas é preciso considerar que de fato não se trata de uma volta ao estado primitivo; o Espírito, conquanto em uma posição inferior, não perde nada do que já adquiriu; seu desenvolvimento moral e intelectual é o mesmo, qualquer que seja o meio em que se ache colocado. Ele está na posição do homem do mundo condenado à prisão por seus delitos; com certeza, ele se vê degradado, decaído do ponto de vista social, mas não se torna nem mais estúpido, nem mais ignorante.

49. — Vamos acreditar por isso que os homens enviados à Nova Caledônia vão transformar-se subitamente em modelos de virtudes? Que vão abjurar, de repente, suas falhas antigas? Seria preciso não conhecer a humanidade para supor uma coisa dessas. Pela mesma razão, os Espíritos da raça adâmica, uma vez transmigrados para a terra de exílio, não se despojaram instantaneamente de seu orgulho e de seus maus instintos; por longo tempo ainda eles conservaram as tendências de sua origem, um resto do velho fermento; ora, não está aqui o pecado original?

CAPÍTULO XII

O GÊNESIS MOSAICO

Os seis dias. — O paraíso perdido.

OS SEIS DIAS

1. — CAPÍTULO I — 1. No princípio, Deus criou o céu e a terra. — 2. A terra era uniforme e inteiramente nua; as trevas cobriam a face do abismo, e o Espírito de Deus pairava sobre as águas. — 3. Ora, Deus disse: Que a luz seja feita, e a luz foi feita. — 4. Deus viu que a luz era boa, e separou a luz do conjunto das trevas. — 5. Ele deu à luz o nome de *dia*, e às trevas, o nome de *noite*; e da tarde e da manhã se fez o primeiro dia.

6. Deus disse também: Que o firmamento seja feito no meio das águas, e que ele separe as águas do conjunto das águas. — 7. E Deus fez o firmamento; e separou as águas que estavam sob o firmamento das que estavam acima do firmamento. E isso se fez assim. — 8. E Deus deu ao firmamento o nome de *céu*; e da tarde e da manhã se fez o segundo dia.

9. Deus disse ainda: Que as águas que estão sob o céu se reúnam em um só lugar, e que o elemento árido apareça. E isso se fez assim. — 10. Deus deu ao elemento árido o nome de *terra*, e chamou de *mar* a todas as águas reunidas. E ele viu que isso estava bem. — 11. Deus disse ainda: Que a terra produza erva verde que traga grão, e árvores frutíferas que tragam fruto, cada um segundo a sua espécie, e encerrem sua semente em si mesmas para se reproduzirem na terra. E isso se fez assim. — 12. A terra produziu então erva verde que trazia grão, segundo sua espécie, e árvores frutíferas que encerravam sua semente em si mesmas, cada uma segundo sua espécie. E Deus viu que isso era bom. — 13. E da tarde e da manhã se fez o terceiro dia.

14. Deus disse também: Que corpos de luz sejam feitos no firmamento do céu, a fim de que separem o dia do conjunto da noite: e que sirvam de sinais para marcar o tempo e as estações, os dias e os anos. — 15. Que eles brilhem no firmamento do céu, e que iluminem a terra. E isso se fez assim. — 16. Deus fez, então, dois grandes corpos luminosos, um maior para presidir o dia, e o outro menor para presidir a noite; ele fez também as estrelas; — 17. e as pôs no firmamento do céu para luzirem sobre a terra; — 18. para presidirem o dia e a noite e para separarem a luz do conjunto das trevas. E Deus viu que isso era bom. — 19. E da tarde e da manhã se fez o quarto dia.

20. Deus disse ainda: Que as águas produzam animais vivos que nadem na água, e pássaros que voem sobre a terra, debaixo do firmamento do céu. — 21. Deus criou, então, os grandes peixes e todos os

animais que têm vida e movimento, que as águas produziram cada um segundo sua espécie, e ele criou também todos os pássaros segundo sua espécie. Ele viu que isso era bom. — 22. E ele os abençoou, dizendo: Cresçam e multipliquem-se, e preencham as águas do mar; e que os pássaros se multipliquem na terra. — 23. E da tarde e da manhã se fez o quinto dia.

24. Deus disse também: Que a terra produza animais vivos, cada um segundo sua espécie, os animais domésticos, os répteis e as bestas selvagens da terra, segundo suas diferentes espécies. E isso se fez assim. — 25. Deus fez, então, as bestas selvagens da terra, segundo suas espécies, os animais domésticos e todos os répteis, cada um segundo sua espécie. E Deus viu que isso era bom.

26. Ele disse em seguida: Façamos o homem a nossa imagem e a nossa semelhança, e que ele prevaleça sobre os peixes do mar, sobre os pássaros do céu, sobre as bestas, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que se movem na terra. — 27. Deus criou, então, o homem a sua imagem, e ele o criou à imagem de Deus, e ele o criou macho e fêmea. — 28. Deus os abençoou e lhes disse: Cresçam e multipliquem-se, preencham a terra e a submetam, e prevaleçam sobre os peixes do mar, sobre os pássaros do céu e sobre todos os animais que se movem na terra. — 29. Deus disse ainda: Eu lhes ofereci todas as ervas que trazem seu grão na terra e todas as árvores que encerram em si mesmas sua semente, cada uma segundo sua espécie, para que lhes sirvam de alimento; — 30. e a todos os animais da terra, a todos os pássaros do céu, a tudo o que se move na terra e que está vivo e animado, para que eles tenham de que se alimentar. E isso se fez assim. — 31. Deus viu todas as coisas que ele havia feito, e elas eram muito boas. — 32. E da tarde e da manhã se fez o sexto dia.

CAPÍTULO II. — 1. O céu e a terra foram assim acabados com todos os seus ornamentos. — 2. Deus terminou no sétimo dia toda a obra que ele havia feito e repousou nesse sétimo dia, após haver acabado todas as suas obras. — 3. Ele abençoou o sétimo dia e o santificou, porque havia cessado nesse dia de produzir todas as obras que havia criado. — 4. Tal é a origem do céu e da terra, e é assim que foram criados no dia em que o Senhor fez um e o outra, — 5. e em que criou todas as plantas dos campos antes que elas saíssem da terra, e todas as ervas da campina antes que fossem germinadas. Pois o Senhor Deus não havia ainda feito chover sobre a terra e não havia homem para prepará-la; — 6. Mas se elevava da terra uma fonte que irrigava toda a sua superfície.

7. O Senhor Deus formou, então, o homem do limo da terra e lhe incutiu no rosto um sopro de vida, e o homem se tornou vivo e animado.

2. — Após os desenvolvimentos contidos nos capítulos precedentes, sobre a origem e a constituição do universo, segundo os dados fornecidos pela ciência para a parte material, e segundo o Espiritismo para a parte espiritual, vai ser útil colocar em paralelo o texto do *Gênesis* de Moisés, a fim de que cada um possa estabelecer uma comparação e julgar com conhecimento de causa; algumas explicações complementares serão suficientes para fazer compreender as partes que têm necessidade de esclarecimentos especiais.

3. — Em alguns pontos, certamente, há uma concordância notável entre o *Gênesis* de Moisés e a doutrina científica; mas seria uma falha crer em que seja suficiente substituir os seis dias de vinte e quatro horas da criação por seis períodos indeterminados, para encontrar uma analogia completa; seria uma falha não menos grande crer em que, salvo o sentido alegórico de algumas palavras, o *Gênesis* e a ciência seguem a par, sendo somente a paráfrase um da outra.

4. — Notemos primeiro, como dissemos (cap. VII, n.º 14), que o número de seis períodos geológicos é arbitrário, dado que contamos mais de vinte e cinco formações bem caracterizadas. Esse número assinala tão só as grandes fases gerais; ele foi adotado no princípio apenas para se encaixar, o mais possível, no texto bíblico, em uma época pouco distante de resto, em que se julgava ter-se que controlar a ciência através da Bíblia. Eis porque os autores da maior parte das teorias cosmogônicas, com o fito de se fazerem mais

facilmente aceitar, se esforçaram em se pôr de acordo com o texto sagrado. Quando a ciência se apoiou no método experimental, ela se sentiu mais forte e se emancipou; hoje em dia, é a Bíblia que é controlada através da ciência.

Por outro lado, a geologia, tendo seu ponto de partida na formação dos terrenos graníticos, não abrange, dentro do número de seus períodos, o estado primitivo da Terra. Ela não mais se ocupa do Sol, da Lua e das estrelas, nem do conjunto do universo, que pertencem à astronomia. Para se entrar no quadro da gênese, convém então acrescentar um primeiro período abarcando essa ordem de fenômenos, o qual se poderia chamar de *período astronômico*.

Além disso, o período diluviano não é considerado por todos os geólogos como um período distinto, mas como um fato transitório e passageiro, que não alterou significativamente o estado climático do globo nem demarcou uma nova fase nas espécies vegetais e animais, já que, com pouquíssimas exceções, as mesmas espécies se encontram antes e após o dilúvio. Podemos, assim, fazer abstração dele, sem nos afastarmos da verdade.

5. — O quadro comparativo seguinte, no qual se resumem os fenômenos que caracterizam cada um dos seis períodos, permite abarcar o conjunto e julgar as semelhanças e as diferenças que existem entre eles e a gênese bíblica:

CIÊNCIA	O GÊNESIS
I. PERÍODO ASTRONÔMICO. — Aglomeração da matéria cósmica universal, em um ponto do espaço, em uma nebulosa que deu origem, através da condensação da matéria em diversos pontos, às estrelas, ao Sol, à Terra, à Lua e a todos os planetas. Estado primitivo fluídico e incandescente da Terra. — Atmosfera imensa carregada de toda a água em vapor e de todas as matérias volatilizáveis.	1.º DIA. — O céu e a terra. — A luz.
II. PERÍODO PRIMÁRIO. — Endurecimento da superfície da Terra pelo resfriamento; formação das camadas graníticas. — Atmosfera espessa e ardente, impenetrável aos raios do sol. — Precipitação gradual da água e das matérias sólidas volatilizadas no ar. — Ausência de toda vida orgânica.	2.º DIA. — O firmamento. — Separação das águas que estão sob o firmamento das que estão acima.
III. PERÍODO DE TRANSIÇÃO. — As águas cobrem toda a superfície do globo. — Primeiros depósitos de sedimento formados pelas águas. — Calor úmido. — O sol começa a atravessar a atmosfera brumosa. — Primeiros seres organizados com a constituição mais rudimentar. — Líquens, musgos, fetos, licopódios, plantas herbáceas. Vegetação colossal. — Primeiros animais marinhos: zoófitos, pólipos, crustáceos. — Depósitos hulhíferos.	3.º DIA. — As águas que estão sob o firmamento se juntam; o elemento árido aparece. — A terra e os mares. — As plantas.
IV. PERÍODO SECUNDÁRIO. Superfície da terra pouco acidentada; águas pouco profundas e pantanosas. Temperatura menos ardente; atmosfera mais purificada. Depósitos consideráveis de calcários pelas águas. — Vegetações menos colossais: novas espécies; plantas lenhosas; primeiras árvores. — Peixes; cetáceos; animais de conchas; grandes répteis aquáticos e anfíbios.	4.º DIA. — O Sol, a Lua e as estrelas.
V. PERÍODO TERCIÁRIO. — Grandes sublevações da crosta sólida; formação dos continentes. Concentração das águas nos lugares baixos; formação dos mares. — Atmosfera purificada; temperatura atual pelo calor solar. — Animais terrestres gigantes. Vegetais e animais atuais. Pássaros.	5.º DIA. — Os peixes e os pássaros.
DILÚVIO UNIVERSAL.	
VI. PERÍODO QUATERNÁRIO OU PÓS-DILUVIANO. — Terrenos de aluvião. — Vegetais e animais atuais. — O homem.	6.º DIA. — Os animais terrestres. — O homem.

6. — Um primeiro fato que ressalta do quadro comparativo acima é que a obra de cada um dos seis dias não corresponde, de maneira rigorosa, como muitos acreditam, a

cada um dos seis períodos geológicos. A concordância mais notável é a da sucessão dos seres orgânicos, que é, com pouca diferença, quase a mesma, e do aparecimento do homem por último; mas esse é um fato importante.

Existe igualmente coincidência, não na ordem numérica dos períodos, mas no fato em si, na passagem onde se disse que, no terceiro dia, “as águas que estavam debaixo do céu se juntaram em um só lugar e o elemento árido apareceu.” É a expressão do que aconteceu no período terciário, quando as sublevações da crosta sólida puseram a descoberto os continentes e condensaram as águas, que formaram os mares. Somente então é que apareceram os animais terrestres, segundo a geologia e segundo Moisés.

7. — Quando Moisés disse que a criação se deu em seis dias, desejou referir-se aos dias de vinte e quatro horas ou atribuiu a essa palavra o sentido de períodos, duração? A primeira hipótese é a mais provável, se a gente se limitar ao texto em si; primeiro, porque tal é o sentido próprio da palavra hebraica *ion*, traduzida por *dia*; depois, a especificação da tarde e da manhã, que limitam cada um dos seis dias, possibilita imaginar que ele desejou referir-se a dias comuns. Não podemos mesmo conceber nenhuma dúvida a esse respeito, quando disse, no versículo 5: “*Ele deu à luz o nome de dia, e às trevas, o nome de noite; e da tarde e da manhã se fez o primeiro dia.*” Isto tem, evidentemente, de se aplicar ao dia de vinte e quatro horas, dividido através da luz e das trevas. O sentido é ainda mais preciso quando disse, nos versículos 17 a 19, falando do Sol, da Lua e das estrelas: “*e as pôs no firmamento do céu para luzirem sobre a terra; para presidirem o dia e a noite e para separarem a luz do conjunto das trevas. E da tarde e da manhã se fez o quarto dia.*”

Aliás, tudo na criação era considerado miraculoso e, desde que se entra no caminho dos milagres, se pode perfeitamente acreditar em que a Terra se fez em seis vezes vinte e quatro horas, sobretudo quando se ignoram as leis primárias da natureza. Essa crença foi de fato partilhada por todos os povos civilizados até o momento em que a geologia veio, documentos na mão, para demonstrar-lhe a impossibilidade.

8. — Um dos pontos mais criticados no *Gênesis* é o da criação do Sol após a luz. Procuraram explicá-lo de acordo com os elementos mesmos fornecidos pela geologia, dizendo que, nos primeiros tempos de sua formação, estando a atmosfera terrestre carregada de vapores densos e opacos, não permitia ver o Sol, que, por isso, não existia para a Terra. Essa razão seria talvez admissível se, naquela época, existissem habitantes para julgar da presença ou da ausência do Sol; ora, segundo Moisés mesmo, só havia plantas ainda, as quais, porém, não foram capazes de crescer e multiplicar-se sem a ação do calor do Sol.

Logo, há evidentemente um anacronismo na ordem que Moisés assinala para a criação do Sol; mas, involuntariamente ou não, ele não se enganou ao dizer que a luz havia precedido o Sol.

O Sol não é realmente o princípio da luz universal, mas uma concentração de elementos luminosos em um ponto, ou melhor, do fluido que, em dadas circunstâncias, adquire as propriedades luminosas. Esse fluido, que é a causa, devia necessariamente preceder o Sol, que é um efeito. O Sol é *causa* para a luz que ele espalha, mas é *efeito* em relação à que recebeu.

Em um quarto escuro, uma vela acesa é um solzinho. O que se fez para acender a vela? Empregou-se a propriedade de iluminação do fluido luminoso e concentrou-se esse

fluido em um ponto; a vela é a causa da luz espalhada pelo quarto mas, se o princípio luminoso não existisse antes da vela, esta não teria como ser acesa.

Dá-se o mesmo com o Sol. O engano vem da ideia falsa, com que se ficou por muito tempo, de que o universo inteiro começou com a Terra, e porque não se compreende que o Sol poderia ter sido criado após a luz. Sabemos agora que, antes de nosso Sol e de nossa Terra, milhões de sóis e de terras existiram, que usufruíam a luz, por conseguinte. A assertiva de Moisés é, assim, perfeitamente exata em princípio; ela é falsa quando cria a Terra antes do Sol; estando a Terra sujeita ao Sol em seu movimento de translação, tem de haver sido formada após ele: era o que Moisés não tinha como saber, dado que ignorava a lei da gravitação.

O mesmo pensamento se encontra na gênese dos antigos persas. No primeiro capítulo do *Vendedad*, Ormuzd, narrando a origem do mundo, diz: “Eu criei a luz, que foi iluminar o Sol, a Lua e as estrelas.” (*Dicionário Mitologia Universal*.) A forma está certamente aqui mais clara e mais científica que em Moisés, e não tem necessidade de comentário.

9. — Moisés partilhava, evidentemente, as crenças mais primitivas relativas à cosmogonia. Como os homens de seu tempo, ele acreditava na solidez da abóbada celeste e em reservatórios superiores para as águas. Esse pensamento está expresso, sem alegoria nem ambiguidade, nesta passagem (versículos 6 e 7): “*Deus disse: Que o firmamento seja feito no meio das águas, e que ele separe as águas do conjunto das águas. Deus fez o firmamento; e separou as águas que estavam sob o firmamento das que estavam acima do firmamento.*” (Ver no cap. v, *Antigos e modernos sistemas do mundo*, n.ºs 3, 4 e 5.)

Uma antiga crença fazia considerar a água como o princípio, o elemento gerador primitivo; por isso Moisés não fala da criação das águas, que parece que vinham existindo já. “*As trevas cobriam o abismo*”, quer dizer, as profundezas do espaço que a imaginação representava vagamente ocupado pelas águas, e em trevas, antes da criação da luz; eis porque Moisés disse: “*O Espírito de Deus pairava (ou planava) sobre as águas.*” Concebendo-se a terra formada no seio das águas, precisava ser isolada; supuseram, então, que Deus havia feito o firmamento, abóbada sólida que separava as águas do alto das que estavam sobre a terra.

Para compreender certos trechos do *Gênesis*, é preciso necessariamente, colocar-se segundo a perspectiva das ideias cosmogônicas do tempo do qual ele se constitui o reflexo.

10. — Perante os progressos da física e da astronomia, tal doutrina não é sustentável⁵¹. Não obstante, Moisés atribui essas palavras a Deus mesmo; ora, como exprimem um fato notoriamente falso, de duas, uma: ou Deus se enganou na descrição que fez de sua obra, ou essa descrição não é uma revelação divina. Não sendo admissível a primeira suposição, é forçoso concluir que Moisés exprimiu suas próprias ideias. (Cap. I, n.º 3.)

⁵¹ Por mais grosseiro que seja o erro contido em tal crença, nem por isso, ainda em nossos dias, ela serve menos para embalar as crianças, como uma verdade sagrada. É tremendo que os preceptores ousam arriscar uma tímida interpretação. Como desejar que isso não produza incrédulos mais tarde?

11. — Moisés está mais perto da verdade quando diz que Deus formou o homem com o limo da terra⁵². A ciência nos mostra, com efeito (cap. x), que o *corpo* do homem se compõe de elementos colhidos na matéria inorgânica, ou seja, no limo da terra.

A mulher formada de uma costela de Adão é uma alegoria, pueril em aparência, se entendida segundo a letra, mas profunda quanto ao significado. Ela tem por finalidade mostrar que a mulher possui a mesma natureza que o homem, que é igual a ele, portanto, diante de Deus, e não uma criatura à parte, para se ter como serva e tratar como escrava. Saída de sua própria carne, a imagem da igualdade é bem mais expressiva do que ela tivesse sido formada separadamente do mesmo limo; é dizer ao homem que ela é sua igual e não sua escrava, a quem ele deve amar como parte de si mesmo.

12. — Para os espíritos incultos, sem nenhuma ideia das leis gerais, incapazes de abarcar o conjunto e de conceber o infinito, essa criação miraculosa e instantânea tinha alguma coisa de fantástica que tocava a imaginação. O quadro do universo retirado do nada em alguns dias, por um só ato da vontade criadora, era para eles o sinal mais fulgurante do poder de Deus. Que pintura, na verdade, mais sublime e mais poética desse poder que estas palavras: “*Deus disse: Que a luz seja feita, e a luz foi feita!*”! Criando Deus o universo através do cumprimento lento e gradual das leis da natureza, ele lhes teria parecido menor e menos poderoso; precisavam eles de algo maravilhoso que saísse dos roteiros comuns, caso contrário teriam dito que Deus não era mais capaz do que os homens. Uma teoria científica e racional da criação os teria deixado frios e indiferentes.

Portanto, não vamos rejeitar o *Gênesis* bíblico; vamos estudá-lo, ao contrário, como se estuda a história da infância dos povos. É uma epopeia rica de alegorias, cujo sentido oculto é preciso procurar; e é preciso comentar e explicar com as luzes da razão e da ciência. Fazendo com que sobressaíssem todas as belezas poéticas e todas as ensinamentos ocultos na forma de imagens, é preciso demonstrar com rigor os seus erros, no interesse mesmo da religião. Religião que a gente respeitará melhor quando seus erros não forem impostos à fé como verdades, e Deus irá parecer maior e mais poderoso, quando seu nome não estiver mesclado a acontecimentos inventados.

O PARAÍSO PERDIDO⁵³

13. — CAPÍTULO II. — 9. Ora, o Senhor Deus havia plantado desde o começo um jardim delicioso, no qual ele pôs o homem que havia criado. — O Senhor Deus também havia extraído da terra todas as espécies de árvores belas à vista e cujo fruto era agradável ao paladar, e a árvore de vida no meio do paraíso⁵⁴, com a árvore do conhecimento do bem e do mal. [*Ele fez sair, Jeová Eloim, da terra (min haadama) toda árvore boa de ver e boa para comer, e a árvore de vida (vehetz hachayim) no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal.*]

⁵² A palavra hebraica *haadam*, homem, de que se originou *Adão*, e a palavra *haadama*, terra, têm a mesma raiz.

⁵³ Em seguida a alguns versículos, colocamos a tradução literal do texto hebraico, a qual exprime mais fielmente o pensamento primitivo. O sentido alegórico ressalta assim mais claramente.

⁵⁴ Paraíso, do latim *paradisus*, a partir do grego *paradeisos* (para,deisoj), jardim, vergel, lugar plantado de árvores. A palavra hebraica empregada no *Gênesis* é *hagan*, que tem a mesma significação.

15. O Senhor pegou então o homem e o pôs no paraíso de delícias, para que o cultivasse e o guardasse. — 16. Ele lhe deu também esta ordem, e lhe disse: Coma de todas as árvores do paraíso. [*Ele ordenou, Jeová Eloim, ao homem (hal haadam), dizendo: De toda árvore do jardim (hagan) você pode comer.*] — 17. Mas não coma do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal; pois no mesmo instante em que dela comer, você morrerá com toda certeza. [*E da árvore do conhecimento do bem e do mal (oumehetz hadaat tob vara) você não comerá, pois no dia em que comer, morrerá.*]

14. — CAPÍTULO III — 1. Ora, a serpente era o mais esperto de todos os animais que o Senhor Deus havia criado na terra. Ela perguntou à mulher: Por que Deus proibiu vocês de comer do fruto de todas as árvores do paraíso? [*E a serpente (nahasch) era astuta mais que todos os animais terrestres que havia feito Jeová Eloim: ela perguntou à mulher (el haischa): É verdade que disse Eloim: Vocês não comerão de nenhuma árvore do jardim?*] — 2. A mulher lhe respondeu: Nós comemos dos frutos de todas as árvores que estão no paraíso. [*Ela disse, a mulher, à serpente, do fruto (miperi) das árvores do jardim nós podemos comer.*] — 3. Mas, quanto ao fruto da árvore que está no meio do paraíso, Deus nos proibiu realmente de comer e de tocar, com medo de que nós corrêssemos o risco de morrer. — 4. A serpente retrucou à mulher: Seguramente, vocês não morrerão. — 5. Mas é que Deus sabe que, assim que houverem comido desse fruto, seus olhos se abrirão, e vocês serão como os deuses, conhecendo o bem e o mal.

6. A mulher achou, então, que o fruto daquela árvore era bom para comer; que era belo e agradável à vista. E, apanhando-o, ela o comeu, e ofereceu ao seu marido, que o comeu também. [*Ela viu, a mulher, que era boa, a árvore, como alimento, e que a árvore incitava o desejo de CONHECER (leaskil), e ela apanhou de seu fruto etc.*]

8. E como eles tivessem ouvido a voz do Senhor Deus, que passeava no paraíso após o meio-dia, quando se ergue um vento suave, eles se retiraram para o meio das árvores do paraíso, para se esconderem da frente de sua face.

9. Então o Senhor Deus chamou Adão e perguntou-lhe: Onde está você? — 10. Adão lhe respondeu: Eu ouvi sua voz no paraíso e tive medo, porque estava nu; eis porque eu me escondi. — 11. O Senhor lhe retrucou: E donde lhe veio a ideia de que estava nu, senão porque você comeu do fruto da árvore da qual eu lhe proibi de comer? — 12. Adão lhe respondeu: A mulher que o senhor me deu por companheira me ofereceu o fruto dessa árvore e eu comi. — 13. O Senhor Deus perguntou à mulher: Por que você fez isso? Ela respondeu: A serpente me enganou e eu comi desse fruto.

14. Então o Senhor Deus disse à serpente: Como você fez isso, você está amaldiçoada entre todos os animais e todas as feras da terra; você rastejará sobre a barriga e comerá terra todos os dias de sua vida. — 15. Eu colocarei uma discórdia entre você e a mulher, entre a raça dela e a sua. Ela lhe quebrará a cabeça e você cuidará de picá-la no calcanhar.

16. Deus disse também à mulher: Eu a afligirei com muitos males durante a sua gravidez; você dará à luz em meio à dor; você ficará sob a dominação de seu marido e ele a dominará.

17. Ele disse em seguida a Adão: Como você deu ouvido à voz de sua mulher e comeu do fruto da árvore da qual eu o proibi de comer, a terra ficará amaldiçoada por causa do que você fez; e você retirará dela do que se alimentar durante toda a sua vida somente com muito trabalho. 18. Ela lhe produzirá espinhos e sarças, e você se alimentará da erva da terra. — 19. E você comerá seu pão com o suor de seu rosto, até que retorne à terra donde foi tirado, porque você é pó e ao pó retornará.

20. E Adão deu à sua mulher o nome de *Eva*, que significa vida, porque ela era a mãe de todos os viventes.

21. O Senhor Deus fez também a Adão e a sua mulher roupas de peles com as quais ele os vestiu. — 22. E ele disse: Eis que Adão se tornou como *um de nós*, sabendo o bem e o mal. Vamos impedir agora que ponha sua mão na árvore de vida, que apanhe também de seu fruto e que, comendo desse fruto, viva eternamente. [*Ele disse, Jeová Eloim: Eis aí, o homem se tem como um de nós para o conhecimento do bem e do mal; e agora ele pode estender a mão e apanhar da árvore da vida (veata pen ischlachyado velakach mehetz hachayim); ele comerá e viverá eternamente.*]

23. O Senhor Deus o fez sair do jardim de delícias, para que fosse trabalhar na cultura da terra de que ele fora feito.

24. E, tendo-os expulsado de lá, ele colocou querubins⁵⁵ diante do jardim de delícias, os quais faziam brilhar uma espada de fogo, para proteger o caminho que conduzia à árvore da vida.

15. — Sob uma imagem pueril e, às vezes, ridícula, caso nos ativermos à forma, a alegoria encobre muitas vezes as maiores verdades. Existe uma fábula mais absurda à primeira vista do que a de Saturno, um deus a devorar pedras, que confunde com seus filhos? Mas, ao mesmo tempo, o que há de mais profundamente filosófico e verdadeiro que essa figura, quando se busca seu sentido moral! Saturno é a personificação do tempo; sendo todas as coisas obra do tempo, ele é o pai de tudo quanto existe, mas também tudo se destrói com o tempo. Saturno devorando as pedras é o símbolo da destruição, através do tempo, dos corpos mais duros, que são seus filhos, dado que se formaram com o tempo. E quem escapa dessa destruição, de acordo com essa mesma alegoria? Júpiter, o símbolo da inteligência superior, do princípio espiritual, que é indestrutível. Essa imagem é de fato tão natural que, na linguagem moderna, sem alusão à fábula antiga, se diz de uma coisa que se deteriorou com o tempo, que ela foi devorada pelo tempo, carcomida, arrasada pelo tempo.

Toda a mitologia pagã é, na realidade, um vasto quadro alegórico dos diversos aspectos bons e maus da humanidade. Para quem nela busca o espírito, é um curso completo da mais alta filosofia, como sucede com nossas fábulas modernas. O absurdo estava em confundir a forma com o fundo.

16. — Dá o mesmo quanto ao *Gênesis*, onde é preciso que se vejam profundas verdades morais sob as figuras materiais que, tomadas ao pé da letra, seriam tão absurdas como se, em nossas fábulas, se tomassem ao pé da letra as cenas e os diálogos atribuídos aos animais.

Adão é a personificação da humanidade; sua culpa individualiza a fraqueza do homem, em quem predominam os instintos materiais, aos quais ele não pode resistir⁵⁶.

A árvore, como árvore de vida, é o símbolo da vida espiritual; como árvore do conhecimento, é o símbolo da consciência que o homem adquire do bem e do mal através do desenvolvimento de sua inteligência e do desenvolvimento do livre-arbítrio, por meio de que ele escolhe entre o bem e o mal; é o livre-arbítrio que determina o ponto em que a alma do homem, deixando de ser guiada apenas pelos instintos, toma posse de sua liberdade e assume a responsabilidade de seus atos.

O fruto da árvore é o símbolo do objeto dos desejos materiais do homem; é a alegoria da cobiça e da concupiscência; ele resume em uma só figura as causas de propensão para o mal; comê-lo é sucumbir à tentação. Ele cresce no centro do jardim de delícias para mostrar que a sedução está no próprio seio dos prazeres, e para lembrar que, se o homem permite a preponderância dos gozos materiais, ele vai ficar preso à terra e afastar-se de sua destinação espiritual⁵⁷.

⁵⁵ Do hebraico *cherub*, *keroub*, boi, *charab*, lavar: anjos do segundo coro da primeira hierarquia, que eram representados com quatro asas, quatro faces e pés de boi.

⁵⁶ Sabe-se muito bem hoje em dia que a palavra hebraica *haadam* não é um nome próprio, mas que significa *o homem em geral, a humanidade*, o que destrói o andaime todo montado sobre a personalidade de Adão.

⁵⁷ Em nenhum texto, o fruto vem especificado como sendo a *maçã*; esta palavra só se encontra nas versões infantis. A palavra do texto hebraico é *peri*, que apresenta as mesmas acepções que em francês, sem especificação de espécie, e pode ser tomada no sentido material, moral alegórico, no sentido próprio e no figurado. Entre os israelitas, não há interpretação obrigatória: quando uma palavra possui diversas acepções, cada um a entende como quer, desde que a interpretação não seja contrária à gramática. A palavra *peri* foi traduzida em latim por *malum*, que se diz da maçã e de toda espécie de frutos. É derivada do grego *mélon* (*me,lon*), participio do verbo *mélō* (*me,lw*), interessar, tomar cuidado, atrair.

A morte que o ameaça, caso infrinja a proibição que lhe foi feita, é uma advertência das consequências inevitáveis, físicas e morais, que são desencadeadas pela violação das leis que Deus gravou em sua consciência. É bem evidente que não se trata aqui da morte corpórea, dado que, após sua falta, Adão viveu ainda por bastante tempo, mas sim da morte espiritual, ou seja, da perda dos bens que resultam do adiantamento moral, perda cuja imagem é sua expulsão do jardim de delícias.

17. — A serpente está longe de passar hoje em dia como exemplo da astúcia; ela está ali muito mais por causa de sua forma do que por seu caráter, como uma alusão à perfídia dos maus conselhos que se insinua como a serpente, e nos quais, muitas vezes, por essa razão, a gente não confia mais. Aliás, se a serpente, por haver enganado a mulher, foi condenada a arrastar-se sobre a barriga, quer dizer que ela antes tinha pernas; assim, não era ainda uma serpente. Por que, então, impor à fé ingênua e crédula das crianças, como se fossem verdades, alegorias tão claras, as quais, ao estabelecerem elas seu julgamento, as fazem com que mais tarde vejam a Bíblia como um emaranhado de fábulas absurdas?

Precisamos observar, além disso, que a palavra hebraica *nahasch*, traduzida pela palavra *serpente*, vem da raiz *nahasch* que significa *fazer encantamentos, adivinhar as coisas ocultas*, e pode significar *encantador, adivinho*. Encontra-se, com essa acepção, no *Gênesis*, cap. XLIV, vv. 5 e 15, a propósito da taça que José fez esconder na sacola de Benjamim: “A taça que você roubou é a em que meu Senhor bebe, e de que se serve para adivinhar (*nahasch*)⁵⁸.” — “Ignora você que não existe quem me iguale na ciência de adivinhar (*nahasch*)?” — No livro de *Números*, cap. XXIII, v. 23: “Não existe realmente encantamento (*nahasch*) contra Jacó, nem adivinhos, contra Israel.” Sendo assim, a palavra *nahasch* tomou também o significado de *serpente*, réptil que os mágicos pretendiam encantar ou do qual se serviam em seus encantamentos.

É apenas na versão dos *Setenta* — que, segundo Hutcheson, deturparam o texto hebraico em muitos lugares —, escrita em grego no século dois antes da era cristã, que a palavra *nahasch* foi traduzida por *serpente*. As inexactidões dessa versão, sem dúvida, se atêm às modificações que a língua hebraica havia sofrido durante aquele intervalo; pois o hebraico do tempo de Moisés já era então uma língua morta, que se diferenciava do hebraico vulgar, tanto quanto o grego antigo e o árabe literário se diferenciam do grego e do árabe modernos⁵⁹.

É, portanto, provável que Moisés tenha entendido, como sendo o sedutor da mulher, o desejo indiscreto de conhecer as coisas escondidas suscitado pelo espírito de adivinhação, o que está de acordo com o sentido primitivo da palavra *nahasch*, adivinhar; e, por outro lado, com estas palavras: “Deus sabe que, assim que houverem comido desse fruto, seus olhos se abrirão, e vocês serão como os *deuses*.” — “Ela viu, a mulher, que incitava o desejo de *conhecer* (*leaskil*), e ela apanhou de seu fruto.” É preciso não esquecer que Moisés desejava condenar, junto aos hebreus, a arte da adivinhação, em uso entre os

⁵⁸ Poderia esse fato fazer pensar em que a mediunidade por meio do *copo d'água* era conhecida dos egípcios? (Ver *Revista Espírita* de junho de 1868.)

⁵⁹ A palavra *nahasch* existia na língua egípcia com a significação de *negro*, provavelmente porque os negros tinham o dom dos encantamentos e da adivinhação. É talvez também por isso que as esfinges, que têm origem assíria, eram representadas pela figura de um negro.

egípcios, como comprova sua proibição de interrogar os mortos e o Espírito de Píton. (*O Céu e o Inferno Segundo o Espiritismo*, cap. xl.)

18. — A passagem onde se diz que: “O Senhor passeava no paraíso após o meio-dia, quando se ergue um vento suave”, é uma imagem ingênua e algo pueril que a crítica não deixou de observar; mas não tem nada que possa surpreender, se a gente se recordar da ideia que os hebreus dos tempos primitivos faziam da Divindade. Para essas inteligências rústicas, incapazes de conceber abstrações, Deus devia revestir-se de uma forma concreta, e eles tudo relacionavam à humanidade como único ponto conhecido. Moisés lhes falava, assim, como a crianças, através de imagens sensoriais. No caso em tela, era o poder soberano personificado, como os pagãos personificavam, sob figuras alegóricas, as virtudes, os vícios e as ideias abstratas. Mais tarde, os homens desvencilharam da forma a ideia, como o adulto procura o sentido moral nos contos com os quais o embalam em criança. É preciso então considerar essa passagem como uma alegoria da Divindade vigiando, ela mesma, os objetos de sua criação. O grande rabino Wogue a traduziu assim: “Eles ouviram a voz do Eterno Deus, percorrendo o jardim do lado de onde vem o dia.”

19. — Se a falta de Adão é literalmente a de haver comido um fruto, ela não poderia, incontestavelmente, por sua natureza quase pueril, justificar o rigor com que foi castigada. Não se poderia tampouco, racionalmente, admitir que seja esse o fato que se presume geralmente; caso contrário, Deus, considerando esse fato como um crime irremissível, teria condenado sua própria obra, já que havia criado o homem para a propagação. Se Adão tivesse entendido nesse sentido a proibição de tocar no fruto da árvore e se escrupulosamente se conformasse com ela, onde estaria a humanidade e que teria acontecido aos desígnios do Criador?

Deus não havia criado realmente Adão e Eva para ficarem sozinhos no mundo; e a prova se encontra nas palavras mesmas que endereçou imediatamente, no paraíso terrestre:

“Deus os abençoou e lhes disse: Cresçam e multipliquem-se, *preencham a terra* e a submetam.” (Cap. 1, v. 28.) Dado que a multiplicação do homem era uma lei desde o paraíso terrestre, sua expulsão não deve ter como causa o fato presumido.

O que deu crédito a essa presunção é o sentimento de vergonha que Adão e Eva sentiram à vista de Deus, e que os levou a se esconderem. Mas essa vergonha mesma é uma figura por comparação: ela simboliza a confusão que todo culpado experimenta na presença de quem ele ofendeu.

20. — Qual é então, definitivamente, essa falta tão grande que conseguiu ferir com reprovação perpétua todos os descendentes daquele que a cometeu? Caim, o fraticida, não foi tratado tão severamente. Nenhum teólogo conseguiu defini-la logicamente, porque todos, prendendo-se ao sentido literal, rodaram em um círculo vicioso.

Hoje em dia, nós sabemos que essa falta não foi um ato isolado, pessoal de um indivíduo, mas que ela compreende, sob uma figura alegórica única, o conjunto das prevaricações das quais se deve considerar culpada a humanidade ainda imperfeita da Terra, e que se resumem nestas palavras: *desrespeito à lei de Deus*. Eis porque a falta do primeiro homem, simbolizando a humanidade, foi simbolizada, ela mesma, através de um ato de desobediência.

21. — Dizendo a Adão que ele retiraria sua alimentação da terra com o suor de seu rosto, Deus simboliza a obrigação do trabalho; mas por que faz do trabalho uma punição? Que seria a inteligência do homem, se ela não se desenvolvesse através do trabalho? Que seria a terra, se ela não fosse fecundada, transformada, saneada através do trabalho inteligente do homem?

Está dito (cap. II, v. 5 e 7): “O Senhor Deus não havia ainda feito chover sobre a terra e não havia homem para prepará-la.” — “O Senhor formou, então, o homem do limo da terra” Estas palavras, aproximadas destas: *preencham a terra*, provam que o homem se destinava, desde a origem, a ocupar toda a terra e a cultivá-la; e, por outro lado, que o paraíso não era um lugar circunscrito a um pedaço do globo. Se o cultivo da terra devesse ser a consequência da falta de Adão, disso resultaria que, se Adão não houvesse pecado, a terra teria permanecido agreste e os desígnios de Deus não se teriam cumprido.

Por que diz ele à mulher que, como ela cometeu aquela falta, irá dar à luz em meio à dor? Como a dor do parto pode ser um castigo, já que é uma consequência do organismo e se provou fisiologicamente que é necessária? Como uma coisa que está de acordo com as leis da natureza pode constituir-se em uma punição? Eis aqui o que os teólogos não conseguiram ainda explicar, o que não conseguirão fazer, enquanto não abandonarem o ponto de vista em que se colocaram; entretanto, tais palavras, que parecem tão contraditórias, têm como ser justificadas.

22. — Observemos, primeiro, que, se, no momento da criação de Adão e Eva, sua alma acabava de ser extraída do nada, como se ensina, eles tinham que ser inexperientes em todas as coisas; eles não tinham como saber o que seria morrer. Por estarem *sozinhos* na terra, enquanto viveram no paraíso terrestre, não viram morrer ninguém; como então teriam conseguido compreender em que consistia a ameaça de morte que Deus lhes fazia? Como Eva conseguiria compreender que dar à luz em meio à dor seria uma punição, já que, acabando de nascer para a vida, ela não havia jamais tido filhos, pois era a única mulher no mundo?

As palavras de Deus não podiam ter para Adão e Eva sentido algum. Mal extraídos do nada, não podiam saber por que nem como tinham saído de lá; não eram capazes de compreender nem o Criador nem o fito da proibição que ele lhes fazia. Sem nenhuma experiência das condições da vida, eles pecaram como crianças que agem sem noção das coisas, o que torna mais incompreensível ainda a terrível responsabilidade que Deus fez pesar sobre eles e sobre a humanidade inteira.

23. — O que se constitui em um impasse para a teologia, o Espiritismo explica sem dificuldade e de maneira racional, através da anterioridade da alma e da pluralidade das existências, lei sem a qual tudo é mistério e anomalia na vida do homem. Com efeito, admitamos que Adão e Eva já houvessem vivido e tudo se acha justificado: Deus não lhes fala realmente como a crianças mas como a seres em condição de compreendê-lo e que o compreendem, prova evidente de que possuem um conhecimento anterior. Admitamos, além disso, que eles viveram em um mundo mais adiantado e menos material que o nosso, onde o trabalho do Espírito suplementava o trabalho do corpo; de onde, por causa de sua rebelião à lei de Deus, configurada pela desobediência, hajam sido excluídos e exilados como punição para a Terra, onde o homem, tendo em vista a natureza do globo, se obriga a um trabalho corpóreo: Deus tinha razão em dizer-lhe: No mundo onde você vai viver a

partir de agora, “cultivará a terra e dela retirará sua alimentação com o suor de seu rosto”; e à mulher: “você dará à luz em meio à dor”, porque tal é a condição desse mundo. (Cap. XI, n.ºs 31 e 32.)

O paraíso terrestre, cujos vestígios inutilmente têm sido procurados na Terra, era a representação do mundo feliz onde havia vivido Adão ou, antes, a raça dos Espíritos cuja personificação é ele. A expulsão do paraíso consigna o momento em que tais Espíritos vieram encarnar-se entre os habitantes deste mundo, e a mudança de situação decorrente. O anjo armado com uma espada chamejante, que veda a entrada do paraíso, simboliza a impossibilidade em que estão os Espíritos dos mundos inferiores de penetrar nos mundos superiores, antes de fazê-lo por merecer através de sua purificação. (Ver adiante cap. XIV, n.ºs 8 e seg.ºs.)

24. — CAPÍTULO IV. — 13. Caim [após a morte de Abel] respondeu ao Senhor: Minha iniquidade é muito grande para poder obter o perdão dela. — 14. O Senhor me expulsa hoje da terra, e eu irei esconder-me da frente de sua face. Eu serei fugitivo e vagabundo na terra; assim, qualquer que me encontre me matará. — 15. O Senhor lhe respondeu: Não, isso não acontecerá; pois qualquer um que matar Caim será punido muito severamente. E o Senhor pôs um sinal em Caim, para que quem o encontrasse não o matasse.

16. Tendo-se retirado Caim da frente da face do Senhor, seguiu vagabundo pela terra e ele habitou na região oriental do Éden. — 16. E, tendo coabitado com sua mulher, ela concebeu e deu à luz Enoque. Ele construiu [*vaiehi bone*; literalmente: estava construindo] uma cidade, que chamou de *Enoque* [Enóquia], do nome de seu filho.

25. — Caso a gente se limite à letra do *Gênesis*, eis aqui a que consequências se chega: Adão e Eva estavam sozinhos no mundo após sua expulsão do paraíso terrestre; só posteriormente é que tiveram por filhos Caim e Abel. Ora, havendo Caim assassinado seu irmão e ido para outra região, não viu mais seu pai e sua mãe, que ficaram de novo sozinhos; somente muito tempo depois, com a idade de cento e trinta anos, é que Adão teve um terceiro filho, chamado Sete. Após o nascimento de Sete, ele viveu ainda, conforme a genealogia bíblica, oitocentos anos, e teve filhos e filhas.

Quando Caim veio estabelecer-se no oriente do Éden, havia na Terra três pessoas: seu pai, sua mãe e ele, *sozinho* de seu lado. Não obstante, teve uma mulher e um filho; quem poderia ter sido essa mulher e onde poderia ele tê-la achado? O texto hebreu diz: *ele estava construindo uma cidade*, e não *ele construiu*, o que indica uma ação em desenvolvimento e não ulterior; mas uma cidade pressupõe habitantes, pois não se pode presumir que Caim a fez para si, sua mulher e seu filho, nem que teve que construí-la sozinho.

Logo, é preciso inferir desse mesmo relato que a região estava povoada; ora, não havia como sê-lo pelos descendentes de Adão, que por aquela época não tinha nenhum outro; só Caim.

A presença de outros habitantes se revela igualmente nesta fala de Caim: “Eu serei fugitivo e vagabundo na terra; assim, qualquer que me encontre me matará”, e da resposta que Deus lhe deu. Por quem deveria ele temer ser morto e para que serviria o sinal que Deus pôs nele para preservá-lo, se não tivesse com quem se encontrar? Assim, se havia no mundo outros homens além da família de Adão, é porque ali estavam antes dele; daqui

esta consequência, obtida no texto mesmo do *Gênesis*, de que Adão não é nem o primeiro, nem o único pai do gênero humano. (Cap. XI, n.º 34.)⁶⁰

26. — Precisávamos dos conhecimentos que o Espiritismo trouxe concernentes às relações do princípio espiritual e do princípio material, à natureza da alma, sua criação em estado de simplicidade e de ignorância, sua união com o corpo, sua marcha progressiva indefinida através das existências sucessivas e através dos mundos, que são outros tantos degraus na rota do aperfeiçoamento, sua libertação gradual da influência da matéria através do uso de seu livre-arbítrio, causa de seus pendores bons ou maus e de suas aptidões, ao fenômeno do nascimento e da morte, ao estado do Espírito na erraticidade, enfim, ao futuro, que é a recompensa de seus esforços para se melhorar e de sua perseverança no bem, para lançar luz em todas as partes da gênese espiritual.

Graças a esta luz, o homem sabe agora donde vem, para onde vai, por que está na Terra e por que sofre; ele sabe que seu futuro está em suas mãos e que a duração de seu cativeiro neste mundo depende de si mesmo. O *Gênesis*, liberto da alegoria estreita e mesquinha, lhe aparece grande e digno da majestade, da bondade e da justiça do Criador. Considerado deste ponto de vista, o *Gênesis* confundirá a incredulidade e a vencerá.

⁶⁰ Esta ideia não é nova. La Peyrère, sábio teólogo do século dezessete, em seu livro *Pré-adamitas*, escrito em latim e publicado em 1655, extraiu do texto original mesmo da Bíblia, adulterado pelas traduções, a prova evidente de que a Terra estava povoada antes do aparecimento de Adão. Esta opinião é hoje em dia a de muitos eclesiásticos esclarecidos.

OS MILAGRES

SEGUNDO O ESPIRITISMO

CAPÍTULO XIII

CARACTERES DOS MILAGRES

Os milagres no sentido teológico. — O Espiritismo não faz milagres. — Deus faz milagres? — O sobrenatural e as religiões.

OS MILAGRES NO SENTIDO TEOLÓGICO

1. — Em sua acepção etimológica, a palavra *milagre* (de *mirari*, admirar) significa: *admirável, coisa extraordinária, surpreendente*. A Academia define esta palavra: *Um ato do poder divino contrário às leis conhecidas da natureza*.

Em sua acepção usual, esta palavra perdeu, como tantas outras, a sua significação primitiva. De geral que era, restringiu-se a uma ordem particular de fatos. No pensamento das massas, um *milagre* implica a ideia de um fato sobrenatural; no sentido teológico, é uma derrogação das leis da natureza, derrogação pela qual Deus manifesta seu poder. Tal é, na realidade, sua acepção vulgar transformada em sentido próprio; é só por comparação e por metáfora que se aplica às circunstâncias comuns da vida.

Um dos caracteres do milagre propriamente dito é o de ser inexplicável, justamente porque se dá fora das leis naturais; e é tão forte a ideia a que se atém a gente

que, se um fato miraculoso encontrar sua explicação, se diz que não é mais um milagre, por mais surpreendente que seja. O que, para a Igreja, estabelece o mérito dos milagres é precisamente sua origem sobrenatural, e a impossibilidade de explicá-los; ela está tão bem assentada neste ponto que qualquer inclusão dos milagres entre os fenômenos da natureza é taxada de heresia, de atentado contra a fé; tanto que ela excomungou e mesmo queimou pessoas que não quiseram crer em certos milagres.

Um outro caráter do milagre é o de ser insólito, isolado e excepcional; pelo fato de um fenômeno se reproduzir, seja espontaneamente, seja por um ato da vontade, é porque está sujeito a uma lei; sendo assim, seja essa lei conhecida ou não, não pode ser um milagre.

2. — A ciência todo dia faz milagres aos olhos dos ignorantes. Que um homem realmente morto seja chamado à vida através de uma intervenção divina, eis aí um verdadeiro milagre, porque é um fato contrário às leis da natureza. Mas se esse homem apresenta apenas as aparências da morte e se existe nele ainda um resto de *vida latente*, que a ciência ou uma ação magnética intervenha para reanimá-lo, para as pessoas esclarecidas esse é um fenômeno natural, mas aos olhos do vulgo ignorante o fato passará por miraculoso. Que, no meio de determinadas campinas, um físico solte uma pipa elétrica e faça cair o raio sobre uma árvore, esse novo Prometeu será certamente visto como armado de um poder diabólico; mas Josué, suspendendo o movimento do Sol, ou antes da Terra, caso se admita o fato, eis o verdadeiro milagre, pois não existe nenhum magnetizador dotado de tão grande poder para operar tal prodígio.

Os séculos de ignorância foram fecundos em milagres, porque tudo aquilo cuja causa era desconhecida passava por sobrenatural. À proporção que a ciência foi revelando novas leis, o círculo do maravilhoso foi restringindo-se; como, porém, ela não havia explorado o campo todo da natureza, restava ainda um lugar assaz extenso para o maravilhoso.

3. — O maravilhoso, expulso do domínio da materialidade pela ciência, se entrincheirou no da espiritualidade, que foi seu derradeiro refúgio. O Espiritismo, ao demonstrar que o elemento espiritual é uma das forças vivas da natureza, força que incessantemente atua em concorrência com a força material, fez com que os fenômenos produzidos por esse elemento espiritual regressassem ao círculo dos efeitos naturais, porque, como os outros, eles se regem por leis. Como o maravilhoso foi expulso da espiritualidade, não tem mais razão de existir; eis porque só agora é que se pode dizer que o tempo dos milagres passou. (Cap. I, n.º 18.)

O ESPIRITISMO NÃO FAZ MILAGRES

4. — O Espiritismo vem, assim, por sua vez, fazer o que cada ciência fez em seu advento: revelar novas leis e explicar, por conseguinte, os fenômenos que se regem por essas leis.

Esses fenômenos, é verdade, se vinculam à existência dos Espíritos e à sua intervenção no mundo material; ora, é aí, dizem, que se encontra o sobrenatural. Mas então seria preciso provar que os Espíritos e suas manifestações são contrários às leis da natureza; que não se trata nem pode tratar-se de uma dessas leis.

O Espírito nada mais é que a alma que sobrevive ao corpo; é o ser principal já que não morre, enquanto o corpo não passa de um acessório que se destrói. Sua existência é, portanto, tão natural após quanto durante a encarnação, e se submete às leis que regem o princípio espiritual tanto quanto o corpo se submete às que regem o princípio material; mas, como esses dois princípios têm uma afinidade necessária, como reagem sem parar um sobre o outro, como de sua ação simultânea resultam o movimento e a harmonia do conjunto, conclui-se que a espiritualidade e a materialidade são as duas metades de um mesmo todo, tão natural uma quanto a outra, e que a espiritualidade não é uma exceção, não é uma anomalia na ordem das coisas.

5. — Durante a sua encarnação, o Espírito atua sobre a matéria por meio de seu corpo fluídico ou perispírito; sucede o mesmo fora da encarnação. Ele faz, como Espírito e na medida de suas aptidões, o que fazia como homem; entretanto, como ele não tem mais seu corpo carnal para utilizar como instrumento, ele se serve dos órgãos materiais de um encarnado, que se torna o que chamamos de *médium*. Ele faz como aquele que, não sendo capaz de escrever por si mesmo, toma emprestada a mão de um secretário; ou que, não sabendo um idioma, se serve de um intérprete. Um secretário, um intérprete são os *médiuns* de um encarnado, como o médium é o secretário ou o intérprete de um Espírito.

6. — Não sendo os mesmos que no estado de encarnação o ambiente onde atuam os Espíritos e os meios de execução, os efeitos são diferentes. Tais efeitos só parecem sobrenaturais porque são produzidos com a ajuda de agentes que não são aqueles de que nos servimos; mas tendo em vista que esses agentes estão na natureza e que os atos de manifestações se realizam conforme certas leis, não há nada de sobrenatural nem de maravilhoso. Antes de serem conhecidas as propriedades da eletricidade, os fenômenos elétricos passavam por prodígios aos olhos de certas pessoas; após ter sido conhecida a causa, o maravilhoso desapareceu. Sucede o mesmo com os fenômenos espíritas, que não fogem da ordem das leis naturais, não mais do que os fenômenos elétricos, acústicos, luminosos e outros, que foram o manancial de grande quantidade de crenças supersticiosas.

7. — No entanto, dirão, vocês admitem que um Espírito possa levantar u'a mesa e mantê-la no espaço sem ponto de apoio; não se trata de uma derrogação da lei da gravidade? — Sim, da lei conhecida; mas nós conhecemos todas as leis? Antes que se tivesse utilizado a força ascensional de certos gases, quem teria dito que uma pesada

máquina, carregando vários homens, conseguiria triunfar sobre a força de atração? Aos olhos do vulgo, isso não tinha que parecer maravilhoso, diabólico? Quem se tivesse proposto, há um século, a transmitir um recado à distância de quinhentas léguas e a receber resposta em alguns minutos, teria passado por louco; se o tivesse feito, teriam acreditado que tinha o diabo a suas ordens, pois, então, só o diabo era capaz de ir tão depressa; contudo, hoje em dia, a coisa não é somente tida como possível, mas ela parece inteiramente natural. Por que, então, um fluido desconhecido não possuiria a propriedade, em determinadas circunstâncias, de contrabalançar o efeito da força da gravidade, como o hidrogênio contrabalança o peso do balão? Eis o que, na verdade, sucedeu no caso em tela. (*O Livro dos Médiuns*, 2.^a parte, cap. IV.)

8. — Estando os fenômenos espíritos na natureza, produziram-se em todos os tempos; mas precisamente porque seu estudo não tinha como ser feito pelos recursos materiais de que dispõe a ciência vulgar, ficaram por muito mais tempo que outros no domínio do sobrenatural, donde o Espiritismo os faz sair agora.

O sobrenatural, assentado em aparências que não se explicam, dá livre curso à imaginação, que, vagando pelo desconhecido, engendra então as crenças supersticiosas. Uma explicação racional fundamentada nas leis da natureza, trazendo o homem para o terreno da realidade, põe um ponto final nos desvios da imaginação e destrói as superstições.

Longe de ampliar o domínio do sobrenatural, o Espiritismo o cerca até seus últimos bastiões e lhe arrebatou o último refúgio. Se faz crer na possibilidade de certos fatos, ele impede de crer em muitos outros, porque demonstra, na esfera da espiritualidade, como a ciência, na esfera da materialidade, o que é e o que não é possível. Todavia, como não tem a pretensão de dizer a última palavra sobre todas as coisas, mesmo sobre as que são da sua competência, ele não se atribui a função de regular de modo absoluto o possível, mas dá notícia dos conhecimentos que o futuro oculta.

9. — Os fenômenos espíritos consistem nos diferentes modos de manifestação da alma ou Espírito, seja durante a encarnação, seja em estado de erraticidade. É através de suas manifestações que a alma revela sua existência, sua sobrevivência e sua individualidade; avalia-se ela através de seus feitos; sendo a causa natural, o feito também é. São esses feitos que fornecem a matéria especial de pesquisas e de estudos do Espiritismo, para chegar a um conhecimento tão completo quanto possível da natureza e dos atributos da alma, bem como das leis que regem o princípio espiritual.

10. — Para aqueles que negam a existência do princípio espiritual independente, e, por decorrência, o da alma individual e sobrevivente, a natureza toda está na matéria tangível; todos os fenômenos que se vinculam à espiritualidade são, a seus olhos, sobrenaturais, e, por conseguinte, quiméricos; não admitindo a causa, eles não têm como admitir o efeito; e, quando os efeitos são patentes, eles os atribuem à imaginação, à ilusão, à alucinação, e se recusam a aprofundá-los; eis aqui, entre tais indivíduos, uma opinião preconcebida que os torna incapazes de conceber saudavelmente o Espiritismo, porque partem do princípio da negação de tudo o que não seja material.

11. — Porque o Espiritismo admite os efeitos que resultam da existência da alma, não se conclua que aceite todos os que são qualificados de maravilhosos, e pretenda justificá-los e dar-lhes crédito; nem que seja o defensor de todos os sonhadores, de todas

as utopias e de todas as excentricidades sistemáticas, de todas as lendas miraculosas; precisaria conhecê-lo bem pouco para pensar assim. Seus adversários julgam opor-lhe um argumento sem réplica, quando, após haverem feito eruditas pesquisas sobre os convulsionários de Saint-Médard, os *camisards* de Cévennes ou as religiosas de Loudun, chegaram a descobrir fatos patentes de fingimento que ninguém contesta; mas essas histórias são o evangelho do Espiritismo? Seus partidários negaram que o charlatanismo tenha explorado certos fatos em seu proveito; que a imaginação os tenha criado; que o fanatismo os tenha exagerado muito? Ele não se solidariza com as extravagâncias que se podem cometer em seu nome, tanto quanto a verdadeira ciência não se solidariza com os abusos da ignorância, nem a verdadeira religião, com os excessos do fanatismo. Muitos críticos julgam o Espiritismo só através dos contos de fadas e das lendas populares, que não passam de invenções; seria o mesmo que conceber a história através dos romances históricos ou das tragédias.

12. — Os fenômenos espíritas são, o mais das vezes, espontâneos e se produzem, sem nenhuma ideia preconcebida, junto a pessoas que menos pensam neles; em determinadas circunstâncias, é possível que venham a ser provocados pelos agentes designados sob o nome de *médiuns*; no primeiro caso, o médium é *inconsciente* do que se produz por seu intermédio; no segundo, ele atua com conhecimento de causa: daqui a distinção entre *médiuns conscientes* e *médiuns inconscientes*. Estes últimos são os mais numerosos e se encontram com frequência entre os incrédulos mais obstinados, que praticam assim o Espiritismo sem saber e sem querer. Os fenômenos espontâneos possuem, por isso mesmo, uma importância capital, pois não se deve suspeitar da boa-fé de quem os obtém. Sucede aqui como no sonambulismo, que, para determinados indivíduos, é natural e involuntário e, para outros, provocado pela ação magnética⁶¹.

Mas que esses fenômenos sejam ou não o resultado de um ato da vontade, a causa primeira é exatamente a mesma e não se afasta em nada das leis naturais. Os médiuns não produzem, assim, absolutamente nada de sobrenatural; por conseguinte, eles não fazem *nenhum milagre*; as curas instantâneas, elas mesmas, não são mais miraculosas que os outros efeitos, pois são devidas à ação de um agente fluídico com a função de agente terapêutico, cujas propriedades não são menos naturais só porque tenham sido desconhecidas até este dia. O epíteto de *taumaturgos*, atribuído a certos médiuns pela crítica ignorante dos princípios do Espiritismo, é, assim, totalmente inadequado. A qualificação de *milagres*, atribuída por comparação a certas espécies de fenômenos, tem que induzir em erro quanto ao seu verdadeiro caráter.

13. — A intervenção de inteligências ocultas nos fenômenos espíritas não os tornam mais miraculosos que todos os outros fenômenos devidos a agentes invisíveis, porque estes seres ocultos que povoam os espaços são uma das forças da natureza, força cuja ação é incessante no mundo material, tanto quanto no mundo moral.

Ao nos esclarecer a respeito de tal força, o Espiritismo nos oferece a chave de uma infinidade de coisas que não foram explicadas ou não são explicáveis, por qualquer outro meio, e que, possivelmente, em tempos recuados, passaram por prodígios; ele revela, assim como o magnetismo, uma lei, se não desconhecida, pelo menos mal compreendida;

⁶¹ O Livro dos Médiuns, 2.^a parte, cap. v. — Revista Espírita, exemplos: agosto e dezembro de 1865.

ou melhor, a gente conhecia os efeitos, pois sempre se produziram, mas não conhecia a lei, e a ignorância dessa lei é que engendrou a superstição. Conhecida a lei, o maravilhoso desaparece e os fenômenos entram na ordem das coisas naturais. Eis porque os espíritas não promovem milagre algum ao fazerem girar u'a mesa ou os mortos escreverem, como não promove o médico ao fazer reviver um moribundo, nem o físico, ao fazer cair o raio. Quem pretendesse, com a ajuda desta ciência, *fazer milagres*, seria ou ignorante ou embusteiro.

14. — Já que o Espiritismo repudia toda pretensão às coisas maravilhosas, fora dele existem milagres, na acepção usual da palavra?

Digamos, primeiro, que, entre os fatos reputados miraculosos que ocorreram antes do advento do Espiritismo, e que ocorrem ainda em nossos dias, a maioria, se não forem todos, encontra explicação nas novas leis que ele veio revelar; esses fatos entram, pois, conquanto com outro nome, na ordem dos fenômenos espíritas e, como tais, nada têm de sobrenatural. Fique bem entendido que se trata aqui apenas dos fatos autênticos e não daqueles que, sob o nome de milagres, são o resultado de indigna trapaça, com o fito de explorar a credulidade; não mais que certos fatos lendários que devem ter tido, em sua origem, um fundo de verdade, mas que a superstição ampliou até ao absurdo. É sobre esses fatos que o Espiritismo vem jorrar luz, oferecendo os meios de separar do erro a verdade.

DEUS FAZ MILAGRES?

15. — Quanto aos milagres propriamente ditos, nada sendo impossível a Deus, sem dúvida ele os é capaz de fazer; e os faz? Em outras palavras: derroga ele as leis que estabeleceu? Não cabe ao homem prejudicar os atos da Divindade e subordiná-los à fraqueza do seu entendimento; contudo, temos, para o critério de nosso julgamento, com respeito às coisas divinas, os atributos mesmos de Deus. Ao soberano poder ele junta a soberana sabedoria, donde é preciso concluir que ele não faz nada inútil.

Por que, então, faria milagres? Para atestar o seu poder, dizem; mas o poder de Deus não se manifesta, de maneira muitíssimo mais surpreendente através do conjunto grandioso das obras da criação, através da sabedoria providente que governa as coisas mais ínfimas coisas e as mais grandiosas, e através da harmonia das leis que regem o universo, do que por algumas pequenas e pueris derrogações que todos os ilusionistas sabem imitar? Que se diria de um sábio mecânico que, para provar sua habilidade, desmontasse o relógio que construiu, obra-prima da ciência, para mostrar que consegue desfazer o que fez? Seu saber não sobressai, ao contrário, da regularidade e da precisão do movimento?

A questão dos milagres propriamente ditos, portanto, não é da competência do Espiritismo; mas, apoiando-se no raciocínio de que Deus nada faz de inútil, emite este parecer: *Não sendo os milagres necessários à glorificação de Deus, nada no universo se aparta das leis gerais. Deus não faz milagres porque, sendo suas leis perfeitas, ele não*

precisa derogá-las. Se existem fatos que não compreendemos, é porque nos faltam ainda os conhecimentos necessários.

16. — Ao admitir que Deus pudesse, por razões que nós não podemos apreciar, derogar casualmente as leis que estabeleceu, as leis não seriam mais imutáveis; ao menos, porém, é racional pensar que só ele tem tal poder; não se poderia admitir, sem lhe negar a onipotência, que tenha sido propiciado ao Espírito do mal o poder de desfazer a obra de Deus, ao realizar de seu lado alguns prodígios para seduzir até mesmo os eleitos, o que implicaria a ideia de um poder igual ao seu; todavia, isso é justamente o que se ensina. Se Satã possui o poder de interromper o curso das leis naturais, que constituem a obra divina, sem a permissão de Deus, ele é mais poderoso do que Deus: logo, Deus não possui a onipotência; se Deus lhe delega tal poder, como se pretende, para induzir mais facilmente os homens ao mal, Deus não possui a soberana bondade. Em um e outro caso, nega-se um dos atributos sem os quais Deus não seria Deus.

Por isso a Igreja distingue os bons milagres, que vêm de Deus, dos maus milagres, que vêm de Satã; mas como estabelecer sua diferença? Que um milagre seja satânico ou divino, o ato seria uma derrogação das leis, e estas emanam só de Deus; se um indivíduo se curou supostamente através de um milagre, seja por um ato de Deus seja de Satã, não se encontra ele curado. Precisa fazer uma ideia paupérrima da inteligência humana para esperar que tais doutrinas possam ser aceitas em nossos dias.

Reconhecida a possibilidade de certos fatos tidos como miraculosos, precisamos concluir que, qualquer que seja a causa que lhes é atribuída, são efeitos naturais que os *Espíritos* ou os *encarnados* devem usar, como tudo, como sua própria inteligência e seus conhecimentos científicos, para o bem ou o mal, conforme sua bondade ou sua maldade. Aproveitando seu saber, um ser perverso consegue realizar coisas que passam por prodígios aos olhos dos ignorantes; mas quando essas ações resultam em um bem qualquer, seria ilógico atribuir-lhes uma origem diabólica.

17. — Contudo, dizem, a religião se apoia em fatos que não são nem explicados nem explicáveis. Não explicados, talvez; não explicáveis, é outra questão. Sabemos quais descobertas e conhecimentos nos reserva o futuro? Sem falar do milagre da criação, o maior de todos incontestavelmente, e que hoje em dia pertence ao domínio da lei universal, nós já não vemos, sob a ação do magnetismo, do sonambulismo, do Espiritismo, reproduzindo-se os êxtases, as visões, as aparições, a vista a distância, as curas instantâneas, as levitações, as comunicações orais e outras com os seres do mundo invisível, fenômenos conhecidos desde tempo imemorial, considerados outrora como maravilhosos, e que se demonstrou hoje que pertencem à ordem das coisas naturais, de acordo com a lei de formação dos seres? Os livros sagrados estão plenos de fatos desse gênero qualificados de sobrenaturais; mas, como são encontrados semelhantes e ainda mais maravilhosos em todas as religiões pagãs da antiguidade, se a verdade de uma religião fosse depender da quantidade e da natureza desses fatos, não se saberia nunca a que predominaria.

O SOBRENATURAL E AS RELIGIÕES

18. — Pretender que o sobrenatural seja o fundamento necessário de toda religião, que seja a chave de abóbada do edifício cristão, é sustentar uma tese perigosa; caso se faça com que repousem as bases do cristianismo sobre a base única do maravilhoso, é dar-lhe um apoio frágil, cujas pedras se desprendem a cada dia. Tal tese, de que eminentes teólogos se constituíram defensores, conduz direito à conclusão de que, em um determinado tempo, não existirá mais nenhuma religião possível, nem mesmo a religião cristã, se o que é visto como sobrenatural se demonstrar natural; pois, por mais argumentos se amontoem, não se conseguirá manter a crença de que um fato é miraculoso, quando se provou que não é; ora, a prova de que um fato não se constitui exceção dentro das leis naturais ocorre quando é capaz de ser explicado por essas mesmas leis, e quando, conseguindo reproduzir-se por intermédio de um indivíduo qualquer, deixa de ser privilégio dos santos. Não é o *sobrenatural* que é necessário às religiões, mas sim o *princípio espiritual*, que se confunde erroneamente com o maravilhoso e sem o qual não existe religião possível.

O Espiritismo considera a religião cristã de um ponto mais elevado; ele lhe proporciona uma base mais sólida que os milagres: as leis imutáveis de Deus, que regem o princípio espiritual tanto quanto o princípio material; base esta que desafia o tempo e a ciência, pois o tempo e a ciência virão sancioná-la.

Deus não é menos digno de nossa admiração, de nosso reconhecimento, de nosso respeito, só por não haver derogado suas leis, grandes sobretudo por sua imutabilidade. Não se precisa do sobrenatural para prestar a Deus o culto que lhe é devido; a natureza já não é assaz imponente por si mesma, que lhe necessite acrescentar algo para provar o poder supremo? A religião encontrará muito menos incrédulos quando for em tudo e por tudo sancionada através da razão. O cristianismo não tem nada que perder com essa sanção; ele só deve, ao contrário, ganhar com isso. Se algo conseguiu prejudicá-lo na opinião de certas pessoas, foi precisamente o abuso do maravilhoso e do sobrenatural.

19. — Tomando-se a palavra *milagre* em sua acepção etimológica, no sentido de *coisa admirável*, temos o tempo todo milagres à nossa vista; nós os aspiramos com o ar e os calcamos sob nossos passos, pois tudo é milagre na natureza.

Desejamos oferecer ao povo, aos ignorantes, aos pobres de espírito, uma ideia do poder de Deus? Precisamos mostrá-lo na sabedoria infinita que preside a tudo, no admirável organismo de tudo o que vive, na frutificação das plantas, na adequação de todas as partes de cada ser às suas necessidades, segundo o meio onde está sendo chamado a viver; precisamos mostrar-lhes a ação de Deus no broto da erva, na flor que desabrocha, no sol que vivifica tudo; precisamos mostrar-lhes sua bondade em sua solicitude por todas as criaturas, por ínfimas que sejam, sua providência na razão de existir de cada coisa, dentre as quais nenhuma é inútil, no bem que nasce sempre de um mal aparente e momentâneo. Façamo-los compreender, sobretudo, que o verdadeiro mal é obra do homem e não de Deus; não vamos procurar assustá-los através do quadro das

chamas eternas, nas quais terminam por não mais acreditar e que os fazem duvidar da bondade de Deus; mas vamos encorajá-los através da certeza de conseguir redimir-se um dia e reparar o mal que devem ter feito; vamos mostrar-lhes as descobertas da ciência como a revelação das leis divinas e não como obra de Satã; vamos ensiná-los, enfim, a ler no livro da natureza sempre aberto diante deles, nesse livro inesgotável, onde a sabedoria e a bondade do Criador se inscrevem a cada página; então eles vão compreender que um Ser tão grande, ocupando-se de tudo, velando por tudo, prevendo tudo, deve ser soberanamente poderoso. O lavrador vai vê-lo ao traçar seus sulcos; e o infortunado vai bendizê-lo em suas aflições, pois vai dizer a si mesmo: se eu sou infeliz, é por minha culpa. Então, os homens vão ser verdadeiramente religiosos, racionalmente religiosos sobretudo, bem mais do que se acreditassem em pedras que suam sangue, ou em estátuas que piscam os olhos e vertem lágrimas.

CAPÍTULO XIV

OS FLUIDOS

- I. *Natureza e propriedades dos fluidos*: Elementos fluídicos. — Formação e propriedades do perispírito. — Ação dos Espíritos sobre os fluidos; criações fluídicas; fotografia do pensamento. — Qualidades dos fluidos.
- II. *Explicação de alguns fenômenos tidos como sobrenaturais*: Vista espiritual ou psíquica; dupla vista; sonambulismo. — Sonhos. — Catalepsias; ressurreições. — Curas. — Aparições; transfigurações. — Manifestações materiais; mediunidade. — Obsessões e possessões.

NATUREZA E PROPRIEDADES DOS FLUIDOS

Elementos fluídicos.

1. — A ciência forneceu a chave dos milagres que resultam mais particularmente do elemento material, seja ao explicá-los, seja ao demonstrar sua impossibilidade, através das leis que regem a matéria; mas os fenômenos em que o elemento espiritual tem parte preponderante, não tendo como ser explicados somente através das leis da natureza, escapam às investigações da ciência: eis porque eles têm, mais que os outros, os caracteres *aparentes* do maravilhoso. Logo, é nas leis que regem a vida espiritual que se deve encontrar a chave dos milagres desta categoria.

2. — O fluido cósmico universal é, como já demonstramos, a matéria elementar primitiva, cujas modificações e transformações formam a inumerável variedade dos corpos da natureza. (Cap. x.) Enquanto princípio elementar universal, ele oferece dois estados distintos: o de eterização ou de imponderabilidade, que se deve considerar como o estado normal primitivo, e o de materialização ou de ponderabilidade que, de alguma forma, é resultante do outro. O ponto intermediário é o da transformação do fluido em matéria tangível; mas aí também não há transição brusca, pois podemos considerar nossos fluidos imponderáveis como um termo médio entre os dois estados. (Cap. IV, n.ºs 10 e seg.^s)

Cada um desses dois estados dá necessariamente origem a fenômenos especiais: ao segundo pertencem os do mundo visível, e ao primeiro, os do mundo invisível. Uns, chamados de *fenômenos materiais*, são da competência da ciência propriamente dita; os outros, qualificados de *fenômenos espirituais* ou *psíquicos*, porque se prendem mais especialmente à existência dos Espíritos, estão entre as atribuições do Espiritismo; mas, como a vida espiritual e a vida corpórea estão em contato incessante, os fenômenos destas duas ordens se apresentam muitas vezes simultaneamente. O homem, no estado de encarnação, só consegue ter a percepção dos fenômenos psíquicos que se vinculam à vida corpórea; os que são do domínio *exclusivo* da vida espiritual fogem aos sentidos materiais, e tão só podem ser percebidos no estado de Espírito⁶².

3. — No estado de eterização, o fluido cósmico não é uniforme; sem deixar de ser etéreo, ele sofre modificações tão variadas em seu gênero e talvez mais numerosas do que no estado de matéria tangível. Essas modificações constituem os diversos fluidos que, embora procedentes do mesmo princípio, estão dotados de propriedades especiais e dão origem aos fenômenos particulares do mundo invisível.

Sendo tudo relativo, esses fluidos têm para os Espíritos, que são eles mesmos fluídicos, uma aparência tão material quanto a dos objetos tangíveis para os encarnados, e são para eles o que são para nós as substâncias do mundo terrestre; eles os elaboram, os combinam para produzir efeitos determinados, como fazem os homens com seus materiais, contudo, através de procedimentos diferentes.

Mas lá, como aqui, só os Espíritos mais esclarecidos conseguem compreender o papel dos elementos constituintes de seu mundo. Os ignorantes do mundo invisível são tão incapazes de explicar os fenômenos de que são testemunhas, e para os quais concorrem muitas vezes maquinalmente, quanto os ignorantes da Terra o são de explicar as sensações da luz ou da eletricidade, de dizer como veem e ouvem.

4.— Os elementos fluídicos do mundo espiritual escapam aos nossos instrumentos de análise e à percepção de nossos sentidos, feitos para a matéria tangível e não para a matéria etérea. Existem os que pertencem a um meio de tal modo diferente do nosso que só podemos entendê-los através de comparações, tão imperfeitas quanto as que um cego de nascença utiliza para procurar fazer para si uma ideia da teoria das cores.

Dentre esses fluidos, porém, alguns estão intimamente vinculados à vida corpórea e pertencem, de algum modo, ao meio terrestre. Com a falta de percepção direta, podemos observar seus efeitos, como observamos os do fluido do ímã, que nunca vimos, e adquirir a respeito de sua natureza alguns conhecimentos de certa precisão. Este estudo é essencial, pois é a chave de uma infinidade de fenômenos inexplicáveis através apenas das leis da matéria.

5. — O ponto de partida do fluido universal é o grau de pureza absoluta, de que nada pode fornecer uma ideia; o oposto é sua transformação em matéria tangível. Entre esses dois extremos, existem inumeráveis transformações que estão mais ou menos próximas de um ou do outro. Os fluidos mais perto da materialidade, os menos puros, portanto, compõem o que podemos chamar de *atmosfera espiritual terrestre*. É neste

⁶² A denominação de fenômeno *psíquico* exprime com maior precisão a ideia que a de fenômeno *espiritual*, se atentarmos que tais fenômenos repousam sobre as propriedades e os atributos da alma, ou melhor, dos fluidos perispirituais que são inseparáveis da alma. Esta qualificação os liga mais intimamente à ordem dos fatos naturais, regidos através das leis; podemos, assim, aceitá-los na qualidade de efeitos psíquicos, sem aceitá-los a título de milagres.

meio, em que se encontram igualmente diferentes graus de pureza, que os Espíritos encarnados e desencarnados da Terra retiram os elementos necessários à economia de sua existência. Estes fluidos, por mais sutis e impalpáveis que sejam para nós, não deixam de ter uma natureza grosseira, ao serem comparados aos fluidos etéreos das regiões superiores.

Passa-se o mesmo na superfície de todos os mundos, exceto pelas diferenças de constituição e as condições de vida específicas de cada um. Menos a vida é material, menos os fluidos espirituais possuem afinidade com a matéria propriamente dita.

A qualificação de *fluidos espirituais* não é rigorosamente exata, dado que, em definitivo, pertence sempre à matéria mais ou menos quintessenciada. Somente existe de realmente *espiritual* a alma ou princípio inteligente. Nós os assim designamos por comparação, e em razão sobretudo de sua afinidade com os Espíritos. Podemos dizer que essa é a matéria do mundo espiritual: eis porque os chamamos de *fluidos espirituais*.

6. — Quem conhece, de resto, a constituição íntima da matéria tangível? Talvez ela seja compacta apenas em relação aos nossos sentidos, e o que provaria isso é a facilidade com que é atravessada pelos fluidos espirituais e pelos Espíritos, para quem não se constituem em obstáculos maiores do que os corpos transparentes se constituem para a luz.

Tendo a matéria tangível por elemento primitivo o fluido cósmico etéreo, tem de conseguir, *ao se desagregar*, volver ao estado de eterização, como o diamante, o mais duro dos corpos, consegue volatilizar-se em gás impalpável. *A solidificação da matéria, na realidade, é apenas um estado transitório do fluido universal, que consegue volver ao seu estado primitivo quando as condições de coesão cessam de existir.*

Quem é que sabe mesmo se, no estado de tangibilidade, a matéria não é suscetível de adquirir uma espécie de eterização que lhe forneceria suas propriedades específicas? Certos fenômenos, que parecem autênticos, tenderiam a nos fazer pressupô-lo. Nós possuímos ainda apenas as balizas do mundo invisível, e o futuro nos reserva sem dúvida o conhecimento de novas leis que nos permitirão compreender o que é ainda para nós um mistério.

Formação e propriedades do perispírito.

7. — O perispírito, ou corpo fluídico dos Espíritos, é um dos produtos mais importantes do fluido cósmico; é uma condensação desse fluido em torno de um foco de inteligência ou *alma*. Já vimos que o corpo carnal obtém igualmente seu princípio desse mesmo fluido transformado e condensado em matéria tangível; no perispírito, a transformação molecular se realiza diferentemente, pois o fluido conserva sua imponderabilidade e suas qualidades etéreas. O corpo perispiritual e o corpo carnal têm, portanto, sua origem no mesmo elemento primitivo; um e o outro pertencem à matéria, conquanto em dois estados diferentes.

8. — Os Espíritos compõem seu perispírito no meio onde se achem, quer dizer que esse invólucro é formado de fluidos ambientes; daqui resulta que os elementos constituintes do perispírito têm de variar conforme os mundos. Sendo Júpiter considerado um mundo muito adiantado, em comparação com a Terra, onde a vida corpórea não apresenta a materialidade da nossa, os invólucros perispirituais tem de ser ali de natureza infinitamente mais quintessenciada que na Terra. Ora, como nós não conseguiríamos existir naquele mundo com nosso corpo carnal, nossos Espíritos não seriam capazes de penetrar nele com seu perispírito terrestre. Deixando a Terra, o Espírito deixa aqui seu invólucro fluídico e se reveste de um outro adequado ao mundo aonde tem que ir.

9. — A natureza do envoltório fluídico está sempre de acordo com o grau de adiantamento moral do Espírito. Os Espíritos inferiores não conseguem trocá-lo a seu talante e, por conseguinte, não são capazes, espontaneamente, de se transportar de um mundo para outro. Alguns existem cujo invólucro fluídico, embora etéreo e imponderável, em comparação com a matéria tangível, é ainda muito pesado, se podemos exprimir-nos assim, em comparação com o mundo espiritual, para lhe permitir deixar seu meio. É preciso alinhar nesta categoria aqueles cujo perispírito é assaz grosseiro para que eles o confundam com seu corpo carnal, e para que, por esta razão, se creiam sempre vivos. Estes Espíritos, cujo número é muito grande, ficam pela superfície da Terra como os encarnados, julgando sempre entreter-se com suas ocupações; outros são um pouco mais desmaterializados, todavia, não o bastante para se erguerem acima das regiões terrestres⁶³.

Os Espíritos superiores, ao contrário, conseguem vir aos mundos inferiores e até mesmo encarnar-se ali. Eles extraem dos elementos constituintes do mundo em que entram os materiais do invólucro fluídico ou carnal adequado ao meio onde se encontram, procedendo como o grande senhor que abandona suas belas roupagens para se vestir temporariamente como os pobres, nem por isso deixando de ser um grande senhor.

Eis como os Espíritos de ordem mais elevada conseguem manifestar-se aos habitantes da Terra, ou encarnar-se em missão entre eles. Estes Espíritos trazem consigo, não seu invólucro, mas a lembrança intuitiva das regiões de onde vêm e que enxergam pelo pensamento. São como videntes entre cegos.

10. — A camada dos fluidos espirituais que envolvem a Terra deve ser comparada às camadas inferiores da atmosfera, mais pesadas, mais compactas, menos puras que as camadas superiores. Tais fluidos não são homogêneos; trata-se de u'a mistura de moléculas de diversas qualidades, entre as quais se acham necessariamente as moléculas elementares que formam a base, porém, mais ou menos modificadas. Os efeitos produzidos por esses fluidos ocorrerão em razão do *montante* das partes puras que encerram. Tal é, por comparação, o álcool retificado ou misturado, em diferentes proporções, com água ou outras substâncias: seu peso específico aumenta com a mistura, ao mesmo tempo que sua força e sua inflamabilidade diminuem, posto que na composição exista álcool puro.

Os Espíritos chamados a viver nesse ambiente daí extraem seu perispírito; mas, *conforme o Espírito seja mais ou menos purificado, seu perispírito se forma com os*

⁶³ Exemplos de Espíritos que se creem ainda deste mundo: *Revista Espírita*, dezembro de 1859; novembro de 1864; abril de 1865.

elementos mais puros ou com os mais grosseiros do fluido próprio do mundo onde se encarna. O Espírito ali produz, sempre por comparação e não por identificação, o efeito de um reagente químico que atrai as moléculas assimiláveis em razão de sua natureza.

Resulta daí este fato *capital*: que a *constituição íntima do perispírito não é idêntica para todos os Espíritos, encarnados ou desencarnados, que povoam a Terra ou o espaço circundante.* Não é o que sucede com o corpo carnal, que, como demonstramos, se formou com os mesmos elementos, seja qual for a superioridade ou a inferioridade do Espírito. Por isso, para todos, as sensações produzidas pelo corpo são as mesmas, as necessidades são parecidas, enquanto diferem em relação a tudo o que é inerente ao perispírito.

Disso resulta ainda que *o invólucro perispiritual do mesmo Espírito se modifica com o progresso do Espírito, a cada encarnação, encarnando embora em um mesmo ambiente; que, ao se encarnarem os Espíritos superiores, excepcionalmente, em missão em um mundo inferior, obtêm um perispírito menos grosseiro do que o dos nativos desse mundo.*

11. — O meio ambiente está sempre de acordo com a natureza dos seres que nele têm que viver; os peixes estão na água; os seres terrestres estão no ar; os seres espirituais estão no fluido espiritual ou etéreo, mesmo na Terra. *O fluido etéreo é para as necessidades do Espírito o que a atmosfera é para as necessidades dos encarnados.* Ora, assim como os peixes não conseguem viver no ar; que os animais terrestres não conseguem viver em uma atmosfera muito rarefeita para seus pulmões, os Espíritos inferiores não conseguem suportar o brilho e a impressão, os mais etéreos, do fluido. Não morrem aí, porque o Espírito não morre, mas uma força instintiva os mantém afastados, como a gente se afasta de um fogo muito quente ou de uma luz muito brilhante. Eis porque eles não conseguem sair do ambiente adequado à sua natureza; para mudar a situação, é preciso que mudem primeiro sua natureza; que se despojem dos instintos materiais que os retêm nos ambientes materiais; em suma, que eles se purifiquem e se transformem moralmente; então, gradualmente, eles vão identificando-se com um meio mais depurado, que se torna para eles uma necessidade, uma exigência, como os olhos de quem durante muito tempo viveu nas trevas se habituem imperceptivelmente à luz do dia e ao brilho do sol.

12. — Assim, tudo se une, tudo se encaixa no universo; tudo se submete à grande e harmoniosa lei da unidade, desde a materialidade mais densa até a espiritualidade mais pura. A Terra é como um vaso donde escapa uma fumaça espessa, que vai clareando à proporção que se eleva, e cujas parcelas rarefeitas se perdem no espaço infinito.

O poder divino brilha em todos os elementos deste conjunto grandioso, e ainda existe quem queira que Deus, para atestar seu poder com mais eficácia, descontente com o que tenha criado, venha perturbar esta harmonia! Quem queira que desça ao papel de mágico, através de efeitos infantis dignos de um prestidigitador! E quem ouse, ainda por cima, oferecer-lhe como rival em habilidade Satã, ele mesmo! Jamais, na verdade, se rebaixou tanto a majestade divina, e ainda se espantam com o progresso da incredulidade!

O povo tem razão quando diz: “A fé se vai!”; mas é a fé em tudo o que agride o bom senso e a razão que se vai; é a fé igual à que fez dizer outrora: “Os deuses se vão!” Contudo, a fé nas coisas sérias, a fé em Deus e na imortalidade, está sempre vivaz no coração do homem, e se foi abafada debaixo das histórias infantis com as quais a

sobrecarregaram, ela se levanta mais forte, assim que se vê livre, como a planta mirrada se levanta, assim que revê o sol!

Sim, tudo é milagre na natureza, porque tudo é admirável e testemunha a sabedoria divina! Estes milagres são para todo o mundo, para todos os que têm olhos para ver e ouvidos para ouvir, e não para proveito de alguns. Não! Não existem milagres no sentido que se atribui a esta palavra, porque tudo flui das leis eternas da criação e porque essas leis são perfeitas.

*Ação dos Espíritos sobre os fluidos. Criações fluídicas.
Fotografia do pensamento.*

13. — Os fluidos espirituais, que constituem um dos estados do fluido cósmico universal, são, para falar propriamente, a atmosfera dos seres espirituais; é o elemento donde obtêm os materiais sobre que atuam; é o meio ambiente em que ocorrem os fenômenos especiais, perceptíveis à vista e ao ouvido do Espírito, e que escapam aos sentidos carnis, impressionáveis somente pela matéria tangível; em que se forma aquela luz específica do mundo espiritual, diferente da luz ordinária em suas causas e em seus efeitos; é, enfim, o veículo do pensamento, como o ar é o veículo do som.

14. — Os Espíritos atuam sobre os fluidos espirituais, manipulando-os diferentemente de como os homens manipulam os gases, ou seja, com a ajuda do pensamento e da vontade. O pensamento e a vontade são para os Espíritos o que a mão é para o homem. Através do pensamento, eles imprimem aos fluidos tal ou qual direção; eles os aglomeram, combinam ou dispersam; eles compõem conjuntos com aparência, forma e cor determinadas; eles lhes alteram as propriedades como um químico altera a dos gases ou outros corpos, ao combiná-los conforme certas leis. É a grande oficina ou laboratório da vida espiritual.

Às vezes, tais transformações são o resultado de uma intenção; com frequência, elas são o produto de um pensamento inconsciente; basta que o Espírito pense em uma coisa para que esta coisa se produza, como basta que se module o ar para que este ar repercuta na atmosfera.

Eis porque, por exemplo, um Espírito se apresenta à vista de um encarnado dotado de vista psíquica, com as feições que tinha quando vivo na época em que se conheceram, mesmo que haja tido várias encarnações depois. Ele se apresenta com a roupa, os sinais externos — enfermidades, cicatrizes, membros amputados etc. — que tinha então; um decapitado se apresentará sem a cabeça. Não é para dizer que conservou essas feições; não certamente, pois, como Espírito, ele não é nem coxo, nem maneta, nem vesgo, nem decapitado; mas, remetendo-se seu *pensamento* à época em que era assim, seu perispírito assume imediatamente as feições, que abandona também instantaneamente, desde que o pensamento pare de atuar. Portanto, se ele foi certa vez negro e outra vez branco, vai apresentar-se como negro ou como branco, conforme a evocação seja de uma ou de outra encarnação, e para a qual remeterá seu pensamento.

Por um efeito análogo, o pensamento do Espírito cria fluidicamente os objetos de que se servia por hábito; um avaro manuseará ouro, um militar terá suas armas e seu uniforme, um fumante, seu cachimbo, um lavrador, sua charrua e os seus bois, uma velha, sua roca. Os objetos fluídicos são tão reais para o Espírito, sendo fluídico ele mesmo, como seriam em condição material para o homem; mas, pelo fato de que são criados pelo pensamento, a sua existência é tão fugaz quanto o pensamento⁶⁴.

15. — Sendo os fluidos o veículo do pensamento, este atua nos fluidos, como o som atua no ar; eles nos trazem o pensamento, como o ar nos traz o som. Podemos dizer, assim, em plena verdade, que existem, nos fluidos, ondas e raios de pensamentos, que se cruzam sem se confundir, como existem no ar ondas e raios sonoros.

Há mais: criando *imagens fluídicas*, o pensamento se reflete no invólucro perispiritual como em um espelho; ele constrói um corpo e se *fotografa* nele por algum processo. Quando um homem, por exemplo, tem a ideia de matar um outro, por mais alheio que esteja seu corpo material, seu corpo fluídico é posto em ação pelo pensamento, de que reproduz todas as nuances; ele executa fluidicamente o gesto, o ato que tem o desejo de realizar; o pensamento cria a imagem da vítima, e a cena inteira se pinta, como em um quadro, tal qual está em seu espírito.

Eis como os movimentos mais secretos da alma repercutem no invólucro fluídico; como uma alma pode ler em outra alma como em um livro e ver o que não é perceptível para os olhos do corpo. Todavia, percebendo a intenção, a alma consegue pressentir a realização do ato que ocorrerá em seguida, mas não consegue determinar o momento em que se dará, nem precisar os detalhes, nem mesmo afirmar se acontecerá, porque algumas circunstâncias posteriores podem modificar os planos pendentes e alterar as disposições. Ela não consegue ver o que não se acha ainda no pensamento; o que ela vê é a preocupação habitual do indivíduo, seus desejos, seus projetos, seus desígnios bons ou maus.

Qualidades dos fluidos.

16. — A atuação dos Espíritos nos fluidos espirituais tem consequências de uma importância direta e capital para os encarnados. Como os fluidos são o veículo do pensamento, como o pensamento consegue modificar suas propriedades, é evidente que eles tem de estar impregnados com as qualidades boas ou más dos pensamentos que os fazem vibrar, consolidados pela pureza ou pela impureza dos sentimentos. Os maus pensamentos corrompem os fluidos espirituais, como os miasmas deletérios corrompem o ar respirável. Os fluidos que cercam ou que emitem os maus Espíritos são, portanto, viciados, enquanto os que recebem a influência dos bons Espíritos são tão puros quanto compreende o grau da perfeição moral destes.

⁶⁴ Revista Espírita, julho de 1859. — O Livro dos Médiuns, 2.^a parte, cap. VIII.

17. — Seria impossível fazer uma enumeração ou classificação dos bons e dos maus fluidos, ou especificar suas qualidades respectivas, haja vista ser a sua diversidade tão numerosa quanto a dos pensamentos.

Os fluidos não possuem qualidades *sui generis*, mas as que adquirem no meio ambiente em que se elaboram; eles se modificam pelos eflúvios desse meio, como o ar pelas exalações, a água pelos sais das camadas que atravessa. Conforme as circunstâncias, essas qualidades são, como o ar e a água, temporárias ou permanentes, o que os torna mais especialmente adequados à produção de tais ou quais efeitos determinados.

Os fluidos não têm denominações especiais; como os odores, eles são designados por suas propriedades, seus efeitos e seu caráter original. Quanto ao aspecto moral, trazem impressos os sentimentos do ódio, da inveja, do ciúme, do orgulho, do egoísmo, da violência, da hipocrisia, da bondade, da benevolência, do amor, da caridade, da doçura etc.; quanto ao aspecto físico, são excitantes, calmantes, impregnantes, adstringentes, irritantes, suavizantes, soporíficos, narcóticos, tóxicos, reparadores, expulsos; eles se tornam uma força de transmissão, de propulsão etc. O quadro dos fluidos seria, assim, o de todas as paixões, virtudes e vícios da humanidade, e das propriedades da matéria que correspondam aos efeitos que eles produzem.

18.— Sendo os homens Espíritos encarnados, eles possuem um pouco das atribuições da vida espiritual, pois vivem tanto esta vida quanto a vida corpórea: primordialmente, durante o sono e, muitas vezes, quando estão acordados. O Espírito, ao se encarnar, conserva seu perispírito com as qualidades que lhe são próprias, o qual, como se sabe, não está confinado ao corpo, mas se irradia em toda a sua volta e o envolve como que de uma atmosfera fluídica.

Pela sua união íntima com o corpo, o perispírito representa um papel preponderante no organismo; através de sua expansão, ele põe o Espírito encarnado em contato mais direto com os Espíritos livres e também com os Espíritos encarnados.

O pensamento do Espírito encarnado atua nos fluidos espirituais como o dos Espíritos desencarnados; ele se transmite de Espírito a Espírito pela mesma via, e, conforme seja bom ou mau, saneia ou contamina os fluidos circundantes.

Se os fluidos ambientes são modificados pela emissão de pensamentos do Espírito, seu invólucro perispiritual, que é parte constituinte de seu ser, que recebe diretamente e de maneira permanente a impressão de seus pensamentos, tem de mais ainda trazer o cunho de suas qualidades boas ou más. Os fluidos contaminados pelos eflúvios dos maus Espíritos conseguem purificar-se pelo afastamento destes, mas seu perispírito será sempre o que é, enquanto o Espírito não se modificar por si mesmo.

Sendo o perispírito dos encarnados de natureza idêntica à dos fluidos espirituais, ele os absorve com facilidade, como uma esponja se embebe de líquido. Tais fluidos exercem sobre o perispírito uma ação tão direta que, por sua expansão e sua irradiação, ele se confunde com eles.

Atuando os fluidos sobre o perispírito, este, a seu turno, reage sobre o organismo material, com o qual está em contato molecular. Se os eflúvios são de boa qualidade, o corpo sente uma impressão agradável; se os eflúvios são maus, a impressão é penosa; se os maus são permanentes e enérgicos, podem determinar desarranjos físicos: certas doenças não apresentam outra causa.

Os meios onde abundam os maus Espíritos estão, portanto, impregnados de maus fluidos, que são absorvidos por todos os poros perispirituais, como o são pelos poros do corpo os miasmas pestilentos.

19. — Assim se explicam as sensações que se produzem nos locais de reunião. Uma assembleia é um foco de irradiação de pensamentos diversos; é como uma orquestra, um coro de pensamentos, onde cada qual produz sua nota. Resulta disso uma imensa quantidade de correntes e de eflúvios fluídicos, cuja impressão cada um recebe pelo sentido espiritual, como em um coro de música cada um recebe a impressão dos sons pelo sentido da audição.

Do mesmo modo, porém, que existem vibrações sonoras harmônicas e discordantes, existem também pensamentos harmônicos e discordantes. Se o conjunto é harmonioso, a impressão é agradável; se é discordante, a impressão é penosa. Por isso, não é preciso que o pensamento seja formulado em palavras; a irradiação fluídica não deixa de existir, se manifestada ou não.

Tal é a causa do sentimento de satisfação que se experimenta em uma reunião amistosa, animada de bons e benévolos pensamentos; aí reina uma como que atmosfera moral saudável, onde se respira livremente; aí nos sentimos reconfortados, porque o ambiente está impregnado de eflúvios fluídicos salutares; mas, caso se mesquem alguns pensamentos ruins, eles produzem a sensação de uma corrente de ar gelado em um lugar aquecido, ou de uma nota errada em um concerto. Assim se explicam também a ansiedade e a indisposição indefinível que se sente em um ambiente inamistoso, onde pensamentos malévolos provocam como que correntes de ar nauseabundo.

20. — O pensamento produz, assim, uma espécie de sensação física que reage sobre o moral; eis o que tão somente o Espiritismo era capaz de fazer compreender. O homem o sente instintivamente, porquanto busca as reuniões homogêneas e amistosas, onde ele sabe que deve colher novas forças morais; poderíamos dizer que aí ele recupera as perdas fluídicas, que sofre a cada dia pela irradiação do pensamento, como recupera através dos alimentos as perdas do corpo material. Ocorre, com efeito, que o pensamento é uma emissão que ocasiona uma perda real de fluidos espirituais e, portanto, de fluidos materiais, de sorte que o homem precisa retemperar-se nos eflúvios que recebe de fora.

Quando dizemos que um médico cura seu doente através de uma boa conversa, eis que estamos com a verdade absoluta, pois o pensamento benévolo traz consigo fluidos reparadores que atuam tanto no físico quanto no moral.

21. — É possível sem dúvida, perguntarão, evitar os homens que sabemos mal-intencionados, mas como fugir à influência dos maus Espíritos, que pululam em torno de nós e se metem em todo lugar sem serem vistos?

O meio é por demais simples, pois depende da vontade do homem, que traz consigo o recurso de preservação necessário. Os fluidos se unem por causa da similitude de sua natureza; os fluidos discrepantes se repelem; existe incompatibilidade entre os bons e os maus fluidos, como entre o óleo e a água.

O que fazemos quando o ar está contaminado? Nós o saneamos, purificamos, aos destruímos o foco dos miasmas, ao expulsarmos os eflúvios malsãos através de correntes mais fortes de ar puro. À invasão dos maus fluidos é preciso opor os bons fluidos; e, como cada um possui em seu próprio perispírito uma fonte fluídica permanente, trazemos o

remédio conosco; trata-se apenas de purificar essa fonte e de lhe propiciar qualidades tais que elas se constituam para as más influências um *repelente*, em lugar de serem uma força de atração. O perispírito é, portanto, uma armadura à qual é preciso fornecer a melhor têmpera possível; ora, como as qualidades do perispírito correspondem às qualidades da alma, é preciso trabalhar em seu próprio melhoramento, pois são as imperfeições da alma que atraem os maus Espíritos.

As moscas vão para onde os focos de podridões as atraem; destruamos esses focos e as moscas desaparecerão. Assim também os maus Espíritos vão aonde o mal os atrai; destruamos o mal e eles se afastarão. *Os Espíritos realmente bons, encarnados ou desencarnados, não têm nada a temer da influência dos maus Espíritos.*

EXPLICAÇÃO DE ALGUNS FENÔMENOS TIDOS COMO SOBRENATURAIS

Vista espiritual ou psíquica; dupla vista; sonambulismo; sonhos.

22. — O perispírito é o traço de união entre a vida corpórea e a vida espiritual: é através dele que o Espírito encarnado está em contínua relação com os Espíritos; é através dele, enfim, que se efetivam no homem os fenômenos especiais que não têm sua causa primordial na matéria tangível, e que, por isso mesmo, parecem sobrenaturais.

É nas propriedades e na irradiação do fluido perispiritual que é preciso procurar a causa da *dupla vista* ou *vista espiritual*, que se pode também chamar de *vista psíquica*, de que muitas pessoas estão dotadas, amiúde sem consciência, assim como da vista sonambúlica.

O perispírito é o *órgão sensitivo* do Espírito; é por seu intermédio que o Espírito encarnado obtém a percepção das coisas espirituais que escapam a seus sentidos carnis. Através dos órgãos do corpo, a vista, o ouvido e as diversas sensações são restritas e limitadas à percepção das coisas materiais; através do sentido espiritual ou *psíquico*, elas são genéricas; o Espírito vê, ouve e sente por todo o seu ser o que pertence à esfera compreendida pela irradiação de seu fluido perispiritual.

Esses fenômenos são, para o homem, a manifestação da vida espiritual; é a alma que atua fora do organismo. Na dupla vista ou percepção através do sentido psíquico, ele não vê pelos olhos do corpo, conquanto, muitas vezes, por hábito, os dirija na direção do ponto para o qual dirige sua atenção; ele vê com os olhos da alma, e a prova disso está no fato de que ele tudo vê igualmente bem com os olhos fechados, e para além do alcance do raio visual; ele lê o pensamento registrado no raio fluídico (n.º 15)⁶⁵.

23. — Conquanto, durante a vida, o Espírito esteja *rebitado* ao corpo pelo perispírito, ele não está tão escravizado que não possa esticar sua corrente e se transportar ao longe, seja na Terra, seja para qualquer ponto do espaço. O Espírito está a

⁶⁵ Fatos de dupla vista e de lucidez sonambúlica relatados na *Revista Espírita*: janeiro e novembro de 1858; julho de 1861; novembro de 1865.

contragosto vinculado a seu corpo, porque sua vida normal é a liberdade, enquanto a vida corpórea é a do servo vinculado à gleba.

O Espírito fica feliz, portanto, ao deixar seu corpo, como o pássaro deixa sua gaiola; ele se vale de todas as ocasiões para se libertar, e tira proveito, para isso, de todos os instantes em que sua presença não é necessária para a vida de relação. É o fenômeno designado sob o nome de *emancipação da alma*; sucede sempre durante o sono; todas as vezes que o corpo repousa e que os sentidos estão em inatividade, o Espírito se liberta. (*O Livro dos Espíritos*, cap. VIII.)

Nesses momentos, o Espírito vive a vida espiritual, enquanto o corpo vive apenas a vida vegetativa; ele está parcialmente no estado em que estará após a morte; ele percorre o espaço e conversa com os seus amigos e outros Espíritos livres ou *encarnados* como ele.

O liame fluídico que o retém ao corpo fica definitivamente rompido tão só com a morte; a separação completa só ocorre com a extinção absoluta da atividade do princípio vital. Enquanto o corpo viver, o Espírito, a qualquer distância que esteja, é instantaneamente convocado, desde que sua presença seja necessária; então, ele retoma o curso de sua vida exterior de relação. Às vezes, ao despertar, conserva de suas peregrinações uma recordação, uma imagem mais ou menos precisa, que constitui o sonho; mas traz consigo, todas as vezes, intuições que lhe sugerem ideias e pensamentos novos, e justificam o provérbio: A noite é boa conselheira.

Assim se explicam igualmente certos fenômenos característicos do sonambulismo natural e magnético, da catalepsia, da letargia, do êxtase etc., que são outras manifestações da vida espiritual⁶⁶.

24. — Já que a vista espiritual não se efetua através dos olhos do corpo, é que a percepção das coisas não ocorre com a luz ordinária: com efeito, a luz material se fez para o mundo material; para o mundo espiritual existe uma luz específica, cuja natureza nos é desconhecida, mas que retém, sem dúvida, uma das propriedades do fluido etéreo propícia às percepções visuais da alma. Portanto, existem a luz material e a luz espiritual. A primeira tem focos circunscritos aos corpos luminosos; a segunda tem seu foco em toda a parte: eis porque não existe obstáculo para a vista espiritual; ela não é obstada nem pela distância, nem pela opacidade da matéria; a obscuridade não existe para ela. Assim, o mundo espiritual é clareado pela luz espiritual, que possui seus efeitos próprios, como o mundo material é clareado pela luz solar.

25. — A alma, envolta por seu perispírito, traz assim consigo seu princípio luminoso; penetrando na matéria por causa de sua essência etérea, não existem corpos opacos para sua vista.

Contudo, a vista espiritual não apresenta nem a mesma profundidade, nem a mesma penetração para todos os Espíritos; somente os puros Espíritos a possuem em toda a sua pujança; nos Espíritos inferiores, ela se enfraquece com a densidade relativa do perispírito, que se interpõe como uma espécie de bruma.

Ela se manifesta, em diferentes graus, nos Espíritos encarnados através do fenômeno da segunda vista, seja no sonambulismo natural ou magnético, seja no estado de vigília. Conforme o grau da força da faculdade, dizemos que a lucidez é maior ou

⁶⁶ Exemplos de letargia e de catalepsia: *Revista Espírita: Senhora Schwabenhaus*, setembro de 1858; *A jovem cataléptica de Suábia*, janeiro de 1866.

menor. É com a ajuda dessa faculdade que certas pessoas veem o interior do organismo e descrevem a causa das doenças.

26. — A vista espiritual permite, assim, percepções especiais que, não tendo por sede os órgãos materiais, se realizam em outras condições que a vista corpórea. Eis porque não se devem esperar efeitos idênticos nem executá-la através dos mesmos procedimentos. Efetuando-se fora do organismo, ela possui u'a mobilidade que excede todas as previsões. É preciso estudá-la em seus efeitos e em suas causas, e não através do cotejo com a vista comum, que ela não está destinada a substituir, salvo em casos de exceção e que não devemos ter como regra.

27. — A vista espiritual é necessariamente incompleta e imperfeita para os Espíritos encarnados, e, portanto, sujeita a aberrações. Tendo a sua sede na alma mesma, o estado da alma deve influir nas percepções que ela propicia. De acordo com o grau de seu desenvolvimento, as circunstâncias e o estado moral do indivíduo, ela é capaz de oferecer, seja no sono, seja no estado de vigília: 1.º) a percepção de certos fatos materiais reais, como o conhecimento de eventos distantes, os detalhes descritivos de uma localidade, as causas de uma doença e os remédios convenientes; 2.º) a percepção de coisas igualmente reais do mundo espiritual, como a visão dos Espíritos; 3.º) imagens fantásticas criadas pela imaginação, análogas às criações fluídicas do pensamento. (Ver, acima, o n.º 14.) Tais criações estão sempre relacionadas às disposições morais do Espírito que as gera. Eis como é que o pensamento de pessoas fortemente imbuídas e preocupadas com certas crenças religiosas lhes mostra o inferno, suas fornalhas, suas torturas e seus demônios, exatamente como imaginam: isso se torna, às vezes, toda uma epopeia; os pagãos viam o Olimpo e o Tártaro, como os cristãos veem o inferno e o paraíso. Caso, ao despertar ou ao sair do êxtase, essas pessoas conservem uma recordação precisa de suas visões, elas as aceitam como realidades e como confirmações de suas crenças, enquanto esse fato não passa de uma consequência de seus próprios pensamentos⁶⁷. Logo, temos de fazer uma seleção muito rigorosa das visões extáticas antes de aceitá-las. O remédio para a excessiva credulidade, quanto a este tema, é o estudo das leis que regem o mundo espiritual.

28. — Os sonhos propriamente ditos apresentam as três naturezas da vista espiritual descritas acima. Às duas primeiras pertencem os sonhos com previsões, com pressentimentos e com advertências⁶⁸; na terceira, quer dizer, nas criações fluídicas do pensamento, é que se deve buscar a causa de certas imagens fantásticas, que não possuem nada de real em relação à vida na matéria, mas que se apresentam, para o Espírito, tão reais às vezes que o corpo recebe um impacto, como temos visto se embranquecerem os cabelos sob a impressão de um sonho. Essas criações podem ser provocadas pelas crenças exaltadas; pelas recordações retrospectivas; pelos pendores, desejos, paixões, medo, remorsos; pelas preocupações habituais; pelas necessidades do corpo ou uma distorção nas funções do organismo; enfim, por outros Espíritos, com um fito benévolo ou malévolos, conforme sua natureza⁶⁹.

⁶⁷ É assim que se devem explicar as visões da Irmã Elmerich, que, voltando ao tempo da paixão do Cristo, disse ter visto coisas materiais que não existiram jamais a não ser nos livros que leu; as da Senhora Cantanille (*Revista Espírita*, agosto de 1866), e uma parte das de Swedenborg.

⁶⁸ Ver, adiante, o cap. XVI, *Teoria da presciência*, n.ºs 1 a 3.

⁶⁹ *Revista Espírita*, junho e setembro de 1866. — *O Livro dos Espíritos*, cap. VIII, n.º 400.

Catalepsia; ressurreições.

29. — A matéria inerte é insensível; o fluido perispiritual também é, mas transmite a sensação ao centro sensitivo que é o Espírito. As lesões dolorosas do corpo repercutem, então, no Espírito como um choque elétrico, por intermédio do fluido perispiritual, cujos fios condutores parecem ser os nervos. É o influxo nervoso dos fisiologistas, os quais, ignorando as relações deste fluido com o princípio espiritual, não conseguiram explicar todos os efeitos.

A interrupção deve ocorrer através da separação de um membro ou da secção de um nervo, como ainda, parcialmente ou de maneira geral, e sem nenhuma lesão, nos momentos de emancipação, de superexcitação ou de preocupação do Espírito. Nesse estado, o Espírito não pensa mais no corpo e, em sua atividade febril, atrai para si, por assim dizer, o fluido perispiritual, que, ao deixar a superfície, produz aí uma insensibilidade passageira. Poderíamos ainda admitir que, em certas circunstâncias, se produz, no fluido perispiritual mesmo, uma modificação molecular que lhe suprime temporariamente a propriedade de transmissão. Eis porque, tantas vezes, no ardor do combate, um militar não percebe que se feriu; que uma pessoa cuja atenção se concentrou em um trabalho, não ouve o ruído que se faz em torno dela. É um efeito análogo, todavia, mais pronunciado, que sucede a certos sonâmbulos, na letargia e na catalepsia. Eis como, enfim, se deve explicar a insensibilidade dos convulsionários e de certos mártires. (*Revista Espírita*, janeiro de 1868: *Estudo sobre os aissauás*.)

A paralisia não tem de modo algum a mesma causa: aqui o efeito é todo orgânico; são os nervos por si mesmos os fios condutores que não estão mais aptos para a circulação fluídica; são as cordas do instrumentos que estão estragadas.

30. — Em certos estados patológicos, quando o Espírito não está mais no corpo e quando o perispírito só se adere em alguns pontos, o corpo tem todas as aparências da morte; assim, estamos absolutamente certos dizendo que a vida está por um fio. Este estado pode durar por um tempo maior ou menor; certas partes do corpo podem mesmo entrar em decomposição, sem que a vida esteja definitivamente extinta. Enquanto o derradeiro fio não se romper, o Espírito pode, seja por uma ação enérgica de sua *própria vontade*, seja por *um influxo fluídico estranho, igualmente poderoso*, ser chamado ao corpo. Assim se explicam certas prolongações da vida contrariando toda probabilidade, bem como certas pretensas ressurreições. É a planta que brota, às vezes, com uma única fibrila da raiz; mas, quando as derradeiras moléculas do corpo fluídico se destacaram do corpo carnal ou quando este último está em um estado de degradação irreparável, todo retorno à vida se torna impossível⁷⁰.

⁷⁰ Exemplos: *Revista Espírita*, O Doutor Cardon, agosto de 1863; *A mulher corsa*, maio de 1866.

Curas.

31. — O fluido universal é, como vimos, o elemento primitivo do corpo carnal e do perispírito, que não passam de transformações dele. Pela similaridade de sua natureza, o fluido condensado no perispírito pode fornecer ao corpo os princípios reparadores; o agente propulsor é o Espírito, encarnado ou desencarnado, que infiltra em um corpo deteriorado uma parte da substância de seu invólucro fluídico. A cura se realiza através da substituição por uma molécula *sadia* de uma molécula *malsã*. A força curativa corresponderá, assim, à pureza da substância inoculada; ela depende ainda da energia da vontade, que provoca uma emissão fluídica mais abundante e proporciona ao fluido maior força de penetração; e depende também das intenções que animam quem deseja curar, *seja homem, seja Espírito*. Os fluidos que emanam de uma fonte impura são como substâncias medicinais estragadas.

32. — Os efeitos da ação fluídica sobre as moléstias são extremamente variados, conforme as circunstâncias; tal ação é, às vezes, lenta e reclama um tratamento contínuo, como no magnetismo comum; outras vezes, a ação é rápida como uma corrente elétrica. Existem pessoas dotadas de um poder tal que realizam em certos doentes, curas instantâneas com a simples imposição das mãos ou mesmo com um simples ato da vontade. Entre os dois polos extremos dessa faculdade, existem nuances infinitas. Todas as curas deste gênero são variedades do magnetismo e só diferem dele pela força e pela rapidez da ação. O princípio é sempre o mesmo: é o fluido que representa o papel de agente terapêutico, e cujo efeito se subordina à sua qualidade e a circunstâncias específicas.

33. — A ação magnética pode produzir-se de várias maneiras:

1.^a) Através do fluido mesmo do magnetizador; é o magnetismo propriamente dito ou *magnetismo humano*, cuja ação se subordina à força e, sobretudo, à qualidade do fluido;

2.^a) Através do fluido dos Espíritos, atuando diretamente e *sem intermediário*, em um encarnado, seja para curar ou acalmar um sofrimento, seja para provocar o sono sonambúlico espontâneo, seja para exercer no indivíduo uma influência física ou moral qualquer. É o *magnetismo espiritual*, cuja qualidade é proporcional às qualidades do Espírito⁷¹.

3.^a) Através dos fluidos que os Espíritos vertem sobre o magnetizador e que se constitui em seu condutor. É o magnetismo *misto, semiespiritual*, ou ainda, *humano-espiritual*. O fluido espiritual, combinado com o fluido humano, fornece ao último as qualidades que lhe faltam. A participação dos Espíritos, em tal circunstância, às vezes é espontânea, mas o mais frequente é que seja provocada a pedido do magnetizador.

34. — A faculdade de curar por influência fluídica é muito comum e é capaz de desenvolver-se através de exercício; mas a de curar instantaneamente pela imposição das

⁷¹ Exemplos: *Revista Espírita*, fevereiro de 1863; abril e setembro de 1865.

mãos é mais rara, e seu grau máximo deve considerar-se como excepcional. No entanto, encontraram-se em diversas épocas e quase em todos os povos indivíduos que a possuíam em um grau elevado. Nos últimos tempos, encontraram-se vários exemplos notáveis, cuja autenticidade não tem como ser contestada. Como estas formas de cura repousam sobre um princípio natural e como o poder de realizá-las não é um privilégio, infere-se que elas não contrariam a natureza e têm de miraculoso apenas a aparência⁷².

Aparições; transfigurações.

35. — O perispírito é invisível para nós em seu estado normal, mas, como se formou de matéria etérea, o Espírito consegue, em certos casos, por um ato de sua vontade, fazer com que sofra u'a modificação molecular que o torne momentaneamente visível. Eis como se produzem as *aparições*, que, não mais que os outros fenômenos, não ficam de fora das leis da natureza. Este fenômeno não é mais extraordinário que o do vapor, o qual é invisível, quando está muito rarefeito, e fica visível, quando está condensado.

Conforme o grau de condensação do fluido perispiritual, a aparição é, às vezes, vaga e vaporosa; outras vezes, é mais nitidamente definida; enfim, em certas ocasiões, apresenta todas as exterioridades da matéria tangível, podendo mesmo chegar à tangibilidade real, a ponto de a gente equivocar-se sobre a natureza do ser que tem diante de si.

As aparições vaporosas são frequentes e acontecem assaz frequentemente quando os indivíduos assim se apresentam, após sua morte, às pessoas a que se afeiçoaram. As aparições tangíveis são mais raras, conquanto existam registros bastante numerosos, perfeitamente autênticos. Se o Espírito deseja fazer-se conhecer, ele fornecerá a seu invólucro todos os sinais exteriores de quando vivia⁷³.

36. — Devemos observar que as aparições tangíveis têm somente as exterioridades da matéria carnal, mas não poderiam possuir suas qualidades; por causa de sua natureza fluídica, elas não devem possuir a mesma coesão, porque, na realidade, não se trata de carne. Elas se formam instantaneamente e assim desaparecem, ou evaporam pela desagregação das moléculas fluídicas. Os seres que se apresentam nessas condições não nascem nem morrem como os outros homens; a gente os vê e não os vê mais, sem saber donde vêm, como vieram, nem para onde vão; não se conseguiria matá-los, nem acorrentá-los, nem encarcerá-los, visto que não têm corpo carnal; os golpes que lhes desferíssemos atingiriam o vácuo.

Tal é o caráter dos *agêneres*, com os quais conseguimos conversar sem suspeitar de quem são, mas que não fazem nunca longas visitas, não podem tornar-se hóspedes habituais de uma casa nem figurar entre os membros de uma família.

⁷² Exemplos de curas instantâneas referidas na *Revista Espírita: O príncipe de Hohenlohe*, dezembro de 1866; *Jacó*, outubro e novembro de 1866 e outubro e novembro de 1867; *Simonet*, agosto de 1867; *Caid Hassan*, outubro de 1867; *O cura Gassner*, novembro de 1867.

⁷³ *O Livro dos Médiuns*, 2.^a parte, cap.^s VI e VII.

Existe, além do mais, em toda a sua figura, em seus gestos, alguma coisa de estranho e de insólito que provém da materialidade e da espiritualidade: seu olhar, esgazeado e penetrante ao mesmo tempo, não possui a nitidez do olhar dos olhos da carne; sua linguagem breve e quase sempre sentenciosa nada tem do brilho e da volubilidade da linguagem humana; sua aproximação provoca uma sensação particular indefinível de surpresa que inspira uma espécie de medo, e, ainda que aceitos como indivíduos iguais a todos os outros, a gente diz involuntariamente: Eis aí um sujeito esquisito⁷⁴.

37. — Tendo iguais perispíritos os encarnados e os desencarnados, por efeito de completa identidade, um Espírito encarnado consegue aparecer, em um momento de liberdade, em um ponto diferente do local onde seu corpo repousa, com seus traços habituais e com todos os sinais de sua identidade. Foi este fenômeno, do qual temos exemplos autênticos, que deu origem à crença nos homens duplos⁷⁵.

38. — Um efeito peculiar a esta espécie de fenômenos ocorre porque as aparições vaporosas e mesmo as tangíveis não são perceptíveis indistintamente por todos; os Espíritos só se mostram quando e a quem querem. Um Espírito conseguiria, portanto, aparecer em uma assembleia a um ou a vários assistentes, e não ser visto por outros. Isto provém do fato de que estas espécies de percepções se efetuam através da vista espiritual e não da visão carnal; pois não somente a vista espiritual não se permite a todas as pessoas, mas pode, conforme a necessidade, ser cassada, pela vontade do Espírito, daquele a quem não deseja mostrar-se, como ele pode propiciá-la eventualmente, se considera necessário.

A condensação do fluido perispiritual nas aparições, inclusive a tangibilidade, não tem, portanto, as propriedades da matéria comum: caso contrário, se fossem perceptíveis as aparições através dos olhos do corpo, todas as pessoas presentes seriam capazes de vê-las⁷⁶.

39. — Conseguindo o Espírito efetuar transformações na contextura de seu invólucro perispiritual e irradiando-se este invólucro ao redor do corpo como que uma atmosfera fluídica, um fenômeno análogo ao das aparições pode produzir-se na superfície mesma do corpo. Sob a camada fluídica, a figura real do corpo pode desfazer-se mais ou menos completamente e tomar outros traços; ou, ainda, os traços primitivos vistos através da camada fluídica modificada, como que através de um prisma, podem assumir outra expressão. Se o Espírito encarnado, saindo do ambiente terreno, se identificar com os fatos do mundo espiritual, a expressão de um rosto feio pode vir a ser bela, radiante, e, às vezes, até mesmo luminosa; se, ao contrário, o Espírito se conturbou por causa de paixões ruins, um rosto bonito pode assumir aspecto medonho.

Eis como se operam as *transfigurações*, que são sempre um reflexo das qualidades e dos sentimentos predominantes do Espírito. Este fenômeno é, portanto, o resultado de

⁷⁴ Exemplos de aparições vaporosas ou tangíveis e de agêneres: *Revista Espírita*, janeiro e outubro de 1858; janeiro, fevereiro, março, agosto e novembro de 1859; abril e maio de 1860; julho de 1861; abril de 1866; *O lavrador Martin, apresentado a Luís XVIII*, detalhes completos, dezembro de 1866.

⁷⁵ Exemplos de aparições de pessoas vivas: *Revista Espírita*, dezembro de 1858; fevereiro e agosto de 1859; novembro de 1860.

⁷⁶ Devem ser aceitos apenas com extrema reserva os relatos de aparições puramente individuais que, em certos casos, poderiam ser o efeito da imaginação superexcitada, e, às vezes, uma invenção com objetivo interesseiro. Convém, assim, observar escrupulosamente as circunstâncias, a honorabilidade da pessoa, como também o interesse que poderia ter em abusar da credulidade de indivíduos excessivamente confiantes.

uma transformação fluídica; é uma espécie de aparição perispiritual que se produz no próprio corpo vivo, às vezes no momento da morte, ao invés de se produzir a distância, como nas aparições propriamente ditas. O que distingue as aparições deste gênero é que, geralmente, são perceptíveis por todos os presentes e através dos olhos do corpo, precisamente porque elas têm por base a matéria carnal visível, enquanto, nas aparições puramente fluídicas, não existe qualquer matéria tangível⁷⁷.

Manifestações materiais. Mediunidade.

40. — Os fenômenos das mesas girantes e falantes, da suspensão etérea dos corpos pesados, da escrita medianímica, tão antigos quanto o mundo, mas vulgares hoje, fornecem a chave de alguns fenômenos análogos espontâneos, aos quais, na ignorância da lei que os rege, lhes haviam sido atribuídos caráter sobrenatural e miraculoso. Esses fenômenos decorrem das propriedades do fluido perispiritual, seja dos encarnados, seja dos Espíritos livres.

41. — É com a ajuda de seu perispírito que o Espírito atua em seu corpo vivo; é ainda através deste mesmo fluido que ele se manifesta, atuando na matéria inerte, que produz os ruídos, os movimentos de mesas e outros objetos, que ele ergue, derruba ou transporta. Este fenômeno não tem nada de surpreendente, caso se considere que, entre nós, os mais poderosos propulsores se encontram nos fluidos mais rarefeitos e mesmo imponderáveis, como o ar, o vapor e a eletricidade.

É igualmente com a ajuda de seu perispírito que o Espírito faz com que os médiuns escrevam, falem ou desenhem; não possuindo mais corpo tangível para atuar ostensivamente quando deseja manifestar-se, ele se serve do corpo do médium, cujos órgãos toma emprestados, o qual utiliza como se fosse seu próprio corpo, e isso através do eflúvio fluídico que despeja nele.

42. — É pelo mesmo meio que o Espírito atua na mesa, seja para movê-la simplesmente, seja para fazê-la bater inteligentemente, indicando as letras do alfabeto para formar palavras e frases, fenômeno designado sob o nome de *tiptologia*. A mesa, aqui, é apenas um instrumento do qual se serve o Espírito, como se faz com o lápis para escrever; ele lhe concede uma vida efêmera através do fluido que lhe insere, mas *não se identifica de fato com ela*. As pessoas que, em sua emoção, ao verem manifestar-se um ser que lhes é caro, abraçam a mesa, perpetram um ato ridículo, pois é exatamente como se abraçassem um bastão de que um amigo se serve para bater. Sucede o mesmo com as pessoas que conversam com a mesa, como se o Espírito estivesse preso na madeira, ou como se a madeira se tivesse convertido em Espírito.

Quando as comunicações acontecem por esse método, é preciso representar o Espírito, não dentro da mesa, mas a seu lado, *tal como em vida*, e tal como o veríamos, se nesse momento tivesse como pôr-se visível. A mesma coisa acontece nas comunicações

⁷⁷ Exemplo e teoria da transfiguração: *Revista Espírita*, março de 1859. (*O Livro dos Médiuns*, 2.^a parte, cap. VII.)

através da escrita; nós veríamos o Espírito ao lado do médium, dirigindo sua mão ou transmitindo-lhe seu pensamento através de uma corrente fluídica.

43. — Quando a mesa se destaca do solo e flutua no espaço sem ponto de apoio, o Espírito não a levanta com a força do braço, mas a envolve e lhe insere uma espécie de atmosfera fluídica que neutraliza o efeito da gravidade, como o ar faz com os balões e as pipas. O fluido com o qual ela se inseriu lhe fornece, por alguns momentos, uma leveza específica maior. Quando a mesa está no chão, permanece em um estado análogo ao da campânula pneumática sob a qual se faz o vácuo. Estas são apenas comparações para demonstrar a analogia dos efeitos e não a similitude absoluta das causas. (*O Livro dos Médiuns*, 2.^a parte, cap. IV.)

Depreende-se disto que não é mais difícil para um Espírito levantar uma pessoa que levantar u'a mesa, de transportar um objeto de um lugar a outro ou de jogá-lo para qualquer lado; tais fenômenos se produzem através da mesma lei⁷⁸.

Quando a mesa persegue alguém, não é o Espírito quem corre, pois pode ficar tranquilamente no mesmo lugar, porém, ele a impulsiona através de uma corrente fluídica com a qual a move a seu bel-prazer.

Quando as batidas se fazem ouvir na mesa ou em outro lugar, o Espírito não bate nem com sua mão, nem com um objeto qualquer; ele dirige para o ponto donde vem o ruído um jato de fluido que produz o efeito de um choque elétrico. Ele muda o ruído da mesma forma que conseguimos mudar os sons que produzimos no ar⁷⁹.

44. — Um fenômeno muito frequente na mediunidade é a aptidão de certos médiuns para escrever em uma língua que lhes é estranha; e para tratar, falando ou escrevendo, de assuntos além do acervo de sua instrução. Não é raro ver quem escreva correntemente sem ter aprendido a escrever; outros redigem poesias sem jamais terem sabido redigir um só verso na vida; outros desenhavam, pintam, esculpem, compõem música, tocam um instrumento, sem conhecer desenho, pintura, escultura ou a ciência musical. É muito frequente que um médium escrevente reproduza, sem confundir-se, a escrita e a assinatura que os Espíritos que se comunicam através dele tinham quando vivos, conquanto não os tenha jamais conhecido.

Este fenômeno não é mais maravilhoso que observar uma criança a escrever quando alguém lhe conduz a mão: podemos, assim, fazê-la executar tudo o que quisermos. Podemos, ao primeiro que chegar, fazer escrever em uma língua qualquer, ditando-lhe as palavras letra a letra. Julgamos que possa acontecer o mesmo na mediunidade, ao nos recordarmos da maneira pela qual os Espíritos se comunicam com os médiuns, que são para eles, na realidade, apenas instrumentos passivos. Se o médium possui o mecanismo,

⁷⁸ Este é o princípio do fenômeno dos *transportes*; fenômeno muito real, mas que convém só aceitar com extrema reserva, pois é um dos fenômenos que mais se prestam à imitação e ao charlatanismo. A honorabilidade incontestável da pessoa que os obtém, seu absoluto desinteresse material e *moral* e a concorrência das circunstâncias acessórias devem ser levados em séria consideração. Sobretudo, é preciso desconfiar da demasiada facilidade com que tais efeitos se produzem e ter como suspeitos os que se repetem muito frequentemente e, por assim dizer, à vontade; os prestidigitadores fazem coisas mais extraordinárias.

O fato de se elevar uma pessoa não é menos positivo, mas é muito mais raro talvez, porque é mais difícil de ser imitado. Sabemos que o Sr. Home se elevou mais de uma vez até o teto, dando voltas da sala. Dizem que São Cupertino tinha a mesma faculdade, o que não é mais miraculoso em um do que no outro.

⁷⁹ Exemplos de manifestações materiais e de perturbações pelos Espíritos: *Revista Espírita, A mocinha da Travessa dos Panoramas*, janeiro de 1858; *A Senhorita Clairon*, fevereiro de 1858; *O Espírito batedor de Bergzabern*, relato completo, maio, junho e julho de 1858; *Dibbelsdorf*, agosto de 1858; *O padeiro de Dieppe*, março de 1860; *O comerciante de São Petersburgo*, abril de 1860; *A Rua dos Noyers*, agosto de 1860; *O Espírito batedor de Aube*, janeiro de 1861; *Idem* no século dezesseis, janeiro de 1864; *Poitiers*, maio de 1864 e maio de 1865; *A Irmã Maria*, junho de 1864; *Marselha*, abril de 1865; *Fives*, agosto de 1865; *Os ratos de Equihem*, fevereiro de 1866.

se venceu as dificuldades práticas, se as expressões lhe são familiares, enfim, se possui em seu cérebro os elementos adequados para o que o Espírito deseja que execute, ele se encontra na posição do homem que sabe ler e escrever correntemente; o trabalho é mais fácil e mais rápido; o Espírito só tem de transmitir o pensamento que seu intérprete reproduz através dos meios de que dispõe.

A aptidão de um médium para as coisas que lhe são estranhas se atém, muitas vezes, também aos conhecimentos que adquiriu em uma outra existência e cuja intuição seu Espírito conservou. Se foi poeta ou músico, por exemplo, terá mais facilidade para absorver o pensamento poético ou musical que se deseja que reproduza. A língua que hoje ignora pode ter-lhe sido familiar em uma outra existência: daqui, para ele, uma aptidão maior para escrever medianimicamente nessa língua⁸⁰.

Obsessões e possessões.

45. — Os maus Espíritos pululam em torno da Terra, como resultado da inferioridade moral de seus habitantes. Sua ação maléfica faz parte dos flagelos aos quais a humanidade se expõe neste mundo. A obsessão, que é uma das consequências dessa ação, como as moléstias e todas as tribulações da vida, tem que ser considerada, portanto, como uma provação ou uma expiação, e aceita como tal.

A obsessão é a ação persistente que um mau Espírito exerce em um indivíduo. Ela apresenta características muito diferentes, desde a simples influência moral sem sinais exteriores perceptíveis, até a perturbação completa do organismo e das faculdades mentais. Ela oblitera todas as faculdades medianímicas; na mediunidade auditiva e psíquica, ela se traduz pela obstinação de um Espírito em se manifestar desde que se excluam todos os outros.

46. — Assim como as moléstias são a consequência das imperfeições físicas que fazem o corpo acessível às influências perniciosas externas, a obsessão é sempre a consequência de uma imperfeição moral, que abre a guarda para um mau Espírito. A uma causa física, a gente opõe uma força física; a uma causa moral, é preciso sobrepor uma força moral. Para se preservar das moléstias, a gente fortalece o corpo; para se resguardar da obsessão, é preciso fortalecer a alma; daqui, para o obsedado, a necessidade de trabalhar por seu próprio melhoramento, o que é suficiente, o mais das vezes, para desembaraçá-lo do obsessivo, sem o auxílio de pessoas estranhas. Esse auxílio se torna necessário quando a obsessão degenera em subjugação e em possessão, pois, então, o paciente perde às vezes seu ânimo e seu livre-arbítrio.

A obsessão, quase sempre, existe em decorrência de uma vingança exercida por um Espírito, e que, o mais das vezes, tem sua origem nas relações que o obsedado manteve com ele em uma existência precedente.

⁸⁰ A aptidão de certas pessoas para as línguas que elas sabem, por assim dizer, sem as haver aprendido, tem somente como causa uma lembrança intuitiva do que souberam em uma outra existência. O exemplo do poeta Méry, referido na *Revista Espírita* de novembro de 1864, é uma prova disso. É evidente que, se o Sr. Méry tivesse sido médium em sua juventude, teria escrito em latim tão facilmente quanto em francês, e isso teriam proclamado como um prodígio.

Nos casos de grave obsessão, fica o obsedado como que envolvido e impregnado de um fluido pernicioso que neutraliza a ação dos fluidos sadios e os repele. É de tal fluido que é preciso livrar-se; ora, um mau fluido não pode ser repellido por um mau fluido. Através de uma ação similar àquela de um médium curador em caso de moléstia, *é preciso expulsar o mau fluido com a ajuda de um fluido melhor.*

Trata-se de uma ação mecânica que nem sempre é suficiente; é preciso também, e sobretudo, *atuar no ser inteligente* ao qual é preciso ter a prerrogativa de *falar com autoridade*, e esta autoridade é proporcionada tão só pela superioridade moral; quanto maior a superioridade, tanto maior a autoridade.

Mas isso não é tudo: para assegurar a liberação, é preciso fazer com que o Espírito perverso renuncie a seus maus desejos; é preciso provocar nele o arrependimento e o desejo do bem, com a ajuda de instruções habilmente administradas, nas evocações particulares realizadas objetivando sua educação moral; então podemos ter a agradável satisfação de libertar um encarnado e de converter um Espírito imperfeito.

A tarefa se torna mais fácil quando o obsedado, compreendendo sua situação, concorre com seu ânimo e sua prece; não é o que acontece quando este, seduzido pelo Espírito mistificador, se ilude a respeito das qualidades de quem o domina e se compraz no erro em que ele o chafurda; pois, então, longe de secundá-la, ele rejeita qualquer assistência. É o caso da fascinação, sempre infinitamente mais rebelde que a mais violenta subjugação. (*O Livro dos Médiuns*, 2.^a parte, cap. xxiii.)

Em todos os casos de obsessão, a prece é o mais poderoso auxílio para se atuar contra o Espírito obsessor.

47. — Na obsessão, o Espírito atua externamente com a ajuda de seu perispírito, que ele ajusta ao do encarnado; este último se encontra então enleado como em uma teia e constringido a agir contra sua vontade.

Na possessão, em vez de atuar externamente, o Espírito livre substitui, por assim dizer, o Espírito encarnado; ele se domicilia em seu corpo, sem que este, entretanto, o deixe definitivamente, o que só pode ocorrer com a morte. A possessão é, assim, sempre temporária e intermitente, pois um Espírito desencarnado não é capaz de sustentar definitivamente a substituição de um Espírito encarnado, porquanto a união molecular do perispírito e do corpo só pode realizar-se no momento da concepção. (Cap. xi, n.º 18.)

O Espírito, na posse temporária do corpo, se serve dele como do seu mesmo; fala por sua boca, vê pelos seus olhos, atua com seus braços, como o teria feito vivo. Não é mais como na mediunidade falante, em que o Espírito encarnado fala ao transmitir o pensamento de um Espírito desencarnado; é este mesmo quem fala e atua, e, se o conheceram quando vivo, vão reconhecê-lo por sua linguagem, por sua voz, por seus gestos e até pela expressão de sua fisionomia.

48. — A obsessão existe sempre em decorrência da maldade de um Espírito. A possessão pode decorrer do fato de um bom Espírito desejar falar, o qual, para causar melhor impressão em seus ouvintes, *toma emprestado* o corpo a um encarnado, corpo que este lhe empresta voluntariamente, como a gente empresta sua roupa. Isso se faz sem nenhuma perturbação ou indisposição; durante esse tempo, o Espírito se encontra em liberdade, como no estado de emancipação, e, o mais das vezes, se mantém ao lado de seu substituto para ouvi-lo.

Quando o Espírito possessor é mau, os fatos se passam de outro modo; ele não toma emprestado o corpo; ele se apodera dele, se o titular não tem *força moral para resistir-lhe*. Ele o faz por meio de agressividade contra o posseso, que tortura e martiriza de todas as maneiras, podendo até tentar fazer com que pereça, seja por sufocação, seja impelindo-o ao fogo ou a outros lugares perigosos. Ao servir-se dos membros e dos órgãos do infeliz sofredor, ele blasfema, injuria e maltrata os que o cercam; ele se entrega a excentricidades e atos com todas as características da loucura furiosa.

Os fatos deste gênero, com diferentes graus de intensidade, são muito numerosos, e muitos casos de loucura não têm outra causa. Muitas vezes se juntam algumas desordens patológicas que são consequências desses fatos, e contra as quais os tratamentos médicos são impotentes, enquanto estiver subsistindo a causa original. O Espiritismo, ao fazer conhecer a origem de uma parte das misérias humanas, indica o meio de remediá-las: tal meio é o de atuar sobre o autor do mal, que, sendo um ser inteligente, tem que ser tratado com inteligência⁸¹.

49. — A obsessão e a possessão, com maior frequência, são individuais, mas, às vezes, são epidêmicas. Quando uma nuvem de maus Espíritos se abate sobre uma localidade, é como quando uma tropa de inimigos vem invadi-la. Nesse caso, o número de indivíduos atingidos pode ser considerável⁸².

⁸¹ Exemplos de curas de obsessões e de possessões: *Revista Espírita*, dezembro de 1863; janeiro e junho de 1864; janeiro e junho de 1865; fevereiro de 1866; junho de 1867.

⁸² Foi uma epidemia deste gênero que se alastrou, há alguns anos, pela aldeia de Morzine, na Savóia. (Ver o relato completo desta epidemia na *Revista Espírita* de dezembro de 1862; e de janeiro, fevereiro, abril e maio de 1863.)

CAPÍTULO XV

OS MILAGRES DO EVANGELHO

Superioridade da natureza de Jesus. — Sonhos. — Estrela dos magos. — Dupla vista. — Curas. — Possessos. — Ressurreições. — Jesus caminha sobre a água. — Transfiguração. — Tempestade apaziguada. — As bodas de Caná. — Multiplicação dos pães. — Tentação de Jesus. — Prodígios quando da morte de Jesus. — Aparição de Jesus após sua morte. — Desaparecimento do corpo de Jesus.

SUPERIORIDADE DA NATUREZA DE JESUS

1. — Os fatos contados no Evangelho, e que foram até agora considerados miraculosos, pertencem, em sua maioria, à ordem dos *fenômenos psíquicos*, quer dizer, dos que têm por causa originária as faculdades e os atributos da alma. Ao compará-los aos que estão descritos e explicados no capítulo precedente, a gente reconhece, sem problema, que existe entre eles identidade de causa e de efeito. A história mostra fatos semelhantes em todos os tempos e em todos os povos, porquanto, desde que existam almas encarnadas e desencarnadas, os mesmos eventos têm que produzir-se. A gente pode, é verdade, contestar, quanto a eles, a veracidade da história; mas hoje em dia eles se produzem sob nossos olhos, à vontade, por assim dizer, e por indivíduos que não têm nada de excepcional. Somente a ocorrência da reprodução de um fenômeno, em condições idênticas, é suficiente para comprovar que ele é possível e se encontra submetido a uma lei, e que, por isso mesmo, não é miraculoso.

O princípio dos fenômenos psíquicos repousa, como vimos, nas propriedades do fluido perispiritual, que constitui o agente magnético; nas manifestações da vida espiritual, durante a vida e após a morte; enfim, na constituição dos Espíritos e do seu papel como força ativa da natureza. Conhecidos tais elementos e constatados seus efeitos, a consequência disso tudo é admitir-se a possibilidade de certos fatos que a gente rejeitava quando lhes era atribuída uma origem sobrenatural.

2. — Sem nada prejudicar a respeito da natureza do Cristo, cujo exame não entra no quadro desta obra, e considerando-o, por hipótese, somente um Espírito superior, não

podemos deixar de reconhecer nele um daqueles Espíritos da ordem mais elevada, situado, por suas virtudes, bem acima da humanidade terrestre. Pelos imensos resultados que ela produziu, sua encarnação neste mundo tinha que ser uma dessas missões que são confiadas apenas aos mensageiros diretos da Divindade para o cumprimento de seus desígnios. Supondo-se que não fosse Deus ele mesmo, mas um enviado de Deus para transmitir sua palavra, ele seria mais que um profeta, pois seria um messias divino.

Como homem, ele tinha a organização dos seres carnis; mas, como Espírito puro, separado da matéria, ele tinha de viver mais da vida espiritual que da vida corpórea, cujas fraquezas não possuía nenhuma. *A superioridade de Jesus sobre os homens não se prendia realmente às qualidades particulares de seu corpo, mas àquelas de seu Espírito, que dominava a matéria de modo absoluto, e àquela de seu perispírito, sorvida no setor, o mais quintessenciado, dos fluidos terrestres.* (Cap. XIV, n.º 9.) Sua alma tinha de se prender ao corpo apenas através dos laços estritamente indispensáveis; constantemente desprendido, ela havia de lhe proporcionar uma *dupla vista* não somente permanente, mas de excepcional penetração e muitíssimo superior àquela que se nota nos homens comuns. O mesmo tinha de ocorrer com todos os fenômenos que dependem dos fluidos perispirituais ou psíquicos. A qualidade desses fluidos lhe dava imensa pujança magnética, secundada pelo desejo incessante de praticar o bem.

Nas curas que ele realizava, atuava como *médium*? Podemos considerá-lo como um poderoso médium curador? Não; pois o médium é um intermediário, um instrumento de que se servem os Espíritos desencarnados. Ora, o Cristo não precisava de assistência; era ele quem assistia aos outros; atuava, portanto, por si mesmo, tendo em vista seu poder pessoal, assim como conseguem fazer os encarnados em certos casos e na medida de suas forças. Que Espírito, de resto, teria ousado insuflar-lhe seus próprios pensamentos e encarregá-lo de transmiti-los? Se ele recebesse um influxo estranho, este só poderia ser de Deus; conforme a definição oferecida por um Espírito, ele era *médium de Deus*.

SONHOS

3. — José, diz o Evangelho, foi advertido por um anjo que lhe apareceu em sonho e lhe disse para fugir para o Egito com o Menino. (*São Mateus*, cap. II, vv. 19 a 23.)

As advertências através dos sonhos representam um grande papel nos livros sagrados de todas as religiões. Sem garantir a exatidão de todos os fatos registrados e sem discuti-los, o fenômeno em si mesmo não tem nada de anormal, quando se sabe que o tempo do sono é aquele em que o Espírito, desprendendo-se dos liames da matéria, se enfronha temporariamente na vida espiritual, onde se reencontra com os que conheceu. É muitas vezes esse o momento que os Espíritos protetores escolhem para se manifestar a seus protegidos e para lhes fornecer conselhos mais diretos. Os exemplos autênticos de advertências através de sonhos são numerosos, mas não se poderia inferir disso que todos os sonhos se constituam em advertências e, ainda menos, que tudo o que se vê em sonho

tem sua significação. É preciso alinhar entre as crenças supersticiosas e absurdas a arte de interpretar os sonhos. (Cap. XIV, n.^{os} 27 e 28.)

ESTRELA DOS MAGOS

4. — Dizem que uma estrela apareceu aos magos que vieram adorar Jesus, que ela andava diante deles para lhes indicar a rota e que parou quando chegaram. (*São Mateus*, cap. II, vv. 1 a 12.)

A questão não é saber se o fato contado por São Mateus é real ou se não passa de uma figura para indicar que os magos foram guiados de maneira misteriosa para o lugar onde estava o Menino, considerando-se que não existe nenhum sistema de controle, mas saber se um fato dessa natureza é possível.

Uma coisa certa é que, nessa circunstância, a luz não tinha como ser a de uma estrela. Nisso se devia acreditar na época, quando se julgava que as estrelas seriam pontos luminosos presos ao firmamento e que pudessem cair na Terra; mas não hoje em dia quando a gente conhece sua natureza.

Por não apresentar a causa que lhe é atribuída, nem por isso a aparição de uma luz com o aspecto de uma estrela é uma coisa impossível. Um Espírito consegue aparecer sob uma forma luminosa ou transformar uma parte de seu fluido perispiritual em um ponto luminoso. Muitas ocorrências desse gênero, recentes e perfeitamente autênticas, não têm outra causa e tal causa não apresenta nada de sobrenatural. (Cap. XIV, n.^{os} 13 e seg.^s)

DUPLA VISTA

Entrada de Jesus em Jerusalém.

5. — Quando eles se aproximaram de Jerusalém, e quando haviam chegado a Betfagé, perto do Monte das Oliveiras, Jesus enviou dois de seus discípulos, — e lhes disse: Vão a essa cidade que está diante de vocês; e aí encontrarão ao chegarem uma jumenta amarrada, e seu jumentinho perto dela; soltem-na e tragam-nos para mim. — Se alguém lhes disser qualquer coisa, digam-lhe que o Senhor precisa deles, e logo ele deixará trazê-los. — Ora, tudo isso se fez a fim de que esta palavra do profeta se cumprisse: Digam à filha de Sião: Eis aqui seu rei que vem à sua presença, pleno de doçura, montado sobre uma jumenta e sobre um jumentinho daquela que está sob o jugo. (Ver *Zacarias*, IX, v. 9.)

Os discípulos se foram, portanto, e fizeram o que Jesus lhes havia mandado. — E tendo trazido a jumenta e o jumentinho, eles os cobriram com as suas vestes e o fizeram montar. (*São Mateus*, cap. XXI, vv. 1 a 7.)

O beijo de Judas.

6. — Levantem-se, vamos, aquele que tem de me trair está perto daqui. — E não havia ainda terminado essas palavras, quando Judas, um dos doze, chegou, e com ele uma tropa de gente armada de espadas e de bastões, que tinha sido enviada pelos príncipes dos sacerdotes e pelos anciãos do povo. — Ora, aquele que o estava traindo lhes tinha fornecido um sinal para reconhecê-lo, ao dizer-lhes: O que eu beijarei, é a ele mesmo que os senhores procuram; apoderem-se dele. — De pronto, pois, ele se aproximou de Jesus e lhe disse: Mestre, eu o saúdo; e ele o beijou. — Jesus lhe respondeu: Meu amigo, que veio você fazer aqui? E, ao mesmo tempo, todos os outros, avançando, se jogaram sobre Jesus e se apoderaram dele. (*São Mateus*, cap. xxvi, vv. 46 a 50.)

A pesca milagrosa.

7. — Um dia em que Jesus se encontrava na margem do lago de Genesaré, achando-se apertado pela multidão que se comprimia para ouvir a palavra de Deus, — ele viu dois barcos amarrados à margem do lago, cujos pescadores haviam descido e lavavam suas redes. — Então, ele entrou em um desses barcos, o qual pertencia a Simão, e lhe pediu para se distanciar um pouco da terra; e, havendo sentado, ensinava o povo de cima do barco.

Quando parou de falar, ele disse a Simão: Avance em pleno mar e jogue suas redes para pescar. — Simão lhe respondeu: Mestre, nós trabalhamos toda a noite sem nada pegar, não obstante, por sua palavra, eu jogarei a rede. — Havendo então jogado, eles pegaram uma tão grande quantidade de peixes que sua rede se rompeu. — E eles fizeram sinal a seus companheiros do outro barco para que viessem ajudá-los. Eles vieram e encheram de tal modo seus barcos que faltou pouco para que não afundassem. (*São Lucas*, cap. v, vv. 1 a 7.)

As vocações de Pedro, André, Tiago, João e Mateus.

8. — Ora, Jesus, caminhando ao longo do mar da Galileia, viu dois irmãos, Simão, chamado de Pedro, e André, seu irmão, que jogavam suas redes ao mar, pois eram pescadores; — e ele lhes disse: Sigam-me, e eu os farei pescadores de homens. — De pronto, eles deixaram suas redes e o seguiram.

Dali, avançando, ele viu mais dois irmãos, Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, que se encontravam em um barco com Zebedeu, seu pai, e que consertavam suas redes, e ele os chamou. — No mesmo instante, eles deixaram suas redes e seu pai, e o seguiram. (*São Mateus*, cap. iv, vv. 18 a 22.)

Jesus, saindo dali, viu, ao passar, um homem sentado na agência de impostos, chamado Mateus, ao qual disse: Siga-me; e de pronto ele se levantou e o seguiu. (*São Mateus*, cap. ix, v. 9.)

9. — Estes fatos não apresentam nada de surpreendente, quando se conhece o poder da dupla vista e a causa naturalíssima dessa faculdade. Jesus a possuía em grau supremo; podemos mesmo dizer que ela era seu estado normal, conforme atestam muitos atos de sua vida e conforme explicam, hoje em dia, os fenômenos magnéticos e o Espiritismo.

A pesca qualificada de milagrosa se explica, igualmente, pela dupla vista. Jesus não produziu espontaneamente os peixes onde não existiam; ele enxergou, como poderia tê-lo feito um lúcido desperto, através da vista da alma, o local onde se achavam e foi capaz de dizer com certeza aos pescadores para que jogassem ali suas redes.

A penetração do pensamento e, por conseguinte, certas previsões, são a consequência da vista espiritual. Quando Jesus chama a si Pedro, André, Tiago, João e Mateus, precisava conhecer suas disposições íntimas, para saber que o seguiriam e que eram capazes de cumprir a missão de que ele tinha de encarregá-los. Precisava que eles mesmos tivessem a intuição dessa missão para se abandonarem a ele. Sucede o mesmo quando, no dia da ceia, ele anuncia que um dos doze o trairá e o designa ao dizer que é aquele que põe a mão no prato, e quando afirma que Pedro o renegará.

Em muitas passagens do Evangelho se diz: “Mas Jesus, conhecendo o seu pensamento, lhes disse...” Ora, como podia ele conhecer o pensamento deles, se isso não ocorresse, ao mesmo tempo, através da irradiação fluídica, que lhe trazia tal pensamento, e a vista espiritual, que lhe permitia ler no foro íntimo dos indivíduos?

Eis que, muitas vezes, quando se julga que um pensamento esteja profundamente resguardado nos refolhos da alma, a gente não desconfia que leva consigo um espelho que o reflete, uma substância reveladora em sua própria irradiação fluídica, que dela está impregnada. Se nós víssemos o mecanismo do mundo invisível que nos envolve, as ramificações desses fios condutores do pensamento que unem todos os seres inteligentes, corpóreos e incorpóreos, os eflúvios fluídicos carregados com as sensações do mundo moral, os quais, como as correntes aéreas, atravessam o espaço, ficaríamos menos surpresos com certos efeitos que a ignorância atribui ao acaso. (Cap. XIV, n.ºs 15, 22 e seg.^s)

CURAS

A perda de sangue.

10. — Então, uma mulher, doente com uma perda de sangue de doze anos, — a qual tinha sofrido muito nas mãos de vários médicos, mas que, embora tenha consumido todos os seus bens, nem assim havia recebido nenhum alívio, e estava sempre sentindo-se pior, — tendo ouvido falar de Jesus, veio por trás, no meio da multidão, e tocou em sua roupa; pois ela dizia: Se eu puder só tocar em sua roupa, estarei curada. — No mesmo instante, a fonte do sangue que perdia estancou, e ela sentiu em seu corpo que estava curada daquela doença.

Imediatamente, Jesus, *tendo conhecimento por si mesmo da virtude que havia saído dele*, deu meia-volta no meio da multidão e perguntou: Quem tocou em minhas roupas? — Seus discípulos lhe responderam: O senhor vê que a multidão o aperta de todos os lados e pergunta quem o tocou? — E ele olhava em torno de si para ver aquela que o havia tocado.

Mas a mulher, que sabia o que se havia passado com ela, assaltada de medo e de pavor, veio jogar-se a seus pés, e lhe declarou toda a verdade. — E Jesus lhe disse: Minha filha, sua fé a salvou; vá em paz, e esteja curada de sua doença. (*São Marcos*, cap. v, vv. 25 a 34.)

11. — As palavras “*tendo conhecimento por si mesmo da virtude que havia saído dele*” são significativas; elas exprimem a transfusão fluídica que se realizou de Jesus para a mulher doente; ambos perceberam a ação que acabava de produzir-se. Devemos observar que o efeito não foi provocado por nenhum ato da vontade de Jesus; ele nem magnetizou nem impôs as mãos. A irradiação fluídica normal foi suficiente para realizar a cura.

Mas por que essa irradiação se dirigiu para essa mulher, de preferência aos demais, dado que Jesus não pensava nela e que estava cercado pela multidão?

A razão disso é bem simples. Sendo o fluido concebido como matéria terapêutica, tem de alcançar a desordem orgânica para repará-la; ele pode ser dirigido contra o mal pela vontade do curador, ou atraído pelo desejo ardente, pela confiança, em suma, pela fé do doente. Quanto à corrente fluídica, o primeiro produz o efeito de uma bomba de compressão e o segundo, de uma bomba de aspiração. Às vezes, a simultaneidade dos dois efeitos é necessária, outras vezes, um só é suficiente; foi o segundo efeito que se deu nesta circunstância.

Jesus tinha, portanto, razão de dizer “*sua fé a salvou*”. Compreendamos aqui que não se trata de fé como virtude mística, tal como certas pessoas a entendem, mas uma verdadeira *força atrativa*, enquanto quem não a possui opõe à corrente fluídica uma força repulsiva ou, pelo menos, uma força de inércia, que paralisa a ação. Sendo assim, temos de compreender que dois doentes com o mesmo mal, na presença de um curador, um pode ser curado e o outro não. Eis aqui um dos princípios mais importantes da mediunidade curadora e que explica, por uma causa naturalíssima, certas anomalias aparentes. (Cap. XIV, n.ºs 31 a 33.)

O cego de Betsaida.

12. — Tendo chegado a Betsaida, trouxeram-lhe um cego em quem lhe pediram para tocar.

E, pegando o cego pela mão, ele o levou para fora do povoado; ele lhe pôs saliva nos olhos e, havendo imposto sobre ele as mãos, perguntou-lhe se via alguma coisa. — O homem, enxergando, disse-lhe: Vejo andar homens que me parecem como árvores. — Jesus lhe pôs ainda uma vez as mãos sobre os olhos, e ele começou a ver melhor; e, finalmente, ficou de tal modo curado que via distintamente todas as coisas.

Ele o trouxe, em seguida, de volta para casa e lhe disse: Vá para sua casa; e se você entrar no povoado, não diga a ninguém o que lhe sucedeu. (*São Marcos*, cap. VIII, vv. 22 a 26.)

13. — Aqui, o efeito magnético está evidente; a cura não foi instantânea mas gradual e como resultado de uma ação segura e reiterada, conquanto mais rápida que na magnetização comum. A primeira sensação do homem é de fato a que experimentam os cegos ao recobrem a luz; através de um efeito de ótica, os objetos parecem ter uma dimensão desmesurada.

O paralítico.

14. — Jesus, tendo entrado em um barco, atravessou de volta o lago e veio para a cidade (Cafarnaum). — E, como lhe apresentassem um paralítico deitado em uma cama, Jesus, observando sua fé, disse ao paralítico: Meu filho, tenha confiança: seus pecados lhe são perdoados.

Imediatamente, alguns escribas disseram lá consigo: Este homem blasfema. — Mas Jesus, *tomando conhecimento do que eles pensavam*, perguntou-lhes: Por que vocês trazem maus pensamentos em seus corações? — Pois, o que é mais fácil de dizer: os seus pecados lhe são perdoados; ou dizer: levante-se e ande? — Ora, para que saibam que o Filho do homem tem no mundo autoridade para perdoar os pecados: levante-se, disse então ao paralítico; pegue sua cama e vá para sua casa.

O paralítico se levantou de pronto e foi embora para sua casa. — E o povo, vendo esse milagre, encheu-se de medo e rendeu homenagem a Deus por ter concedido um tal poder aos homens. (*São Mateus*, cap. ix, vv. 1 a 8.)

15. — Que podiam significar estas palavras: “Seus pecados lhe são perdoados” e como podiam servir para a cura? O Espiritismo fornece a chave dessas palavras, como de uma infinidade de outras não compreendidas até hoje; ele nos ensina, através da lei da pluralidade das existências, que os males e as aflições da vida são, o mais das vezes, expiações do passado e que nós sofremos, na vida presente, as consequências das faltas que cometemos em uma existência anterior: as diferentes existências são solidárias umas com as outras, até que paguemos o débito de nossas imperfeições.

Portanto, se a moléstia desse homem era uma punição pelo mal que devia ter cometido, ao lhe dizer: “Seus pecados lhe são perdoados”, era como se lhe dissesse: “Você pagou seu débito; a causa de sua doença se desfez através de sua fé presente; por isso, você merece ficar livre de sua doença.” Eis porque ele disse aos escribas: “É mais fácil dizer: Seus pecados lhe são perdoados, que: Levante-se e ande”; cessando a causa, o efeito deve cessar. é o mesmo caso de um prisioneiro a quem se diga: “O seu crime está expiado e perdoado”, o que equivaleria a dizer: “Você pode sair da prisão.”

Os dez leprosos.

16. — Uma vez, quando ele se dirigia a Jerusalém e passava pelos confins da Samaria e da Galileia, — estando prestes a entrar em uma aldeia, dez leprosos vieram para diante dele; e, mantendo-se afastados, eles ergueram suas vozes e lhe disseram: Jesus, nosso mestre, tenha piedade de nós. — Quando ele os reconheceu, disse-lhes: Vão mostrar-se aos sacerdotes. E porque para lá estavam indo, eles foram curados.

Um deles, percebendo que estava curado, voltou sobre seus passos, glorificando a Deus em alta voz; — e veio prostrar-se aos pés de Jesus, o rosto no chão, rendendo-lhe graças; e esse era samaritano.

Então Jesus disse: Não foram todos os dez curados? Onde estão os outros nove? — Só foi encontrado o que havia voltado e glorificado a Deus, tão somente aquele estrangeiro. — E disse-lhe: Levante-se e vá; sua fé o salvou. (*São Lucas*, cap. xvii, vv. 11 a 19.)

17. — Os samaritanos eram cismáticos, mais ou menos como os protestantes em relação aos católicos, e eram menosprezados pelos judeus na qualidade de heréticos. Jesus, ao curar indistintamente samaritanos e judeus, oferecia de uma só vez uma lição e um exemplo de tolerância; e, ao ressaltar que apenas o samaritano tinha voltado para render homenagem a Deus, ele demonstrava que existia nele uma fé mais verdadeira e maior reconhecimento que naqueles que se diziam ortodoxos. Ao ajuntar: “sua fé o

salvou”, ele faz ver que Deus olha para o fundo do coração e não para forma exterior da adoração. No entanto, os outros foram curados; era preciso para a lição que desejava ministrar e para provar sua ingratidão; mas quem sabe o que terá resultado disso e se eles se terão beneficiado do favor que ele lhes havia concedido? Ao dizer ao samaritano: “sua fé o salvou”, Jesus dá a entender que não terá sido o mesmo em relação aos outros.

A mão seca.

18. — Jesus entrou outra vez na sinagoga, onde encontrou um homem que tinha uma das mãos seca. — E eles o observavam para ver se ele o curaria em um sábado, com o fito conseguir um motivo para acusá-lo. — Então, disse ele ao homem que tinha a mão seca: Levante-se e se ponha ali no meio. — Depois perguntou a eles: É permitido, no sábado, praticar o bem ou o mal, salvar a vida ou tirá-la? E eles ficaram em silêncio. — Ele, porém, olhando-os com irritação, por estar aflito por causa da cegueira de seu coração, disse ao homem: Estenda sua mão. Ele a estendeu, e ela ficou boa.

Logo após, tendo-se retirado os fariseus, formaram uma assembleia contra ele com os partidários de Herodes Ântipas em busca de um meio de perdê-lo. — Mas Jesus se retirou com os seus discípulos para o mar, para onde uma grande multidão de povo o seguiu da Galileia e da Judeia, — de Jerusalém, da Idumeia, e do lado de lá do Jordão; e aqueles das redondezas de Tiro e de Sídon, tendo ouvido falar das coisas que ele fazia, vieram em grande número encontrá-lo. (*São Marcos*, cap. III, vv. 1 a 8.)

A mulher curvada.

19. — Jesus ensinava em uma sinagoga todos os sábados. — E, certa vez, percebeu u’á mulher possuída por um Espírito que a mantinha doente há dezoito anos; e ela estava tão curvada que não tinha de fato como olhar para o alto. — Ao vê-la, Jesus a chamou e disse: Mulher, você está livre de sua enfermidade. — Ato contínuo, impôs-lhe as mãos; e, ficando logo ereta, ela rendeu homenagem a Deus.

Mas o chefe da sinagoga, indignado porque Jesus havia curado em um sábado disse ao povo: Há seis dias destinados para trabalhar; venham em todos esses dias para serem curados, e não nos sábados.

O Senhor, assumindo a palavra, lhe disse: Hipócrita, há algum de vocês que não solta seu boi ou seu asno da manjedoura no sábado, e não o leva para beber? — Por que, pois, não se deveria livrar de suas amarras, em um sábado, esta filha de Abraão, que Satã vinha mantendo presa durante dezoito anos?

A estas palavras, todos os seus adversários permaneceram confusos, e todo o povo se deslumbrou por vê-lo praticar tantas ações gloriosas. (*São Lucas*, cap. XIII, vv. 10 a 17.)

20. — Este fato comprova que, naquela época, quase todas as doenças eram atribuídas ao demônio, e que se confundiam, como hoje, os possessos com os doentes, mas em sentido inverso; isto é, hoje em dia, os que não acreditam nos maus Espíritos, confundem as obsessões com as moléstias patológicas.

O paralítico da piscina.

21. — Após essas coisas, tendo chegado a festa dos judeus, Jesus foi para Jerusalém. — Ora, havia em Jerusalém a piscina das Ovelhas, que se chama em hebreu: *Betesda*, que tinha cinco alpendres, — nos quais eram deitados, em grande número, os doentes, os aleijados e os que tinham os membros ressecados, todos esperando que a água se agitasse. — Pois o anjo do Senhor, de vez em quando, descia nessa piscina e agitava a água; e quem entrasse primeiro, após a água ter sido assim se agitada, era curado, qualquer que fosse a moléstia que portasse.

Ora, havia ali um homem que estava doente havia trinta e oito anos. — Jesus, tendo-o visto deitado, e sabendo que estava doente havia muito tempo, lhe perguntou: Deseja ser curado? — O doente respondeu: Senhor, não tenho ninguém para me jogar na piscina, após a água ter sido agitada; e, pelo tempo que levo para ir até lá, um outro desce antes de mim. — Jesus lhe disse: Levante-se, pegue sua cama e ande. — No mesmo instante, o homem foi curado; e pegando sua cama, ele começou a andar. Ora, aquele dia era um sábado.

Os judeus disseram, então, ao que havia sido curado: Hoje é sábado; não lhe é permitido carregar sua cama. — Ele lhes respondeu: Aquele que me curou me disse: Pegue sua cama e ande. — Eles lhe perguntaram: Quem é esse homem que lhe disse: Pegue sua cama e ande? Mas o que tinha sido curado não sabia, ele mesmo, quem era, pois Jesus se havia retirado entre a multidão de povo que lá estava.

Mais tarde, Jesus encontrou esse homem no templo e lhe disse: Você está vendo que está curado; não volte a pecar no futuro, por medo de que não lhe aconteça algo pior.

O homem foi encontrar os judeus e lhes contou que tinha sido Jesus quem o havia curado. — Eis a razão pela qual os judeus perseguiam a Jesus, porque ele fazia tais coisas no sábado. — Então, Jesus lhes disse: Meu Pai, de veras, não para de atuar no presente, e eu atuo também sem parar. (*São João*, cap. v, vv. 1 a 17.)

22. — Piscina (da palavra latina *piscis*, peixe) era como se designavam, entre os romanos, os reservatórios ou viveiros onde se criavam peixes. Mais tarde, a acepção dessa palavra foi estendida aos tanques onde a gente banhava junta.

A piscina de Betesda, em Jerusalém, era uma cisterna perto do templo, alimentada por uma fonte natural, cuja água parecia ter possuído propriedades curativas. Era, sem dúvida, uma fonte intermitente que, de vez em quando, esguichava com força e agitava a água. Conforme a crença popular, esse momento era o mais favorável para as curas; talvez, na realidade, no momento de sua precipitação, a água tivesse uma propriedade mais ativa, ou talvez a agitação produzida pela água esguichada movimentasse a lama salutar para certas doenças. Estes efeitos são naturalíssimos e perfeitamente conhecidos hoje; mas, então, as ciências estavam pouco adiantadas, e se via uma causa sobrenatural na maior parte dos fenômenos que não eram compreendidos. Os judeus atribuíam, assim, a agitação dessa água à presença de um anjo, e essa crença lhes parecia tanto melhor fundamentada tendo em vista que, naquele momento, a água era mais salutar.

Depois de ter curado esse homem, Jesus lhe disse: “No futuro não volte a pecar, por medo de que não lhe aconteça algo pior.” Por estas palavras, ele faz com que o homem entenda que sua moléstia era uma punição, e que, se não melhorasse, teria que ser de novo punido ainda mais rigorosamente. Esta doutrina está inteiramente de acordo com a que ensina o Espiritismo.

23. — Jesus parecia fazer questão de realizar suas curas no sábado, para ter a ocasião de protestar contra o rigor dos fariseus quanto ao respeito desse dia. Ele desejava mostrar-lhes que a verdadeira piedade não consiste na observância das práticas exteriores e das formalidades, mas que está nos sentimentos do coração. Ele se justifica ao dizer:

“Meu Pai, de veras, não para de atuar no presente, e eu atuo também sem parar”; quer dizer, Deus, de veras, não interrompe suas obras, nem a sua ação sobre as coisas da natureza no sábado; ele continua provocando a produção do que é necessário à alimentação e à saúde das criaturas, e eu sou seu exemplo.

O cego de nascença.

24. — Quando Jesus passava, viu um homem cego desde o nascimento; — e seus discípulos lhe fizeram esta pergunta: Senhor, foi o pecado deste homem ou o pecado dos que o puseram no mundo a causa de ele ter nascido cego?

Jesus lhes respondeu: não é realmente o caso de ele ter pecado nem aqueles que o colocaram no mundo; mas é para que as obras do poder de Deus brilhem nele. É preciso que eu realize as obras de quem me enviou durante o dia; quando a noite vem, ninguém consegue fazer nada. — Enquanto estiver no mundo, eu sou a luz do mundo.

Após haver dito isso, ele cuspiu no chão e, tendo feito lama com a saliva, untou com essa lama os olhos do cego, — e lhe disse: Vá lavar-se na piscina de *Siloé* (que significa *Enviado*). Então ele foi, lavou-se e voltou vendo claro.

Seus vizinhos e aqueles que o viram anteriormente a pedir esmola, perguntavam: Não é o que estava sentado e pedia esmola? Alguns respondiam: É ele. — Outros diziam: Não, é um que se parece com aquele. Mas ele lhes dizia: Sou eu mesmo. — Eles, então, perguntam: Como é que seus olhos se abriram? — E ele lhes responde: O homem que se chama Jesus fez a lama e untou os meus olhos com ela; e me disse: Vá à piscina de Siloé e se lave. Eu lá fui, eu me lavei e eu vejo. — Eles lhe perguntam: Onde está ele? Ele lhes responde: Eu não sei.

Então, eles levaram aos fariseus o homem que tinha sido cego. — Ora, foi no sábado que Jesus havia feito a lama e lhe havia aberto os olhos.

Os fariseus o interrogaram, assim, também eles mesmos para saber como tinha recobrado a vista. E ele lhes disse: Ele me colocou lama sobre os olhos; eu me lavei e eu vejo. — Por causa disso, alguns dos fariseus disseram: Esse homem não é de fato enviado de Deus, dado que não guarda nunca o sábado. Mas outros perguntavam: Como um mau homem conseguiria realizar tais prodígios? E sobre isso existia divisão entre eles.

Eles perguntaram de novo ao cego: E você, o que diz desse homem que lhe abriu os olhos? Ele respondeu: Eu digo que é um profeta. — Mas os judeus não acreditaram de fato que tal homem tinha sido cego e recobrado a vista, a ponto de terem feito vir seu pai e sua mãe, — que eles interrogaram, perguntando-lhes: Este aqui é seu filho que vocês dizem ter nascido cego? Como, então, ele está vendo agora? — O pai e a mãe responderam: Nós sabemos que esse é nosso filho e que ele nasceu cego; — mas nós não sabemos por que está vendo agora e não sabemos também quem lhe abriu os olhos. Interroguem-no; ele tem idade, que responda por si mesmo.

Seu pai e sua mãe falavam de tal modo, porque temiam os judeus; pois os judeus haviam já resolvido em assembleia que *qualquer um que reconhecesse Jesus como sendo o Cristo seria expulso da sinagoga*. — Eis o que obrigou o pai e a mãe a responder: Ele tem idade, interroguem-no a ele mesmo.

Portanto, eles chamaram uma segunda vez o homem que havia sido cego e lhe disseram: Renda glória a Deus; nós sabemos que aquele homem é um pecador. — Ele lhes respondeu: Se ele é um pecador, disso eu não sei nada; mas tudo o que eu sei, é que eu era cego e eu vejo agora. — Eles lhes perguntaram ainda: O que ele lhe fez e como lhe abriu os olhos? — Ele lhes respondeu: Eu já lhes disse e os senhores ouviram; por que desejam ouvir outra vez? É que desejam tornar-se seu discípulo? — Por causa disso, eles o encheram de injúrias e lhes disseram: Seja você mesmo seu discípulo; quanto a nós, somos discípulos de Moisés. — Nós sabemos que Deus falou a Moisés, mas, quanto a este, nós não sabemos donde vem.

O homem lhes respondeu: É espantoso que não saibam donde ele é, no entanto, ele me abriu os olhos. — Ora, nós sabemos que Deus não atende nunca os pecadores; mas se alguém o honra e faz sua vontade, é a este que ele atende. — Desde que o mundo é mundo, não se tem jamais ouvido dizer que alguém tenha aberto os olhos a um cego de nascença. — Se esse homem não fosse enviado de Deus, não conseguiria fazer coisa alguma de tudo quanto fez.

Eles lhes responderam: Você mais não tem do que pecado desde o ventre de sua mãe, e deseja ensinar a nós? E eles o expulsaram. (*São João*, cap. IX, vv. 1 a 34.)

25. — Esta narrativa, tão simples e tão ingênua, traz em si um caráter evidente de verdade. Nada de fantástico nem de maravilhoso; é uma cena da vida real apanhada no acontecimento. A linguagem do cego é por certo aquela dos homens simples em quem o saber é substituído pelo bom senso, e que retorquem os argumentos de seus adversários com bonomia, e através de razões a que não faltam nem justeza, nem oportunidade. O tom dos fariseus não é o dos orgulhosos que não admitem nada acima de sua perspicácia, e que se indignam só em pensar em que um homem do povo lhes possa fazer objeção? Exceto pela cor local dos nomes, a gente acreditaria ser de nosso tempo.

Ser expulso da sinagoga equivalia a ser posto para fora da Igreja; era uma espécie de excomunhão. Os espíritas, cuja doutrina é a do Cristo interpretada de acordo com o progresso das luzes atuais, são tratados como os judeus que reconheciam Jesus como o Messias; ao serem excomungados, são postos para fora da Igreja, como fizeram os escribas e os fariseus aos partidários de Jesus. Desse modo, eis um homem que é expulso porque não é capaz de acreditar em que aquele que o curou seja um possuído do demônio e porque glorifica a Deus por sua cura! Não é o que se tem feito aos Espíritas? Tudo que eles obtêm: sábios conselhos dos Espíritos, retorno a Deus e ao bem, curas, tudo é obra do diabo e lhes lançam anátema. Não se têm visto sacerdotes dizer, do alto do púlpito, que *seria preferível quedar incrédulo a regressar à fé através do Espiritismo*? Não se tem visto dizer aos doentes que não têm que se fazer curar pelos espíritas que possuem esse dom, porque é um dom satânico? Outros pregar que os infelizes não tinham que aceitar o pão distribuído pelos espíritas, porque era o pão do diabo? Que diziam e que faziam a mais os sacerdotes judeus e fariseus? De resto, foi dito que tudo deve passar-se hoje em dia como à época do Cristo.

Esta pergunta dos discípulos: — Foi o pecado desse homem a causa de ele ter *nascido* cego? — indica a intuição de uma existência anterior, caso contrário, não teria sentido; pois o pecado que seria a causa de uma enfermidade de *nascença* teria que ser cometido antes do nascimento, portanto, em uma existência anterior. Se Jesus tivesse visto aí uma ideia falsa, ele lhes teria dito: “Como esse homem conseguiria pecar antes de ter nascido?” Ao invés disso, ele lhes diz que o homem é cego, não porque tenha pecado, mas para que o poder de Deus brilhe nele; quer dizer que ele tinha de ser o instrumento de uma manifestação do poder de Deus. Se não era uma expiação do passado, era uma provação que tinha de servir-lhe para seu adiantamento, pois Deus, que é justo, não deveria impor-lhe um sofrimento sem compensação.

Quanto ao meio empregado para curá-lo, é evidente que o gênero de lama feita com saliva e terra só conseguiria obter virtude através da ação do fluido curador de que se impregnara; eis como as substâncias mais insignificantes, a água, por exemplo, podem adquirir qualidades poderosas e efetivas sob a ação do fluido espiritual ou magnético, ao qual servem de veículo, ou melhor, de *reservatório*.

As numerosas curas de Jesus.

26. — Jesus ia por toda a Galileia, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando todas as indisposições e todas as moléstias entre o povo. — E, como sua reputação se expandisse por toda a Síria, eles lhe apresentavam todos os que estavam doentes e diversamente afligidos de males e de dores, os possessos, os lunáticos, os parálíticos, e ele os curava; — e uma grande multidão de povo o seguiu da Galileia, de Decápolis, de Jerusalém, da Judeia, e do outro lado do Jordão. (*São Mateus*, cap. IV, vv. 23 a 25.)

27. — De todos os acontecimentos que testemunham o poder de Jesus, os mais numerosos são, sem contestação, os das curas; ele desejava comprovar através delas que o verdadeiro poder é o que promove o bem, que seu alvo era o de tornar-se útil e não o de satisfazer a curiosidade dos indiferentes pelas coisas extraordinárias.

Ao estancar o sofrimento, ele prendia a gente através do coração e conseguia prosélitos mais numerosos e mais sinceros que se tivessem sido sensibilizados apenas através do espetáculo para os olhos. Por esse meio, ele se fazia amar, enquanto que, se ele se tivesse limitado a produzir efeitos materiais surpreendentes, como queriam os fariseus, a maioria só teria visto nele um feiticeiro ou um hábil prestidigitador, que *os desocupados teriam ido ver para se distrair*.

Assim, quando João Batista lhe envia seus discípulos, para lhe perguntar se ele é o Cristo, ele não diz: “Eu o sou”, porque qualquer impostor poderia dizer o mesmo; ele não lhes falou nem de prodígios, nem de coisas maravilhosas, mas lhes respondeu simplesmente: “Vão dizer a João: Os cegos veem, os doentes estão curados, os surdos ouvem, o evangelho é anunciado aos pobres.” Era como dizer-lhes: “Reconheçam-me em minhas obras, julguem a árvore por seu fruto”, pois está aí o verdadeiro caráter da sua missão divina.

28. — É também pelo bem que dissemina que o Espiritismo comprova sua missão providencial. Ele cura os males físicos, mas ele cura sobretudo as doenças morais, e estão aí os maiores prodígios através dos quais ele se afirma. Seus mais sinceros adeptos não são os que foram sensibilizados através da visão dos fenômenos extraordinários, mas os que foram tocados no coração através da consolação: os que se livraram das torturas da dúvida; aqueles cuja coragem se revelou nas aflições, que sorveram a força na certeza do futuro que ele lhes veio trazer, no conhecimento do seu ser espiritual e de seu destino. Eis aqui aqueles cuja fé é inquebrantável, porque eles sentem e compreendem.

Aqueles que veem no Espiritismo apenas efeitos materiais não podem compreender seu poder moral; por isso os incrédulos, que só o conhecem através dos fenômenos cuja causa primária não admitem, veem nos espíritas somente prestidigitadores e charlatães. Não há de ser, portanto, através dos prodígios que o Espiritismo triunfará da incredulidade: é ao multiplicar seus benefícios morais, pois, embora os incrédulos não admitam os prodígios, eles conhecem, como todo o mundo, o sofrimento e as aflições, e ninguém recusa os refrigerios e as consolações.

POSSESSOS

29. — Eles vieram em seguida a Cafarnaum; e Jesus, entrando primeiro, no sábado, na sinagoga, ali ensinava; — e estavam espantados com sua doutrina, porque os ensinava como quem tinha autoridade e não como os escribas.

Ora, achava-se na sinagoga um homem, possuído de um Espírito impuro, que gritava — dizendo: O que há entre você e nós, Jesus de Nazaré? Veio você para nos pôr a perder? Eu sei quem você é: você é o Santo de Deus. — Mas Jesus, ameaçando-o, lhe disse: Cale a boca e saia desse homem. — Então, o Espírito impuro, tremendo em violências convulsões e gritando com toda a força, saiu dele.

Todos ficaram tão surpresos, que se perguntavam uns aos outros: O que é isto? E o que é essa nova doutrina? Ele dá ordens com autoridade, mesmo aos Espíritos impuros, e eles lhe obedecem. (*São Marcos*, cap. I, vv. 21 a 27.)

30. — Depois que saíram, apresentaram-lhe um homem mudo possuído do demônio. — Tendo sido expulso o demônio, o mudo falou e tomou-se o povo de admiração, e diziam: Não se viu jamais nada de parecido em Israel.

Mas os fariseus diziam o contrário: É pelo príncipe dos demônios que ele expulsa os demônios. (*São Mateus*, cap. ix, vv. 32 a 34.)

31. — Quando ele chegou ao lugar onde estavam os outros discípulos, viu uma grande multidão de pessoas em torno deles, e escribas que disputavam com eles. — De imediato, todo o povo, tendo percebido Jesus, foi assaltado de susto e de medo; tendo ocorrido, eles o saudaram.

Então, ele perguntou: Sobre o que vocês estão disputando? — E um homem dentre o povo, tomando a palavra, lhe respondeu: Mestre, eu lhe trouxe meu filho que está possuído de um Espírito mudo; — e em qualquer lugar que se apossa dele, joga-o no chão, e o menino espuma, range os dentes e se defineja todo. Eu roguei a seus discípulos para expulsá-lo, mas não conseguiram.

Jesus lhes respondeu: Ó gente incrédula, até quando estarei com vocês? Até quando irei sofrer com vocês? Tragam-no a mim! — Eles o trouxeram; e, mal divisou a Jesus, o Espírito começou a agitar o menino com violência, que caiu por terra, onde rolava a espumar.

Jesus perguntou ao pai do menino: Quanto tempo faz que isso lhe acontece? — Desde sua infância, respondeu o pai. — E o Espírito muitas vezes o joga ora no fogo, ora na água, para fazer com que morra; mas se o senhor tem algum poder, compadeça-se de nós e nos socorra.

Jesus lhe respondeu: Se você consegue acreditar, tudo é possível a quem acredita. — De pronto o pai do menino, clamando, lhe disse entre lágrimas: Senhor, ajude-me na minha incredulidade.

E Jesus, vendo que o povo acorria em grande quantidade, ameaçou o Espírito impuro, e lhe disse: Espírito surdo e mudo, retire-se do menino, eu lhe ordeno, e não entre mais nele. — Então, tendo o Espírito soltado um grande grito, e tendo agitado o menino com violentas convulsões retirou-se, e o menino ficou como morto, de modo que vários diziam que ele havia morrido. — Mas, pegando-o Jesus pela mão e erguendo-o, ele se levantou.

Quando Jesus ia entrar na casa, seus discípulos lhe perguntaram em particular: O que acontece que nós não conseguimos expulsar esse demônio? — Ele lhes respondeu: Essas espécies de demônios devem ser expulsas apenas através da prece e do jejum. (*São Marcos*, cap. ix, vv. 14 a 29.)

32. — Então, lhe apresentaram um possesso cego e mudo, e o curou, de modo que ele começou a falar e a ver. — Todo o povo com isso se encheu de admiração e dizia: Não está aí de fato o filho de Davi?

Mas os fariseus, ouvindo isso, diziam: Esse homem só expulsa os demônios com a força de Belzebu, príncipe dos demônios.

Contudo, Jesus, conhecendo seus pensamentos, lhes disse: Todo reino que se dividir contra si mesmo será arruinado, e toda cidade ou casa que estiver dividida contra si mesma não poderá subsistir. — Se Satã expulsa a Satã, ele está dividido contra si mesmo; como, então, seu reino subsistirá? E se é por Belzebu que eu expulso os demônios, através de quem os seus filhos os expulsam? Eis porque serão eles mesmos os

juízes de vocês. — Se eu expulso os demônios através do Espírito de Deus, o reino de Deus, portanto, chegou para vocês. (*São Mateus*, cap. XII, vv. 22 a 28.)

33. — Os resgates dos possessos figuram, com as curas, entre os atos mais numerosos de Jesus. Entre os fatos dessa natureza, existem aqueles, como o que se reproduz acima, no item de número trinta, em que a possessão não é evidente. É provável que naquela época, como sucede ainda em nossos dias, se atribuíssem à influência dos demônios todas as moléstias cuja causa fosse desconhecida, principalmente o mutismo, a epilepsia e a catalepsia. Mas existem aqueles em que a ação dos maus Espíritos não padece dúvida; eles mantêm com os de que somos testemunhas uma analogia tão flagrante que neles se reconhecem todos os sintomas desse gênero de afecção. A prova da participação de uma inteligência oculta, em semelhante caso, sobressai de um fato material: são as numerosas curas radicais obtidas, em alguns centros espíritas, através da simples evocação e da doutrinação dos Espíritos obsessores, sem magnetização nem medicamentos, e, muitas vezes, na ausência e a distância do paciente. A imensa superioridade do Cristo lhe proporcionava uma tal autoridade em relação aos Espíritos imperfeitos, então chamados de demônios, que lhe era suficiente mandar que se retirassem para que não tivessem como resistir a essa exigência. (Cap. XIV, n.º 46.)

34. — O episódio dos maus Espíritos transferidos para os corpos de suínos é contrário a toda probabilidade. Aliás, seria de difícil explicação a presença de tão numerosa manada de porcos em um país onde esse animal infundia horror e não servia para a alimentação. Um Espírito mau nem por isso deixa de ser um Espírito humano ainda assaz imperfeito para fazer o mal após a morte, como fazia anteriormente, e é contra as leis da natureza que ele pudesse dar vida ao corpo de um animal; é preciso, assim, ver nisso um desses exageros comuns nos tempos de ignorância e de superstições; ou talvez seja uma alegoria para caracterizar os pendores imundos de certos Espíritos.

35. — Os obsessados e os possessos parecem ter sido muito numerosos na Judeia, no tempo de Jesus, o que lhe permitia curar muita gente. Os maus Espíritos tinham, sem dúvida, procedido a uma invasão desse país e causado uma epidemia de possessões. (Cap. XIV, n.º 49.)

Fora do estado epidêmico, as obsessões individuais são extremamente frequentes e se apresentam sob aspectos muito variados, que um conhecimento melhor do Espiritismo faz rapidamente reconhecer; elas podem, muitas vezes, ter consequências prejudiciais para a saúde, seja agravando as afecções orgânicas, seja provocando-as. Elas serão, incontestavelmente, um dia, classificadas entre as causas patológicas, requerendo, por sua natureza especial, processos curativos especiais. O Espiritismo, ao dar a conhecer a causa do mal, abre uma nova estrada para a arte de curar, e fornece à ciência o meio de triunfar ali onde ela fracassa amiúde por deixar de atacar a causa primária do mal. (*O Livro dos Médiuns*, 2.ª parte, cap. XXIII.)

36. — Jesus era acusado pelos fariseus de expulsar os demônios através dos demônios; o bem que ele fazia era, segundo eles, a obra de Satã, sem refletir que Satã, ao expulsar a si mesmo, praticaria uma ação insensata. É notável que os fariseus daquele tempo já pretendessem que toda faculdade transcendente e, por tal motivo, reputada sobrenatural, fosse obra do demônio, dado que, conforme diziam, Jesus mesmo obtinha dele o seu poder; é um mais ponto parecido com a época atual, visto que aquela é ainda a

doutrina que a Igreja procura fazer prevalecer hoje em dia contra as manifestações espíritas⁸³.

RESSURREIÇÕES

A filha de Jairo.

37. — Mal havia Jesus atravessado de barco para a outra margem, quando estava junto ao mar, grande quantidade de povo se reuniu em torno dele. E um chefe de sinagoga, chamado Jairo, veio ao seu encontro; e, encontrando-o, se prostrou a seus pés, — e lhe suplicava com grande instância, dizendo-lhe: Eu tenho uma filha que está nas últimas; venha impor-lhe as mãos para curá-la e lhe salvar a vida.

Jesus foi com ele, e era seguido por uma grande multidão que o apertava.

Quando (Jairo) falava ainda, chegou a gente do chefe da sinagoga que lhe disse: Sua filha morreu; por que deseja que o Mestre se dê a pena de ir mais longe? — Mas, tendo Jesus ouvido essa palavra, disse ao chefe da sinagoga: Não tema nada; creia tão somente. — E ele não permitiu a ninguém segui-lo, apenas Pedro, Tiago e João, irmão de Tiago.

Tendo chegado à casa desse chefe da sinagoga, viu um grupo confuso de pessoas que choravam e soltavam grandes gritos; — e, entrando, lhes disse: Por que fazem tanto barulho e por que choram? *Esta menina não está morta, ela está só adormecida.* — E se escarneciam dele. Tendo feito sair todo o mundo, ele pegou o pai e a mãe da criança e os que tinham vindo com ele e entrou no lugar onde a menina estava deitada. — Ele a pegou pela mão e lhe disse: *Talítá cumi*, que quer dizer: Minha filha, levante, eu lhe ordeno. — No mesmo instante, a menina se levantou e se pôs a andar; pois tinha doze anos, e eles ficaram agradavelmente espantados. (*São Marcos*, cap. v, vv. 21 a 24 e 35 a 42.)

O filho da viúva de Naim.

38. — No dia seguinte, Jesus foi para uma cidade chamada Naim, e os seus discípulos o acompanharam com uma grande multidão. — Quando estava perto da porta da cidade, sucedeu que iam enterrar um morto, que era filho único de sua mãe e essa mulher era viúva, e havia uma infinidade de pessoas da cidade com ela. — Tendo o Senhor visto a mulher, foi tocado de compaixão por ela, e lhe disse: Não chore mais. — Depois, aproximando-se, ele tocou o féretro e os que o levavam pararam. Então, disse: Rapaz, levante-se, eu lhe ordeno. — No mesmo instante, o morto se sentou e começou a falar, e Jesus o entregou à sua mãe.

⁸³ Todos os teólogos estão longe de professarem opiniões tão absolutas sobre a doutrina demoníaca. Eis a de um eclesiástico cujo valor o clero não poderia contestar. Encontramos a passagem seguinte nas *Conferências sobre a Religião*, do Monsenhor Freyssinous, bispo de Hermópolis, tomo II, página 341; Paris, 1825:

“Se Jesus tivesse operado esses milagres através da virtude do demônio, o demônio teria, portanto, trabalhado para destruir seu império e teria empregado seu poder contra si mesmo. Com certeza, *um demônio que procurasse destruir o reino do vício para estabelecer o da virtude seria um estranho demônio.* Eis porque Jesus, para repelir a absurda acusação dos judeus, lhes disse: ‘Se eu realizo prodígios em nome do demônio, o demônio está, portanto, dividido consigo mesmo, e procura, assim, destruir-se!’; resposta que não padece réplica.”

É precisamente o argumento que opõem os espíritas a quem atribui ao demônio os bons conselhos que recebem dos Espíritos. O demônio agiria um ladrão de profissão que devolveria tudo o que roubou e convidaria os outros ladrões a se tornarem pessoas honestas.

Todos os que estavam presentes foram possuídos pelo temor; e eles glorificavam a Deus, dizendo: Um grande profeta surgiu entre nós, e Deus visitou seu povo. — A fama do milagre que ele havia realizado se espalhou por toda a Judeia e por todas os países ao redor. (*São Lucas*, cap. VII, vv. 11 a 17.)

39. — O episódio da volta à vida corpórea de um indivíduo realmente morto seria contrário às leis da natureza e, por conseguinte, milagroso. Contudo, não é preciso recorrer a essa ordem de acontecimentos para explicar as ressurreições realizadas pelo Cristo.

Se, entre nós, as aparências enganam, às vezes, a gente do ofício, os acidentes dessa natureza deveriam ser muitíssimo mais frequentes em um país onde não se tomava nenhuma precaução, e onde o enterro era imediato⁸⁴. Logo, existe toda a probabilidade de que, nos dois exemplos acima, tudo não passasse de desmaio ou de letargia. Jesus, ele mesmo, disse taxativamente da filha de Jairo: *Esta menina não está morta, ela está só adormecida*.

À vista do poder fluídico que possuía Jesus, não existe nada de espantoso que esse fluido vivificante, administrado por uma forte vontade, tenha reanimado os sentidos entorpecidos; que tenha mesmo conseguido chamar de volta para o corpo o Espírito prestes a deixá-lo, uma vez que o liame perispiritual não estava definitivamente rompido. Para os homens daquele tempo, que acreditavam morto o indivíduo desde que não respirasse mais, existia ressurreição e eles eram capazes de afirmá-lo em muito boa-fé, mas o que existia, na verdade, era *cura* e não ressurreição, na acepção da palavra.

40. — A ressurreição de Lázaro, qualquer coisa que se diga, não anula absolutamente este princípio. Ele estava, diz-se, havia quatro dias no sepulcro; mas a gente sabe que existem letargias que duram oito dias e mais. Acrescentam que ele cheirava mal, o que é um sinal de decomposição. Tal alegação não comprova nada também, haja vista que certos indivíduos apresentam decomposição parcial do corpo, mesmo antes da morte, e que exalam um odor de podridão. A morte chega apenas quando os órgãos essenciais à vida são atingidos.

E quem era capaz de saber se ele cheirava mal? Sua irmã Marta foi quem disse isso, mas como podia saber? Estando Lázaro enterrado havia quatro dias, ela imaginava que fosse assim, mas não tinha como ter certeza⁸⁵. (Cap. XIV, n.º 29.)

JESUS CAMINHA SOBRE A ÁGUA

⁸⁴ Uma prova deste costume se encontra nos *Atos dos Apóstolos*, cap. V, vv. 5 e seguintes:

“Ananias, tendo ouvido essas palavras, caiu e rendeu o Espírito; e todos os que o ouviram falar foram presas de grande temor. — De imediato, alguns rapazes vieram pegar seu corpo e, tendo-o levado, eles o enterraram. — Por volta de três horas depois, sua mulher (Safira), que não sabia o que lhe havia sucedido, chegou. — E Pedro lhe disse [...] Na mesma hora, ela caiu a seus pés e rendeu o Espírito. Tendo chegado aqueles rapazes, a encontraram morta; e, levando-a, a enterraram junto de seu marido.”

⁸⁵ O episódio seguinte comprova que a decomposição precede, algumas vezes, a morte. No convento do Bom Pastor, fundado em Toulon pelo abade Marin, capelão dos cárceres para moças arrependidas, encontrava-se uma jovem que sofrera os mais terríveis sofrimentos com a calma e a impassibilidade de uma vítima expiatória. No meio das dores, ela parecia sorrir a uma celeste visão; como Santa Teresa, ela pedia para sofrer ainda, sua carne caía aos pedaços, a gangrena ganhava seus membros; por uma sábia prevenção, os médicos tinham recomendado que se fizesse a inumação do corpo imediatamente após o decesso. Coisa estranha! Mal ela deu o derradeiro suspiro, todo o trabalho da decomposição parou; as exalações cadavéricas cessaram; durante trinta e seis horas, ela ficou exposta às preces e à veneração da comunidade.

41. — Imediatamente, Jesus obrigou seus discípulos a subir no barco e a passar para a outra margem diante dele, enquanto ele despachava o povo. — Após havê-lo despachado, ele subiu sozinho em uma montanha para orar; e tendo chegado a noite, encontrou-se ali sozinho.

Entrementes, o barco estava sendo fortemente batido pelas ondas no meio do mar, porque o vento soprava contra. — Mas, na quarta vigília da noite, Jesus foi até eles caminhando sobre o mar⁸⁶. — Quando o viram caminhar assim sobre o mar, eles se perturbaram e disseram: É um fantasma, e gritaram apavorados. Pronto, Jesus lhes falou e lhes disse: Fiquem calmos, sou eu, não tenham medo.

Pedro lhe respondeu: Senhor, se é o senhor, determine que eu vá ao senhor caminhando sobre as águas. Jesus lhe disse: Venha. E Pedro, descendo do barco, caminhava sobre a água para ir a Jesus. Mas, percebendo que ventava muito, ele teve medo; e, começando a afundar, gritou: Senhor, salve-me. — Pronto, estendendo-lhe Jesus a mão, o pegou e lhe disse: Homem de pouca fé, por que duvidou? — E, tendo subido no barco, o vento estancou. — Então, os que se achavam no barco, aproximando-se dele, o adoraram, dizendo: O senhor é verdadeiramente filho de Deus. (*São Mateus*, cap. XIV, vv. 22 a 33.)

42. — Este fenômeno encontra sua explicação natural nos princípios expostos acima, no cap. XIV, n.º 43.

Exemplos análogos comprovam que não é nem impossível, nem milagroso, dado que está nas leis da natureza. Ele pode ser produzido de duas maneiras.

Jesus, posto que vivo, conseguiu aparecer sobre as águas, em uma forma tangível, enquanto seu corpo carnal estava noutro lugar: é a hipótese mais provável. Podemos mesmo reconhecer, no relato, certos sinais característicos das aparições tangíveis. (Cap. XIV, n.ºs 35 a 37).

Por outro lado, seu corpo poderia estar suspenso e sua gravidade ser anulada pela mesma força fluídica que mantém u'a mesa no espaço sem ponto de apoio. O mesmo efeito foi, várias vezes, produzido em corpos humanos.

TRANSFIGURAÇÃO

43. — Seis dias depois, tendo Jesus tomado Pedro, Tiago e João, levou-os consigo, sozinhos, a uma alta montanha, em lugar apartado⁸⁷, e se transfigurou diante deles. — E, enquanto ele orava, seu rosto pareceu inteiramente outro; suas roupas se tornaram muito brilhantes de luz e brancas como a neve, como não existe alvejante no mundo que possa torná-las tão brancas. — E eles viram aparecer Elias e Moisés, que conversavam com Jesus.

Então, Pedro disse a Jesus: Mestre, nós estamos bem aqui; façamos três tendas: uma para o senhor, uma para Moisés e uma para Elias; — pois ele não sabia o que dizia, tanto estava apavorado.

Naquela hora, apareceu uma nuvem que os cobriu; e saiu dessa nuvem uma voz que fez ouvir estas palavras: Este é o meu filho bem-amado; escutem-no.

Logo, olhando para todos os lados, eles não viram a mais ninguém, só a Jesus, que tinha ficado com eles.

Quando desciam da montanha, ele lhes ordenou para não falarem a ninguém sobre o que haviam visto, até que o filho do homem se ressuscitasse dentre os mortos. — E eles mantiveram essas coisas em segredo, perguntando entre si o que ele desejava dizer com estas palavras: Até que o filho do homem se ressuscitasse dentre os mortos. (*São Marcos*, cap. IX, vv. 2 a 9.)

⁸⁶ O Lago de Genesaré ou Tiberíades.

⁸⁷ O Monte Tabor, a sudoeste do Lago Tiberíades, a onze quilômetros a sudeste de Nazaré; com quinhentos e oitenta e oito metros de altura.

44. — É ainda nas propriedades do fluido perispiritual que se deve encontrar a causa desse fenômeno. A transfiguração, explicada no cap. XIV, n.º 39, é um fato bastante comum que, como resultado da irradiação fluídica, é capaz de modificar a aparência de um indivíduo; mas a pureza do perispírito de Jesus pôde permitir-lhe a seu Espírito propiciar-lhe um brilho excepcional. Quanto à aparição de Moisés e de Elias, cabe inteiramente no caso de todos os fenômenos do mesmo gênero. (Cap. XIV, n.ºs 35 e seg.º)

De todas as faculdades que se revelaram em Jesus, não existe nenhuma que esteja fora das condições da humanidade, e que não se encontre no comum dos homens, porque estão na natureza; mas, através da superioridade de sua essência moral e de suas qualidades fluídicas, elas atingiam nele proporções acima das que o vulgo é capaz. Ele nos manifestava, pondo de lado seu invólucro carnal, o estado dos puros Espíritos.

TEMPESTADE APAZIGUADA

45. — Um dia, tendo subido em um barco com seus discípulos, ele lhes disse: Passemos à outra margem do lago. Eles partiram, portanto. — E como navegavam, ele dormiu. Então, um grande turbilhão de vento sobreveio, de repente, sobre o lago, de modo que, enchendo-se o barco de água, eles estavam em perigo. Eles se aproximaram, então, e o acordaram, dizendo-lhe: Mestre, nós estamos perecendo. Jesus, levantando-se, repreendeu os ventos e as ondas agitadas, e eles se apaziguaram, e se fez uma grande calma. — Então, ele lhes disse: Onde é que está sua fé? Eles, porém, com muito medo e admiração, diziam entre si: Quem é este que manda desse jeito nos ventos e nas ondas e a quem eles obedecem? (*São Lucas*, cap. VIII, vv. 22 a 25.)

46. — Nós não conhecemos ainda suficientemente os segredos da natureza para afirmar se existem, sim ou não, inteligências ocultas que presidem à ação dos elementos. Na hipótese da afirmativa, o fenômeno em questão teria que ser o resultado de um ato de autoridade sobre essas mesmas inteligências, e provaria um poder cujo exercício não se deu a nenhum homem.

Em todo o caso, Jesus, ao dormir tranquilamente durante a tempestade, atesta uma segurança que se deve explicar pelo fato de que seu Espírito *percebia* que não havia nenhum risco, e que o temporal ia apaziguar-se.

AS BODAS DE CANÁ

47. — Este milagre, mencionado apenas no Evangelho de São João, registra-se como sendo o primeiro que Jesus executou, e, a esse título, teria que ser muito mais notado; é preciso que tenha produzido bem pouca repercussão, para que nenhum outro evangelista se refira a ele. Um fato tão extraordinário teria que espantar muitíssimo os convivas, e sobretudo o dono da casa, os quais nem parecem ter tomado conhecimento disso.

Em si mesmo, esse episódio tem pouca importância em comparação com os que dão testemunho verdadeiramente das qualidades espirituais de Jesus. Admitindo-se que as coisas se tenham passado como estão contadas, é notável que seja o único fenômeno desse gênero que ele produziu; Jesus era de uma natureza elevadíssima para se ater a efeitos puramente materiais, adequados somente para espicaçar a curiosidade da multidão, que o teria comparado a um mágico; ele sabia que as coisas úteis conquistariam para si mais simpatia e lhe trariam mais adeptos do que as que haviam de passar por jogos de habilidade, não tocavam de fato o coração (n.º 27).

Se bem que, a rigor, o fato tenha como ser explicado, até certo ponto, através de uma ação fluídica que, assim como o magnetismo oferece exemplos, teria alterado as propriedades da água, dando-lhe gosto de vinho, esta hipótese é pouco provável, considerando que, em tal caso, tendo a água só o gosto do vinho, teria conservado sua cor, o que também não deixaria de ser notável. É mais racional, porém, ver no fato uma dessas parábolas, tão frequentes nos ensinamentos de Jesus, como a do filho pródigo, do festim de núpcias, do mau rico, da figueira ressecada, e tantas outras que têm, não obstante, o caráter de acontecimentos reais. Ele teria feito, durante o banquete, uma alusão ao vinho e à água, donde teria deduzido uma instrução. Justificam esta opinião as palavras que lhe endereça a respeito o mordomo: “Toda a gente serve primeiro o melhor vinho e, depois que muito se bebeu, serve o inferior; mas, quanto a você, reservou o melhor vinho para agora.” (*São João*, cap. II, v. 10.)

Entre as duas hipóteses, é preciso escolher a mais racional, e os espíritas não são nem pessoas assaz crédulas para enxergar em tudo somente casos de manifestações, nem tão teimosas para pretender tudo explicar através dos fluidos.

MULTIPLICAÇÃO DOS PÃES

48. — A multiplicação dos pães é um dos milagres que mais intrigou os comentadores, ao mesmo tempo que deflagrou a verve dos incrédulos. Sem se dar a pena de sondar seu sentido alegórico, estes últimos viram ali apenas um conto pueril; mas a maioria das pessoas sérias viu nessa narrativa, posto que sob uma forma diferente da forma comum, uma parábola em que se compara o alimento espiritual da alma com o alimento do corpo.

Consegue-se enxergar aí, contudo, mais que uma figura, e admitir, de acordo com certo ponto de vista, a realidade de um fato material, sem recorrer para isso ao prodígio. Sabemos que uma grande preocupação de espírito, a atenção que se mantém voltada para uma coisa, faz esquecer a fome. Ora, os que seguiam a Jesus eram gente ávida por escutá-lo; não existe, portanto, nada de espantoso que, fascinados por sua palavra e talvez também pela poderosa ação magnética que exercia neles, não tenham sentido a necessidade material de comer.

Jesus, que previa tal resultado, conseguiu tranquilizar seus discípulos ao dizer, na linguagem figurada que lhe era habitual, ao se admitir que tenham realmente levado

alguns pães, que esses pães seriam suficientes para saciar a multidão. Ao mesmo tempo, oferecia-lhes uma lição: “Deem a eles vocês mesmos de comer”, dizia; ele lhes ensinava assim que também eles eram capazes de fornecer alimento através da palavra.

Assim, ao lado do sentido alegórico moral, ele conseguiu produzir um efeito fisiológico natural muito conhecido. O prodígio, nesse caso, está na ascendência da palavra de Jesus, assaz poderosa para prender a atenção de u’a multidão imensa, a ponto de fazê-la esquecer de comer. Esse poder moral dá testemunho da superioridade de Jesus, bem mais do que o fato puramente material da multiplicação dos pães, que deve ser considerado como uma alegoria.

Esta explicação, aliás, se encontra confirmada por Jesus mesmo nas duas passagens seguintes.

O lêvedo dos fariseus.

49. — Contudo, tendo os seus discípulos passado para o outro lado do lago, esqueceram-se de pegar os pães. — Jesus lhes disse: Tenham cuidado de se resguardar do lêvedo dos fariseus e dos saduceus. — Mas eles pensavam e diziam entre si: é porque não pegamos nenhum pão.

Ao tomar conhecimento disso, Jesus lhes disse: Homens de pouca fé, por que conversam juntos sobre não terem pegado os pães? Vocês não atinaram ainda e não se lembram mais de que cinco pães foram suficientes para cinco mil homens, e quantos cestos encheram? — Como é que vocês não atinam que eu não lhes falava a respeito de pão, quando lhes disse para se resguardarem do lêvedo dos fariseus e dos saduceus?

Então, eles atinaram que ele não lhes havia falado para se resguardarem do lêvedo que se põe no pão, mas da doutrina dos fariseus e dos saduceus. (*São Mateus*, cap. xvi, vv. 5 a 12.)

O pão do céu.

50. — Na manhã seguinte, o povo que tinha ficado do outro lado do mar observou que havia ficado ali apenas um barco, sabendo que Jesus não tinha embarcado com seus discípulos, mas que estes haviam partido sozinhos, — e, como estavam chegando outros barcos de Tiberíades, perto do lugar onde o Senhor, após haver dado graças, os havia alimentado com cinco pães; — o povo percebeu, enfim, que Jesus não estava mais lá, não mais que os seus discípulos, e toda aquela gente entrou nos barcos e foi para Cafarnaum procurar a Jesus. — E, tendo-o encontrado do lado de lá do mar, eles lhe perguntaram: Senhor, quando você veio para cá?

Jesus lhes respondeu: Em verdade, em verdade, eu lhes digo, vocês me procuram, não por causa dos milagres que vocês viram, mas porque eu lhes ofereci do pão para comer; e vocês se saciaram. — Trabalhem para obter, não o alimento que perece mas o que fica para a vida eterna, e que o Filho do homem lhes dará, porque foi nele que Deus, o Pai, consignou a sua marca e o seu caráter.

Eles lhe perguntaram: Que deveremos fazer para realizar as obras de Deus? — Jesus lhes respondeu: A obra de Deus é que vocês criam em quem ele enviou.

Eles lhe perguntaram: Qual é o milagre que você nos apresenta, a fim de que, vendo, acreditemos? Que faz você de extraordinário? — Nossos pais comeram o maná no deserto; conforme o que está escrito: Ele lhes deu de comer o pão do céu.

Jesus lhes respondeu: Em verdade, em verdade, eu lhes digo, Moisés não lhes deu nunca o verdadeiro pão do céu; mas é meu Pai quem lhes dá o verdadeiro pão do céu. — Pois o pão de Deus é o que desceu do céu, e que dá a vida ao mundo.

Eles lhe disseram: Senhor, nos dê sempre desse pão.

Jesus lhes respondeu: *Eu sou o pão da vida: quem vem até mim não terá nunca fome, e aquele que crê em mim não terá jamais sede.* — Mas eu já lhes disse: vocês me viram e não acreditaram.

[...]

Em verdade, em verdade, eu lhes digo, quem crê em mim possui a vida eterna. — Eu sou o pão da vida. — Seus pais comeram o maná do deserto, e eles morreram. — Mas eis aqui o pão que desceu do céu, a fim de que aquele que o coma, não morra nunca. (*São João*, cap. vi, vv. 22 a 36 e 47 a 50.)

51. — Na primeira passagem, Jesus, lembrando o efeito produzido precedentemente, dá claramente a entender que não se tratava de fato de pães materiais; caso contrário, a comparação que ele estabeleceu com o lêvedo dos fariseus, teria sido sem sentido. “*Vocês não atinaram ainda*, disse ele, e não se lembram mais de que cinco pães foram suficientes para cinco mil homens, e que sete pães foram suficientes para quatro mil homens? — Como é que vocês não atinam que eu não lhes falava a respeito de pão, quando lhes disse para se resguardarem do lêvedo dos fariseus?” Essa comparação não tinha nenhuma razão de ser na hipótese de uma multiplicação material. O fato tinha sido assaz extraordinário em si mesmo para ter mexido com a imaginação de seus discípulos, os quais, todavia, não davam mostras de se lembrar.

É o que sobressai não menos claramente do discurso de Jesus a respeito do pão do céu, no qual ele se dedica a fazer compreender o sentido verdadeiro do alimento espiritual. “Trabalhem, disse ele, para obter, não o alimento que perece mas o que fica para a vida eterna, e que o Filho do homem lhes dará.” Tal alimento é a sua palavra, que é o pão que desceu do céu e que dá a vida ao mundo. “Eu sou, disse ele, o pão da vida: *quem vem até mim não terá nunca fome*, e aquele que crê em mim não terá jamais sede.”

Mas tais distinções eram muito sutis para aquelas naturezas rústicas, que só compreendiam as coisas tangíveis. O maná que havia alimentado o corpo de seus ancestrais era para eles o verdadeiro pão do céu; lá residia o milagre. Logo, se a multiplicação dos pães tivesse acontecido materialmente, como esses mesmos homens, para cujo proveito se produziu poucos dias antes, teriam sido tão pouco sensibilizados para perguntarem a Jesus: “Qual é o milagre que você nos apresenta, a fim de que, vendo, acreditemos? Que faz você de extraordinário?” É que eles entendiam por milagres os prodígios que solicitavam os fariseus, quer dizer, os sinais no céu realizados à vontade, como através da varinha de um mágico. O que fazia Jesus era bastante simples e não se afastava muito das leis da natureza; até as curas não apresentavam um caráter assaz estranho, assaz extraordinário; os milagres espirituais não tinham suficiente corpo para eles.

TENTAÇÃO DE JESUS

52. — Jesus, transportado pelo diabo para o cimo do templo, depois para uma montanha, e tentado por ele, é uma dessas parábolas que lhe eram costumeiras, e que a credulidade pública transformou em eventos materiais⁸⁸.

53. — “Jesus não foi sequestrado, mas ele desejava fazer com que os homens compreendessem que a humanidade está sujeita a falhar, e que deve ficar sempre em guarda contra as más inspirações, às quais sua débil natureza incita a ceder. A tentação de Jesus é, assim, uma figura, e seria preciso ser cego para aceitá-la como verdadeira. Como poderiam vocês acreditar em que o Messias, o Verbo de Deus encarnado, ficasse submetido por algum tempo, por mais curto que fosse, às sugestões do demônio, e que, conforme se diz no Evangelho de Lucas, o demônio o deixou, *por certo tempo*, o que faria pensar que estaria ainda submetido ao seu poder? Não; entendam melhor os ensinamentos que lhes foram oferecidos. O Espírito do mal não tem nenhum poder sobre a essência do bem. Ninguém disse ter visto Jesus na montanha nem no cimo do templo; com certeza, teria sido um episódio propício para se espalhar entre todos os povos. A tentação não foi um ato material e físico. Quanto a ser um ato moral, têm vocês como admitir que o Espírito das trevas conseguiu dizer a quem lhe conhecia a origem e o poder: ‘Adore-me: eu lhe darei todos os reinos da Terra’? O demônio não teria reconhecido, portanto, aquele a quem fazia tais ofertas, o que não é provável; se reconhecia, sua proposição era um contrassenso, pois ele bem sabia que seria rejeitado por aquele que vinha arruinar seu domínio dos homens.

“Compreendam, portanto, o sentido desta parábola, pois trata-se de uma, tanto quanto as do *Filho pródigo*, e do *Bom samaritano*. Ela nos adverte para os perigos que correm os homens, caso não resistam àquela voz íntima que lhes clama sem cessar: ‘Você pode ser maior do que é; você pode possuir mais do que possui; você pode crescer, enriquecer; ouça a voz da ambição e todos os seus desejos serão satisfeitos.’ Ela nos mostra o perigo e o meio de evitá-lo, ao dizer às más inspirações: *Retire-se Satã!*, ou seja: *Para trás, tentação!*

“As duas outras parábolas que citei os adverte sobre o que deve ainda esperar quem, muito fraco para rechaçar o demônio, sucumbiu a suas tentações. Elas os advertem quanto à misericórdia do pai de família que estende a mão para a frente do filho arrependido e que lhe concede, com amor, o perdão implorado. Elas os advertem de que o condenado, o cismático, o homem rejeitado por seus irmãos tem maior valor aos olhos do Juiz Supremo, que os que o desprezam, porque aquele pratica as virtudes ensinadas pela lei de amor.

“Sopesem bem os ensinamentos oferecidos nos Evangelhos; saibam diferenciar o que está em sentido próprio do que está em sentido figurado, e os erros que os vêm

⁸⁸ Extraímos a explicação seguinte textualmente de uma mensagem oferecida a respeito por um Espírito.

mantendo cegos durante tantos séculos se desfarão a pouco e pouco, para dar lugar à resplandecente luz da verdade.” (Bordéus, 1862, *João Evangelista*.)

PRODÍGIOS QUANDO DA MORTE DE JESUS

54. — Ora, após a sexta hora do dia até a nona, toda a terra se cobriu de trevas.

[...]

Ao mesmo tempo, o véu do templo se rasgou em dois, de alto a baixo; a terra tremeu, as pedras se fenderam; — os sepulcros se abriram; e diversos corpos de santos, que estavam no sono da morte, ressuscitaram; — e, saindo de seus túmulos após sua ressurreição, vieram à cidade sagrada, e foram vistos por diversas pessoas. (*São Mateus*, cap. xxvii, vv. 45 e 51 a 53.)

55. — É estranho que tais prodígios, acontecendo na mesma hora em que a atenção da cidade se fixava no suplício de Jesus, que era o evento do dia, não fossem anotados, dado que nenhum historiador lhes faz menção. Parece impossível que um tremor de terra e *toda a terra* coberta de trevas durante três horas, em um país onde o céu é sempre de uma perfeita limpidez, tenham conseguido passar despercebidos.

A duração dessa obscuridade está próxima de um eclipse solar, mas tais eclipses só acontecem na lua nova e a morte de Jesus ocorreu durante a lua cheia, no dia 14 do mês de *nissan*, dia da Páscoa dos judeus.

O obscurecimento do Sol pode também ser produzido pelas manchas que se observam em sua superfície. Nesse caso, o brilho da luz enfraquece sensivelmente, mas nunca a ponto de produzir obscuridade e trevas. Caso se imagine um fenômeno deste gênero houvesse acontecido naquela ocasião, teria tido uma causa perfeitamente natural⁸⁹.

Quanto aos mortos ressuscitados, pode ser que *algumas pessoas* tenham percebido visões ou aparições, o que não é excepcional; mas, como então não se conhecia a causa desse fenômeno, pareceu-lhes que os indivíduos surgiram de dentro do sepulcro.

Os discípulos de Jesus, emocionados com a morte de seu mestre, sem dúvida, vincularam a ela alguns fatos específicos aos quais não teriam prestado nenhuma atenção em outra hora. Teria sido suficiente que um fragmento de rocha se desprendesse nesse momento, para que a gente, estando predisposta ao maravilhoso, tivesse visto aí um prodígio, e que, ao ampliar o acontecimento, tivesse dito que as pedras se fenderam.

Jesus é grande pelas suas obras e não pelos quadros fantásticos de que um entusiasmo pouco esclarecido acreditou precisar envolvê-lo.

APARIÇÕES DE JESUS APÓS SUA MORTE

⁸⁹ Há o tempo todo, na superfície do Sol, manchas fixas que seguem seu movimento de rotação e que serviram para lhe determinar a duração. Mas essas manchas aumentam, às vezes, em quantidade, em extensão e em intensidade, e é quando se produz uma diminuição na luz e no calor. Esse aumento na quantidade de manchas parece coincidir com certos fenômenos astronômicos e com a posição relativa de alguns planetas, o que provoca sua ocorrência periódica. A duração desse obscurecimento é muito variável; às vezes, ela não passa de duas ou três horas, mas, em 535, houve um que durou quatorze meses.

56. — Contudo, Maria (Madalena) se manteve do lado de fora, perto do sepulcro, vertendo lágrimas. E, quando ela chorava, tendo-se abaixado para olhar dentro do sepulcro, — viu dois anjos vestidos de branco, sentados no lugar onde tinha estado o corpo de Jesus, um à cabeceira e o outro aos pés. — Eles lhe perguntaram: Mulher; por que chora você? Ela lhes respondeu: É que removeram meu Senhor, e eu não sei onde o puseram.

Havendo dito isto, ela se voltou e viu Jesus de pé, *sem saber, entretanto, que se tratava de Jesus*. — Então, Jesus lhe disse: Mulher; por que chora você? A quem procura? Ela, pensando que aquele era o jardineiro, lhe disse: Senhor, se foi você quem o removeu, diga-me onde o colocou e eu o carregarei.

Jesus lhe disse: Maria. Imediatamente ela voltou a si e lhe disse: *Rabboni*, quer dizer: Meu Mestre. — Jesus lhe respondeu: Não toque em mim, pois eu não subi ainda até meu Pai; mas vá encontrar os meus irmãos, e diga-lhes de minha parte: Eu subo até meu Pai e seu Pai, meu Deus e seu Deus.

Maria Madalena foi, assim, dizer aos discípulos que ela havia visto o Senhor e que ele lhe havia dito tais coisas. (*São João*, cap. xx, vv. 11 a 18.)

57. — Naquele mesmo dia, dois dentre eles se foram para uma vila chamada Emaús, distante sessenta estádios de Jerusalém, — falando entre si a respeito de tudo o que se havia passado. — E sucedeu que, quando conversavam e discutiam entre si, Jesus veio, ele mesmo, ao seu encontro, e se pôs a andar junto; *mas seus olhos estavam contidos, a fim de que não conseguissem reconhecê-lo*. — E ele lhes perguntou: Sobre o que vocês estão conversando enquanto caminham, e o que aconteceu para que estejam tão tristes?

Um deles, chamado Cléopas, tomando a palavra, lhe perguntou: É você o único estrangeiro em Jerusalém que desconhece o que ali se passou estes dias? — O quê? — ele lhes perguntou. Eles lhe responderam: Diz respeito a Jesus de Nazaré, que foi um profeta poderoso diante de Deus e diante de todo o povo; e de que maneira os principais dentre os sacerdotes e nossos senadores o entregaram para ser condenado à morte e o crucificaram. — Ora, nós esperávamos que seria ele quem iria resgatar Israel, no entanto, após tudo isso, este é o terceiro dia que essas coisas se passaram. — É verdade que algumas das mulheres que estavam conosco nos deixaram assombrados; pois, indo antes do alvorecer ao seu sepulcro, — e não tendo mais encontrado ali seu corpo, elas vieram dizer que uns anjos lhes apareceram, e lhes disseram que ele está vivo. — E alguns dos nossos, tendo ido também ao sepulcro, encontraram todas as coisas como as mulheres lhes contaram; mas quanto a ele, não o encontraram.

Então, ele lhes disse: Ó insensatos, cujo coração tarda em crer em tudo o que os profetas disseram! Não era preciso que o Cristo padecesse tudo isso, e que entrasse assim na glória? — E, começando por Moisés e passando por todos os profetas, ele lhes explicava em todas as Escrituras o que havia sido dito a seu respeito.

Quando eles estavam próximos da vila para onde iam, ele fez menção de ir mais longe. — Mas o forçaram a ficar, dizendo-lhe: Permaneça conosco, porque é tarde e o dia já está declinando; e ele entrou com eles. — Estando com eles à mesa, ele pegou o pão, e o abençoou e, tendo-o partido, ofereceu a eles. — *Na mesma hora, seus olhos se abriram, e eles o reconheceram; mas ele se desvaneceu diante de seus olhos*.

Então, disseram entre si: Não é verdade que nosso coração estava todo ardente em nós, quando ele nos falava no caminho e quando nos explicava as Escrituras? — E, levantando-se na mesma hora, eles voltaram para Jerusalém, e deram com os onze apóstolos e os que tinham ficado com eles reunidos, — e disseram: O Senhor verdadeiramente ressuscitou, e ele *apareceu* a Simão. — Então contaram eles mesmos também, o que lhes havia sucedido no caminho, e como o tinham reconhecido quando partiu o pão.

Enquanto eles conversavam assim, *Jesus se apresentou no meio deles*, e lhes disse: A paz esteja com vocês; sou eu, não tenham medo. — Mas, na perturbação e no temor de que se viram assaltados, eles imaginaram estar vendo *um Espírito*.

E Jesus lhes disse: Por que vocês se perturbam? E por que se confundem tantos pensamentos em seus corações? — Olhem para minhas mãos e meus pés, e reconhecerão que sou eu mesmo; toquem em mim e verifiquem que um Espírito não tem nem carne nem ossos, como vocês veem que eu tenho. — Após ter dito isto, ele lhes mostrou suas mãos e seus pés.

Mas como eles não acreditassem ainda, tão fortemente estavam transportados de alegria e de admiração, ele lhes perguntou: Vocês têm aqui alguma coisa para comer? Eles lhe apresentaram um pedaço de peixe assado e um favo de mel. — Ele os comeu diante deles e, pegando as sobras, ofereceu a eles, e lhes disse: Eis o que lhes dizia, estando ainda consigo: que precisava que tudo o que estava escrito a meu respeito, na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos, se cumprisse.

Ao mesmo tempo, ele lhes abriu o espírito para que entendessem as Escrituras; — e lhes disse: É assim que está escrito, e é assim que precisava que o Cristo sofresse e que ressuscitasse dentre os mortos, no terceiro dia; — e que se pregasse em seu nome a penitência e a remissão dos pecados em todas as nações, começando por Jerusalém. — Ora, vocês são as testemunhas dessas coisas. — E eu vou enviar-lhes o dom de meu Pai, que lhes foi prometido; mas, entretimentos, permaneçam na cidade até que eu os tenha recoberto com a força do alto. (*São Lucas*, cap. xxiv, vv. 13 a 49.)

58. — Ora, Tomé, um dos doze apóstolos, chamado Dídimo, não estava com eles quando Jesus veio. — Os outros discípulos lhe disseram, portanto: Nós vimos o Senhor. Mas ele lhes disse: Se eu não vir em suas mãos a marca dos cravos que as atravessaram, e se não puser meu dedo no orifício dos cravos, e minha mão no orifício de seu lado, eu não acreditarei nunca.

Oito dias depois, estando os discípulos ainda no mesmo lugar; e Tomé com eles, Jesus veio, *estando as portas fechadas*, e se colocou no meio deles, e lhes disse: A paz esteja consigo.

E disse em seguida a Tomé: Ponha aqui seu dedo, e observe minhas mãos; aproxime também sua mão, e ponha em meu lado; e não seja mais incrédulo, mas tenha fé. — Tomé lhe respondeu e lhe disse: Meu Senhor e meu Deus! — Jesus lhe disse: Você acreditou, Tomé, porque viu; felizes os que acreditaram sem haver visto. (*São João*, cap. xx, vv. 24 a 29.)

59. — Jesus se deu a ver ainda depois aos seus discípulos, à margem do mar de Tiberíades, e se deu a ver desta forma:

Simão Pedro e Tomé, chamado Dídimo, Natanael, que era de Caná na Galileia, os filhos de Zebedeu e dois outros de seus discípulos estavam juntos. — Simão Pedro lhes disse: Eu vou pescar. Eles lhe disseram: Nós vamos também consigo. Eles se foram, portanto, e embarcaram; mas naquela noite não pegaram nada.

De manhã, *Jesus apareceu na praia, sem que seus discípulos reconhecessem que era Jesus*. — Jesus lhes perguntou: Filhos, vocês não têm nada para comer? Eles lhe responderam: Não. Ele lhes disse: Juguem a rede do lado direito do barco, e vocês acharão. Eles a jogaram logo, e não conseguiam mais retirá-la, tanto estava carregada de peixes.

Então, o discípulo que Jesus amava disse a Pedro: É o Senhor. E Simão Pedro, tendo percebido que era o Senhor, pôs sua roupa (pois estava nu), e se jogou no mar. — Os outros discípulos vieram com o barco; e, como estavam distantes no mar em torno de duzentos côvados, eles puxaram a rede cheia de peixes. (*São João*, cap. xxi, vv. 1 a 8.)

60. — Depois disso, ele os levou para fora, na direção da Betânia, e tendo levantado as mãos, ele os abençoou; — e, ao abençoá-los, *separou-se deles e foi sendo conduzido para o céu*.

Quanto a eles, após havê-lo adorado, regressaram a Jerusalém, plenos de alegria; — e iam sem cessar ao templo, louvando e bendizendo a Deus. Amém. (*São Lucas*, cap. xxiv, vv. 50 a 53.)

61. — As aparições de Jesus depois de sua morte são registradas por todos os evangelistas com pormenores circunstanciados que não permitem duvidar da realidade do acontecimento. Elas se explicam, de resto, perfeitamente através das leis dos fluidos e das propriedades do perispírito, e não apresentam nada de diferente dos fenômenos do mesmo gênero, dos quais a história antiga e contemporânea oferece numerosos exemplos, sem excetuar a tangibilidade. Se observarmos as circunstâncias que cercaram suas diversas aparições, reconhecemos nele, nessas horas, todos as características de um ser fluídico. Ele aparece inopinadamente e desaparece da mesma forma; ele é visto por uns e não por outros, sob aparências que não o dão a reconhecer, mesmo por seus discípulos; ele se mostra em recintos fechados onde um corpo carnal não seria capaz de penetrar; sua linguagem mesma não tem a vivacidade de um ser corpóreo; ele tem o tom breve e sentencioso próprio dos Espíritos que se manifestam dessa maneira; todas os seus gestos,

em suma, têm qualquer coisa que não pertence ao mundo terrestre. Sua vista causa a um só tempo surpresa e medo; seus discípulos, ao vê-lo, não falam com a mesma liberdade; eles sentem que não é mais o homem.

Jesus mostrou-se, pois, com o seu corpo perispiritual, o que explica por que ele foi visto só por aqueles aos quais quis se fazer ver; se estivesse com seu corpo carnal, ele teria sido visto pelo primeiro que aparecesse, como quando estava vivo. Ignorando seus discípulos a causa primária do fenômeno das aparições, não ativam com essas particularidades que não notavam provavelmente; eles viam a Jesus e tocavam nele; para eles, esse teria de ser seu corpo ressuscitado. (Cap. XIV, n.ºs 14 e 35 a 38.)

62. — Enquanto a incredulidade rejeita todos os feitos de Jesus que tenham aparência de sobrenaturais e os considera, sem exceção, como lendários, o Espiritismo oferece à maioria desses feitos uma explicação natural; ele prova sua possibilidade, não somente pela teoria das leis dos fluidos, mas por sua identidade com os feitos análogos produzidos por uma grande quantidade de pessoas, em condições as mais corriqueiras. Como esses feitos estão, de alguma forma, no domínio público, eles não comprovam nada, em princípio, no que tange à natureza excepcional de Jesus⁹⁰.

63. — O maior dos milagres que Jesus operou, aquele que atesta verdadeiramente sua superioridade, é a revolução que seus ensinamentos realizaram no mundo, malgrado a exiguidade de seus meios de ação.

Com efeito, Jesus, obscuro, pobre, nascido na condição mais humilde, em um povo pequeno, quase ignorado e sem preponderância política, artística ou literária, só pregou três anos; durante esse curto espaço de tempo, ele é desconsiderado e perseguido por seus concidadãos, caluniado, tratado de impostor; é obrigado a fugir para não ser lapidado; é traído por um dos seus apóstolos, negado por outro, abandonado por todos no momento em que cai nas mãos de seus inimigos. Ele só fazia o bem, e isso não o punha ao abrigo da malevolência, que tornava contra ele os serviços mesmos que prestava. Condenado ao suplício reservado aos criminosos, ele morre ignorado do mundo, pois a história contemporânea se cala no que se refere a ele⁹¹. Ele nada escreveu, entretanto, ajudado por alguns homens obscuros como ele, a sua palavra foi suficiente para regenerar o mundo; sua doutrina matou o paganismo todo-poderoso e se converteu no luzeiro da civilização. Ele tinha, portanto, contra si tudo o que consegue fazer com que fracassem os homens; eis porque nós dizemos que o triunfo de sua doutrina é o maior de seus milagres, ao mesmo tempo que ela comprova sua missão divina. Se, ao invés de princípios sociais e regeneradores, fundamentados no futuro espiritual do homem, ele tivesse para oferecer à posteridade apenas alguns feitos maravilhosos, mal o conheceríamos hoje em dia, talvez somente de nome.

⁹⁰ Os numerosos feitos contemporâneos de curas, aparições, possessões, dupla vista e outros, que estão relatados na *Revista Espírita* e lembrados nas notas acima, oferecem, até nas circunstâncias de detalhe, uma analogia tão flagrante com os que registra o Evangelho, que a similitude dos efeitos e das causas queda evidente. Perguntamos, portanto, por que o mesmo fato teria uma causa natural hoje e sobrenatural outrora; diabólica para alguns e divina para outros. Se tivesse sido possível pô-los aqui frente a frente, a comparação teria sido mais fácil; mas sua quantidade e as explicações de que a maioria precisa, não no permitiram.

⁹¹ O historiador judeu Josefo é o único que o cita, dizendo pouquíssima coisa.

DESAPARECIMENTO DO CORPO DE JESUS

64. — O desaparecimento do corpo de Jesus após sua morte foi motivo de numerosos comentários; ele é atestado pelos quatro evangelistas, sobre o relato das mulheres que visitaram o sepulcro no terceiro dia e não o encontraram ali. Uns viram nesse desaparecimento um fato milagroso, outros supuseram uma remoção clandestina.

Segundo uma outra opinião, Jesus não se teria revestido de um corpo carnal, mas somente de um corpo fluídico; ele teria sido, durante sua vida toda, apenas uma aparição tangível, em suma, uma espécie de agênera. Seu nascimento, sua morte e todos os atos materiais de sua vida não teriam sido mais que uma aparência. Eis porque se diz que seu corpo, voltando ao estado fluídico, teve como desaparecer do sepulcro, e foi com esse mesmo corpo que ele se teria mostrado após sua morte.

Sem dúvida, semelhante feito não é radicalmente impossível, de acordo com o que se sabe hoje em dia a respeito das propriedades dos fluidos; mas seria, no mínimo, completamente excepcional e estaria em formal oposição com o caráter dos agêneres (cap. XIV, n.º 36). A questão, assim, é de saber se tal hipótese é admissível, se ela se confirma ou se contradiz através dos fatos.

65. — A estada de Jesus no mundo apresenta dois períodos: o que precedeu e o que se seguiu à sua morte. No primeiro, desde o momento da concepção até o nascimento, tudo se passa com a mãe como nas condições normais da vida⁹². Desde seu nascimento até a morte, tudo, em seus atos, em sua linguagem e nas diversas circunstâncias de sua vida, apresenta os caracteres inequívocos da corporalidade. Os fenômenos de ordem psíquica que nele se produzem são acidentais e não têm nada de anormal, dado que se explicam através das propriedades do perispírito e que se encontram em diferentes graus em outros indivíduos. Após sua morte, ao contrário, tudo nele revela o ser fluídico. A diferença entre os dois estados é tão demarcada que não é possível compará-los.

O corpo carnal possui as propriedades inerentes à matéria propriamente dita, as quais diferem essencialmente das dos fluidos etéreos; a desorganização se realiza nele através da ruptura da coesão molecular. Um instrumento cortante, penetrando no corpo material, lhe separa os tecidos; se os órgãos essenciais à vida forem atingidos, seu funcionamento para e a morte sobrevém, quer dizer, a morte do corpo. Essa coesão não existe nos corpos fluídicos, a vida não repousa no desempenho de órgãos especiais, onde não se tem como produzir desordens semelhantes; um instrumento cortante, ou qualquer outro, aí penetra como em um vapor, sem lhe ocasionar nenhuma lesão. Eis aí porque essas espécies de corpos *não têm como morrer*, e porque os seres fluídicos designados sob o nome de *agêneres* não têm como ser mortos.

Após o suplício de Jesus, seu corpo permaneceu lá, inerte e sem vida, foi enterrado como os corpos normais e qualquer um podia ver e tocar nele. Após sua ressurreição, quando ele deseja deixar a Terra, não morre mais; seu corpo se eleva, se esvai e desaparece, sem deixar nenhum vestígio, prova evidente de que esse corpo possuía outra

⁹² Nós não falamos do mistério da encarnação, do qual não temos que nos ocupar aqui e que será examinado posteriormente.

natureza em relação ao que pereceu na cruz; donde é preciso concluir que, se Jesus foi capaz de morrer, é que possuía um corpo carnal.

Como resultado de suas propriedades materiais, o corpo carnal é a sede das sensações e das dores físicas que repercutem no centro sensitivo ou Espírito. Não é o corpo que sofre, é o Espírito, que recebe o contragolpe das lesões ou alterações dos tecidos orgânicos. Em um corpo privado do Espírito, a sensibilidade fica totalmente anulada; pela mesma razão, o Espírito, que não possui nenhum corpo material, não tem como experimentar os sofrimentos que são causados pela alteração da matéria, donde é preciso igualmente concluir que, se Jesus sofreu materialmente, do que não se poderá duvidar, é que possuía um corpo material, de natureza similar aos de todo o mundo.

66. — Aos fatos materiais vêm juntar-se considerações morais muitíssimo poderosas.

Se Jesus tivesse permanecido, durante sua vida, nas condições dos seres fluídicos, não teria experimentado nem a dor, nem nenhuma das necessidades do corpo; supor que assim haja sido é furtar-lhe todo o mérito da vida de privações e de sofrimentos que ele havia escolhido como exemplo de resignação. Se tudo nele era tão só aparência, todos os atos de sua vida, o anúncio reiterado de sua morte, a cena dolorosa do Jardim das Oliveiras, sua prece a Deus para apartar o cálice de seus lábios, sua paixão, sua agonia, tudo, até seu derradeiro clamor no momento de render o Espírito, não teria passado de um vão disfarce para provocar uma ilusão a respeito de sua natureza e fazer acreditar no sacrifício ilusório de sua vida, uma comédia indigna de um homem simples e honesto, com muito maior razão de um ser tão superior; em suma, ele teria abusado da boa-fé de seus contemporâneos e da posteridade. Tais são as consequências lógicas desse sistema, consequências que não são admissíveis, pois o rebaixam moralmente, ao invés de elevá-lo.

Portanto, Jesus possuiu, como todo o mundo, um corpo carnal e um corpo fluídico, o que atestam os fenômenos materiais e os fenômenos psíquicos que assinalaram sua vida.

67. — Essa ideia a respeito da natureza do corpo de Jesus não é nova. No século IV, Apolinário, de Laodiceia, chefe da seita dos *apolinaristas*, pretendia que Jesus não havia de fato tomado um corpo como o nosso, mas um corpo *impassível*, que havia descido do céu, para o seio da Santa Virgem, e não havia nascido dela; que assim Jesus havia nascido, havia sofrido e havia morrido apenas em *aparência*. Os apolinaristas foram anatematizados nos concílios de Alexandria, em 360, de Roma, em 374, e de Constantinopla, em 381.

Os *docetas* (do grego *dokein* — *dokeîn/n* — parecer), seita numerosa dos *gnósticos*, que subsistiu durante os três primeiros séculos, possuíam a mesma crença.

AS PREDIÇÕES

SEGUNDO O ESPIRITISMO

CAPÍTULO XVI

TEORIA DA PRESCIÊNCIA

1. — Como o conhecimento do futuro é possível? Nós compreendemos a previsão dos eventos que são a consequência do estado presente, mas não dos que não têm nenhuma relação com ele, e ainda menos dos que a gente atribui ao acaso. As coisas futuras, dizem, não existem; elas se encontram ainda no nada; como, então, saber que acontecerão? Os exemplos de predições que se realizaram são, entretanto, assaz numerosos, donde é preciso concluir que se passa aí um fenômeno cuja chave não temos, porque não há efeito sem causa; é essa causa que iremos tentar encontrar, e é ainda o Espiritismo, chave ele mesmo para tantos mistérios, que irá fornecê-la para nós, e que, além disso, nos irá demonstrar que as predições não extrapolam as leis naturais.

Tomemos, para comparação, um exemplo dentre as coisas usuais que nos ajudará a fazer compreender o princípio que iremos desenvolver.

2. — Suponhamos um homem colocado no alto de u'a montanha, observando a vasta extensão da planície. Nessa situação, o espaço de uma légua será insignificante, e ele poderá facilmente abranger, com um só golpe de vista, todos os acidentes do terreno, desde o começo até o fim da estrada. O viajante que segue por essa estrada pela primeira vez, sabe que, andando, chegará ao fim: eis aí uma previsão simples da consequência de sua caminhada; mas os acidentes do terreno, as subidas e as descidas, os rios a transpor, os bosques a atravessar, os precipícios onde pode cair, os ladrões escondidos para pilhá-lo, as residências hospitaleiras onde poderá repousar, nada disso está sob seu controle: é para ele o desconhecido, o futuro, porque sua vista não vai além do pequeno círculo em torno

de si. Quanto ao tempo, ele calcula pela duração que leva para percorrer o caminho; retirem dele os pontos de referência e o tempo desaparece. Para o homem que está sobre a montanha e que segue com o olhar o viajante, tudo isso é o presente. Suponhamos que esse homem desça até o viajante e lhe diga: “Em tal momento, você irá encontrar tal coisa, será assaltado e socorrido”; ele lhe estará predizendo o futuro. O futuro é para o viajante; para o homem da montanha, esse futuro é o presente.

3. — Se nós sairmos agora do círculo das coisas puramente materiais, e se entrarmos, através do pensamento, no domínio da vida espiritual, veremos esse fenômeno produzir-se em uma escala imensa. Os Espíritos desmaterializados são como o homem da montanha: o espaço e o tempo se apagam para eles. Mas a extensão e a penetração de sua vista são proporcionais à sua pureza e à sua elevação na hierarquia espiritual; eles são, com relação aos Espíritos inferiores, como o homem munido de um poderoso telescópio ao lado de quem possui apenas seus olhos. Para estes últimos, a vista é circunscrita, não só porque não conseguem, a não ser com muita dificuldade, afastar-se do globo ao qual estão cingidos, mas porque a densidade de seu perispírito empana as coisas distantes, como lhe produz um nevoeiro para os olhos do corpo.

Compreendemos, assim, que, segundo o grau de perfeição, um Espírito pode abranger um período de alguns anos, de alguns séculos e mesmo de vários milhares de anos, pois o que representa um século diante do infinito? Os acontecimentos não se desdobram jamais sucessivamente diante dele, como os incidentes da estrada do viajante: ele vê, simultaneamente, o começo e o fim do período; todos os eventos que, durante esse período, constituem o futuro para o homem da Terra, são para ele o presente. Logo, ele poderá vir dizer-nos com certeza: Tal coisa acontecerá em tal ocasião, porque vê essa coisa como o homem da montanha vê o que aguarda pelo viajante na estrada; se ele não vem fazê-lo é porque o conhecimento do futuro seria prejudicial ao homem; ele entravaria seu livre-arbítrio; ele lhe paralisaria o trabalho que tem que realizar para seu progresso; o bem e o mal que aguardam por ele, permanecendo desconhecidos, constituem para ele a provação.

Se uma tal faculdade, mesmo restrita, pode estar nos atributos da criatura, a que grau de poder não deve elevar-se no Criador, que abrange o infinito? Para ele o tempo não existe: o começo e o fim dos mundos são o presente. Nesse imenso panorama, que representa a duração da vida de um homem, de uma geração, de um povo?

4. — Entretanto, como o homem tem de concorrer para o progresso geral e como certos eventos têm de resultar de sua cooperação, a presciência deles pode ser útil, em casos especiais, para lhe preparar as rotas e para aprestá-lo para agir quando chegar o momento; eis porque Deus permite, às vezes, que um pedaço do véu seja erguido; mas sempre com uma finalidade útil e jamais para satisfazer uma vã curiosidade. Essa missão, portanto não pode ser atribuída a todos os Espíritos, já que existem os que não conhecem o futuro melhor que os homens, mas a alguns Espíritos suficientemente adiantados para isso; contudo, é observar que as revelações desse naipe são sempre feitas espontaneamente, e jamais, ou muito raramente ao menos, em resposta a uma pergunta direta.

5. — Tal missão tem como ser entregue igualmente a certos homens, e eis de que maneira.

Aquele a quem está confiado o cuidado de revelar uma coisa escondida, pode receber, sem que saiba, a inspiração dos Espíritos que a conhecem e aí ele a transmite maquinalmente, sem se dar conta disso. Sabemos, por outra, que, seja durante o sono, seja no estado de vigília, nos êxtases da dupla vista, a alma se desprende e adquire, em um grau maior ou menor, as faculdades do Espírito livre. Caso se trate de um Espírito adiantado, se tiver recebido, além do mais, como os profetas, u'a missão especial para esse efeito, ele desfruta, nos momentos de emancipação da alma, a faculdade de abranger por si mesmo, um período mais ou menos longo, e vê, como atuais, os eventos desse período. Ele consegue, então, revelá-los no mesmo instante, ou conservar-lhes a lembrança ao despertar. Se os eventos têm de permanecer em segredo, ele não perderá a lembrança ou lhe ficará apenas uma vaga intuição, suficiente para guiá-lo instintivamente.

6. — Eis porque vemos esta faculdade desenvolver-se providencialmente em certas ocasiões, nos perigos iminentes, nas grandes calamidades, nas revoluções, e porque a maioria das seitas perseguidas apresentou numerosos *videntes*; eis ainda porque vemos grandes capitães marchar resolutamente contra o inimigo, com a certeza da vitória; homens de gênio, como Cristóvão Colombo, por exemplo, perseguir um alvo, predizendo, por assim dizer, o momento em que o atingirão: é que eles viram esse alvo, que não é uma incógnita para seu Espírito.

O dom da predição não é, portanto, mais sobrenatural do que uma infinidade de outros fenômenos; ele repousa nas propriedades da alma e na lei das relações entre o mundo visível e o mundo invisível, que o Espiritismo vem dar a conhecer.

Esta teoria da presciência não resolve talvez de modo absoluto todos os casos que pode apresentar a revelação do futuro, mas não se tem como não convir em que ela propõe seu princípio fundamental.

7. — Muitas vezes, as pessoas dotadas da faculdade de prever, no estado extático ou sonambúlico, veem os eventos desenharem-se como em um quadro. Isto se conseguiria também explicar através da fotografia do pensamento. Estando um evento no pensamento dos Espíritos que trabalham para sua realização, ou no dos homens cujos atos devem provocá-lo, tal pensamento, atravessando o espaço como os sons atravessam o ar, é capaz de produzir u'a imagem para o vidente; mas como a realização pode ser apressada ou atrasada, por um conjunto de circunstâncias, ele vê a ocorrência sem ter como precisar o momento. Às vezes mesmo, tal pensamento pode não passar de um projeto, de um desejo que pode não dar resultado; daí os erros frequentes de fato e de data nas previsões. (Cap. XIV, n.ºs 13 e seg.ºs)

8. — Para compreendermos as coisas espirituais, quer dizer, para termos uma ideia tão lúcida quanto a que temos de uma paisagem que está sob nossos olhos, falta-nos verdadeiramente um sentido, exatamente como ao cego falta o sentido necessário para compreender as sensações da luz, das cores e da vista sem contato. Por isso, apenas através de um esforço de imaginação é que nós ali chegamos, e com a ajuda de comparações colhidas nas coisas que nos são familiares. Mas as coisas materiais só conseguem oferecer ideias muito imperfeitas das coisas espirituais; eis porque não devemos tomar as comparações ao pé da letra e crer, por exemplo, em que o poderio das faculdades perceptivas dos Espíritos depende da elevação efetiva deles e que precisam estar em u'a montanha ou acima das nuvens para abrangerem o tempo e o espaço.

Esta faculdade é inerente ao estado de espiritualização ou, se preferirem, de desmaterialização; quer dizer que a espiritualização produz uma sensação que se pode comparar, conquanto de modo muito imperfeito, ao da visão de conjunto do homem que está sobre a montanha. Esta comparação tinha simplesmente por meta mostrar que os eventos que se encontram no futuro para uns, se encontram no presente para outros, e, assim, têm como ser preditos, o que não implica em que o acontecimento se produza da mesma forma.

Para usufruir essa percepção, o Espírito não precisa transportar-se para um ponto qualquer do espaço; o que está aqui mesmo, ao nosso lado, pode possuí-la em sua plenitude, tão bem quanto se estivesse a milhares de léguas, enquanto nós não vemos nada fora do horizonte visual. Não se produzindo a visão para os Espíritos do mesmo modo nem com os mesmos elementos que para o homem, seu horizonte visual é totalmente outro; ora, é precisamente esse o sentido que nos falta para interpretar o horizonte espiritual; *o Espírito em relação ao encarnado é como o que enxerga em relação a um cego.*

9. — É preciso entender bem, além disso, que essa percepção não se limita à extensão, mas que compreende a imersão em todas as coisas; ela é, repetimos, uma faculdade inerente e proporcional ao estado de desmaterialização. Esta faculdade está *amortecida* pela encarnação, mas não fica completamente anulada, porque a alma não se encerrou no corpo como em uma caixa. O encarnado possui essa percepção, conquanto sempre em menor escala do que estando inteiramente desprendido; é isso que propicia a certos homens um poder de penetração que falta totalmente a outros, u'a maior precisão na capacidade da vista moral, uma compreensão mais fácil das coisas que estão além da matéria.

Não somente o Espírito encarnado percebe mas ele se recorda do que viu no estado de Espírito, e essa recordação é como um quadro que se delineia em seu pensamento. Durante a encarnação, ele vê mas vagamente e como através de um véu; no estado de liberdade, ele vê e interpreta claramente. *O princípio da visão não está fora dele, mas nele;* eis porque ele não precisa de nossa luz exterior. Através do desenvolvimento moral, o círculo das ideias e da imaginação se alarga; através da desmaterialização gradual do perispírito, este se depura dos elementos densos que adulteram a delicadeza das percepções; daqui é fácil compreender que o crescimento de todas as faculdades acompanha o progresso dos Espíritos.

10. — É o ritmo do crescimento das faculdades do Espírito que, durante a encarnação, o tornam mais ou menos apto para interpretar as coisas espirituais. De qualquer modo, essa aptidão não é o resultado lógico do desenvolvimento da inteligência; o conhecimento comum não a proporciona: eis porque vemos homens sapientíssimos tão cegos para as coisas espirituais quanto outros o são para as coisas materiais; eles lhes são refratários, porque não as compreendem; isto ocorre porque seu progresso *ainda* não se completou nesse sentido, enquanto vemos pessoas de instrução e de inteligência comuns dominá-las com a maior facilidade, o que nos prova que possuíam intuição inata a respeito. É para elas uma recordação retrospectiva do que viram e aprenderam, seja na erraticidade, seja em suas encarnações anteriores, como outros apresentam a intuição dos idiomas e dos conhecimentos que possuíram.

11. — Quanto ao futuro do Espiritismo, os Espíritos, como sabemos, são unânimes em afirmar seu triunfo próximo, malgrado os entraves que lhe opõem; esta previsão é fácil para eles, primeiro porque sua propagação é o trabalho pessoal deles: concorrendo para o movimento ou dirigindo-o, eles sabem, por conseguinte, o que devem fazer; em segundo lugar, é suficiente para eles abranger um período de curta duração, e, nesse período, eles veem em seu caminho as forças auxiliares que Deus está suscitando para o Espiritismo e que não demorarão a manifestar-se.

Embora não sendo Espíritos desencarnados, adiantem-se os espíritas somente trinta anos indo para o meio da geração que se está formando agora; dali, observem o que ocorre hoje em dia; sigam a marcha progressiva do Espiritismo e verão consumir-se em vãos esforços os que se julgam chamados a destruí-lo; eles os verão a pouco e pouco desaparecer de cena, ao lado da árvore que se cresce e cujas raízes se estendem cada dia mais longe.

12. — Os eventos comuns da vida privada são, o mais das vezes, a consequência do modo de atuar de cada um: alguém vencerá conforme suas habilidades, sua inteligência, sua perseverança, sua prudência e sua energia, onde um outro fracassará pela sua incapacidade; sendo assim, podemos dizer que cada um é o artífice de seu próprio futuro, o qual não se submete jamais a uma cega fatalidade alheia à sua pessoa. Conhecendo-se o caráter de um indivíduo, podemos facilmente predizer-lhe a sorte que aguarda por ele na estrada em que se embrenha.

13. — Os eventos que dizem respeito aos interesses gerais da humanidade são regulados pela Providência. Quando uma coisa está nos desígnios de Deus, ela tem que se cumprir obrigatoriamente, seja através de um meio, seja de outro. Os homens concorrem para sua execução, mas ninguém é indispensável, caso contrário Deus mesmo estaria à mercê de suas criaturas. Se um a quem se incumba a missão de executá-la falha, um outro se encarrega disso. Não há missão alguma fatal; o homem está sempre livre para cumprir a que se lhe confiou e que ele aceitou voluntariamente; caso não a realize, ele lhe perde o benefício e assume a responsabilidade dos atrasos que devem resultar de sua negligência ou de sua má vontade; caso ele se torne um obstáculo ao cumprimento dela, Deus é capaz de parti-lo com um sopro.

14. — O resultado final de um evento, portanto, tem de ser certo, porque está nos desígnios de Deus; mas como, o mais das vezes, os pormenores e o modo de execução estão subordinados às circunstâncias e ao livre-arbítrio dos homens, as vias e meios podem ser eventuais. Os Espíritos devem avisar-nos a respeito dos fatos gerais, se for útil que sejamos prevenidos; mas, para definir o lugar e a data, seria preciso que conhecessem antecipadamente a decisão que tomará tal ou qual indivíduo; contudo, se essa decisão não estiver ainda em seu pensamento, de acordo com o que de fato virá a acontecer, ele é capaz de apressar ou postergar o desfecho, mudar os meios secundários de ação, sempre objetivando o mesmo resultado. Eis como, por exemplo, os Espíritos conseguem, através do conjunto das circunstâncias, prever que uma guerra está mais ou menos próxima, que é inevitável, sem terem como predizer o dia em que começará, nem os incidentes menores que devem ser mudados pela vontade dos homens.

15. — Para a fixação da época dos eventos futuros, é preciso, por outra, considerar uma circunstância inerente à natureza mesma dos Espíritos.

O tempo, como o espaço, só pode ser computado com a ajuda de pontos de comparação ou de referência que o dividem em períodos que se podem contar. Na Terra, a divisão natural do tempo em dias e em anos é demarcada através do levantar e do deitar do Sol, e pela duração do movimento de translação da Terra. As unidades de medida do tempo têm que variar segundo os mundos, porquanto os períodos astronômicos são diferentes; é assim que, por exemplo, em Júpiter, os dias equivalem a dez das nossas horas e os anos, a quase doze anos terrestres.

Existe, portanto, para cada mundo, um modo diferente de computar a duração, conforme a natureza das revoluções astrais que aí se registram; isto seria já uma dificuldade para a determinação de nossas datas pelos Espíritos que não conhecessem nosso mundo. Mas, fora dos mundos, esses meios de apreciação não existem. Para um Espírito, no espaço, não existe nem levantar nem deitar do Sol marcando os dias, nem revoluções periódicas marcando os anos; apenas existe para ele a duração do espaço infinito. (Cap. vi, n.^{os} 1 e seg.^s). Assim, quem nunca tivesse vindo à Terra, não teria nenhum conhecimento de nossos cálculos, os quais, de resto, lhe seriam completamente inúteis; há mais: quem não tivesse encarnado nunca em nenhum mundo, não teria nenhuma noção das frações de tempo. Quando um Espírito estranho à Terra vem manifestar-se aqui, ele apenas consegue assinalar data para os eventos ao identificar-se com nossas usanças, o que, sem dúvida, lhe é possível, mas que, o mais das vezes, não julga útil fazer.

16. — Os Espíritos que compõem a população invisível do nosso globo, onde já viveram e onde continuam a viver entre nós, estão naturalmente identificados com nossos hábitos, cuja recordação levam para a erraticidade. Eles conseguiriam, portanto, mais facilmente assinalar uma data para os eventos futuros, desde que a conheçam; mas, além do fato de que isso não lhes é sempre permitido, eles estão impedidos disso em razão de que todas as vezes que as circunstâncias menores estão subordinadas ao livre-arbítrio e à decisão eventual do homem, a data precisa só vai existir realmente quando o evento acontece.

Eis porque as predições circunstanciadas não são capazes de proporcionar certeza e só podem ser aceitas como probabilidades, mesmo quando não trouxessem consigo um carimbo de *legítima suspeição*. Por isso, os Espíritos verdadeiramente sábios não predizem jamais nada para épocas determinadas; eles se limitam-se a nos prevenir a respeito do rumo das coisas que nos seja útil conhecer. Insistir para obter pormenores precisos é expor-se às mistificações dos Espíritos levianos, que predizem tudo o que se pede, sem se importarem com a verdade e divertindo-se com os temores e decepções que causam.

17. — A forma geralmente empregada até agora para as predições transforma-as em verdadeiros enigmas, o mais das vezes indecifráveis. Essa forma cabalística e misteriosa, cujo tipo mais completo nos oferece Nostradamus, propicia às predições um certo prestígio aos olhos do vulgo, que lhes atribui tanto maior valor quanto mais sejam incompreensíveis. Por sua ambiguidade, elas se prestam a interpretações muito diferentes; de sorte que, conforme o sentido atribuído a certas palavras alegóricas ou convencionais, conforme a maneira de computar o cálculo bizarramente complicado das datas e com um pouco de boa vontade, ali encontramos quase tudo o que quisermos.

De qualquer modo, não podemos deixar de convir que algumas têm um caráter sério e confundem por sua verossimilhança. É provável que essa forma velada tivesse, em algum tempo, sua razão de ser e mesmo sua necessidade.

Hoje em dia, as circunstâncias não são mais as mesmas; o positivismo do século se afinaria pouco à linguagem sibilina. Por isso, as predições de nossos dias não se utilizam mais daquelas formas estranhas; as que transmitem os Espíritos não têm nada de místico; elas falam a linguagem de todo o mundo, como o teriam feito vivos, porque não cessaram de pertencer à humanidade; eles nos previnem a respeito das coisas futuras, pessoais ou gerais, quando isto pode ser útil, na medida da perspicácia de que estão dotados, como fariam os conselheiros ou os amigos. Suas previsões não passam, assim, de advertências, que não enfraquecem em nada o livre-arbítrio, e não se constituem predições propriamente ditas que implicariam em uma fatalidade absoluta. Sua opinião é, por outra, quase sempre fundamentada, porque não desejam que o homem aniquile sua razão debaixo de uma fé cega, o que permite apreciar sua precisão.

18. — A humanidade contemporânea também possui seus profetas; mais de um escritor, poeta, literato, historiador ou filósofo, têm anunciado, em seus escritos, a marcha futura das coisas que vemos realizar-se hoje em dia.

Tal aptidão, sem dúvida, frequentemente se atém à correção do juízo que inferiu as consequências lógicas do presente; mas, muitas vezes também, ela resulta de uma clarividência especial inconsciente ou de uma inspiração alheia. O que esses homens fizeram vivos conseguem executar, com maior razão e exatidão, no estado de Espírito, quando a vista espiritual não mais está obscurecida pela matéria.

CAPÍTULO XVII

AS PREDIÇÕES DO EVANGELHO

Ninguém é profeta em sua terra. — Morte e paixão de Jesus. — Perseguição aos apóstolos. — Cidades impenitentes. — Ruína do templo e de Jerusalém. — Maldição contra os fariseus. — Minhas palavras não passarão. — A pedra angular. — Parábola dos vinhateiros homicidas. — Um só rebanho e um só pastor. — Advento de Elias. — Anúncio do Consolador. — Segundo advento do Cristo. — Sinais precursores. — Seus filhos e suas filhas profetizarão. — O juízo final.

NINGUÉM É PROFETA EM SUA TERRA

1. — E, tendo chegado a sua terra, ele ensinava em suas sinagogas, de modo que, cheios de admiração, diziam: Donde vieram para ele essa sabedoria e esses milagres? — Não é o filho daquele carpinteiro? Sua mãe não se chama Maria e seus irmãos Tiago, José, Simão e Judas? E suas irmãs, não estão todas elas conosco? — E assim faziam dele um caso de escândalo. Mas Jesus lhes disse: *Um profeta só não é honrado em sua terra e em sua casa.* — E ali ele não fez muitos milagres, por causa da incredulidade deles. (São Mateus, cap. XIII, vv. 54 a 58.)

2. — Jesus enunciou aí uma verdade feita provérbio, que é de todos os tempos, e à qual poderíamos propiciar maior dimensão ao dizermos que *ninguém é profeta em vida.*

Na linguagem usual, esta máxima se entende como o crédito que um homem desfruta entre os parentes e os concidadãos, como a confiança que inspira através da superioridade de seu saber e de sua inteligência. Se apresenta exceções, são raras e, em todos os casos, não são nunca incontestáveis; o princípio desta verdade é uma consequência natural da fraqueza humana, e tem a seguinte explicação.

O hábito de se ver, desde a infância, nas circunstâncias corriqueiras da vida, estabelece entre os homens uma espécie de igualdade material que faz com que, muitas vezes, a gente se recuse a reconhecer uma superioridade moral naquele de quem foi companheiro ou comensal, que saiu do mesmo meio e de quem se viram as primeiras fraquezas; o orgulho sofre pelo predomínio que é obrigado a aguentar. Quem quer que esteja acima do nível comum é sempre alvo do ciúme e da inveja; os que se sentem

incapazes de atingir seu descortino se esforçam por rebaixá-lo através da difamação, da maledicência e da calúnia; eles bradam tanto mais forte quanto menores se vejam, julgando crescer e eclipsá-lo pelo barulho que produzem. Tal foi e tal há de ser a história da humanidade, enquanto os homens não houverem compreendido sua natureza espiritual e não houverem ampliado seu horizonte moral; por isso, esse preconceito é peculiar aos espíritos estreitos e comuns, que identificam tudo com sua personalidade.

Por outro lado, a gente, em geral, faz do homem que se conhece apenas através de sua índole um ideal que cresce com o distanciamento dos tempos e dos lugares. A gente quase os despoja da humanidade; parece que não podem falar nem sentir como todo o mundo; que sua linguagem e seus pensamentos têm de se pautar o tempo todo pelo diapasão da sublimidade, sem pensar que o ânimo não conseguiria ficar incessantemente tenso e em perpétuo estado de superexcitação. No contato do dia a dia da vida privada, a gente vê demais o homem material, que nada distingue da vulgaridade. O homem corpóreo, que impressiona os sentidos, quase desfaz o homem espiritual, que só impressiona o espírito; *de longe, a gente apenas vê os lampejos do gênio; de perto, a gente vê o descanso do espírito.*

Após a morte, não existindo mais a comparação, o homem espiritual permanece só, e tanto maior parece quanto a recordação do homem corpóreo está mais longe. Eis aqui porque os homens que assinalaram sua passagem pela Terra através de obras de real valor são melhor avaliados após sua morte que em vida. Eles são julgados com maior imparcialidade, porque, havendo desaparecido os invejosos e os ciumentos, os antagonismos pessoais não mais existem. A posteridade se constitui em um juiz desinteressado que avalia a obra do espírito, a aceita sem cego entusiasmo, se for boa, ou a rejeita sem ódio, se for má, abstração feita da individualidade que a produziu.

Jesus mais ainda não tinha como escapar às consequências desse princípio, inerente à natureza humana, uma vez que vivia em um ambiente pouco esclarecido, e entre homens totalmente dedicados à vida material. Seus compatriotas viam nele tão só o filho do carpinteiro, o irmão de homens tão ignorantes quanto eles, e se perguntavam o que o fazia superior a eles e lhe atribuía o direito de os censurar; por isso, vendo Jesus que sua palavra tinha menor crédito junto aos seus, os quais o menosprezavam, que junto aos estrangeiros, foi pregar entre os que o escutavam, no meio daqueles cuja simpatia testemunhava.

Podemos julgar de que sentimentos seus parentes estavam animados para com ele pelo fato de que seus próprios irmãos, acompanhados de sua mãe, foram a uma assembleia onde ele se achava, para se *apossarem* dele, dizendo que ele havia *perdido o juízo*. (*São Marcos*, cap. III, vv. 20, 21 e 31 a 35. — *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. XIV.)

Assim, de um lado, os sacerdotes e os fariseus acusavam Jesus de atuar através do demônio; de outro, ele era taxado de louco por seus mais próximos parentes. Não é assim que se faz em nossos dias em relação aos espíritas, e estes podem lastimar-se de não serem tratados por seus concidadãos melhor que Jesus? O que não havia nada de espantoso há dois mil anos, em um povo ignorante, é mais estranho no século dezenove, nas nações civilizadas.

MORTE E PAIXÃO DE JESUS

3. — (Após a cura do lunático.) Todos ficaram espantados com o grande poder de Deus. E quando todo o mundo estava admirando o que Jesus fazia, ele disse a seus discípulos: Ponham no fundo de seu coração o que lhes vou dizer. O filho do homem tem que ser entregue às mãos dos homens. — Mas eles não entendiam de fato essa linguagem; ela lhes era tão misteriosa que eles não compreendiam nada, e se sentiam apreensivos até mesmo de interrogá-lo a respeito. (*São Lucas*, cap. ix, vv. 43 a 45.)

4. — Depois disso, Jesus começou a revelar a seus discípulos que era preciso que ele fosse a Jerusalém; que ali sofresse muito com os senadores, os escribas e os principais dentre os sacerdotes; que fosse levado à morte, e que ressuscitasse no terceiro dia. (*São Mateus*, cap. xvi, v. 21.)

5. — Quando estavam na Galileia, Jesus lhes disse: O Filho do homem deve ser entregue às mãos dos homens; — e eles o farão morrer; e ele ressuscitará no terceiro dia: isso estava afligindo-os extremamente. (*São Mateus*, cap. xvii, vv. 22 e 23.)

6. — Contudo, a caminho de Jerusalém, Jesus chamou de lado seus doze discípulos e lhes disse: Nós vamos a Jerusalém, e o Filho do homem será entregue aos principais dentre os sacerdotes e aos escribas, que o condenarão à morte, — e o entregarão aos gentios, para que o tratem com zombaria, e para que o azorraguem e o crucifiquem; e ele ressuscitará no terceiro dia. (*São Mateus*, cap. xx, vv. 17 a 19.)

7. — Em seguida, tomando à parte seus doze apóstolos, Jesus lhes disse: Atenção, nós vamos a Jerusalém e tudo o que foi escrito pelos profetas quanto ao Filho do homem irá acontecer; — Pois ele será entregue aos gentios; zombarão dele, o açoitarão e lhe cuspirão no rosto. — E após o açoitarem, o farão morrer; e ele ressuscitará no terceiro dia.

Mas eles não compreendiam nada de tudo aquilo: sua linguagem era misteriosa para eles, e não entendiam em absoluto o que ele lhes dizia. (*São Lucas*, cap. xviii, vv. 31 a 34.)

8. — Tendo encerrado todas as suas exposições, Jesus disse a seus discípulos: Vocês sabem que a Páscoa se dará dentro de dois dias, e que o Filho do homem será entregue para ser crucificado.

Entrementes, os principais dentre os sacerdotes e os anciãos do povo se reuniram no palácio do sumo sacerdote, chamado Caifás, — e tramaram juntos para encontrar um meio de prender astuciosamente a Jesus e de fazê-lo morrer. — E eles diziam: Não é preciso que isso aconteça durante a festa, para que não se excite qualquer tumulto junto ao povo. (*São Mateus*, cap. xxvi, vv. 1 a 5.)

9. — No mesmo dia, alguns dos fariseus vieram dizer-lhe: Vá embora daqui, deixe este lugar, pois Herodes deseja fazer com que morra. — Ele lhes respondeu: Vão dizer a essa raposa: Eu tenho ainda que expulsar os demônios e fornecer saúde aos enfermos, hoje e amanhã, e no terceiro dia estarei consumado de minha morte. (*São Lucas*, cap. xiii, vv. 31 e 32.)

PERSEGUIÇÃO AOS APÓSTOLOS

10. — Resguardem-se dos homens, pois eles farão com que vocês compareçam a suas reuniões e farão com que os açoitem em suas sinagogas; e vocês serão apresentados, por minha causa, aos governantes e aos reis, para lhes dar testemunho, assim também às nações. (*São Mateus*, cap. x, vv. 17 e 18.)

11. — Eles os expulsarão das sinagogas; e está chegando a hora quando quem fizer com que vocês morram vai julgar estar fazendo uma coisa agradável a Deus. — Eles os tratarão desse jeito, porque não conhecem nem a meu Pai nem a mim. — Todavia, eu lhes digo estas coisas para que, quando o tempo houver chegado, vocês se lembrem de que eu lhes disse. (*São João*, cap. xvi, vv. 2 a 4.)

12. — Vocês serão traídos e entregues aos magistrados por seus pais e suas mães, por seus irmãos, por seus parentes, por seus amigos, e farão com que morram muitos de vocês; — e vocês serão odiados por

todo o mundo por causa de meu nome. — No entanto, não se perderá um cabelo da sua cabeça. — É através de sua paciência que vocês possuirão suas almas. (*São Lucas*, cap. xxi, vv. 16 a 19.)

13. — (*Martírio de São Pedro*.) Em verdade, em verdade, eu lhe digo, quando você era mais jovem, você se cingia a si mesmo e você ia aonde desejava; mas quando você for velho, estenderá suas mãos, e um outro o cingirá e o levará para onde você não desejaria. — Ora, ele dizia isto para assinalar através de que morte ele tinha de glorificar a Deus. (*São João*, cap. xxi, vv. 18 e 19.)

CIDADES IMPENITENTES

14. — Então ele começou a fazer recriminações às cidades nas quais havia praticado muitos milagres, porque elas não haviam feito nenhuma penitência.

Ai de você, Corazim, ai de você, Betsaida, porque, se os milagres que se fizeram em seu meio tivessem sido feitos em Tiro e em Sídon, há muito tempo elas teriam feito penitência na juta e na cinza. — Eis porque eu lhes declaro que, no dia do juízo, Tiro e Sídon serão tratadas menos rigorosamente que vocês.

E você, Cafarnaum, se erguerá sempre até o céu? Você será rebaixada até o fundo do inferno, porque, se os milagres que foram feitos em seu meio tivessem sido feitos em Sodoma, ela quiçá subsistisse ainda hoje. — Eis porque eu lhe declaro que, no dia do juízo, a terra de Sodoma será tratada menos rigorosamente que você. (*São Mateus*, cap. xi, vv. 20 a 24.)

RUÍNA DO TEMPLO E DE JERUSALÉM

15. — Quando Jesus saiu do templo para ir embora, seus discípulos se aproximaram dele para fazer com que observasse a estrutura e a grandiosidade do edifício. — Mas ele lhes disse: Vocês estão vendo estas construções? Eu lhes digo, em verdade, elas serão de tal forma destruídas, que não ficará pedra sobre pedra. (*São Mateus*, cap. xxiv, vv. 1 e 2.)

16. — Chegando logo depois próximo a Jerusalém e olhando a cidade, ele chorou por ela, dizendo: — Ah! Se você reconhecesse, ao menos neste dia que lhe está sendo ainda permitido, este que é capaz de propiciar-lhe a paz! Mas agora tudo isso está escondido a seus olhos. — Por isso, virá um tempo, infeliz para você, quando seus inimigos a cercarão de trincheiras, quando a fecharão e a esmagarão de todos os lados; — eles a jogarão por terra, a você e a seus filhos que estão dentro de você, e não lhe deixarão pedra sobre pedra, porque você não reconheceu o tempo em que Deus a visitou. (*São Lucas*, cap. xix, vv. 41 a 44.)

17. — Não obstante, é preciso que eu prossiga em minha jornada hoje e amanhã e no dia seguinte, pois não convém que um profeta padeça a morte noutro lugar que não em Jerusalém.

Jerusalém, Jerusalém, que mata os profetas e que lapida os que são enviados para você, quantas vezes eu desejei juntar seus filhos, como uma galinha junta seus filhotes sob suas asas, e você não quis. — Aproxima-se o tempo em que sua casa ficará deserta. Contudo, eu lhe digo, em verdade, que você não me verá mais de agora em diante, até que diga: Bendito seja o que vem em nome do Senhor. (*São Lucas*, cap. xiii, vv. 33 a 35.)

18. — Quando vocês virem um exército sitiando Jerusalém, saibam que sua desolação está próxima. — Aí, os que estão na Judeia que fujam para as montanhas; os que estão dentro dela que se retirem e os que estiverem na região ao redor, que não entrem. — Pois esses hão de ser, portanto, os dias da vingança; para que tudo o que está nas Escrituras se cumpra. — Desgraça para as grávidas ou nutrizas naqueles dias, pois este país será arrasado pelos males e a cólera do céu cairá sobre este povo. — Eles passarão pelo fio da

espada; eles serão levados cativos para todas as nações e Jerusalém será calcada aos pés dos gentios, até que a época das nações haja encerrado. (*São Lucas*, cap. xxi, vv. 20 a 24.)

19. — (*Jesus caminhando para o suplício.*) Ora, ele estava sendo seguido por uma grande multidão de povo e de mulheres que batiam no peito e choravam. — Mas Jesus, voltando-se, lhes disse: Filhas de Jerusalém, não chorem mais por mim, mas chorem por vocês mesmas e por seus filhos; — pois está para vir um tempo em que se dirá: Felizes as estérteis e as entranhas que nunca tiveram filhos e os seios que nunca amamentaram. — Eles, então, vão começar a dizer às montanhas: Tombem sobre nós! E às colinas: Cubram-nos! — Pois, se tratam desse jeito a lenha verde, como a lenha seca será tratada? (*São Lucas*, cap. xxiii, vv. 27 a 31.)

20. — A faculdade de pressentir as coisas futuras é um dos atributos da alma, e se explica através da teoria da presciência. Jesus a possuía, como todas as outras, em um grau eminente. Logo, ele foi capaz de prever os eventos que sucederiam após sua morte, sem que exista nesse fato nada de sobrenatural, desde que o vemos reproduzir-se sob nossos olhos nas situações mais comuns. Não é raro que alguns indivíduos anunciem com precisão a hora de sua morte: é que sua alma, no estado de desprendimento, é como o homem da montanha (cap. xvi, n.^{os} 1 e 2); ela abrange a estrada a percorrer e percebe seu término.

Tinha, assim, que ser bem melhor com Jesus, o qual, tendo consciência da missão que vinha cumprir, sabia que a morte através de suplício era sua consequência inevitável. A vista espiritual, que nele era permanente, como também a acuidade do pensamento, era capaz de lhe mostrar as circunstâncias e o momento fatal. Pela mesma faculdade, ele podia prever a ruína do templo, a de Jerusalém, as desgraças que iam atingir seus habitantes e a dispersão dos judeus.

MALDIÇÃO CONTRA OS FARISEUS

22. — (*João Batista.*) Vendo vários fariseus e saduceus que vinham para o seu batismo, ele lhes disse: Raça de víboras, quem os ensinou a escapar da cólera que tem de cair sobre vocês? — Então, produzam dignos frutos de penitência; e não pensem em dizer entre si: Nós temos Abraão por pai; pois eu lhes declaro que Deus é capaz de fazer nascer, destas mesmas pedras, filhos a Abraão; — pois o machado já está sendo posto à raiz das árvores; toda árvore, portanto, que não produz nunca bons frutos será cortada e jogada ao fogo. (*São Mateus*, cap. iii, vv. 7 a 10.)

23. — Ai de vocês, escribas e fariseus hipócritas, porque vocês fecham aos homens o reino dos céus; pois vocês mesmos não entrarão lá, e ainda se opõem aos que desejam lá entrar!

Ai de vocês, escribas e fariseus hipócritas, porque, sob o pretexto de suas longas preces, vocês devoram as casas das viúvas; eis porque vocês receberão um julgamento mais rigoroso!

Ai de vocês, escribas e fariseus hipócritas, porque vocês correm mar e terra para fazer um prosélito e, após ele haver chegado, vocês o tornam digno do inferno duas vezes mais que vocês!

Ai de vocês, condutores cegos, que dizem: Se um homem jura pelo templo, isso não é nada; mas quem jura pelo ouro do templo fica sujeito a seu juramento! — Insensatos e cegos que vocês são! O que se deve mais estimar, o ouro ou o templo que santifica o ouro? — E se um homem, dizem vocês, jura pelo altar, isso não é nada; mas quem jura pela oferta que está sobre o altar; está sujeito a seu juramento. — Cegos que vocês são! O que se deve mais estimar, a oferta ou o altar que santifica a oferta? — Logo, quem jura pelo altar, jura pelo altar e por tudo o que está ali em cima; — e quem jura pelo templo, jura pelo templo e por aquele que o habita; — e quem jura pelo céu, jura pelo trono de Deus e por aquele que ali está sentado.

Ai de vocês, escribas e fariseus hipócritas, que pagam o dízimo da menta, da erva-doce e do cominho, e que abandonaram o que há de mais importante na lei, a saber: a justiça, a misericórdia e a fé! Eis

aí as coisas que se deviam praticar; sem, contudo, omitir as demais. — Condutores cegos, que têm grande cuidado em coar o que bebem de medo de engolir um mosquito, e que engolem um camelo!

Ai de vocês, escribas e fariseus hipócritas, porque vocês limpam o que está por fora do copo e do prato, e estão por dentro cheios de rapina e de impureza! — Fariseus cegos! Limpem primeiro o que está por dentro do copo e do prato, para que o que está por fora fique limpo também.

Ai de vocês, escribas e fariseus hipócritas, porque vocês se assemelham a alvos sepulcros que, por fora, parecem belos aos olhos dos homens, mas que, por dentro, estão cheios de ossadas de cadáveres e de toda sorte de podridão! — Assim, por fora, vocês parecem justos, mas, por dentro, estão cheios de hipocrisia e de iniquidade.

Ai de vocês, escribas e fariseus, que constroem túmulos para os profetas e ornamentam os monumentos dos justos, — e que dizem: Se fôssemos do tempo de nossos pais, nós não iríamos juntos com eles para derramar o sangue dos profetas! — Pois deixem também de acusar seus pais. — Serpentes, raça de víboras, como conseguirão vocês impedir de serem condenados ao inferno? — Eis porque eu vou enviar-lhes profetas, sábios e escribas, e vocês matarão alguns, vocês crucificarão outros, vocês açoitarão outros em suas sinagogas, e vocês os perseguirão de cidade em cidade; — para que todo o sangue inocente que foi derramado na terra recaia sobre vocês, desde o sangue de Abel, o justo, até o sangue de Zacarias, filho de Baraquias, que vocês mataram entre o templo e o altar! — Eu lhes digo, em verdade, que tudo isso virá despenhar sobre esta raça que existe hoje. (*São Mateus*, cap. xxiii, vv. 13 a 36.)

MINHAS PALAVRAS NÃO PASSARÃO

24. — Então, seus discípulos, aproximando-se, lhe disseram: Você está inteirado de que os fariseus, tendo ouvido o que acaba de dizer, se escandalizaram? — Mas ele respondeu: *Toda planta que meu Pai celeste não plantou será arrancada.* — Deixem-nos; são cegos que conduzem cegos; se um cego conduz a outro, os dois caem no fosso. (*São Mateus*, cap. xv, vv. 12 a 14.)

25. — O céu e a Terra passarão, mas minhas palavras não passarão jamais. (*São Mateus*, cap. xxiv, v. 35.)

26. — As palavras de Jesus não passarão jamais, porque serão verdadeiras por todos os tempos; o seu código moral será eterno, porque contém as condições do bem que conduz o homem à sua destinação eterna. Mas suas palavras chegaram até nós isentas de qualquer mistura e falsas interpretações? Todas as seitas cristãs lhe apreenderam o espírito? Nenhuma lhe deturpou o verdadeiro significado, como resultado dos preconceitos e do desconhecimento das leis da natureza? Nenhuma fez delas um instrumento de dominação para servir à ambição e aos interesses materiais, um degrau, não para se elevar ao céu, mas para se elevar no mundo? Todas se propuseram, como regra de conduta, a prática das virtudes que Jesus transformou em condição expressa para a salvação? Todas estão isentas das recriminações que ele endereçava aos fariseus de seu tempo? Todas, enfim, são, na teoria e na prática, a expressão pura de sua doutrina?

Sendo a verdade una, não pode achar-se em afirmações que se contrariam, e Jesus não pretendeu atribuir um duplo sentido às suas palavras. Portanto, se as diferentes seitas se contradizem; se umas consideram como verdadeiro o que outras condenam como heresias, é impossível que estejam todas com a verdade. Se todas houvessem captado o significado verdadeiro do ensino evangélico, elas se teriam encontrado no mesmo terreno e não teriam existido tais seitas.

O que *não passará* é o significado verdadeiro das palavras de Jesus; o que *passará* é o que os homens edificaram sobre o significado falso que atribuíram a essas mesmas palavras.

Tendo Jesus a missão de trazer aos homens o pensamento de Deus, sua doutrina *pura* tão somente é capaz de ser a expressão desse pensamento; eis porque ele disse: *Toda planta que meu Pai celeste não plantou será arrancada.*

A PEDRA ANGULAR

27. — Não leram vocês jamais esta palavra nas Escrituras: A pedra que foi enjeitada pelos que construíam tomou-se a principal pedra do ângulo? Eis o que o Senhor fez e nossos olhos veem com admiração. — Eis porque eu lhes declaro que o reino de Deus lhes será usurpado e que será oferecido a um povo que aí produzirá frutos. — Quem se deixar cair sobre esta pedra aqui se arrebentará, e ela esmagará aquele sobre quem cair.

Tendo os principais dentre os sacerdotes e os fariseus ouvido essas palavras de Jesus, entenderam que era deles que falava; e, desejando capturá-lo, eles tiveram medo do povo, porque este o via como a um profeta. (*São Mateus*, cap. xxi, vv. 42 a 46.)

28. — A palavra de Jesus se tornou a pedra angular, quer dizer, a pedra de consolidação do novo edifício da fé, erguido sobre as ruínas do antigo; tendo os judeus, os principais dentre os sacerdotes e os fariseus rejeitado essa palavra, ela os esmagou, como esmagaria depois os que a ignoraram ou que adulteraram seu significado em prol de sua ambição.

PARÁBOLA DOS VINHATEIROS HOMICIDAS

29. — Havia um pai de família que, tendo plantado uma vinha, a fechou com uma cerca; e, cavando a terra, edificou ali uma torre; arrendou-a depois a vinhateiros, e se foi para uma região longínquo.

Ora, estando próxima a época dos frutos, ele enviou seus serviçais aos vinhateiros, para recolher o fruto de sua vinha. — Mas os vinhateiros, tendo capturado seus servidores, espancaram um, mataram outro e apedrejaram um outro. — Ele lhes enviou ainda outros serviçais em maior número que os primeiros, e aqueles os trataram igualmente. — Finalmente, ele lhes enviou o seu próprio filho, dizendo para si mesmo: Eles terão algum respeito para com meu filho. — Mas os vinhateiros, vendo o filho, disseram entre si: Eis aqui o herdeiro; venham, vamos matá-lo e nós seremos os donos de sua herança. — Assim, tendo-o capturado, jogaram-no para fora da vinha e o mataram.

Quando o dono da vinha vier, como tratará esses vinhateiros? — Eles lhe responderam: Ele fará perecer miseravelmente esses malvados e arrendará outros vinhateiros, que lhe remeterão os frutos em sua estação. (*São Mateus*, cap. xxi, vv. 33 a 41.)

30. — O pai de família é Deus; a vinha que ele plantou é a lei que ele estabeleceu; os vinhateiros a quem arrendou a vinha são os homens que têm que ensinar e praticar sua lei; os serviçais que enviou para eles são os profetas que eles mataram; seu filho que enviou no fim é Jesus, que eles mataram igualmente. Como, então, o Senhor tratará seus

mandatários prevaricadores de sua lei? Ele os tratará como eles trataram seus enviados, e chamará outros que melhor lhe prestarão conta de seus bens e da condução de seu rebanho.

Assim aconteceu aos escribas, aos principais dentre os sacerdotes e aos fariseus; assim acontecerá quando ele vier de novo solicitar a cada qual conta do que tiver feito de sua doutrina; ele retirará a autoridade de quem houver abusado, pois ele deseja que seu campo seja administrado segundo sua vontade.

Após dezoito séculos, a humanidade, chegada à idade viril, está madura para compreender o que o Cristo fez apenas aflorar, porque, como ele mesmo disse, não iria ser compreendido. Ora, que resultado alcançaram os que, durante esse longo período, ficaram encarregados da educação religiosa cristã? Alcançaram ver a indiferença suceder à fé e a incredulidade se erigir em doutrina. Em nenhuma outra época, com efeito, o ceticismo e o espírito de negação estiveram mais difundidos em todas as classes da sociedade.

Mas se algumas das palavras do Cristo estão veladas sob alegoria, tudo quanto diga respeito à regra de conduta, as relações entre os homens, os princípios de moral que ele tornou em condição expressa para a salvação, está claro, explícito e sem ambiguidade. (*O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. xv.)

O que se fez de suas máximas de caridade, de amor e de tolerância; das recomendações que dispensou a seus apóstolos de converter os homens através da *doçura* e da *persuasão*; da simplicidade, da humildade, do desinteresse e de todas as virtudes cujo exemplo ele deu? Em seu nome, os homens lançaram anátema e maldição uns contra os outros; eles se degolaram em nome daquele que disse: Todos os homens são irmãos. Eles transformaram em um Deus ciumento, cruel, vingativo e parcial aquele que Jesus proclamou infinitamente justo, bom e misericordioso; sacrificaram-se a esse Deus de paz e de verdade milhares de vítimas nas fogueiras, pela tortura e pelas perseguições, muito mais do que sacrificaram os pagãos a seus deuses falsos; venderam-se preces e favores do céu em nome daquele que expulsou os vendilhões do templo e que disse a seus discípulos: Deem gratuitamente o que vocês houverem recebido gratuitamente.

Que diria o Cristo se vivesse hoje em dia entre nós? Se ele visse seus representantes ambicionar as honrarias, as riquezas, o poder e o fausto dos principais do mundo, enquanto ele, mais rei do que os reis da Terra, fez sua entrada em Jerusalém montado em um asno? Não se sentiria no direito de lhes dizer: Que fizeram vocês de meus ensinamentos, vocês que incensam o bezerro de ouro, que reservam, em suas preces, uma considerável parte para os ricos e uma parte medíocre para os pobres, quando eu lhes disse: Os primeiros serão os últimos e os últimos serão os primeiros no reino dos céus? Mas se ele não se acha aqui em carne, está em Espírito e, como o senhor da parábola, virá solicitar conta a seus vinhateiros do produto de sua vinha, quando o tempo da colheita tiver chegado.

31. — Tenho ainda outras ovelhas que não são *deste aprisco*; é preciso também que eu as conduza; elas escutarão minha voz, e só haverá *um rebanho e um pastor*. (*São João*, cap. x, v. 16.)

32. — Através dessas palavras, Jesus anuncia claramente que um dia os homens se reunirão sob uma crença única; mas como essa unificação conseguiria realizar-se? A coisa parece difícil, caso se considerem as diferenças existentes entre as religiões, o antagonismo que elas mantêm entre seus adeptos respectivos, sua obstinação em se julgar na posse exclusiva da verdade. Todas aspiram à unidade, mas todas se vangloriam de que ela se dará em seu proveito e nenhuma admite fazer concessão em suas crenças.

Não obstante, a unidade se dará na religião como ela tende a se dar socialmente, politicamente, comercialmente, pelo enfraquecimento das barreiras que separam os povos, pela absorção dos costumes, dos usos, da linguagem; os povos do mundo inteiro se confraternizam já, como os das províncias de um mesmo império; a gente pressente essa unidade, e a deseja. Ela se dará pela força das coisas, porque se tornará em uma necessidade para cerrar os laços de fraternidade entre as nações; ela se dará através do desenvolvimento da razão humana, que levará a compreender a infantilidade das dissidências; através do progresso das ciências, progresso que demonstra a cada dia os erros materiais em que se apoiam e destaca a pouco e pouco as pedras corroídas de seus alicerces. Se a ciência derrui, nas religiões, o que se constitui como obra dos homens e fruto de sua ignorância das leis da natureza, ela não pode destruir, malgrado a opinião de alguns, o que se constitui como obra de Deus e eterna verdade; retirando os entulhos, ela prepara as estradas da unidade.

Para se dar a unidade, as religiões terão de se encontrar em um território neutro, porém, comum a todas; por isso, todas terão que fazer concessões e sacrifícios maiores ou menores, de acordo com a multiplicidade de seus dogmas particulares. Mas, em virtude do princípio de imutabilidade que todas professam, a iniciativa das concessões não poderia vir do setor oficial; ao invés de firmar seu ponto de partida no alto, as religiões o firmarão em baixo, através da iniciativa individual. Está ocorrendo, desde algum tempo, um movimento de descentralização que tende a adquirir uma força irresistível. O princípio de imutabilidade, que as religiões consideraram até agora como um escudo de proteção, se transformará em um elemento de destruição, considerando que, por se imobilizarem os cultos enquanto a sociedade marcha para a frente, eles serão ultrapassados e, depois, absorvidos pela corrente das ideias progressistas.

A imobilidade, ao invés de ser uma força, se torna em causa de fraqueza e de ruína para quem não segue o movimento geral; ela rompe a unidade, porquanto quem deseja avançar se separa de quem se obstina em ficar para trás.

No estágio atual do pensamento e dos conhecimentos, a religião que deverá unir um dia todos os homens sob a mesma bandeira será a que satisfizer melhor a razão e as legítimas aspirações do coração e da mente; a que não for, em ponto algum, desmentida pela ciência positiva; a que, em lugar de se imobilizar, seguir a humanidade em sua marcha progressiva, sem se deixar jamais ultrapassar; a que não for nem exclusiva nem intolerante; a que emancipar a inteligência, tão somente admitindo a fé raciocinada; aquela cujo código de moral for o mais puro, o mais racional, o mais em harmonia com as necessidades sociais, o mais adequado, enfim, para fundar no mundo o reino do bem, através da prática da caridade e da fraternidade universais.

O que mantém o antagonismo entre as religiões é a ideia de que elas possuem, cada qual, o seu deus particular e sua pretensão de possuir o único verdadeiro e o mais poderoso, o qual está em hostilidade constante com os deuses dos outros cultos e ocupado em combater sua influência. Quando estiverem convencidas de que há um só Deus no universo e que, definitivamente, é o mesmo que elas adoram sob os nomes de *Jeová*, *Alá* ou *Deus*; quando estiverem de acordo sobre seus atributos essenciais, compreenderão que um ser único somente há de ter uma única vontade; elas se darão a mão como os serviçais de um Senhor e os filhos de um mesmo Pai e terão dado um enorme passo para a unidade.

ADVENTO DE ELIAS

33. — Então, seus discípulos lhe perguntaram: Por que os escribas dizem que é necessário que Elias venha primeiro? — Mas Jesus lhes respondeu: É verdade que Elias deve vir e que restabelecerá todas as coisas.

Mas eu lhes declaro que Elias já veio, e eles não o reconheceram, mas o trataram como lhes aprouve. Eis como eles vão matar o Filho do homem.

Então, seus discípulos compreenderam que era de João Batista que ele lhes havia falado. (*São Mateus*, cap. xvii, vv. 10 a 13.)

34. — Elias já havia retornado na pessoa de João Batista. Seu novo advento se anunciou de maneira explícita; contudo, como teve que retornar em um corpo novo, dá-se a consagração formal do princípio da pluralidade das existências. (*O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. iv, n.º 10.)

ANÚNCIO DO CONSOLADOR

35. — Se vocês me amam, observem meus mandamentos, — e eu pedirei a meu Pai, e ele lhes enviará um outro Consolador, para que fique eternamente consigo: — o *Espírito de Verdade*, que este mundo não é capaz de receber, porque não o vê absolutamente; mas quanto a vocês, vocês o reconhecerão, porque ficará consigo e estará em vocês. — Mas o Consolador, que é o Espírito Santo, que meu Pai enviará em meu nome, *lhes ensinará todas as coisas, e os fará recordarem-se de tudo o que lhes tenho dito*. (*São João*, cap. xiv, vv. 15 a 17 e 26 — *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. vi.)

36. — Não obstante, eu lhes digo a verdade: Vai ser útil para vocês que eu me vá; pois, se eu não for, o Consolador não virá a vocês; mas eu me vou e lho enviarei, — e, quando ele tiver vindo, convencerá o mundo no que toca ao pecado, à justiça e ao juízo: — no que toca ao pecado porque não creram em mim; — à justiça, porque eu vou para meu Pai e vocês não mais me verão; ao juízo, porque o príncipe deste mundo já está julgado.

Eu tenho ainda muitas coisas para lhes dizer, mas vocês não são capazes de suportá-las presentemente.

Quando esse Espírito de Verdade tiver vindo, ele lhes ensinará toda a verdade, pois não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que ouviu, e lhes anunciará as coisas porvindouras.

Ele irá glorificar-me, porque irá receber do que está em mim e irá anunciar a vocês. (*São João*, cap. xvi, vv. 7 a 14.)

37. — Esta predição é, sem contestação, uma das mais importantes do ponto de vista religioso, pois assevera, sem o menor equívoco, que *Jesus não disse tudo o que tinha para dizer*, porque não teria sido compreendido mesmo por seus apóstolos, já que era a eles que se endereçava. Se lhes tivesse dado instruções secretas, eles teriam feito menção disso no Evangelho. Desde que não disse tudo a seus apóstolos, seus sucessores não tinham como saber mais que eles; logo, é possível que eles se tivessem enganado quanto ao significado de suas palavras e tivessem concebido uma falsa interpretação quanto a seus pensamentos, muitas vezes velados sob a forma de parábolas. As religiões fundamentadas no Evangelho não têm, assim, como dizer-se de posse de toda a verdade, dado que ele deixou para completar posteriormente suas instruções. O princípio de imutabilidade delas é um desmentido dado às palavras mesmas de Jesus.

Ele anuncia, com o nome de *Consolador* e de *Espírito de Verdade*, aquele que tem de *ensinar todas as coisas* e fazer *relembrar* o que ele disse: logo, seu ensinamento não estava completo; além disso, ele prevê que a gente terá esquecido o que ele disse e que terá adulterado suas palavras, porquanto o Espírito de Verdade tem de fazer *relembrar* e, em consonância com Elias, *restabelecer todas as coisas*, quer dizer, conforme o verdadeiro pensamento de Jesus.

38. — Quando esse novo revelador deve vir? Parece bem claro que, se, à época em que falava Jesus, os homens não estavam em condição de compreender as coisas que lhes restavam dizer, não era em alguns anos que tinham que adquirir as luzes necessárias. Para o entendimento de certa parte do Evangelho, exceção feita aos preceitos de moral, forçoso era possuir conhecimentos que somente o progresso das ciências seria capaz de oferecer, e que haviam de ser obra do tempo e de várias gerações. Portanto, se o novo Messias houvesse vindo pouco tempo após o Cristo, teria encontrado o terreno igualmente pouco propício e não teria feito mais que ele. Ora, desde o Cristo até os nossos dias, não se produziu nenhuma importante revelação que tenha completado o Evangelho e que tenha elucidado suas partes obscuras, indício certo de que o Enviado não havia aparecido ainda.

39. — Qual deve ser esse Enviado? Dizendo Jesus: “Eu pedirei a meu Pai, e ele lhes enviará um outro Consolador”, indica claramente que não se trata dele mesmo, do contrário teria dito: “Eu voltarei para completar o que lhes tenho ensinado.” Depois acrescentou: *Para que fique eternamente consigo, e ele estará em vocês*. Não se poderia entender isso em relação a uma individualidade encarnada, que não tem como ficar eternamente conosco, e ainda menos estar em nós, mas se compreende muito bem em relação a uma doutrina que, com efeito, quando estiver absorvida, tem que estar eternamente em nós. O *Consolador* é, assim, no pensamento de Jesus, a personificação de uma doutrina soberanamente consoladora, cujo inspirador tem que o *Espírito de Verdade*.

40. — O *Espiritismo* perfaz, como demonstramos (Cap. I, n.º 30), todas as condições do *Consolador* prometido por Jesus. Não se trata em absoluto de uma doutrina individual, uma concepção humana; ninguém se pode dizer seu criador. Ele é o resultado do ensino coletivo dos Espíritos, a quem preside o Espírito de Verdade. Ele não revoga nada do Evangelho: ele o completa e elucida; com a ajuda das novas leis que revela, juntamente com as leis da ciência, ele promove a compreensão do que era ininteligível, acatando a possibilidade de fatos que a incredulidade olhava como inadmissíveis. Ele teve seus

precursores e seus profetas, que pressentiram sua vinda. Através de seu poder moralizador, o Espiritismo prepara o reino do bem sobre a Terra.

A doutrina de Moisés, incompleta, ficou circunscrita ao povo judeu; a de Jesus, mais completa, se expandiu por todo o mundo através do cristianismo, mas não converteu todo o mundo; o Espiritismo, mais completo ainda, tendo raízes em todas as crenças, converterá a humanidade⁹³.

41. — Dizendo Jesus a seus apóstolos: “Um outro virá mais tarde, o qual irá ensinar-lhes o que não lhes devo dizer agora”, proclamava, através dessa mesma palavra, a necessidade da reencarnação. Como esses homens conseguiriam tirar proveito do ensino mais completo que tinha de ser ministrado posteriormente; como ficariam mais aptos para compreendê-lo, se não tivessem de voltar a viver? Jesus teria dito uma inconseqüência, se os homens no futuro houvessem que, segundo a doutrina usual, ser homens novos, almas saídas do nada ao seu nascimento. Admitamos, ao contrário, que os apóstolos e os homens de seu tempo viveram depois, *que voltam a viver ainda hoje*, e a promessa de Jesus se justifica; a inteligência deles, que pôde desenvolver-se ao contato do progresso social, é capaz de comportar agora o que não seria capaz de comportar então. Sem a reencarnação, a promessa de Jesus teria sido ilusória.

42. — Caso se dissesse que essa promessa se realizou no dia de Pentecostes, pela descida do Santo Espírito, responderíamos que o Santo Espírito os inspirou, que conseguiu abrir sua inteligência, desenvolver neles as aptidões medianímicas que tinham de facilitar sua missão, mas que ele não lhes ensinou nada a mais que Jesus havia ensinado, pois não se acha nenhum vestígio de um ensinamento especial. O Santo Espírito, não realizou de fato o que Jesus havia anunciado quanto ao Consolador: caso contrário, os apóstolos teriam elucidado, vivos ainda, tudo o que ficou obscuro no Evangelho até este dia, e cuja interpretação contraditória propiciou as inumeráveis seitas que dividiram o cristianismo desde os primeiros séculos.

SEGUNDO ADVENTO DO CRISTO

43. — Então, disse Jesus a seus discípulos: Se alguém deseja vir depois de mim, que carregue sua cruz e me siga; — pois quem desejar salvar sua vida a perderá e quem perder sua vida por amor a mim a reencontrará.

E de que serviria a um homem ganhar todo o mundo e perder sua alma? Ou através de que barganha o homem conseguiria resgatar sua alma, após tê-la perdido? — Pois o Filho do homem *tem que vir* na glória de seu Pai com seus anjos, e aí ele retribuirá a cada um conforme suas obras.

Eu lhes digo, em verdade, que existem alguns dentre os presentes que somente morrerão se não virem o Filho do homem chegar a seu reino. (*São Mateus*, cap. xvi, vv. 24 a 28.)

44. — Então, o sumo sacerdote, levantando-se no meio da assembleia, interrogou a Jesus e lhe perguntou: Você não responde nada ao que estes depõem contra você? — Mas Jesus permaneceu em silêncio e não respondeu nada. O sumo sacerdote interrogou-o de novo e lhe perguntou: É você o Cristo, o

⁹³ Todas as doutrinas filosóficas e religiosas trazem o nome do indivíduo que as criaram. Dizemos: o mosaísmo, o cristianismo, o maometismo, o budismo, o cartesianismo; o fourierismo, o sansimonismo etc. A palavra *espiritismo*, ao contrário, não lembra nenhuma personalidade; ela encerra uma ideia geral, que indica, de uma só vez, o caráter e a fonte múltipla da doutrina.

Filho de Deus bendito para sempre? — Jesus lhe respondeu: Sim, eu sou, e você verá um dia o Filho do homem sentado à direita da majestade de Deus, vindo nas nuvens do céu.

Imediatamente o sumo sacerdote, rasgando as próprias roupas, disse aos demais: Será que temos necessidade de outros testemunhos? (*São Marcos*, cap. XIV, vv. 60 a 63.)

45. — Jesus anuncia o seu segundo advento mas não diz que voltará à Terra com um corpo carnal, nem que o *Consolador* será personificado nele. Ele se apresenta como tendo que vir em Espírito, na glória de seu Pai, para julgar o mérito e o demérito, e retribuir a cada um conforme suas obras, quando os tempos estiverem encerrados.

Esta frase: “Existem alguns dentre os presentes que somente morrerão se não virem o Filho do homem chegar a seu reino”, parece uma contradição, já que é certo que ele não veio no tempo de vida de nenhum dos que estavam presentes. Jesus, porém, não tinha como enganar-se em uma previsão dessa natureza, sobretudo quanto a um fato contemporâneo que lhe concernia pessoalmente; precisa, antes de mais nada, perguntar se tais palavras sempre foram total e fielmente transmitidas. Temos de duvidar disso, se pensarmos que ele não escreveu nada; que elas foram recolhidas apenas após sua morte; e, quando vemos o mesmo trecho quase sempre reproduzido em termos diferentes em cada evangelista, é uma prova evidente de que não são as expressões textuais de Jesus. É provável, por outro lado, que o sentido tivesse sido alterado, às vezes, ao passar por traduções sucessivas.

Por outro lado, é certo que, se Jesus houvesse dito tudo o que ele poderia haver dito, iria exprimir-se sobre todas as coisas de maneira nítida e precisa, que não provocasse nenhum equívoco, como ele o fez para com os princípios de moral, obrigando-se a encobrir seu pensamento a respeito dos temas que não considerou prudente aprofundar. Os apóstolos, persuadidos de que a geração presente tinha que ser testemunha do que ele anunciava, por força interpretaram o pensamento de Jesus conforme a maneira de ver deles; eles tiveram, conseqüentemente, que transcrever aquele pensamento de acordo com o sentido no presente, de maneira ainda mais taxativa do que Jesus talvez o tivesse feito ele mesmo. Seja como for, a história comprova que as coisas não se deram do jeito que eles imaginaram.

46. — Um ponto capital que Jesus não conseguiu desenvolver, porque os homens de sua época não estavam suficientemente preparados para tal preceito e para suas conseqüências, mas cujo princípio estabeleceu, como fez em relação a tudo, é a grande e importante lei da reencarnação. Esta lei, estudada e divulgada em nossos dias pelo Espiritismo, é a chave de muitos trechos do Evangelho que, sem isso, parecem absurdos.

É nesta lei que se consegue encontrar a explicação racional das palavras de Jesus, caso as admitamos como textuais. Já que não é possível aplicá-las aos apóstolos, é evidente que elas se referem ao reino futuro do Cristo, quer dizer, ao tempo em que sua doutrina, melhor compreendida, há de ser a lei universal. Ao lhes dizer que *alguns dentre os presentes* verão o seu advento, isso não tinha como entender-se senão no sentido de que eles teriam voltado a viver naquela época. Mas os judeus imaginavam que iriam ver tudo o que Jesus anunciava e tomavam suas alegorias ao pé da letra.

De qualquer modo, algumas de suas predições se cumpriram no tempo deles, tais como a ruína de Jerusalém, as desgraças que daí resultaram e a dispersão dos judeus; mas Jesus enxerga mais longe e, ao falar do presente, ele faz constantemente alusão ao futuro.

SINAIS PRECURSORES

47. — Vocês ouvirão também falar de guerras e de rumores de guerras; mas resguardem-se bem de se perturbar, pois é preciso que essas coisas aconteçam; mas isso não será ainda o fim, — pois a gente verá levantar-se povo contra povo e reino contra reino; e haverá pestes, fome e tremores de terra em diversos lugares, — e todas essas coisas serão apenas o começo das dores. (*São Mateus*, cap. xxiv, vv. 6 a 8.)

48. — Então, o irmão entregará o irmão à morte e o pai, o filho; os filhos se levantarão contra seus pais e suas mães e os matarão. — E vocês serão odiados por todo o mundo por causa de meu nome; mas quem perseverar até ao fim será salvo. (*São Marcos*, cap. xiii, vv. 12 e 13.)

49. — Quando vocês virem que a abominação da desolação, que foi predita pelo profeta Daniel, atingir o lugar sagrado (que quem esteja lendo entenda bem o que lê); — então, quem estiver na Judeia que fuja para as montanhas⁹⁴; — quem estiver no alto do telhado que não desça daí para levar qualquer coisa de sua casa; — e quem estiver no campo que não volte para pegar suas roupas. — Mas aí das mulheres que estiverem grávidas ou amamentando naqueles dias. Roguem, portanto, a Deus que sua fuga não suceda no inverno nem no sábado, — pois a aflição desses tempos será tão grande como nunca houve igual desde o começo do mundo até o presente, e como não haverá jamais. — E, se esses dias não viessem a ser abreviados, nenhum homem conseguiria ser salvo, mas esses dias serão abreviados em favor dos eleitos. (*São Mateus*, cap. xxiv, vv. 15 a 22.)

50. — Logo após esses dias de aflição, o Sol se obscurecerá e a Lua não fornecerá mais sua luz; as estrelas cairão do céu e as potestades celestes serão abaladas.

Então, o sinal do Filho do homem aparecerá no céu e todos os povos da terra cairão em prantos e em gemidos; e eles verão o Filho do homem, que virá nas nuvens do céu com uma grande majestade.

E ele enviará seus anjos, que farão ouvir a voz estrondosa de suas trombetas e que reunirão seus eleitos dos quatro cantos do mundo, desde uma extremidade do céu até a outra.

Aprendam uma comparação obtida da figueira. Quando seus ramos já estão tenros e brotam as folhas, vocês sabem que o verão está próximo. — Iguamente, quando vocês virem todas essas coisas, saibam que o Filho do homem está próximo e que se acha como que à porta.

Eu lhes digo, em verdade, que esta *raça* não passará, enquanto todas essas coisas não estiverem realizadas. (*São Mateus*, cap. xxiv, vv. 29 a 34.)

E ocorrerá, ao advento do Filho do homem, o que sucedeu ao tempo de Noé, — pois, como nos derradeiros tempos antes do dilúvio, os homens comiam e bebiam, casavam-se e casavam seus filhos, até o dia em que Noé entrou na arca; — eles só se aperceberam do momento do dilúvio quando este sobreveio e devastou o mundo todo; será o mesmo ao advento do Filho do homem. (*São Mateus*, cap. xxiv, vv. 37 e 38.)

51. — Quanto àquele dia ou àquela hora, ninguém sabe, nem os anjos que estão nos céus, *nem o Filho*, mas somente o Pai. (*São Marcos*, cap. xiii, v. 32.)

52. — Em verdade, em verdade, eu lhes digo que vocês chorarão e gemerão, e o mundo se alegrará; vocês ficarão tristes, mas sua tristeza se mudará em alegria. — Uma mulher em trabalho de parto está em dor, porque sua hora chegou; mas após haver dado à luz a um filho, ela não se lembra mais de seus males, pela alegria que tem de haver posto um homem no mundo. — Eis que vocês estão agora imersos em tristeza; mas eu os verei de novo, e seu coração se rejubilará, e ninguém lhes arrebatará sua alegria. (*São João*, cap. xvi, vv. 20 a 22.)

53. — Aí se levantarão vários falsos profetas que seduzirão muitas pessoas; e porque se expandirá a iniquidade, a caridade de muitos esfriará; — Mas será salvo quem perseverar até o fim. — E este evangelho

⁹⁴ Esta expressão: a *abominação da desolação* não só não tem sentido, mas se presta ao ridículo. A tradução de Ostervald diz: “A abominação *que causa* a desolação”, o que é muito diferente; o sentido, então, se torna perfeitamente claro, pois se compreende que as *abominações* devem trazer a *desolação* como castigo. Quando, disse Jesus, a abominação chegar ao lugar sagrado, a desolação ali chegará também, e isso será um sinal de que os tempos estão próximos.

do reino será pregado em todo o mundo para servir de testemunho a todas as nações, e é então que há de chegar o fim. (*São Mateus*, cap. xxiv, vv. 11 a 14.)

54. — Este quadro do final dos tempos é evidentemente alegórico, como a maioria dos que apresentava Jesus. As imagens que contém são de natureza, por sua energia, a impressionar as inteligências ainda rústicas. Para sensibilizar essas imaginações pouco sutis, eram necessárias pinturas vigorosas, de cores muito vivas. Jesus se endereçava sobretudo ao povo, aos homens menos esclarecidos, incapazes de compreender as abstrações metafísicas e de captar a delicadeza das formas. Para chegar ao coração, era preciso falar aos olhos, com a ajuda de signos materiais, e aos ouvidos, através do vigor da linguagem.

Por uma decorrência natural dessa disposição de espírito, o poder supremo devia, segundo a crença da época, manifestar-se apenas através de coisas extraordinárias, sobrenaturais; mais eram impossíveis, melhor eram aceitas como prováveis.

O Filho do homem vindo nas nuvens do céu, com uma grande majestade, cercado de seus anjos e ao ruído das trombetas, lhes parecia bem mais imponente do que um ser investido de somente um poder moral. Por isso os judeus, que esperavam no Messias um rei da Terra, com poder entre todos os reis para colocar sua nação em primeiro lugar e reerguer o trono de Davi e de Salomão, não quiseram reconhecê-lo no humilde filho de carpinteiro, sem autoridade material.

Contudo, esse pobre operário da Judeia se tornou o maior entre os grandes; ele conquistou por sua soberania mais reinos do que os mais poderosos potentados; com a sua palavra apenas e alguns miseráveis pescadores, ele revolucionou o mundo, e é a ele que os judeus deverão sua reabilitação. Portanto, ele estava sendo verdadeiro, quando, a esta pergunta de Pilatos: “Você é rei?”, ele respondeu: “Você o está dizendo.”

55. — É de se observar que, entre os antigos, os tremores de terra e o obscurecimento do sol eram os acessórios obrigatórios de todos os eventos e de todos os presságios sinistros; nós os encontramos à morte de Jesus, à de César e em grande quantidade de episódios da história do paganismo. Se tais fenômenos se houvessem produzido tão frequentemente quanto se conta, nos pareceria impossível que os homens não lhes houvessem conservado a lembrança pela tradição. Aqui se juntam as *estrelas que caem do céu*, como para testemunhar às gerações futuras mais esclarecidas que não passa de uma ficção, dado que sabemos agora que as estrelas não têm como cair.

56. — Não obstante, sob tais alegorias se escondem grandes verdades. Em primeiro lugar, trata-se de um anúncio das calamidades de todos os gêneros que ferirão a humanidade e a dizimarão; calamidades engendradas pela luta suprema entre o bem e o mal, a fé e a incredulidade, as ideias progressistas e as ideias retrógradas. Em segundo lugar, trata-se da difusão, por todo o mundo, do Evangelho, *restabelecido em sua pureza primitiva*; depois, o reino do bem, que há de ser o da paz e da fraternidade universal, nascerá do código de moral evangélica posto em prática por todos os povos. Esse será verdadeiramente o reino de Jesus, porquanto ele presidirá ao seu estabelecimento e os homens viverão sob a proteção de sua lei; reino de bondade, pois, disse ele, “após os dias de aflição, chegarão os dias de alegria.”

57. — Quando se cumprirão essas coisas? “Ninguém sabe, disse Jesus, *nem mesmo o Filho*”; mas, quando chegar o momento, os homens serão advertidos através de indícios precursores. Tais indícios não estarão nem no Sol, nem nas estrelas, mas no estado social e

nos fenômenos mais morais do que físicos, e que podemos parcialmente inferir a partir de suas alusões.

É bem verdade que essa alteração não teria como realizar-se durante a vida dos apóstolos, caso contrário Jesus não iria ignorar isso; aliás, uma tal transformação não conseguiria completar-se em alguns anos. Todavia, ele lhes fala como se eles pudessem testemunhá-la; é que, com efeito, eles terão que voltar a viver nessa época e trabalhar eles mesmos para a transformação. Ora ele fala do próximo destino de Jerusalém, ora ele pega esse acontecimento como ponto de comparação para o futuro.

58. — É o fim do mundo que Jesus anuncia com sua nova vinda, e quando diz: Quando o Evangelho estiver pregado em todo o mundo, é então que há de chegar o fim?

Não é racional supor que Deus iria destruir o mundo exatamente no momento em que fosse entrar na via do progresso moral através da prática dos ensinamentos evangélicos; nada, de resto, nas parábolas do Cristo, indica uma destruição universal, que, em tais condições, não se justificaria.

Tendo a prática geral do Evangelho que trazer uma melhoria no estado moral dos homens, trará, por isso mesmo, reino do bem e provocará a queda daquele do mal. É, portanto, ao término do *velho mundo*, do mundo governado pelos preconceitos, o orgulho, o egoísmo, o fanatismo, a incredulidade, a cupidez e todas as más paixões, que o Cristo faz alusão, quando diz: “Quando o Evangelho estiver pregado em todo o mundo, é então que há de chegar o fim”: mas esse fim irá trazer uma luta, e é dessa luta que nascerão os males que ele prevê.

SEUS FILHOS E SUAS FILHAS PROFETIZARÃO.

59. — Nos últimos tempos, disse o Senhor, eu derramarei de meu espírito sobre toda a carne; seus filhos e suas filhas profetizarão; seus jovens terão visões e seus velhos terão sonhos. — Naqueles dias, eu derramarei de meu espírito sobre meus servos e sobre minhas servas, e eles profetizarão. (*Atos dos Apóstolos*, cap. II, vv. 17 e 18. — *Joel*, cap. II, vv. 28 e 29.)

60. — Se considerarmos o estado atual do mundo físico e do mundo moral, as tendências, as aspirações, os pressentimentos das massas, a decadência das velhas ideias, que se debatem em vão há um século contra as ideias novas, não devemos duvidar de que uma nova ordem de coisas se prepara e que o velho mundo atinge seu fim.

Caso, agora, deixando de considerar a parte alegórica de certos quadros e esquadrinhando o significado íntimo das palavras de Jesus, compararmos a situação atual com os tempos descritos por ele, como os que têm de assinalar a era da renovação, não podemos deixar de convir que várias de suas predições alcançam hoje sua realização; donde devemos concluir que estamos atingindo os tempos anunciados, o que confirmam, por todo o globo, os Espíritos que se manifestam.

61. — Como vimos (cap. I, n.º 32), coincidindo o advento do Espiritismo com outros acontecimentos, realiza uma das mais importantes predições de Jesus, através da influência que tem que forçosamente exercer nas ideias. Ele está, além disso, claramente

anunciado na predição registrada nos Atos dos Apóstolos: “Nos últimos tempos, disse o Senhor, eu derramarei de meu espírito sobre toda a carne; seus filhos e suas filhas profetizarão.”

É o anúncio inequívoco da propagação da mediunidade, que se revela em nossos dias nos indivíduos de qualquer idade, de ambos os sexos e de todas as condições; portanto, é o anúncio da manifestação universal dos Espíritos, pois, sem os Espíritos não existiriam médiuns. Isto, como está dito, ocorrerá *nos derradeiros tempos*; ora, já que não atingimos o fim do mundo mas, ao contrário, a sua regeneração, é preciso entender por essas palavras: os derradeiros tempos do mundo moral que está terminando. (*O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. XXI.)

O JUÍZO FINAL

62. — Ora, quando o Filho do homem chegar em sua majestade, acompanhado de todos os anjos, ele se sentará no trono de sua glória; — e estando todas as nações reunidas diante dele, separará umas das outras, como um pastor separa as ovelhas dos bodes, e ele colocará as ovelhas à sua direita e os bodes, à sua esquerda. — Então, o Rei dirá aos que estão à sua direita: Venham vocês que foram abençoados por meu Pai. [...] E irão estes para o castigo eterno, porém, os justos para a vida eterna. (*São Mateus*, cap. xxv, vv. 31 a 46. — *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. xv.)

63. — Tendo o bem que reinar no mundo, é preciso que os Espíritos endurecidos no mal, e que conseguiriam levar-lhe a perturbação, dele sejam excluídos. Deus lhes deu o tempo necessário para sua melhora; mas, tendo chegado o momento em que o globo tem que se elevar na hierarquia dos mundos, através do progresso moral de seus habitantes, a permanência nele, como Espíritos e como Encarnados, será interdita aos que não aproveitaram as mensagens que tiveram oportunidade de aqui receber. Eles serão exilados para mundos inferiores, como foram outrora para a Terra os da raça adâmica, ao mesmo tempo que serão substituídos por Espíritos melhores. É a esta separação que Jesus presidirá, o que está configurado nestas palavras do juízo final: “Os bons passarão à minha direita, e os maus, à minha esquerda.” (Cap. xi, n.º 31 e seg.º)

64. — A doutrina de um juízo derradeiro, único e universal, colocando para todo o sempre termo à humanidade, repugna à razão, no sentido de que ela implicaria a inatividade de Deus durante a eternidade que precedeu à criação da Terra e durante a eternidade que se seguirá à sua destruição. Nós perguntamos de que utilidade seria, então, o Sol, a Lua e as estrelas, que, segundo o *Gênesis*, foram criados para iluminar nosso mundo. Nós nos admiramos de que uma obra tão imensa tenha sido criada para tão pouco tempo e para proveito de seres cuja maioria se devotava antecipadamente aos suplícios eternos.

65. — Materialmente, a ideia de um juízo único era, até certo ponto, admissível para os que não procuram a razão das coisas, quando se acreditava que toda a humanidade se concentrava na Terra, e que tudo no universo tinha sido criado para seus habitantes: ela é inadmissível quando sabemos que existem bilhões de mundos semelhantes que

perpetuam as humanidades durante a eternidade, entre os quais a Terra é um ponto imperceptível dos menos consideráveis.

Nós vemos, só por esse fato, que Jesus tinha razão em dizer aos seus discípulos: “Existem muitas coisas que eu não devo dizer-lhes, porque vocês não as compreenderiam”, dado que o progresso das ciências era indispensável para uma sensata interpretação de algumas de suas palavras. Seguramente os apóstolos, São Paulo e os primeiros discípulos teriam estabelecido muito diversamente certos dogmas, se houvessem tido os conhecimentos astronômicos, geológicos, físicos, químicos, fisiológicos e psicológicos que possuímos hoje em dia. Por isso, Jesus adiou o complemento de suas instruções e anunciou que todas as coisas tinham que ser reformuladas.

66. — Moralmente, um juízo definitivo e inapelável não se concilia com a bondade infinita do Criador, que Jesus nos apresenta, o tempo todo, como um bom Pai, deixando sempre uma saída para o arrependimento e sempre prestes a estender seus braços ao filho pródigo. Se Jesus houvesse entendido o juízo naquele sentido, teria desmentido suas próprias palavras.

E depois, caso o juízo final tenha que surpreender os homens de repente, no meio de seus trabalhos corriqueiros e as mulheres grávidas, nós perguntamos com que finalidade Deus, que não faz nada de inútil nem de injusto, faria nascer crianças e *criaria almas novas* nesse momento supremo, no termo fatal da humanidade, para passá-las por um juízo ao saírem do seio da mãe, antes que tenham consciência de si mesmas, enquanto outros tiveram milhares de anos para se conhecerem? De que lado, à direita ou à esquerda, passarão estas almas que não são ainda nem boas nem más e a quem toda via posterior de progresso está daí por diante fechada, uma vez que a humanidade não existirá mais? (Cap. II, n.º 19.)

Que as pessoas cuja mente se contenta com tais crenças as conservem estão no seu direito, e ninguém se ponha a contradizê-las; mas que não levem a mal da mesma forma que nem todo o mundo esteja de acordo.

67. — O juízo, através do recurso da emigração, tal qual foi definido acima (63), é racional; ele se fundamenta na mais rigorosa justiça, porquanto ele preserva pela eternidade o livre-arbítrio do Espírito; porquanto ele não se constitui em privilégio para ninguém; porquanto uma igual liberdade de agir é propiciada por Deus a todas as suas criaturas, sem exceção, para que progridam; porquanto o aniquilamento mesmo de um mundo, causando a destruição do corpo, não provocaria nenhuma interrupção à marcha evolutiva do Espírito. Tal é o resultado da pluralidade dos mundos e da pluralidade das existências.

De acordo com esta interpretação, a qualificação de *juízo derradeiro* não é exata, dado que os Espíritos passam por semelhantes tribunais a cada renovação dos mundos em que eles habitam, até que tenham alcançado um certo grau de perfeição. Não existe, portanto, propriamente falando, *juízo derradeiro*, mas existem *juízos gerais* em todas as épocas de renovação parcial ou total da população dos mundos, em consequência dos quais se realizam grandes emigrações e imigrações de Espíritos.

CAPÍTULO XVIII

OS TEMPOS SÃO CHEGADOS

Sinais dos tempos. — A nova geração.

SINAIS DOS TEMPOS

1. — Os tempos marcados por Deus estão chegados, nos dizem de todas as partes, tempos em que grandes eventos vão ocorrer para a regeneração da humanidade. Em que sentido é preciso entender tais palavras proféticas? Para os incrédulos, elas não têm nenhuma importância; a seus olhos, isso não passa da expressão de uma crença pueril sem fundamento; para o maior número dos crentes, elas possuem algo de místico e de sobrenatural que lhes parece ser o prenúncio do desarranjo das leis da natureza. Essas duas interpretações são igualmente errôneas: a primeira, no que implica a negação da Providência; a segunda, no que essas palavras não anunciam a perturbação das leis da natureza, mas o cumprimento delas.

2. — Tudo é harmonia na criação; tudo revela uma providência que não se desmente nem nas menores coisas, nem nas maiores; nós precisamos, assim, primeiro, descartar toda ideia de capricho inconciliável com a sabedoria divina; segundo, se nossa época está marcada para o cumprimento de certas coisas, é que elas têm sua razão de ser na marcha do mundo.

Isto posto, nós diremos que nosso globo, como tudo quanto existe, está submetido à lei do progresso. Ele progride fisicamente através da transformação dos elementos que o compõem, e moralmente, através da purificação dos Espíritos encarnados e desencarnados que o povoam. Esses dois progressos se integram e andam juntos, pois a perfeição da habitação se vincula à de seu habitante. Fisicamente, o globo sofreu transformações constatadas pela ciência, as quais o tornaram, sucessivamente, habitável por seres cada vez

mais aperfeiçoados; moralmente, a humanidade progride através do desenvolvimento da inteligência, do senso moral e da suavização dos costumes. Ao mesmo tempo que a melhora do globo se realiza sob o governo das forças materiais, os homens para isso concorrem através dos esforços de sua inteligência; eles saneiam as regiões insalubres, tornam as comunicações mais fáceis e a terra mais produtiva.

Esse duplo progresso se realiza de duas maneiras: uma lenta, gradual e imperceptível; a outra através de mudanças mais bruscas, cada qual obrando um movimento ascensional mais rápido que demarca, através de características específicas, os períodos progressivos da humanidade. Esses movimentos, subordinados *quanto aos pormenores* ao livre-arbítrio dos homens, são, de alguma forma, fatais em seu conjunto, porque estão submetidos a leis, como as que se efetivam na germinação, no crescimento e na maturidade das plantas; eis porque o movimento progressivo é, às vezes, parcial, quer dizer, limitado a uma raça ou a uma nação, outras vezes, geral.

O progresso da humanidade se efetua, portanto, em virtude de uma lei; ora, como todas as leis da natureza são a obra eterna da sabedoria e da presciência divinas, tudo isso se dá por ação daquelas leis e como resultado da vontade de Deus, não de uma vontade acidental e caprichosa, mas de uma vontade imutável. Assim, desde que a humanidade se acha madura para galgar um degrau, podemos dizer que os tempos marcados por Deus estão chegados, como podemos dizer também que, em tal estação, eles estão chegados para a maturação dos frutos e a colheita.

3. — Uma vez que o movimento progressivo da humanidade é inevitável, porque está na natureza, não se conclua que Deus lhe seja indiferente, e que, após haver estabelecido as leis, ele tenha voltado à inação, deixando as coisas seguirem inteiramente sozinhas. Suas leis são eternas e imutáveis, sem dúvida, mas porque sua vontade, ela mesma, é eterna e constante, e porque seu pensamento anima todas as coisas sem interrupção; seu pensamento, que penetra em tudo, é a força inteligente e permanente que mantém tudo em harmonia; que esse pensamento pare um só instante de atuar, e o universo seria como um relógio sem pêndulo. Deus vela, portanto, incessantemente através da execução de suas leis e os Espíritos que povoam o espaço são seus ministros encarregados dos pormenores, conforme as atribuições correspondentes a seu grau de adiantamento.

4. — O universo é, ao mesmo tempo, um mecanismo incomensurável conduzido por um número não menos incomensurável de inteligências, um imenso governo onde cada ser inteligente executa sua parte da ação sob o olhar do soberano Senhor, cuja vontade *única* mantém em tudo *a unidade*. Sob o governo desse vasto poder regulador, tudo se move, tudo funciona em uma ordem perfeita; o que nos afigura como perturbações são os movimentos parciais ou isolados, os quais nos parecem irregulares porque nossa visão é circunscrita. Se nós pudéssemos abranger-lhe o conjunto, veríamos que essas irregularidades são apenas aparentes e que o todo é harmônico.

5. — A humanidade efetuou, até este dia, incontáveis progressos; os homens, por sua inteligência, chegaram a resultados que não haviam jamais alcançado no que concerne às ciências, às artes e ao bem-estar material; resta-lhes ainda um imenso progresso a realizar: é o de *fazer reinar entre si a caridade, a fraternidade e a solidariedade, para assegurar o bem-estar moral*. Eles não tinham como fazê-lo nem com suas crenças, nem

com suas instituições antiquadas, restos de uma outra idade, boas para uma certa época, suficientes para um estado transitório, mas que, havendo proporcionado o que continham em si, seriam um empecilho hoje em dia. Não é tão só do desenvolvimento da inteligência que precisam os homens, é da elevação do sentimento e, para tanto, eles precisam destruir tudo o que possa superexcitar o egoísmo e o orgulho.

Este é o período em que vão entrar daqui por diante e que assinalará uma das fases principais da humanidade. A fase que se está formando neste momento é o remate necessário do estado precedente, como a idade viril é o remate da juventude; portanto, ela tinha como ser prevista e predita antes, e é por isso que se diz que os tempos marcados por Deus estão chegados.

6. — Nos tempos que correm, não sucede uma transformação parcial, uma renovação limitada a uma país, a um povo, a uma raça; é um movimento universal que se efetua no sentido do *progresso moral*. Uma nova ordem de coisas tende a se estabelecer, e os homens que a ela se opõem mais ferrenhamente trabalham para ela sem que saibam; a geração futura, desobstruída das escórias do velho mundo e formada de elementos mais depurados, se encontrará animada por pensamentos e por sentimentos bem diferentes dos da geração presente, que se afasta a passos de gigante. O velho mundo estará morto e viverá na história, como hoje em dia os tempos da Idade Média, com seus costumes bárbaros e suas crenças supersticiosas.

De qualquer modo, cada qual sabe quanto a ordem atual das coisas deixa ainda a desejar; após haver, de alguma forma, colhido o bem-estar material fruto da inteligência, chegamos a compreender que o complemento desse bem-estar tem que estar apenas no desenvolvimento moral. Mais se avança, mais se sente o que falta, sem que, no entanto, se consiga ainda defini-lo claramente: é a sensação do trabalho íntimo que se realiza para a regeneração; a gente tem desejos, aspirações que são como o pressentimento de um estado melhor.

7. — Mas uma transformação tão radical quanto a que se opera não tem como se realizar sem comoção; é inevitável a luta entre as ideias. Desse conflito nascerão forçosamente perturbações ocasionais, até que as dificuldades estejam aplanadas e o equilíbrio restabelecido. Portanto, é da luta das ideias que surgirão os graves eventos anunciados, e não de cataclismos ou de catástrofes puramente materiais. Os cataclismos gerais eram o resultado do estado de formação da Terra; *hoje em dia não são mais as entranhas do globo que se agitam; são as da humanidade*.

8. — Se a Terra não tem mais que temer os cataclismos gerais, ela ainda está sujeita a revoluções periódicas, cujas causas são explicadas, do ponto de vista científico, nas mensagens seguintes fornecidas por dois eminentes Espíritos⁹⁵.

“Cada corpo celeste, além das leis simples que presidem à divisão dos dias e das noites, das estações etc., sofre revoluções que demandam milhares de séculos para sua perfeita realização, as quais, porém, como as revoluções mais curtas, passam por todos os períodos, desde o nascimento até o apogeu da ação, após o que se dá seu decréscimo até o limite derradeiro, para recomeçar, em seguida, a percorrer as mesmas fases.

⁹⁵ Extrato de duas comunicações oferecidas à Sociedade de Paris e publicadas na *Revista Espírita* de outubro de 1868. Elas são o corolário das de Galileu, transcritas no capítulo VI, e um complemento para o capítulo IX a respeito das revoluções do globo.

“O homem só abrange as fases de duração relativamente curta e das quais ele consegue constatar a periodicidade; mas existem as que compreendem demoradas gerações de seres e mesmo sucessões de raças, cujas realizações, portanto, têm para ele as aparências da novidade e da espontaneidade, enquanto que, se seu olhar conseguisse volver para alguns milhares de séculos atrás, ele veria, entre essas mesmas realizações e suas causas, uma correlação de que ele nem mesmo suspeita. Esses períodos, que confundem a imaginação dos humanos pela sua extensão relativa, são, todavia, somente instantes dentro da eternidade.

“Em um mesmo sistema planetário, todos os corpos que dele dependem reagem uns aos outros; todas as influências físicas são ali solidárias, e não existe um só dos efeitos que os homens designam sob o nome de grandes perturbações que não seja o resultado da componente das influências de todo esse sistema.

“Eu vou mais longe: eu digo que os sistemas planetários reagem uns aos outros, em razão da aproximação ou do afastamento resultantes de seu movimento de translação através de miríades de sistemas que compõem nossa nebulosa. Eu vou mais longe ainda: eu digo que nossa nebulosa, que é como um arquipélago na imensidão, tendo também seu movimento de translação através de miríades de nebulosas, sofre a influência daquelas de que se aproxima.

“Assim, as nebulosas reagem às nebulosas, os sistemas reagem aos sistemas, como os planetas reagem aos planetas, como os elementos de cada planeta reagem uns aos outros, e assim seguidamente até o átomo; daqui, em cada mundo, as revoluções locais ou gerais, que parecem perturbações apenas porque a brevidade da vida só permite alcançar suas realizações parciais.

“A matéria orgânica não poderia subtrair-se a essas influências; as perturbações que sofre conseguem alterar o estado físico dos seres vivos e determinar algumas dessas moléstias que atacam, de maneira geral, as plantas, os animais e os homens; essas moléstias, como todos os flagelos, são para a inteligência humana um estímulo que a incita, pela necessidade, à investigação dos meios de combatê-las e à descoberta das leis da natureza.

“Mas a matéria orgânica reage, a seu turno, ao Espírito; este, por seu contato e sua íntima ligação com elementos materiais, sofre também algumas influências que modificam suas disposições, sem, contudo, suprimir seu livre-arbítrio, influências que superexcitam ou diminuem sua atividade, e que, por isso mesmo, contribuem para seu desenvolvimento. A efervescência que se manifesta, às vezes, em toda uma população, entre os homens de mesma raça, não é uma coisa fortuita, nem a consequência de um capricho; sua causa se acha nas leis da natureza. Essa efervescência, no começo inconsciente, que mais não é do que um vago desejo, uma aspiração indefinida por algo melhor, uma necessidade de transformação, se traduz através de uma surda agitação, depois, através de atos que levam às revoluções sociais, as quais, podem acreditar, têm também sua periodicidade, como as revoluções físicas, pois tudo se encadeia. Se a vista espiritual não fosse circunscrita pelo véu material, os homens veriam essas correntes fluidicas que, como milhares de fios condutores, ligam as coisas do mundo espiritual e do mundo material.

“Quando lhes dizemos que a humanidade chegou a um período de transformação, e que a Terra tem que se elevar na hierarquia dos mundos, não vejam nessas palavras nada de místico, mas, ao contrário, a realização de uma das grandes leis fatais do universo.”

ARAGO.

9. — “Sim, com certeza, a humanidade está transformando-se como já se transformou em outras épocas, e cada transformação é assinalada por uma crise que é, para o gênero humano, o que são as crises de crescimento para os indivíduos; crises muitas vezes penosas, dolorosas, que arrastam consigo as gerações e as instituições, mas que vêm sempre seguidas de uma fase de progresso material e moral.

“A humanidade terrestre, tendo chegado a um desses períodos de crescimento, está, há quase um século, em pleno trabalho de transformação; eis porque ela se agita por toda a parte, presa a uma espécie de febre e como que movida por uma força invisível, o que vai ocorrer até que readquira seu equilíbrio em novas bases. Quem a vir, então, a encontrará muito mudada em seus costumes, seu caráter, suas leis, suas crenças, em suma, em todo o seu estado social.

“Uma coisa que lhes parecerá estranha, mas que não deixa de ser uma rigorosa verdade, é que o mundo dos Espíritos que envolve os homens sofre o contragolpe de todas as comoções que agitam o mundo dos encarnados: eu digo mesmo que nele toma parte ativa. Isto nada tem de surpreendente para quem sabe que os Espíritos e a humanidade formam um conjunto; que dela saem e têm que voltar a ela; logo, é natural que se interessem pelos movimentos que se efetuam entre os homens. Estejam certos, portanto, de que, quando uma revolução social ocorre entre os homens, ela abala igualmente o mundo invisível; todas as paixões boas e más aqui são superexcitadas como aí; uma indizível efervescência reina entre os Espíritos que fazem ainda parte do mundo carnal e que aguardam o momento de voltar.

“À agitação dos encarnados e dos desencarnados se juntam, às vezes, o mais das vezes mesmo, porque tudo se une na natureza, as perturbações dos elementos físicos; é quando, por certo tempo, ocorre uma verdadeira confusão geral, mas que passa como um furacão, após o que o céu fica de novo sereno e a humanidade, reconstituída em novas bases, imbuída de novas ideias, percorre uma nova etapa de progresso.

“É no período que está abrindo-se que veremos florescer o Espiritismo e que ele dará seus frutos. É, pois, para o futuro, mais que para o presente, que os senhores trabalham; mas era preciso que estes trabalhos fossem elaborados previamente, porque eles preparam as estradas da regeneração através da unificação e da racionalidade das crenças. Felizes aqueles que disto tiram proveito desde hoje, o que irá representar para eles um ganho real e penas comutadas.”

Doutor BARRY.

10. — Resulta do que precede que, em decorrência de seu movimento de translação através do espaço, os corpos celestes exercem, uns sobre os outros, uma influência mais ou menos grande, de acordo com sua proximidade e sua posição respectiva; que essa influência deve trazer uma perturbação momentânea em seus elementos constituintes e modificar as condições de vida de seus habitantes; que a regularidade dos movimentos tem de provocar a repetição periódica das mesmas causas e

dos mesmos efeitos; que, se a duração de certos períodos é assaz curta para ser tida em conta pelos homens, outros veem passar as gerações e as raças que não se apercebem disso, e para as quais o estado de coisas é um estado normal; ao contrário, as gerações contemporâneas à transição sofrem o contragolpe e tudo parece afastar-se das leis ordinárias. Elas veem uma causa sobrenatural, maravilhosa, miraculosa naquilo que, na realidade, é apenas a realização das leis da natureza.

Se, pelo encadeamento e pela solidariedade das causas e dos efeitos, os períodos de renovações morais da humanidade coincidem, como tudo leva a crer, com as revoluções físicas do globo, elas podem ser acompanhadas ou precedidas de fenômenos naturais, insólitos para os que não estão habituados, de meteoros que parecem extraordinários, de uma recrudescência e de uma intensidade desusada de flagelos destruidores. Tais flagelos não se constituem nem em causa, nem em presságios sobrenaturais, mas uma consequência do movimento geral que se efetua no mundo físico e no mundo moral.

Ao predizer a era de renovação que tinha de se abrir para a humanidade e marcar o fim do velho mundo, Jesus tinha, portanto, como dizer que ela seria assinalada por fenômenos extraordinários, tremores de terra, flagelos diversos, sinais no céu que não são outros senão meteoros, sem se afastar das leis naturais; mas o vulgo ignorante viu nessas palavras o anúncio de fatos miraculosos⁹⁶.

11. — A previsão dos movimentos progressivos da humanidade não apresenta nada de surpreendente junto aos seres desmaterializados que veem o alvo para onde tendem todas as coisas, dentre os quais alguns fruem o pensamento diretamente de Deus, e que preveem, pelos movimentos parciais, o tempo em que deverá acontecer um movimento geral, como se prevê antecipadamente o tempo que necessita uma árvore para dar frutos, como os astrônomos calculam a época de um fenômeno astronômico pelo tempo que necessita um astro para perfazer sua revolução.

12. — A humanidade é um ser coletivo em que se efetua as mesmas revoluções morais que para cada ser individual, com a diferença de que umas se dão de ano em ano e as outras, de século em século. Sigamo-la em suas evoluções através dos tempos, e veremos a vida das diversas raças demarcada por períodos que oferecem a cada época uma fisionomia específica.

13. — A marcha progressiva da humanidade se efetua de duas maneiras, como dissemos: uma gradual, lenta, imperceptível, caso se considerem as épocas contíguas, a qual se traduz por melhorias sucessivas nos costumes, nas leis, nos usos, e só se percebe a distância, como as transformações que as correntes de água produzem na superfície do globo; a outra, através de movimentos relativamente bruscos, rápidos, parecidos aos de uma torrente rompendo os diques, que fazem a humanidade transpor, em alguns anos, o espaço que levaria séculos para percorrer. Trata-se, então, de um cataclismo moral que devora, em alguns instantes, as instituições do passado, e ao qual sucede uma nova ordem de coisas que vai estabilizando-se a pouco e pouco, à proporção que a calma vai restabelecendo-se até tornar-se definitiva.

⁹⁶ A terrível epidemia que, de 1866 a 1868, dizimou a população da Ilha Maurício foi precedida de uma chuva tão extraordinária e tão abundante de estrelas cadentes, em novembro de 1866, que seus habitantes ficaram terrificados. Foi a partir desse momento que a moléstia que grassava há alguns meses de maneira assaz benigna se tornou um verdadeiro flagelo devastador. Eis aí realmente um sinal no céu; talvez seja nesse sentido que se precisa entender as *estrelas caindo do céu*, das quais fala o Evangelho como um dos sinais dos tempos. (Pormenores sobre a epidemia da Ilha Maurício, *Revista Espírita*, julho de 1867 e novembro de 1868.)

A quem viver tempo suficiente para abranger as duas vertentes da nova fase, há de parecer que um novo mundo esteja saindo das ruínas do antigo; o caráter, os costumes, os usos, tudo está mudado; é que, com efeito, homens novos, ou melhor, regenerados, surgiram; as ideias trazidas pela geração que se extingue vão dando lugar às ideias novas da geração que se alça.

14. — A humanidade, ao tornar-se adulta, adquire novas necessidades, aspirações mais amplas, mais elevadas; ela compreende o vazio das ideias com que foi embalada, a insuficiência de suas instituições para sua felicidade; não acha mais naquele estado de coisas as satisfações legítimas às quais está sentindo-se chamada; eis porque ela joga fora suas fraldas e se lança, incitada por uma força irresistível, na direção de regiões desconhecidas, em busca de descobrir novos horizontes com menos limitações.

É a um desses períodos de transformação, ou seja, de *crescimento moral*, que chegou a humanidade. Da adolescência ela entra na idade viril; o passado não tem mais como satisfazer suas novas aspirações, suas novas necessidades; ela não tem mais que se deixar levar pelos mesmos artifícios; ela não se compraz mais com ilusões e prestígios: sua razão madura precisa de alimentos mais substanciosos. O presente é muitíssimo efêmero; ela sente que seu destino é muito mais amplo e que a vida corpórea é muito restrita para encerrá-lo todo inteiro; eis porque ela aprofunda seus olhares no passado e no futuro, a fim de descobrir o mistério de sua existência, e colher uma consoladora convicção.

E é quando a humanidade se encontra por demais sufocada em sua esfera material, quando a vida intelectual se sobrecarrega, quando o sentimento da espiritualidade se desdobra, que os homens, ao se dizerem filósofos, esperam preencher o vazio através das doutrinas do niilismo e do materialismo! Estranha aberração! Esses mesmos homens que pretendem impulsioná-la para frente, se esforçam por circunscrevê-la dentro do círculo estreito da matéria, donde ela aspira por libertar-se; eles lhe impedem a perspectiva da vida infinita e lhe dizem, indicando-lhe a sepultura: *Nec plus ultra!*

15. — Quem quer que haja meditado sobre o Espiritismo e suas consequências e não o circunscreva à produção de alguns fenômenos, compreende que ele abre para a humanidade uma estrada nova e lhe descortina os horizontes do infinito; ao iniciá-la nos mistérios do mundo invisível, ele lhe mostra seu verdadeiro papel na criação, papel *perpetuamente ativo*, tanto no estado espiritual quanto no estado corpóreo. O homem não mais caminha cegamente: ele sabe donde vem, para onde vai e por que está na Terra. O futuro se mostra a ele em sua realidade, liberto dos preconceitos da ignorância e da superstição; não é mais uma vaga esperança; é uma verdade palpável, tão certa para ele quanto a sucessão do dia e da noite. Ele sabe que seu ser não está limitado a alguns instantes de uma existência efêmera; que a vida espiritual não se interrompe através da morte; que ele já viveu, que voltará a viver ainda, e que nada se perde de tudo quanto aperfeiçoe através do trabalho; ele encontra em suas existências anteriores a justificativa do que é hoje; e, *a partir de como o homem se comporta hoje, ele consegue concluir o que há de ser um dia.*

16. — Com o pensamento de que a atividade e a cooperação individuais para a obra geral da civilização estão delimitadas à vida presente, de que não tenha sido nada e de que não virá a ser nada, que importância tem para o homem o progresso posterior da humanidade? Que importa a ele que, no futuro, os povos sejam melhor governados, mais

felizes, mais esclarecidos, melhores uns para com os outros? Dado que daí não pode colher nenhum fruto, tal progresso não está perdido para ele? De que lhe serve trabalhar para quem vier após ele, se não deve jamais conhecer ninguém, se são seres novos que pouco depois retornarão, eles também, ao nada? Com o predomínio da negação do futuro individual, tudo se resume forçosamente às mesquinhas proporções do momento e da personalidade.

Mas, ao contrário, que amplitude concede ao pensamento do homem a *certeza* da perpetuidade de seu ser espiritual! O que de mais racional, de mais grandioso, de mais digno do Criador que esta lei segundo a qual a vida espiritual e a vida corpórea são apenas dois modos de existência que se alternam para a efetivação do progresso! O que de mais justo e de mais consolador do que a ideia dos mesmos seres progredindo sem parar, primeiro, através das gerações do mesmo mundo e, depois, de mundo em mundo até a perfeição, *sem solução de continuidade!* Todas as ações têm, então, um alvo, pois, ao trabalhar por todos, trabalha-se para si, e reciprocamente; de sorte que nem o progresso individual nem o progresso geral jamais são estéreis; aproveitam-se dele as gerações e as individualidades futuras, que outras não são que as gerações e as individualidades passadas, em um grau mais elevado de adiantamento.

17. — A fraternidade tem de ser a pedra angular da nova ordem social; mas não existe fraternidade real, sólida e efetiva, se não estiver apoiada sobre uma base inabalável; tal base é *a fé*; não a fé em tais ou quais dogmas particulares que mudam com os tempos e com os povos, e se apedrejam entre si, pois, ao se anatematizarem, eles mantêm o antagonismo; mas a fé nos princípios fundamentais que todo o mundo é capaz de aceitar: *Deus, a alma, o futuro*, O PROGRESSO INDIVIDUAL ILIMITADO, A PERPETUIDADE DAS RELAÇÕES ENTRE OS SERES. Quando todos os homens estiverem convencidos de que Deus é o mesmo para todos; que este Deus, soberanamente justo e bom, não tem como nada desejar de injusto; que o mal vem dos homens e não dele, eles se verão como filhos de um mesmo Pai e se estenderão as mãos.

É essa fé que propicia o Espiritismo, e que será doravante o eixo em torno do qual girará o gênero humano, quaisquer que sejam a forma de adoração e as crenças particulares.

18. — O progresso intelectual efetuado até hoje em imensas dimensões é um grande passo e marca a primeira fase da humanidade, mas, sozinho, ele é impotente para regenerá-la; enquanto o homem estiver dominado pelo orgulho e pelo egoísmo, ele utilizará sua inteligência e seus conhecimentos para o gozo de suas paixões e de seus interesses pessoais; eis porque ele os aplica para o aperfeiçoamento dos métodos de prejudicar a seus semelhantes e de destruí-los.

19. — Tão somente o progresso moral consegue assegurar a felicidade dos homens no mundo, ao pôr um freio nas más paixões; tão somente ele consegue fazer reinar entre os homens a concórdia, a paz, a fraternidade.

Ele é que derrubará as barreiras entre os povos, que fará cair os preconceitos de castas e calar os antagonismos de seitas, ao ensinar os homens a se olhar como irmãos chamados a se ajudarem mutuamente e não a viverem às custas uns dos outros.

É ainda o progresso moral, secundado aqui pelo progresso da inteligência, que congregará os homens em uma só crença estabelecida nas verdades eternas não sujeitas a discussões e, por isso mesmo, aceitas por todos.

A unidade de crença será o mais poderoso liame, o mais sólido fundamento da fraternidade universal, rompida desde todo o sempre pelos antagonismos religiosos que dividem os povos e as famílias, que fazem ver nos dissidentes os inimigos a quem se precisa lograr, combater, exterminar, ao invés de irmãos a quem se precisa amar.

20. — Um tal estado de coisas pressupõe uma transformação radical no sentimento das massas, um progresso geral que não havia como se efetuar senão saindo do círculo das ideias estreitas e terra a terra que fomentam o egoísmo. Em diversas épocas, homens de eleição procuraram incitar a humanidade para essa estrada; mas a humanidade, ainda muito jovem, permaneceu surda, e seus ensinamentos foram como a boa semente caída sobre a pedra.

Hoje em dia, a humanidade está madura para lançar seu olhar mais alto que nunca, para absorver as ideias mais profundas e para compreender o que não havia compreendido.

A geração que desaparece levará consigo seus preconceitos e seus erros; a geração que se ergue, lavada em um manancial mais puro, imbuída de ideias mais sensatas, imprimirá ao mundo o movimento ascensional no sentido do progresso moral, o qual deve assinalar a nova fase da humanidade.

21. — Esta fase se revela já através de sinais inequívocos, de tentativas de reformas úteis, de ideias grandes e generosas que estão vindo à luz e que começam a repercutir. Eis porque vemos fundar-se uma infinidade de instituições protetoras, civilizadoras e emancipadoras, sob a impulsão e através da iniciativa de homens visivelmente predestinados à obra da regeneração; eis porque o código penal se impregna, a cada dia, de um sentimento mais humano. Os preconceitos de raça se enfraquecem, os povos começam a se olhar como membros de uma grande família; através da uniformidade e da facilidade dos meios de transação, eles suprimem as barreiras que os dividiam; de todas as partes do mundo, eles se reúnem em assembleias universais para as competições pacíficas da inteligência.

Mas falta a essas reformas uma base para desenvolverem-se, completarem-se, consolidarem-se, uma predisposição moral mais genérica para frutificarem e fazerem-se aceitas pelas massas. Não deixa de ser um sinal característico dos tempos, o prelúdio do que ocorrerá em mais larga escala, à medida que o terreno for ficando mais propício.

22. — Um sinal não menos característico do período em que nós entramos é a reação evidente que se efetua na direção das ideias espiritualistas; uma repulsão instintiva se manifesta contra as ideias materialistas. O espírito de incredulidade que se tinha apoderado das massas ignorantes ou esclarecidas, e lhes havia feito rejeitar, com a forma, o fundo mesmo de toda crença, parece haver sido um sono ao sair do qual se prova a necessidade de respirar um ar mais vivificante. Involuntariamente, onde o vazio se dá a gente procura alguma coisa, um ponto de apoio, uma esperança.

23. — Se supusermos os homens, em sua maioria, imbuídos desses sentimentos, conseguiremos facilmente imaginar as modificações que eles trariam às relações sociais: caridade, fraternidade, benevolência para com todos, tolerância para com todas as

crenças, tal será sua divisa. Eis o alvo para o qual tende visivelmente a humanidade, o objeto de suas aspirações, de seus desejos, sem que se renda muita conta dos meios para realizá-los; ela ensaia, ela tateia, porém, ela é detida por algumas resistências ativas ou pela força de inércia dos preconceitos, das crenças estagnantes e refratárias ao progresso. São essas resistências que se precisa vencer, e esse será o trabalho da nova geração; se seguirmos o curso atual das coisas, reconheceremos que tudo parece predestinado a lhe franquear a rota; ela terá consigo o duplo poder do número e das ideias, e mais a experiência do passado.

24. — A nova geração avançará, portanto, para a realização de todas as ideias humanitárias compatíveis com o grau de adiantamento a que haverá chegado. Avançando o Espiritismo para o mesmo alvo e realizando seus desígnios, ambos se encontrarão no mesmo campo. Os homens do progresso encontrarão nas ideias espíritas uma poderosa alavanca, e o Espiritismo encontrará nos homens novos espíritos totalmente dispostos a acolhê-lo. Neste estado de coisas, que conseguirão fazer os que aspirarem a atravessar o seu caminho?

25. — Não é o Espiritismo que cria a renovação social; é a maturidade da humanidade que faz dessa renovação uma necessidade. Através de seu poder moralizador, de suas tendências progressivas, da amplitude de sua visão, da generalidade das questões que abrange, o Espiritismo está, mais que qualquer outra doutrina, apto a secundar o movimento regenerador; eis porque lhe é contemporâneo. Ele chegou quando podia ser útil, pois também para ele os tempos estão chegados; mais cedo, teria encontrado obstáculos insuperáveis; teria inevitavelmente sucumbido, porque os homens, satisfeitos com o que possuíam, não sentiam ainda a necessidade do que ele contém. Hoje, nascido com a agitação das ideias que fermentam, ele encontra o terreno preparado para recebê-lo; os espíritos, cansados da dúvida e da incerteza, apavorados com o abismo que se escancara diante deles, acolhem o Espiritismo como âncora de salvação e supremo consolo.

26. — A quantidade dos retardatários é ainda grande sem dúvida, mas o que podem eles contra a onda que se eleva, senão lhe jogar algumas pedras? Essa onda é a geração que cresce, enquanto eles desaparecem com a geração que vai embora a cada dia a passos largos. Até lá, eles defenderão o terreno a passo e passo; existe, assim, uma luta inevitável, mas uma luta desigual, pois é a do passado decrépito que se desfaz em molambos, contra o futuro juvenil; da estagnação contra o progresso; da criatura contra a vontade de Deus, pois os tempos marcados por ele estão chegados.

A NOVA GERAÇÃO

27. — Para que os homens sejam felizes no mundo, precisa que ele seja povoado apenas por bons Espíritos, encarnados e desencarnados, que só desejarem o bem. Tendo chegado esse tempo, uma grande emigração se realizará junto aos que o habitam; os que fazem o mal pelo mal e que o sentimento do bem *não comove*, não sendo mais dignos da

Terra transformada, serão excluídos, porque lhes trariam de novo a perturbação e a confusão e seriam um obstáculo ao progresso. Eles irão expiar sua insensibilidade, alguns em mundos inferiores, outros entre as raças terrestres atrasadas, que serão o equivalente de mundos inferiores, para onde levarão seus conhecimentos e que terão por missão fazer progredir. Eles serão substituídos por Espíritos melhores, que farão reinar entre si a justiça, a paz, a fraternidade.

A Terra, no dizer dos Espíritos, não há de ser transformada por um cataclismo que aniquilaria de repente uma geração. A geração atual desaparecerá gradualmente e a nova lhes sucederá do mesmo modo, sem que nada seja alterado na ordem natural das coisas.

Tudo se passará, portanto, exteriormente como de hábito, com esta única diferença, mas esta diferença é capital, ou seja, uma parte dos Espíritos que aqui se encarnavam não se encarnarão mais aqui. Em cada criança que nascer, em lugar de um Espírito atrasado e propenso ao mal que aqui se encarnaria, virá um Espírito mais adiantado e *propenso ao bem*.

Trata-se, portanto, bem menos de uma nova geração corpórea que de uma nova geração de Espíritos; é neste sentido, sem dúvida, que o entendia Jesus quando dizia: “Eu lhes digo, em verdade, que esta geração não passará sem que tais fatos hajam acontecido.” Assim, os que estiverem aguardando para ver a transformação efetuar-se através de ocorrências sobrenaturais e maravilhosas ficarão decepcionados.

28. — A época atual é aquela da transição; os elementos das duas gerações se mesclam. Colocados no ponto intermediário, nós assistimos à partida de uma e à chegada da outra, e cada uma se assinala já no mundo através das características que lhes são próprias.

As duas gerações que se sucedem possuem ideias e visões totalmente contrárias. Através da natureza das disposições morais, mas acima de tudo das disposições *intuitivas* e *inatas*, é fácil de distinguir a qual das duas pertence cada indivíduo.

Devendo a nova geração fundar a era do progresso moral, distingue-se por uma inteligência e por um raciocínio geralmente precoces, juntos ao sentimento *inato* do bem e das crenças espiritualistas, o que é o sinal indubitável de um certo grau de adiantamento *anterior*. Ela não será composta exclusivamente de Espíritos eminentemente superiores, mas dos que, havendo já progredido, estão predispostos a absorver todas as ideias progressistas e aptos a secundar o movimento regenerador.

O que distingue, ao contrário, os Espíritos atrasados é, primeiro, a revolta contra Deus através da recusa de reconhecer algum poder superior à humanidade; a propensão *instintiva* às paixões degradantes, aos sentimentos antissociais do egoísmo, do orgulho, da inveja, do ciúme; enfim, o apego por tudo o que é material: a sensualidade, a cupidez, a avareza.

São esses os vícios de que a Terra tem de ser purgada pelo afastamento dos que se recusam a se emendar, porque eles são incompatíveis com o reino da fraternidade, e porque os homens de bem sofrerão sempre com seu contato. Quando a Terra estiver livre deles, os homens avançarão sem entraves para o futuro melhor que lhes está reservado neste mundo, como recompensa de seus esforços e de sua perseverança, enquanto aguardam que uma purificação ainda mais completa lhes abra a entrada dos mundos superiores.

29. — Por essa emigração dos Espíritos, não precisa entender que todos os Espíritos retardatários serão expulsos da Terra e relegados a mundos inferiores. Muitos, ao contrário, para cá retornarão, pois muitos cederam compelidos pelas circunstâncias e pelo exemplo; a crosta era neles mais ruim do que o âmago. Uma vez subtraídos à influência da matéria e dos preconceitos do mundo corpóreo, eles, em sua maioria, verão as coisas de maneira muito diferente do que em vida, do que nós temos numerosos exemplos. Para isso, eles serão ajudados por Espíritos benevolentes que se interessam por eles e que se apressam em esclarecê-los e em lhes mostrar o falso itinerário que seguiram. Através de nossas preces e de nossas exortações, nós mesmos podemos contribuir para sua melhoria, porque existe perpétua solidariedade entre mortos e vivos.

A maneira pela qual se efetua a transformação é extremamente simples, e, como vemos, é totalmente moral e não se afasta em nada das leis da natureza.

30. — Que os Espíritos da nova geração sejam novos Espíritos melhores ou antigos Espíritos melhorados, o resultado é o mesmo; uma vez que tragam melhores disposições, é sempre um renovamento. Os Espíritos encarnados formam assim duas categorias, conforme suas disposições naturais: de um lado, os Espíritos retardatários que partem, de outro, os Espíritos progressistas que chegam. O estado dos costumes e da sociedade estará, então, junto a um povo, a uma raça ou ao mundo inteiro, em função daquela das duas categorias que obtiver a preponderância.

31. — Uma comparação comezinha fará melhor ainda compreender o que se passa nesta circunstância. Suponhamos um regimento composto, em grande maioria, de homens turbulentos e indisciplinados: estes causarão ali, sem parar, uma desordem que a severidade da lei penal terá muitas vezes dificuldade em reprimir. Tais homens são os mais fortes, porque são mais numerosos; eles se apoiam, se encorajam e se estimulam através do exemplo. Os que são bons não influenciam; seus conselhos são menosprezados; eles são ridicularizados, maltratados pelos outros, e sofrem com esse contato. Não é essa a imagem da sociedade atual?

Suponhamos que se retirem os homens maus do regimento um a um, dez a dez, cem a cem, e que se substituam concomitantemente por um número igual de bons soldados, mesmo por aqueles que foram expulsos mas que se tenham seriamente corrigido: ao término de algum tempo, teremos sempre o mesmo regimento, mas transformado; a boa ordem terá sucedido à desordem. Assim acontecerá à humanidade regenerada.

32. — As grandes partidas coletivas não têm somente por alvo agilizar as saídas, mas transformar mais rapidamente o espírito da massa, ao libertá-la das más influências e ao fornecer maior preponderância às ideias novas.

É porque muitos, malgrado suas imperfeições, estão prontos para essa transformação, que muitos partem para retemperar-se em uma fonte mais pura. Caso vierem a permanecer no mesmo meio e sob as mesmas influências, eles irão persistir em suas opiniões e na sua maneira de ver as coisas. Uma estada no mundo dos Espíritos é suficiente para lhes descerrar a vista, porque ali veem o que não eram capazes de ver no mundo. O incrédulo, o fanático, o prepotente conseguirão, portanto, voltar com *ideias inatas* de fé, de tolerância e de liberdade. Em sua volta, eles encontrarão as coisas mudadas, e

sentirão a preponderância do novo meio onde irão nascido. Ao invés de fazer oposição às ideias novas, eles serão os divulgadores delas.

33. — A regeneração da humanidade não precisa, portanto, absolutamente, do renascimento integral dos Espíritos: é-lhe suficiente uma modificação em suas disposições morais; tal modificação se efetua em todos os que estão predispostos, desde que sejam subtraídos à influência perniciosa do mundo. Os que voltam então nem sempre são outros Espíritos, mas o mais das vezes os mesmos Espíritos, pensando e sentindo diferentemente.

Quando essa melhoria é isolada e individual, passa despercebida, e sem ostensiva influência no mundo. Inteiramente outro é o efeito quando ela se efetua simultaneamente sobre grandes massas, pois, então, de acordo com suas proporções, em uma geração, as ideias de um povo ou de uma raça acabam sendo profundamente modificadas.

É o que se observa quase sempre após as grandes agitações que dizimam as populações. Os flagelos destruidores apenas destroem o corpo, mas não alcançam o Espírito; eles ativam o movimento de vaivém entre o mundo corpóreo e o mundo espiritual e, por conseguinte, o movimento progressivo dos Espíritos encarnados e desencarnados. Cabe observar que, em todas as épocas da história, as grandes crises sociais se seguiram de uma era de progresso.

34. — É um desses movimentos gerais que se realiza neste momento e que tem de trazer o remanejamento da humanidade. A multiplicidade das causas de destruição é um sinal característico dos tempos, pois deve apressar a eclosão dos novos germes. São folhas de outono que caem e às quais se sucederão novas folhas plenas de vida, pois a humanidade tem suas estações, como os indivíduos têm suas idades. As folhas mortas da humanidade caem arrancadas pelas rajadas e pelos golpes de vento, mas para renascer mais vivazes sob o mesmo sopro de vida, que não se extingue mas que se purifica.

35. — Para o materialista, os flagelos destruidores são calamidades sem compensação, sem efeitos úteis, já que, segundo ele, *aniquilam os seres para sempre*. Mas para quem sabe que a morte destrói somente o invólucro, os flagelos não têm as mesmas consequências e não lhe causam o menor terror; ele lhe compreende a finalidade, e sabe perfeitamente que os homens não perdem mais morrendo juntos do que morrendo sozinhos, porquanto, de um modo ou de outro, hão sempre de chegar lá.

Os incrédulos rirão destas coisas, e as tratarão como quimeras; mas qualquer coisa que digam, não se furtarão à lei comum; eles cairão a seu turno como os outros, e, aí, que virá a ser deles? Eles respondem: *Nada!* — mas eles viverão a despeito de si mesmos, e serão, um dia, forçados a abrir os olhos.

FIM

ÍNDICE

Introdução

A GÊNESE

CAPÍTULO I — **Caracteres da revelação espírita**

CAPÍTULO II — **Deus**

Existência de Deus

Da natureza divina

A Providência

A vista de Deus

CAPÍTULO III — **O bem e o mal**

Origem do bem e do mal

O instinto e a inteligência

Destruição dos seres vivos uns pelos outros

CAPÍTULO IV — **O papel da ciência na gênese**

CAPÍTULO V — **Antigos e modernos sistemas do mundo**

CAPÍTULO VI — **Uranografia geral**

O espaço e o tempo

A matéria

As leis e as forças

A primeira criação

A criação universal

Os sóis e os planetas

Os satélites

Os cometas

A Via-Láctea

As estrelas fixas

Os desertos do espaço

Sucessão eterna dos mundos

A vida universal.

Diversidade de mundos

CAPÍTULO VII — **Esboço geológico da Terra**

Períodos geológicos

Estado primitivo do globo

Período primário

Período de transição

Período secundário
Período terciário
Período diluviano
Período pós-diluviano ou atual. — Nascimento do homem

CAPÍTULO VIII — Teoria sobre a Terra

Teoria da projeção
Teoria da condensação
Teoria da incrustação
Alma da Terra

CAPÍTULO IX — Revoluções do globo

Revoluções gerais ou parciais
Idade das montanhas
Dilúvio bíblico
Revoluções periódicas
Cataclismos futuros
Aumento ou diminuição do volume da Terra

CAPÍTULO X — Gênese orgânica

Primeira formação dos seres vivos
Princípio vital
Geração espontânea
Escala dos seres orgânicos
O homem corpóreo

CAPÍTULO XI — Gênese espiritual

Princípio espiritual
União do princípio espiritual e da matéria
Hipótese sobre a origem dos corpos humanos
Encarnação dos Espíritos
Reencarnações
Emigrações e imigrações dos Espíritos
Raça adâmica
Doutrina dos anjos decaídos e do paraíso perdido

CAPÍTULO XII — O *Gênesis* mosaico

Os seis dias
O paraíso perdido

OS MILAGRES

CAPÍTULO XIII — Caracteres dos milagres

Os milagres no sentido teológico
O Espiritismo não faz milagres
Deus faz milagres?
O sobrenatural e as religiões

CAPÍTULO XIV — Os fluidos

Natureza e propriedades dos fluidos:

- Elementos fluídicos
- Formação e propriedades do perispírito
- Ação dos Espíritos sobre os fluidos. Criações fluídicas. Fotografia do pensamento
- Qualidades dos fluidos
- Explicação de alguns fenômenos tidos como sobrenaturais:
 - Vista espiritual ou psíquica; dupla vista; sonambulismo; sonhos
 - Catalepsia; ressurreições
 - Curas
 - Aparições; transfigurações
 - Manifestações materiais. Mediunidade
 - Obsessões e possessões
- CAPÍTULO XV — Os milagres do Evangelho**
 - Superioridade da natureza de Jesus
 - Sonhos
 - Estrela dos magos
 - Dupla vista
 - Entrada de Jesus em Jerusalém
 - O beijo de Judas
 - A pesca milagrosa
 - As vocações de Pedro, André, Tiago, João e Mateus
 - Curas
 - A perda de sangue
 - O cego de Betsaida
 - O paralítico
 - Os dez leprosos
 - A mão seca
 - A mulher curvada
 - O paralítico da piscina
 - O cego de nascença
 - As numerosas curas de Jesus
 - Possessos
 - Ressurreições
 - A filha de Jairo
 - O filho da viúva de Naim
 - Jesus caminha sobre a água
 - Transfiguração
 - Tempestade apaziguada
 - As bodas de Caná
 - Multiplicação dos pães
 - O lêvedo dos fariseus
 - O pão do céu
 - Tentação de Jesus
 - Prodígios quando da morte de Jesus

Aparições de Jesus após sua morte
Desaparecimento do corpo de Jesus

AS PREDIÇÕES

CAPÍTULO XVI — **Teoria da presciência**

CAPÍTULO XVII — **As predições do Evangelho**

Ninguém é profeta em sua terra
Morte e paixão de Jesus
Perseguição aos apóstolos
Cidades impenitentes
Ruína do templo e de Jerusalém
Maldição contra os fariseus
Minhas palavras não passarão
A pedra angular
Parábola dos vinhateiros homicidas
Um só rebanho e um só pastor
Advento de Elias
Anúncio do Consolador
Segundo advento do Cristo
Sinais precursores
Seus filhos e suas filhas profetizarão
O juízo final

CAPÍTULO XVIII — **Os tempos são chegados**

Sinais dos tempos
A nova geração